

Ao Sul do Rio Grande.

Imaginando a América Latina em **Seleções: Oeste,**
Wilderness e Fronteira (1942-1970).

Mary Anne Junqueira

Tese apresentada à faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo,
sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Lígia C. Prado,
para obtenção do grau de doutor em História Social.

São Paulo
1998

JUNQUEIRA, MARY ANNE

ÍNDICE

Introdução	01
I – The Reader’s Digest: Uma Voz da América	16
1.1 – A Construção do Império Digest	17
1.1.1 – O Processo de Seleção e Condensação dos Artigos	27
1.2 – As Versões Internacionais do Digest	30
1.3 – A Versão Brasileira Seleções	37
II – Oeste, <i>Wilderness</i> e Fronteira no Imaginário norte-americano	49
2.1 – A Idéia de <i>Wilderness</i>	50
2.1.1 – <i>Wilderness</i> e Literatura	60
2.2 – O Mito da Fronteira	64
2.3 – <i>Wilderness</i> e Fronteira na História norte-americana.....	69
III – América Latina: Território e Homem Primitivos	89
3.1 – Do México ao Panamá. A Fronteira mais Próxima.....	93
3.2 – Floresta Tropical. O Último <i>Wilderness</i> Primevo.....	110
3.3 – América do Sul. Territórios Vazios e Entraves Geográficos.	127
IV – O Hemisfério Ocidental Ameaçado	144
4.1 – Hitler Olha para a América do Sul	145
4.1.1 - Publicidade e Tecnologia. Preparando a Hegemonia Mundial	164
4.2 – Guerra Imaginária. O Pesadelo Comunista.....	180
4.2.1 – Cuba, Fidel e o Risco de Contaminação	191
V – Soluções Imaginárias e Tipos Inesquecíveis.....	211
5.1 – Controlando o Território	215
5.2 – Combatendo a pobreza, ampliando a Classe Média	231
Considerações Finais	252
Bibliografia	258

Agradecimentos

Agradeço à Capes, que me forneceu auxílio financeiro ao longo de quatro anos, sem o qual esta pesquisa não teria sido realizada.

Ao grupo de discussão sobre a América Latina: Camilo, Marqui, Silvia, Stella e Marisa. Em especial, agradeço a Gabriela, pelo estímulo e amizade; Felipe por tantas conversas e apoio e ao Rafael, pelas figurinhas trocadas.

A Ledô, pelas leituras criteriosas e pelas conversas sempre voltadas para o interior do Brasil. A Cecília Azevedo, agradeço a leitura atenta e as dicas preciosas. A Lúcia pela amizade desde os tempos de graduação.

Aos professores Elias Tomé Saliba e Maria Helena Capelato pelas indicações bibliográficas e sugestões precisas.

A Maria Ligia Prado, querida orientadora, a quem devo tanto. A começar pelo eixo central desta tese, que foi se moldando a partir dos textos que foram indicados ainda no curso de graduação. Agradeço o estímulo e a confiança depositados. Acima de tudo, devo a você a abertura desse mundo extraordinário e fascinante da História da América.

Agradeço, ainda, a família Junqueira pela torcida.

Ao Tom pela cumplicidade, afeto e apoio constantes. Ao Pedro pela compreensão e carinho. Aos dois eu dedico esse trabalho.

INTRODUÇÃO

O meu objetivo neste trabalho de pesquisa é analisar as visões, imagens, representações sobre a América Latina construídas pela revista **Seleções do Reader's Digest**, no período entre 1942, ano em que a revista entrou no Brasil, até 1970, ano em que os escritórios de **Seleções** mudaram-se do Brasil para Portugal. **Seleções** era a versão para o português do **Reader's Digest** norte-americano, revista que teve enorme sucesso no Brasil, especialmente na década de 50 e primeira metade dos anos 60. **Seleções** existe ainda hoje, mas perdeu as suas características originais e grande parte do seu público leitor.

O primeiro aspecto que me chamou atenção no decorrer dessa pesquisa foi constatar o quanto desconhecemos a História dos Estados Unidos. Com relação a esse país nós, brasileiros, vivemos uma situação contraditória: os Estados Unidos têm presença constante nos meios de comunicação brasileiros, são apresentados como parâmetro a seguir, mas pouco conhecemos sobre a História do país que nos serve de modelo. A mídia freqüentemente enfatiza que naquele país há impressionante progresso material, as melhores escolas e universidades, centros de excelência em medicina e a melhor maneira de viver do planeta. São muitas as virtudes que nos chegam, mas poucas são as análises criteriosas.

Com relação à historiografia, a referência que temos é basicamente a produzida entre os anos 60 e 70, com foco central no tema do Imperialismo. Esta abordagem tinha como ênfase a idéia de subdesenvolvimento e absoluta dependência econômica dos países latino-americanos. Os Estados Unidos, por sua vez, eram vistos como país a deter todas as cartas do “jogo político”

nas mãos. Estes exigiam e comandavam, voltados apenas para os seus interesses econômicos e políticos, fortalecendo constantemente a sua posição hegemônica. Os sebos de São Paulo mantêm um acervo considerável dessas obras, muitas vezes textos produzidos por jornalistas e estruturados num estilo de denúncia¹. Nesse tipo de trabalho, o resultado da pesquisa não dependia da consulta sistemática à documentação, mas de esquemas teóricos que muitas vezes engessavam as interpretações. Do meu ponto de vista, essa abordagem não contribuiu para se conhecer nem a América Latina, nem os Estados Unidos. Quero dizer com isso que, embora o Estado norte-americano tenha optado muitas vezes por ações de intervenção e domínio, aquele país não pode ser entendido exclusivamente sob esse prisma. Os Estados Unidos são uma sociedade complexa, onde não é possível conceber uma unidade de atitudes, comportamento ou uma homogeneidade de pensamento.

Ainda dentro dessa abordagem, surgiram trabalhos que consideraram a possibilidade de atuação dos países latino-americanos, mas viam o Imperialismo como preponderante na História contemporânea dos países da América Latina. Essa perspectiva ainda estava sob o enfoque “dominação vs. libertação”. Geralmente, as lutas de libertação eram compreendidas como o caminho “único e inevitável” em direção ao socialismo, com o objetivo de superar a dominação².

Nas duas últimas décadas, algumas perspectivas historiográficas que trabalharam com as relações internacionais procuraram alargar as

¹ Um bom exemplo deste tipo de historiografia é o famoso livro do escritor e jornalista GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

² Ver, por exemplo, CASANOVA, Pablo González. *Imperialismo y Liberación. Una Introducción a La Historia Contemporánea da América Latina*. México, Siglo XXI, 1979.

interpretações e, baseadas em pesquisa documental, entenderam que a história das relações entre os países é mais complexa e menos determinista. Esta historiografia vê, evidentemente, as relações entre os Estados Unidos e a América Latina como desigual, uma vez que o poder de pressão de um país rico como os Estados Unidos é indiscutível. Mas, ao contrário de apresentar os países latino-americanos como nações pobres e frágeis, que só podiam se submeter, procurou demonstrar que os países pouco vigorosos economicamente apresentaram possibilidades de atuações e negociações em dados momentos históricos³.

Como disse, este trabalho procura entender como a revista **Seleções** via a América Latina, como a imaginaram e a representaram; caminha, portanto, numa direção diferente à historiografia citada. Antes de mais nada, é preciso lembrar que as construções sobre as Américas não se restringem ao século XX, nem exclusivamente à revista **Seleções**.

Segundo Edmundo O’Gorman, a América foi inventada desde o descobrimento, aparecendo inicialmente como entidade diferente e separada das terras já conhecidas. Em seguida, quando o Oceano Atlântico deixou de ser entendido como limite destas terras já mapeadas, passou a ser considerada parte desse mundo, numa visão que incluía a América às terras existentes. A América foi, então, desde o descobrimento imaginada, pensada, racionalizada⁴.

A partir do século XVIII, as Américas foram alvo de polêmicas que repercutiram nos dois lados do Atlântico. Segundo Antonello Gerbi,

³ Ver, por exemplo, o trabalho de MOURA, Gerson. *Autonomia na Dependência*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

⁴ Cf. O’GORMAN, Edmundo. *A Invenção da América*, São Paulo, Ed. UNESP, 1992.

pensadores, naturalistas e homens de ciência como Buffon, De Pawn e Hegel, consideraram as Américas como inferiores ao Velho Mundo. O principal foco desta polêmica foi a natureza das Américas, interpretada como degenerada e estranha. Remetia, assim, o mundo recém descoberto às qualificações de imaturo, impotente e inferior ao Velho Mundo. Estas comparações apareceram, particularmente, após os europeus terem lido os relatos dos viajantes e naturalistas que visitaram o Novo Mundo⁵.

Entre o século XVIII e XIX, os viajantes europeus rasgaram a América Latina mapeando, catalogando flora e fauna, descrevendo as terras desconhecidas. Apenas para citar os exemplos mais conhecidos, passaram pela América Latina Humboldt, Langsdorf, Darwin, entre outros. Segundo Mary Louise Pratt, os textos de viagem fizeram com que as representações das metrópoles fossem percebidas pelas regiões colonizadas. E fez também com que a Europa, a partir do conhecimento do Novo Mundo, fosse (re)construída e representada. As representações da metrópole construíram o espaço europeu e o “resto do mundo”, transformando os textos de viagem em instrumentos responsáveis por uma consciência planetária. Através dos escritos de viagem (assimilações, rejeições e seleção destes discursos) foi construída não só uma concepção da América Latina, mas também várias concepções da Europa, região que foi (re)construída por narrativas internas e externas⁶.

Embora as colônias britânicas no novo mundo tenham sido muitas vezes alvo dessas representações sobre o Novo Mundo pelos europeus, os

⁵ Cf. GERBI, Antonelo. *La Disputa del Novo Mundo. Historia de Una Polémica 1750-1900*. México, Fondo de Cultura Económica, 1993.

⁶ PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturations*, London/New York, Routledge, 1995.

Estados Unidos, desde a sua Independência, estabeleceram diferenças irreconciliáveis com a América Latina, instituindo uma ruptura entre o mundo protestante ao Norte que acabava de se tornar “livre” e o mundo católico dos espanhóis ao Sul.

Já em 1780, Thomas Jefferson afirmava que os habitantes da América que viviam sob o domínio da coroa espanhola eram ignorantes e supersticiosos⁷. Logo depois, o Secretário de Estado do presidente James Monroe (5º presidente norte-americano, 1817-1825), John Quincy Adams⁸, após a Independência dos países latino-americanos, afirmava que não havia interesses ou princípios comuns entre a América do Sul e América do Norte⁹. Segundo Adams, comentando uma crença comum entre seus contemporâneos, qualquer relação com os latino-americanos seria difícil, por que “diferentes princípios governavam o comportamento daqueles homens”¹⁰. John Quincy Adams baseava-se em seu pai John Adams que fez comparações grotescas e agressivas com relação à América Latina. Segundo ele, “o povo da América do Sul é o mais ignorante, o mais fanático e o mais supersticioso de toda a Igreja Romana, da cristandade”¹¹. Logo depois Adams, o pai, concluía, afirmando que era absurdo pensar em democracia naquelas regiões recém independentes: “seria como estabelecer democracia entre pássaros, bestas e peixes”¹². Para os Adams, tanto o pai quanto o filho, a relação entre os Estados Unidos e a América Latina não era

⁷ Cf. SCHOULTZ, Lars. *Beneath The United States. A History of U.S. Policy Toward Latin America*. Cambridge, Massachussets/London, Harvard University Press, 1998, p 6.

⁸ Depois de servir como Secretário de Estado no governo de Monroe, John Quincy Adams se tornou o 6º presidente norte-americano, governou entre 1825 e 1829.

⁹ Cf. SCHOULTZ, Lars, ob cit, 1998, p 1.

¹⁰ Citado por _____, *idem*, p 1.

¹¹ Citado por _____, *ibidem*, p 5.

¹² Citado por _____, *ibidem*, p 5.

apenas de oposição ou negação, mas de completa rejeição pelo mundo hispânico que surgia agora independente ao Sul dos Estados Unidos.

Portanto, a separação radical entre a América anglo-saxã e a América Latina não é recente. São construções crivadas de estereótipos e imagens negativas que freqüentemente são recuperadas, (re) construídas e reforçadas. É possível constatar também que a relação entre Norte e Sul se estabeleceu mais como oposição do que como diálogo. Assim, este trabalho pretende demonstrar que em **Seleções**, a visão da América Latina foi em geral negativa, (re) estabelecendo antigos estereótipos de oposição entre a América protestante, anglo-saxônica e a América católica, hispânica e portuguesa.

Encontrei poucos trabalhos que tiveram o **Reader's Digest** norte-americano como objeto de estudo. O francês Daniel Baylon estudou a revista norte-americana, constatando que aquela publicação mitificava os Estados Unidos, na qual o homem comum norte-americano aparecia em posição central e dominante, impondo sua marca no universo. Segundo este autor, o **Digest** interpretava o mundo para o leitor, tentando assim influenciar o público, procurando mostrar que os valores norte-americanos eram intrínsecos àquela sociedade e deviam ser cultivados por todos os indivíduos¹³.

O chileno Ariel Dorfman, também escreveu um ensaio sobre a revista norte-americana **Reader's Digest**, no qual sugere que o foco central da revista era o “febril individualismo”. Segundo Dorfman, a revista procurava “divinizar” o homem comum, apresentando um receituário das possíveis atitudes e ações nobres para esse homem empreender, transformando-o no

¹³ Cf. BAYLON, Daniel *L'Amérique Mythifiée. Le Reader's Digest de 1945 a 1970*. Paris, Éditions Du Centre National de La Recherche Scientifique, 1988.

“herói comum” do **Digest**¹⁴. Já em um ensaio mais antigo, Dorfman abordava a versão do **Reader’s Digest** para língua espanhola, a **Selecciones Del Reader’s Digest**. Neste ensaio, Dorfman afirma que **Selecciones** era abertamente reacionária, na sua defesa do modo de vida cristão, anglo-saxão, capitalista e norte-americano. A revista “vendia”, segundo ele, o mito otimista norte-americano da igualdade de todos para vencer num “horizonte mágico”. Ainda segundo Dorfman, **Selecciones** via de forma negativa e preconceituosa os povos subdesenvolvidos. No entanto, o “otimismo” da revista impedia a constatação de que estes povos estivessem condenados por “séculos de atraso”. Havia sempre uma solução baseada nas atitudes morais, no progresso econômico e na ação empreendedora do homem comum¹⁵. Embora Dorfman toque na questão dos povos subdesenvolvidos, apresentados por **Selecciones**, o autor não aprofunda a questão, tratando do assunto rapidamente, procurando dar apenas uma visão geral do enfoque da revista.

Procuro aqui não só acompanhar a visão da América Latina construída por **Seleções**, mas entender a natureza dessa construção: a partir de quais premissas foi erguida esta visão negativa da América Latina. Alguns autores foram de fundamental importância para acompanhar e entender esta visão da América Latina em **Seleções**. Edward Said, em *Orientalismo*, procurou demonstrar como um corpo de textos, produzido pelos “orientalistas”, construiu uma idéia de Oriente, representado como um “outro” lugar, habitado por uma “outra” gente estranha e exótica, embora fosse um lugar de

¹⁴ Cf. DORFMAN, Ariel. “Reader’s Nuestro que Estas en La Tierra”, in *Sin Ir Más Lejos. Ensayos y Crónicas Irreverentes*. Chile, Pehuén Ceneca, 1986.

¹⁵ DORFMAN, Ariel. “Salvación y Sabiduría del Hombre Común: La Teología del Reader’s Digest”, in *De Elefantes, Literatura y Miedo: Ensayos Sobre La Comunicacion Americana*. Havana, Casa de Las Americas, 1986.

experiências notáveis para os ocidentais¹⁶. Além do *Orientalismo*, também influenciou esta pesquisa o trabalho mais recente de Said, *Cultura e Imperialismo*, no qual o autor analisa os romances produzidos pela metrópole (principalmente os escritos na Inglaterra no século XIX e início do XX). Segundo este autor, os romances do período não devem ser entendidos como produções “refinadas” e “elevadas”, mas escritos, histórias, relatos e narrativas profundamente vinculados à História do país que os produziu, delimitando o espaço doméstico e o espaço com que eram descritos os “outros” lugares. Para Said, os romances podem ser entendidos como formas culturais de grande importância, uma vez que são fundamentais para a “formação de atitudes, referências e experiências”. Os romances refletem a atmosfera cultural do período, que propiciou a construção desses mesmos romances. Imaginavam-se os “outros” lugares, o ambiente e a geografia de terras remotas, ao mesmo tempo que definiam e circunscreviam, a determinado território, a cultura metropolitana europeia, estabelecida como experiência de oposição e contraste¹⁷.

Além das idéias expostas por Said, Bronislaw Baczko auxiliou de forma determinante a análise de **Seleções**. O amplo conceito sobre o imaginário social, formulado por este autor, forneceu possibilidades de leituras reveladoras do documento. Segundo Baczko, “... é através dos seus imaginários sociais que uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição de papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código do ‘bom comportamento’, designadamente através da instalação de

¹⁶ Cf. SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo, Cia das Letras, 1990.

¹⁷ Cf. _____, *Cultura e Imperialismo*. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

modelos formadores tais como o do ‘chefe’, o ‘bom súdito’, o ‘guerreiro corajoso’ etc. Assim é produzida, em especial, uma representação global e totalizante da sociedade como uma ‘ordem’ em que cada elemento encontra o seu ‘lugar’, a sua identidade e a sua ‘razão de ser’¹⁸. Baczko propõe um conceito de imaginário social amplo o bastante para que dele façam parte a resistência, a utopia e a dominação. Desta forma o imaginário teria como uma das funções equilibrar a vida coletiva: “o imaginário social elaborado e consolidado por uma coletividade é uma das respostas que esta dá aos seus conflitos, divisões e violências reais ou potenciais... O imaginário social é, deste modo, uma das forças reguladoras da vida coletiva. As referências simbólicas não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem à mesma sociedade, mas definem também de forma mais ou menos precisa os meios inteligíveis das suas relações com ela, com as divisões internas e as instituições sociais... O imaginário social é, pois, uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício da autoridade do poder. Ao mesmo tempo, ele torna-se o lugar e o objeto dos conflitos sociais”¹⁹. Também constituem este imaginário social os mitos, símbolos, representações e ideologias utilizadas por uma sociedade. É ainda através dos imaginários sociais que se instituem sistemas de valores e de legitimidade. E, finalmente, os imaginários sociais funcionavam, particularmente, como motor das atitudes e atuações: “o imaginário social *informa* acerca da realidade, ao mesmo tempo que constitui um apelo à ação, um apelo a comportar-se de determinada maneira. Esquema de interpretação, mas também de valorização, o dispositivo imaginário suscita à adesão a um

¹⁸ Cf. BACZKO, Bronislaw. “Imaginação Social”, in *Enciclopédia Einaudi*, V. 5, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p 309.

¹⁹ Cf. _____ idem, p 309-310.

sistema de valores e intervém eficazmente nos processos de interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum. Por exemplo, as representações que legitimam o poder informam acerca da sua realidade e comprovam-no”²⁰. Assim, procuro entender a revista **Seleções** como emissora de um dado imaginário social e reveladora de uma certa atmosfera cultural norte-americana. O próprio Baczko trata, no mesmo texto, dos meios de comunicação de massas como formadores e emissores de imaginários sociais:... “os indivíduos já não são capazes de dominar a massa fragmentada e dispersa de informações, sentindo assim uma maior necessidade de representações globais e unificadoras”²¹. Procuro, então, entender **Seleções** como um veículo emissor de uma certa visão de mundo norte- americana. Ao mesmo tempo, a receptividade que a revista recebeu no Brasil, nos informa que as mensagens da revista encontraram ressonância na sociedade brasileira. Dessa forma, no decorrer do trabalho, na medida do possível, procuro acompanhar as mensagens e temas que a mídia brasileira estava emitindo aqui. Pretendo mostrar que as mensagens que **Seleções** emitia sobre a América Latina não eram exteriores à sociedade brasileira, não foram impostas de fora para dentro pelos norte-americanos. Houve cuidados nessas emissões a fim de conquistar e manter o público leitor brasileiro.

Além de Baczko, contribuiu também para a leitura do documento, o conceito de representação de Roger Chartier. Para este autor, as representações não são discursos neutros, uma vez que produzem estratégias e práticas sociais. Propõe que se tome o conceito de representação “num

²⁰ Cf. BACZKO, Bronislaw, 1985, p 311-312.

²¹ Cf. _____, idem, p 314.

sentido mais particular e historicamente mais determinado”. Para este autor a representação deve ser entendida como o “relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente, valendo aquela por este”²². Para Chartier as representações, apreensões e práticas são indissociáveis: “...pode pensar-se numa História Cultural Social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou que gostariam que fosse”²³.

Tanto Bronislaw Baczko como Roger Chartier acreditam que os imaginários sociais e as representações não podem ser entendidos como algo ilusório ou fantasioso, sem compatibilidade com as formulações racionais – estas anteriormente consideradas o “real”. Para estes autores, os imaginários sociais e as representações sociais são o real, principalmente porque são através destas “idéias-força” que as pessoas ou determinados grupos agem e atuam.

Dessa maneira, procuro entender a revista **Seleções** como meio de comunicação, informado pelo imaginário social norte-americano, e como a partir de elementos desse imaginário, representou e (re) inventou a América Latina. Quero dizer que **Seleções** é reveladora do imaginário social norte-americano, mas por outro lado, a revista nos informa também sobre o imaginário brasileiro, já que foi tão bem aceita pelo público leitor. Estou

²² Cf. CHARTIER, Roger. *História Cultural. Entre Práticas e Representações*. Lisboa/Rio de Janeiro, Difel/Bertrand Brasil, 1990, p 21.

²³ Cf. _____, *idem*, p 27-28

pensando aqui nos imaginários sociais como dispositivos presentes nas sociedades, que os meios de comunicação (re) criam e reforçam.

* * *

Antes de entrarmos na análise, a fim de facilitar a leitura, daqui para frente a revista norte-americana **Reader's Digest**, será chamada apenas de **Digest**. A revista brasileira **Seleções do Reader's Digest**, será chamada apenas de **Seleções**. E a revista **Selecciones Del Reader's Digest**, a versão do **Digest** para a América Latina de língua espanhola, quando for o caso, será chamada apenas de **Selecciones**. Além disso, optei por traduzir para o português, a maioria das citações em inglês do **Digest**. Mantive em inglês apenas o que considere importante para a compreensão do leitor.

No primeiro capítulo, mostro a trajetória tanto do **Digest** norte-americano, quanto da brasileira **Seleções**. No segundo capítulo, procuro apresentar alguns elementos do imaginário norte-americano: particularmente a conquista do Oeste, a idéia de *wilderness* e o mito da fronteira. No terceiro capítulo, mostro como essas referências do imaginário norte-americano sobre a conquista do Oeste, foram relacionadas para representar a América Latina de forma negativa em **Seleções**. No quarto capítulo, mostro como a visão negativa da América Latina, criou o temor de que os inimigos externos dos norte-americanos, durante a Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria penetrassem na América Latina e se aproximassem dos Estados Unidos. No quinto e último capítulo, mostro quais eram as soluções propostas por **Seleções** para debelar os males latino-americanos.

Além disso, a fim de facilitar esta pesquisa, estabeleci desde o início uma tipologia dos artigos encontrados em **Seleções** voltados para América Latina, a fim de orientar a análise.

Tipo A: Artigos que trataram de cada país latino-americano em particular. Com relação ao interesse norte-americano pela América Latina, o México e o Brasil foram os países contemplados com o maior número de artigos em **Seleções**. Total de 181 artigos (ver a seguir, distribuição de artigos)

Tipo B: Artigos que trataram da América Latina em geral. Aqui foram classificados artigos que tratavam das políticas que eram direcionadas à América Latina em geral; ou quando o interesse focalizava parte da região. Total de 50 artigos (ver a seguir, distribuição de artigos).

Tipo C: Artigos que procuraram defender interesses e a hegemonia norte-americana em âmbito mundial. Ex: artigos que tratavam das relações internacionais norte-americanas em geral, e que incluíam a América Latina. Total de 32 artigos.

Tipo D: Artigos que trataram de assuntos que podiam dizer respeito aos países da América Latina. Ex: os que discorriam sobre a produção de matérias-primas que interessavam aos estados Unidos. E os que tratavam do combate de doenças endêmicas em nível mundial. Total de 12 artigos.

TOTAL GERAL: 275 artigos.

DISTRIBUIÇÃO DOS ARTIGOS
(América Latina em geral e cada país em particular. Artigos de tipo A e B)

ANO	A.L.*	BRAS	MEX	CUB	PER	COL	ARG	VEN	GUAT	OUTROS**	TOTAL
1942	3	6	1							1	11
1943	3	2	1	1							7
1944	2	1	2			1				1	7
1945			1	1					1		3
1946		2	3	1					1		7
1947	1	2	1			1				1	6
1948	1	1	3		2			1			7
1949	1	1				1		1	1	2	6
1950		2	1			1		1		1	5
1951	1		2								3
1952		1	3	1							5
1953		2	1	1						2	6
1954		2	2	1		1			1		7
1955	3	2	1						1	1	8
1956			1				1		1	3	6
1957	1	3	2				1			2	9
1958	2		1		2				1		6
1959	3	1	3	1							8
1960		1	2	2		1	1			1	8
1961	5	1	1	3	1			1			11
1962	3	2	1	1						1	8
1963	1	1	1	2		1	1	1		1	8
1964	2	1		2						1	6
1965	6	6	1	2	2			1		1	18
1966	6	1	2	2		1	1	1		4	17
1967	1	3	1	2	2					2	11
1968	2	2	1	1				1		2	8
1969	1	3		3			1			1	9
1970	2	2	1	1	2		2				10
Total	50	51	40	28	11	8	8	8	7	28	231

* A.L. Refere-se aos artigos que tratam da América Latina em geral ou de um, dois ou mais países da América Latina de língua espanhola e portuguesa.

** Outros países com menos de sete artigos: Chile (5); Panamá (5); Porto Rico (4); Costa Rica (4); Equador (3); Uruguai (3); República Dominicana (2); Bolívia (1); Nicarágua (1).

Obs.: A Bolívia foi contemplada apenas com um artigo. No entanto, nos artigos que se referem aos países do complexo amazônico (A.L.), a Bolívia estava incluída. A Nicarágua foi contemplada também com um único artigo, embora estivesse incluída nos vários artigos em que a América Central foi tratada.

I - THE READER'S DIGEST: UMA VOZ DA AMÉRICA.

*Como não tinha figuras, aquela revista me interessava pouco. Depois, eu a descobri. Fez parte de minha infância e juventude. A minha curiosidade residia em torno do mistério. Por que meu pai gostava tanto, a ponto de se irritar quando ela não chegava no prazo? E irritar o Antônio Maria Brandão era difícil... A grande alegria do meu pai era aquela revista de textos, lombada canoa, tamanho confortável... Quantas vezes ao visitar meu pai estendia um colchão no escritório e varava a madrugada lendo os velhos exemplares... A fórmula de **Seleções** é um achado raro. Apanhar aquilo que a imprensa nacional e mundial publicou de mais interessante e reunir num só volume... Claro que esse interesse passava pelo filtro e pela filosofia particular dos fundadores. Mas, e daí? Quem resistia aos livros condensados? Aos **Flagrantes da Vida Real**, aos **Retalhos do Drama Cotidiano**, ao **Meu Tipo Inesquecível**, às **Piadas de Caserna**, ao **Rir é o Melhor Remédio**. Como era gostoso ler **Seleções**. Eu adorava o cheiro da revista nova, do papel couchê. Descobri uma vantagem. Com o tempo, passei a ler os artigos que desprezava ou não me interessava quando criança. Ainda hoje, leio ou releio matérias de 1942 ou 1948 com o mesmo entusiasmo... **Velha Seleções**. Digesto dos leitores, como diz seu texto em inglês. Se a gente envelhecesse como você.*

Ignácio de Loyola Brandão. **O Estado de São Paulo** - 04.05.98.

1.1 - A Construção do Império Digest.

O primeiro exemplar do **Digest** saiu nos Estados Unidos em fevereiro de 1922. Desde o início chamou a atenção por sua concepção peculiar. Era a primeira revista de “bolso” com o índice na capa. Vinha com 31 artigos, para que o leitor lesse um por dia, durante um mês. Assim economizaria tempo e teria à mão informações variadas. E mais surpreendente: o seu conteúdo era construído a partir de uma seleção de artigos condensados - já publicados por outras revistas e jornais. Os artigos eram selecionados em periódicos como **Saturday Evening Post**, **National Geographic**, **North American Review**, **Scribner’s**, **Time**, **Life**, **The New Yorker**, **Cosmopolitan** etc. No entanto, a grande maioria dos artigos eram retirados de revistas e jornais especializados, muitos desconhecidos do grande público norte-americano. O primeiro número do **Digest** teve uma tiragem de 5 mil exemplares. Em 1932 atingia a média de 1 milhão de exemplares¹. E ainda hoje é a revista mais lida nos Estados Unidos, com um público fiel há algumas décadas.

O **Digest** foi fundado pelo casal Roy William DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. Ele com 52% do controle do negócio e ela com 48%. Filhos de pastores protestantes de origem presbiteriana², os dois haviam

¹ Cf. BURBAGE, CAZEMANJOU e KASPI. *Os Meios de Comunicação nos Estados Unidos*, Rio de Janeiro, Agir, 1973, p 95.

² O pai de DeWitt Wallace, o pastor protestante James Wallace, foi professor de teologia e inglês arcaico (*old English*) em vários *Colleges* presbiterianos. Quando DeWitt Wallace e Lila Wallace fundaram a revista, estes e mais alguns funcionários, também filhos de pastores protestantes eram chamados carinhosamente de PK (*Priest Kids*), filhos de pastores. Estas e outras informações estão em HEIDENRY, John. *Theirs Was The Kingdom. Lila and DeWitt Wallace and the Story of the Reader’s Digest*, especialmente capítulo 1, New York/London, W.W. Norton & Company, 1993.

nascido nos estados do Oeste dos Estados Unidos no final do século passado. O casal procurou tornar evidente esta origem em vários exemplares da revista. O **Digest** tornou-se um sucesso absoluto nos Estados Unidos, ao tratar temas profundamente enraizados no imaginário social norte-americano: veicularam inúmeros artigos tratando do Oeste e de seus personagens lendários e também temas informados pelas idéias puritanas de temor a Deus e assistência missionária, baseados em valores morais que eles consideravam universais.

Ainda jovem, antes da Primeira Guerra Mundial, DeWitt Wallace vendia publicações “porta-a-porta” para fazendeiros do interior do país, os conhecidos *farmers* norte-americanos. Com isso conheceu vários estados do interior dos Estados Unidos, apreendendo o que a maioria gostava de ler. Logo após, sugeriu a uma editora uma publicação que fosse formada por artigos de interesse exclusivo dos fazendeiros, sugerindo o título *Getting The Most of Farming*, uma publicação em formato de *clipping*: informações selecionadas em outras publicações que podiam interessar aos fazendeiros. Este primeiro ensaio de DeWitt Wallace continha o germe do que viria a ser o **Digest**. Logo depois, Wallace esteve no *front* durante a Primeira Guerra Mundial e em virtude de um ferimento, passou algum tempo imobilizado. Foi quando teve, consta, a idéia do **Digest**³. O projeto consistia em selecionar artigos/temas que pudessem alcançar o maior número de leitores: artigos sobre religião, problemas do cotidiano familiar, política, curiosidades, humor, viagens, aventuras, charadas, piadas etc.

³ Ver PLAYSTED-WOOD, James. *Of Lasting Interest. The Story of The Reader's Digest*. Capítulo 11, New York, Doubleday. 1967.

Segundo o idealizador da revista, o corte de até um quarto do artigo original manteria a idéia central, desprezando frases e palavras pouco importantes⁴. Baseava-se, para esta seleção de artigos em outras revistas e a posterior condensação, em critérios unicamente pessoais. Além disso, DeWitt Wallace tinha como princípio para escolha dos artigos, temas e ações baseadas em fatos reais. Para tanto, o **Digest** dispunha de um grupo de pesquisa que procurava se certificar de que os fatos, trajetórias pessoais e relatos, publicados na revista, tinham “realmente acontecido”. A parte de ficção era inserida ao final da revista com os livros condensados, que a revista celebrizou.

A sede da revista foi instalada primeiro na cidade de New York. Logo depois mudaram-se para Pleasantville - pequena cidade próxima também a New York. Lá declararam que procuravam cultivar os valores tradicionais do interior dos Estados Unidos, evitando as movimentações de grandes centros urbanos. A insistência com que os donos da revista assinalavam a sua origem presbiteriana e atitudes como a de mudar-se para uma cidade menor que lembrasse o interior, o Oeste - ainda que essa cidade ficasse a 40 km de New York – sinalizava a sua vinculação com a cultura tradicional do interior do país, evitando o modo de vida presente nas grandes cidades.

Nos anos 30, o **Digest** instalou uma editoria própria. Começaram a sair, então, alguns artigos assinados. Os editores da revista viajavam, faziam pesquisa sobre temas interessantes nos Estados Unidos e em outros países. Mas, apesar da instalação de uma editoria própria, o **Digest** continuava a ter

⁴ Ver HEIDENRY, John , ob cit 1993, p 40.

a maioria dos seus artigos selecionados em outras publicações conhecidas ou não.

Nos anos 40, o dono da revista inovou mais uma vez ao criar o que passou a ser chamado de *rooving editors* (editores itinerantes). A estes profissionais, era assegurado um salário por mês, para que tivessem os meios financeiros e tempo necessário para a elaboração de artigos, que fossem a “última palavra sobre determinado assunto”. Entre eles estavam: Fulton Oursler, especializados em questões religiosas; Paul Kruif, voltado para as últimas descobertas da medicina; Eugene Lyons, que tratava do mundo comunista⁵. Também tratando do comunismo e outras questões políticas era *rooving editor*, Max Eastman, intelectual com presença constante nos meios de comunicação dos EUA. Eastman escreveu no **Digest**, principalmente críticas sobre o stalinismo⁶.

A revista era dirigida à família de classe média norte-americana. Muitos artigos foram influenciados por Lila Wallace, principalmente os dirigidos às mulheres e a problemas voltados para o universo feminino. Posicionava-se como publicação moderna, tratando temas polêmicos que eram evitados por outras revistas, como a questão do divórcio e do controle de natalidade, este último um dos temas preferidos do **Digest**. Foi

⁵ Cf. BURBAGE, CAZEMANJOU e KASPI, ob cit, 1973, p 99.

⁶ Max Eastman era considerado um dos principais intelectuais do que passou a ser chamado de *old left*, com atuação na primeira metade do século XX nos Estados Unidos. No pós guerra passou a alinhar-se com os conservadores. Foi um dos primeiros críticos do marxismo, ao lado de Edmund Wilson, de quem era interlocutor e amigo. Criticou Lenin e Stalin e os desmandos da Revolução Russa. Morou na União Soviética, onde conheceu Trotsky. Mais tarde tentou obter um visto para que Trotsky se exilasse nos Estados Unidos. Eastman escreveu em periódicos radicais como **Masses** e **The Liberator**. Escreveu os livros *Love and Revolution: My Journey Through an Epoch* e *Marx and Lenin: The Science of Revolution*, onde criticava algumas passagens do pensamento de Marx. Eastman foi também tradutor dos livros de Trotsky para o inglês: *History of The Russian Revolution*, *The Real Situation in Russia* e *The Revolution Betrayed*. Cf. DIGGINS, John P. “Getting Hegel out of History: Max Eastman’s Quarrel with Marxism, in *The American Historical Review*, 79 (1), fevereiro, 1974.

precursora dos artigos de auto-ajuda: toda edição trazia aconselhamentos para problemas como: falta de autoconfiança, desânimo, pessimismo, problemas no relacionamento conjugal, educação das crianças etc. E oferecia uma rápida e fácil solução, indicando que o mais poderoso fator de motivação era a imbatível força íntima individual, muitas vezes redescoberta através da prece. Compunha exemplos humanos e perfis heróicos, normalmente pessoas comuns, mas responsáveis por ações notáveis, que eram repetidos à exaustão.

Afirma-se que, graças aos artigos de auto-ajuda e aos que procuravam mostrar saídas positivas para problemas complexos, o **Digest** pôde atravessar os anos da depressão, ainda que tivesse sofrido perdas financeiras consideráveis. Mas o outro motivo pelo qual, talvez, o **Digest** tenha sofrido menos com o processo da crise de 1929, foi o fato da revista circular sem publicidade, ao contrário de outros periódicos que desapareceram no período da crise⁷. Com a depressão caíram as inserções publicitárias, deixando inúmeros jornais e revistas sem os ativos financeiros de que dispunham para circular a preços baixos.

Voltando aos temas preferidos do **Digest**, a revista trazia sempre nas páginas iniciais as novas descobertas médicas, evidenciando a engenhosidade do responsável pelo achado. Celebrava os capitães de indústria (principalmente os que vinham das camadas mais pobres da sociedade, como a classe média baixa), os grandes inventores, os países dirigidos por “grandes governos” (em geral os conservadores) e opunha-se

⁷ Sobre o **Digest** e a crise de 29, ver CANNING, Peter *American Dreamers. The Wallaces and Reader's Digest. An Insider's Story*. Parte 3, New York, Simon & Schuler 1996. O **Digest** circulou nos Estados Unidos de 1922 a 1956 somente com assinaturas, sem aceitar publicidade. Quando apareceram as primeiras inserções de anúncios eram evitadas as de bebidas alcóolicas e cigarros.

às reformas sociais e às reivindicações trabalhistas. Promovia, então, as virtudes do *self made man*. Os textos do **Digest** eram narrativas da Ordem, legitimavam o poder instituído e as divisões estabelecidas na sociedade. As únicas mudanças legítimas eram as que ocorriam no âmbito do indivíduo. Dessa forma eram estimulados o trabalho e o indivíduo de caráter empreendedor. O homem que conseguisse, através do seu esforço pessoal e conduta moral, alcançar os extratos mais ricos da sociedade, comprovava a sua habilidade e recebia os louros decorrentes do seu esforço. Em contrapartida, os outros indivíduos que não conseguiam tal projeção, confirmavam a sua inaptidão.

O formato único da publicação falava diretamente ao público leitor de forma simpática e agradável. Vinha recheada com ditados, piadas e histórias divertidas. Além disso, algumas seções da revista fizeram história e são lembradas ainda hoje pelos leitores, como “Notícias do Mundo da Medicina”, “Piadas de Caserna”, “Flagrantes da Vida Real” e “Meu tipo de Inesquecível”. Pode-se notar que o **Digest**, tal qual outros meios de comunicação, optava por um leque amplo de assuntos e informações com o objetivo de atingir um público cada vez maior⁸.

A revista tratou e opinou sobre vários aspectos políticos do seu tempo, tanto os assuntos internos norte-americanos, quanto os relacionados com a política externa. Embora a posição do **Digest** fosse em geral conservadora, é importante salientar que a revista evitava expor apenas um lado do debate. A sua justificativa era que, como revista democrática, deveria dar espaço para as várias posições existentes. No entanto, prevalecia em quantidade (numa razão de quatro para um) os artigos que refletiam a posição

⁸ Ver MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX. O Espírito do Tempo*. Especialmente capítulo 3, Rio de Janeiro, Forense, 1969.

conservadora de Wallace. Esta proporção mascarava a idéia de imparcialidade da revista⁹.

É possível perceber a posição de Wallace, quando se atenta para os nomes dos colaboradores que convidava a contribuir para a revista. Escreveram para o **Digest**, autores conservadores como o temido chefe do FBI, Edgar J. Hoover; Richard Nixon e Dwight Eisenhower, ambos do partido republicano; o escritor Thomas Mann – Prêmio Nobel de Literatura em 1929 - exilado nos Estados Unidos depois de deixar a Alemanha nazista. Também escreveu artigos (alguns inclusive voltados para América Latina) o romancista John dos Passos, autor crítico do materialismo norte-americano, na época simpatizante da esquerda nos Estados Unidos.

Nos anos 20 e 30, a revista veiculou também vários artigos racistas relacionados aos imigrantes. Um dos primeiros deles tinha o título: “*Can We Have a Human Beautiful Race?*” de 1922. Este texto informava que chegara aos portos do país milhares de mulheres imigrantes feias - *the ugly women*. Informava que estas mulheres tinham em média três filhos, enquanto a americana - *the beautiful women of the old America* - tinha em média, um único filho. Deixava claro a sua posição em favor do controle de natalidade, apresentando de forma negativa a “alta fertilidade” das mulheres pobres e imigrantes. Este era um período em que circulavam as idéias racistas, quando a higienização de territórios, a cura de doenças e a “melhoria das raças” funcionavam como remédio para o diagnóstico de vários países¹⁰. No

⁹ Ver HEIDENRY, John, ob cit, 1993, p 49.

¹⁰ Os intelectuais brasileiros também procuraram diagnosticar “os males” brasileiros no início do século, usando o instrumental científico da época, inclusive a eugênia, como bem mostra o trabalho de LUCA, Tania Regina de *A Revista do Brasil: Um Diagnóstico para a (N)ação*. Tese de doutorado, apresentada à FFLCH-USP, São Paulo, 1996, mimeo. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo. Cia das Letras, 1993 e VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil. 1870-1914*. São Paulo, Cia das Letras, 1991.

discurso do **Digest**, percebe-se o temor de que a imigração viesse a “contaminar” a população branca, anglo-saxã. Da mesma forma, foram desconsiderados os negros norte-americanos, tidos como gente que não havia adquirido um “nível de evolução tal”, a fim de participar da sociedade de classe média branca.

Assim encontravam-se no **Digest** artigos com posições anticitólicas, mas dependendo do assunto e do período, a revista podia traçar elogios ao papa e ao catolicismo em geral. Antes de 1939, foram veiculados alguns artigos anti-semitas e elogiosos ao nazismo. Entretanto, após o ataque de Pearl Harbor, a revista passou a tratar os alemães como inimigos e os judeus como vítimas de Hitler.

DeWitt Wallace dizia acreditar na simplicidade, individualidade, boa fé e patriotismo. Por isso procurava veicular temas tradicionais norte-americanos, vinculados à “América construída pelo homem comum”. Segundo um pesquisador, Wallace viveu na adolescência, os últimos momentos da “América Inocente”, quando a idéia de fronteira estava desaparecendo dentro do próprio país¹¹ (tratarei do mito da Fronteira no próximo capítulo). Em 1911, o país possuía menos de 100 milhões de habitantes, sendo que a metade morava em fazendas. Assim o **Digest** refletia um certo sentimento nostálgico e o esforço de DeWitt Wallace ao longo da vida para preservar e (re)inventar esta América pretensamente simples e inocente. Dessa maneira, entre os anos 20 e 30, “o **Digest** aos

¹¹ O pesquisador de quem falo é o já citado jornalista HEIDENRY, John, ob cit, 1993, p 50. A “América Inocente” era uma expressão que simbolizava a pretensa unidade da cultura protestante e de origem anglo-saxã. No início do século, com a imigração, teria acontecido o fim da “América Inocente” e da Unidade anglo-saxã, em função da diversidade cultural que passava a tomar corpo nos Estados Unidos, implementando transformações na sociedade. A idéia de “inocência” e o mito da fronteira estão profundamente inter-relacionados. Consultar PAMPLONA, Marco A. *Reverendo o Sonho Americano: 1890-1972*. São Paulo, Atual, 1996. O mito da Fronteira será explicado no próximo capítulo.

poucos ganhou as zonas rurais mais isoladas do país, ao contrário de outras revistas com grande tiragem que se dirigiam aos seus leitores nas grandes cidades. O **Digest** procurava satisfazer uma audiência que estava carente não só de informação e entretenimento, mas de atenção”¹².

Outro aspecto interessante do **Digest**, era o fato de DeWitt Wallace frequentemente convidar romancistas conhecidos do público médio a contribuir para a revista. Entre eles, escreveram para o **Digest**: Pearl S. Buck e A. J. Cronin, autores de grande sucesso entre o público, não só nos Estados Unidos, mas também em outros países, como o Brasil.

O médico inglês, A. J. Cronin, autor dos romances *A Cidadela* e *As Chaves do Reino*, escreveu um artigo – segundo ele baseado na vida real – com o título: “O Médico de Lennox”, que deu origem à mais famosa das seções da revista “*The Most Unforgettable Character I Ever Met*” traduzido no Brasil por “Meu Tipo Inesquecível”. O artigo reproduzia a idéia central de um dos livros de Cronin. Tratava da trajetória de um médico em Lennox, Inglaterra, em que fazia de um homem aleijado - ridicularizado por todos na cidade - o mais respeitável médico da região, em função da sua envergadura moral e obstinação¹³. A escolha de DeWitt Wallace pelo livro de Cronin demonstra que a revista optava por fórmulas já consagradas pelo público como a forma linear dos romances de A. J. Cronin, sempre enfatizando as virtudes pessoais.

Durante e após a Segunda Guerra Mundial, o **Digest** foi lançado em vários outros países, transformando-se num verdadeiro império das

¹² Cf. HEIDENRY, John, ob cit, 1993, p 64.

¹³ Este artigo saiu nos Estados Unidos em setembro de 1939 com o título “*The Doctor of Lennox*”, e no Brasil em fevereiro de 1942 - era o primeiro artigo inserido no primeiro exemplar de **Seleções** que circulava no país.

comunicações¹⁴ e De Witt Wallace num dos homens mais ricos dos Estados Unidos. Além da revista, Wallace passou a comercializar o seu *mailing list*, considerado um dos mais completos da época, já que incluía os assinantes norte-americanos, mas também os dos outros países. Consta que o *mailing list* do **Digest** só perdia para o da *Sears Roebuck*.

Nos anos 50 e 60, o **Digest** alcançou grandes vendas dentro e fora dos Estados Unidos. Nos anos 70, com o envelhecimento de Lila e De Witt Wallace, a revista foi aos poucos passando para as mãos de outros executivos. Neste período, ainda que continuasse com uma alta tiragem, foi perdendo uma de suas características iniciais, a de ter no seu corpo a grande maioria de artigos selecionados em outras revistas. Cada vez mais publicavam artigos escritos especialmente para o **Digest**. Em 1972, DeWitt Wallace e Lila Wallace foram condecorados por Nixon na Casa Branca com a Medalha da Liberdade, quando o **Digest** completava 50 anos. Foram condecorados pelo homem que haviam ajudado a eleger. Nas palavras de Nixon, aquela medalha era o reconhecimento da América pela criação e desenvolvimento da revista que “havia ensinado milhões de leitores a desejar uma vida comum e a alegria do trabalho”¹⁵.

Nesta época antigos funcionários já sentiam um gosto amargo: a “revista inesquecível” - lida por milhões de pessoas - passava às mãos de

¹⁴ O poder de Wallace chegava ao ponto do **Digest** “plantar” artigos de seu interesse em outras revistas. Principalmente as que sobreviveram à Depressão: a **Harper** e a **Atlantic Monthly** permitiram que suas páginas fossem usadas para um *pre printing* de artigos destinados ao **Digest**. Este fato gerou um debate no congresso sobre a questão da liberdade de imprensa e sobre o fato do **Digest** estar influenciando parte da mídia com os seus temas. Nesta época os periódicos **The New Yorker**, **The Nation**, **Cosmopolitan**, **Goodhousekeeping** recusaram-se a renovar acordos com o **Digest**. Ver HEIDENRY, John, ob cit. Capítulo 3, 1993.

¹⁵ Cf. CANNING, Peter, ob cit, 1996, p 14.

grupos investidores atrás de grandes lucros, no menor tempo possível¹⁶, perdendo as características de empresa familiar concebida por Wallace. Assim, é possível perceber que, a partir dos anos 70, o **Digest** modificava-se definitivamente. Alguns sentiram nostalgia, outros afirmaram que o tempo da revista havia passado. Embora tenha perdido as suas características, o **Digest** continuou em primeiro lugar no *ranking* das revistas norte-americanas. É ainda hoje, a revista mais lida dos Estados Unidos.

1.1.1 - O Processo de Seleção e Condensação dos Artigos.

Sérgio Paulo Rouanet, ao caracterizar a arquitetura pós-moderna, afirma que esta é “populista”, se identifica com a cultura de massas e está mais próxima do **Digest** e de Irving Wallace que de James Joyce¹⁷. Rouanet está falando da forma com que era construída a revista para caracterizar uma das tendências da pós-modernidade. Os editores da revista, ao selecionar e condensar artigos de diferentes editorias, apresentavam como resultado a forma distinta e única do **Digest**, que em nada lembrava as revistas das quais eram extraídos os artigos originais.

O processo de seleção e condensação foi elaborado pelo idealizador da revista. Segundo DeWitt Wallace, o **Digest** realizava para o leitor aquilo que ele não tinha tempo para fazer: selecionar e resumir as matérias mais importantes, em meio à massa de informações do mundo moderno. Mas fazia isso com uma virtude a mais: selecionava apenas aquilo que julgava ser

¹⁶ Um dos funcionários que se ressentia era Peter Canning, acima citado, que lamentou muito as mudanças do **Digest** a partir dos anos 70.

¹⁷ Conforme ROUANET, Sérgio Paulo. *As Razões do Iluminismo*, São Paulo, Cia das Letras, 1987, p 252.

de interesse permanente¹⁸. Wallace, como disse, acreditava em temas de interesse universal. Talvez por esse motivo, a revista tenha sido pensada para ser publicada em forma de livro (enquanto guardam-se livros, descartam-se revistas e jornais). O **Digest** foi também pensado para ser encadernado. A cada seis edições era possível encadernar um volume, fazendo com que cada ano (12 edições da revista) fosse encadernado em dois volumes¹⁹.

O trabalho de seleção e condensação dos artigos era metódico. Inicialmente era feito inteiramente por DeWitt Wallace. Depois, com o sucesso da revista, foram contratadas pessoas que faziam esse trabalho. Dessa forma, os escritórios do **Digest** em Pleasantville pareciam-se mais com um laboratório de leitura - e não com uma editoria comum de jornal ou revista, onde os repórteres e jornalistas produzem as matérias. A própria **Seleções** define o trabalho das pessoas que trabalhavam com a leitura e corte de matérias:

“A finalidade desse grupo de hábeis profissionais é cortar o que é adventício e de menor valor e podar o restante, visando esteticamente ao aspecto e à forma. É claro que em primeiro lugar vem a leitura. Cada um desses profissionais lê regular e atentamente de capa a capa os 10 a 15 periódicos que lhe são atribuídos. Outros elementos da nossa equipe vasculham publicações adicionais. Isso significa que cerca de 200 títulos -

¹⁸ Segundo BAYLON, Daniel, *L’Amérique Mythifiée Le Reader’s Digest de 1945 a 1970*, 1988, Paris, Éditions Du Centre National de la Recherche Scientifique, 1988, p 4 - este critério que apela para o “interesse universal” é uma noção vaga e difícil de precisar, que depende em última instância de um juízo de valor.

¹⁹ Este processo era feito não só no **Digest** norte-americano, mas também na revista brasileira **Seleções**. As duas coleções por mim consultadas, e que fazem parte do acervo da Biblioteca Municipal de São Paulo, foram cuidadosamente encadernadas. Nos primeiros 10 anos, **Seleções** trazia ao final da sexta e décima segunda edição de cada ano, um índice de todos os artigos publicados naquele semestre.

diários, semanários e mensários - são examinados intensamente e cerca de 900 outros são lidos menos minuciosamente. O resultado é que muitas centenas de revistas e jornais são minerados à procura das pepitas que aparecem num número do Digest. Cada nova folha que viramos é em seu benefício: se você é um leitor médio, precisaria de 8 horas por dia durante 21 meses para cobrir o mesmo material” (*Seleções*, out/68, p 33).

É evidente aqui, como já disse, que o **Digest** pretendia fazer para o leitor o que ele não tinha tempo de fazer: seleção e resumo. O resultado eram artigos dirigidos para um público médio, onde o leitor não tinha dificuldades na leitura. A revista também organizava os artigos numa seqüência, a fim de levar o público a ler toda a revista, evitando que o leitor pulasse ou alternasse seções. Na verdade a seqüência era feita para que o assunto de um artigo pudesse encaminhar a outro²⁰.

Seleções informa, num artigo que informava como era produzida a revista, sobre os critérios utilizados para a seleção de cada artigo:

- “ 1) - É digno de ser seguido?
 - 2) - É aplicável aos interesses da maioria?
 - 3) - É de interesse permanente?”
- (*Seleções*, out/68, p 33).

No item 1, onde se questiona se a atitude, descrita na matéria a ser selecionada, era digna de ser seguida, aponta-se para a idéia do **Digest** funcionar como modelo, ensinando como agir. Portanto, na concepção da

²⁰ Estas informações me foram dadas por Ruy Castro, que trabalhou na revista entre dezembro de 1972 e novembro de 1975, quando os escritórios de *Seleções* já se encontravam em Portugal. Entrevista concedida em dezembro de 1994. Sobre a trajetória do jornalista em *Seleções* ver CASTRO, Ruy. “Minha Revista Inesquecível”, in *Imprensa*, nº 30, fev/1990.

revista existiam “ações exemplares”, dignas de ser seguidas por “indivíduos exemplares” e outras atitudes que deveriam serem rechaçadas. No item 2, é possível perceber que o **Digest** posicionava-se como porta-voz não só da maioria norte-americana - o que por si só já seria bastante significativo - mas se posicionava como porta-voz dos interesses da maioria em todos os países em que era publicada. E o item 3 indica que o **Digest**, utilizando critérios absolutamente próprios, selecionava o que considerava temas de “interesse universal”.

Reconstruídos de maneira clara e simples, utilizando frases curtas e um vocabulário limitado, os artigos publicados pelo **Digest** e mais as suas versões internacionais eram lidos com prazer por um grande público em vários países.

2 - As Versões Internacionais do **Digest**.

Com o enorme sucesso obtido nos Estados Unidos, nos anos 30, os especialistas em tendência de mercado do **Digest**, Al Cole e Marvin Lowes, resolveram lançar uma edição do **Digest** dirigida à Inglaterra, em 1938. Em 1939, com a Alemanha ganhando espaço na Europa, o Departamento de Estado norte-americano voltava-se para a América Latina. Havia a certeza de que grupos nazistas estavam ativos em vários países e procurava-se maneiras de conter esta atividade. Em função do sucesso que o **Digest** alcançava na Inglaterra e da visão simpática que a revista oferecia da vida norte-americana, o Departamento de Estado consultou Wallace - e pediu que

ele considerasse a possibilidade de uma tradução do **Digest** para ser distribuída na América Latina de língua espanhola²¹.

Cole e Lowes, os mesmos que haviam promovido o lançamento da revista na Inglaterra, partiram para uma viagem à América Latina. Na volta, os dois informavam a Wallace que haviam detectado baixo poder aquisitivo e a ausência de uma classe média significativa na região. Por isso, a revista deveria entrar na América Latina a custos muito baixos. Albert Leslie Cole, então, propôs que o público norte-americano ajudasse a custear as primeiras assinaturas da revista latino-americana como parte do esforço de guerra e em nome do intercâmbio entre as repúblicas do hemisfério²². A ênfase desta campanha era a unidade pan-americana, estratégia que fazia parte da política da Boa Vizinhança para a América Latina.

Procurei em alguns exemplares da revista norte-americana algumas pistas desta campanha. Encontram-se chamadas nas capas e contracapas dos exemplares dos meses de agosto, setembro e outubro de 1940, convidando o público norte-americano a patrocinar os baixos custos e uma maior distribuição do **Digest** no território latino-americano. Diz uma destas chamadas:

“Em 1938, The Reader’s Digest Association começou a estudar as possibilidades de uma edição em língua espanhola, para os leitores das repúblicas da América Latina.... a primeira edição do Reader’s Digest em espanhol será lançada em novembro. A nossa esperança é oferecer ao público leitor latino-americano, a mais interessante revista da nossa língua. Esta edição deve ajudar a estimular um maior entendimento entre os povos da América do Sul e do

²¹ Ver CANNING, Peter, ob cit, 1996, p 91.

²² Ver HEIDENRY, John, ob cit, 1993, p 154.

Norte... Leitores que regularmente assinam a edição em inglês estão sendo convidados a patrocinar uma assinatura para homens e mulheres na América Latina. Vocês ajudarão, assim, a levar a primeira edição em espanhol a um grande e influente público. O preço para a edição em espanhol foi estabelecido por somente 10 cents cada exemplar, ou \$1 dólar pela assinatura anual. Este preço está abaixo dos custos de impressão e distribuição...” (**Digest** - ago/40 - 2ª e 3ª capa)

Esta proposta do **Digest** procurava fazer com que o público norte-americano presenteasse os seus “irmãos” latino-americanos com a revista, apelando para a unidade do hemisfério no período da Segunda Guerra Mundial. Com isso alcançavam menores preços e maior distribuição. O próprio Cordell Hull, Secretário de Estado de Franklin Delano Roosevelt na época da Segunda Guerra Mundial, estimulava a campanha em uma das capas do **Digest**.

“Prezo em saber que **The Reader’s Digest** está planejando uma edição em língua espanhola e que estão convidando muitos leitores nos Estados Unidos a cooperar, proporcionando a mais ampla distribuição possível. O livre intercâmbio de idéias entre nações, tanto quanto entre indivíduos é a maneira mais amigável para estabelecer e manter o entendimento. Cidadãos dos Estados Unidos que avaliarem esta oportunidade encontrarão uma forma prática de fazer a sua parte individual na, agora, vital causa da unidade Pan-Americana”. (**Digest** - 4ª capa - setembro/40).

Selecciones foi lançada primeiro no México. Meses depois a revista já cobria os países: Argentina, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Chile,

Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. Este procedimento certamente demandou planejamentos e contatos com os grupos locais com a finalidade de implementar a distribuição nas diversas regiões.

Ao lado da causa em torno da unidade do hemisfério estavam os interesses estratégicos dos Estados Unidos e o interesse do **Digest** em ampliar seu público. Barclay Acheson²³, o responsável pelas edições internacionais, amigo de adolescência de DeWitt Wallace e irmão de Lila Acheson Wallace escreveu uma carta enviada a possíveis anunciantes de **Selecciones**. Acheson argumentava:

“Em toda a América Latina grandes grupos já foram efetivamente doutrinados pela economia e teoria social Nazi... Eu escrevo esta carta, porque acredito fortemente que nós devemos trabalhar juntos nestas duas frentes – **The Reader’s Digest** na frente ideológica e a sua companhia na frente econômica... todo dólar investido em SELECCIONES compra munição para ajudar a ganhar a grande batalha de IDÉIAS nesta guerra que está de mãos dadas com a batalha das armas”.²⁴

Com uma clareza ímpar, Acheson falava em ganhar “corações e mentes” e em atrelar os países da América Latina ao mercado e zona de influência norte-americana. A circulação de **Selecciones** superou as

²³ Barclay Acheson antes de se transformar no responsável pela divisão internacional do **Digest**, havia sido pastor presbiteriano.

²⁴ Carta assinada por Barclay Acheson no início de 1942, procurando demonstrar a potencialidade da revista para possíveis anunciantes. Este documento encontra-se nos arquivos da Fundação Getúlio Vargas. RJ. Originalmente do The National Archives of Washington. Grifos do autor da carta.

expectativas dos estrategistas em mercado do **Digest**. No México, a meta era alcançar 50 mil exemplares ao fim de um ano, mas no segundo mês de circulação havia pedidos para algo em torno de 148 mil exemplares. Em quatro meses, a circulação de **Selecciones** chegou a 250 mil cópias. Embora o poder aquisitivo do mexicano fosse baixo, estava comprovada a existência de um público leitor significativo no país, uma vez que estimava-se que cada exemplar era lido por uma média de quatro pessoas.

Neste contexto, Nelson Rockefeller, um dos *experts* em América Latina, ligado ao Departamento de Estado e voltado para a política da Boa Vizinhança, insistia para que se providenciasse uma edição do **Digest** em português para ser distribuída tanto no Brasil quanto em Portugal. Em 1942, o OWI - *Office of War Information* - convidou o **Digest** a lançar a revista nos novos “fronts de propaganda”: Suécia, Turquia e Egito. Em sua maioria, as edições internacionais foram um sucesso de público. Ainda durante a guerra, a versão em inglês passou a ser distribuída na Austrália, África do Sul e Índia. A revista também era enviada para as tropas norte-americanas e inglesas em batalha, circulação esta que chegava a 2 milhões de exemplares. Os aviões de guerra que levavam as tropas para o *front* levavam também, para os vários países onde aterrissavam, as versões já traduzidas do **Digest**.

No pós-guerra, a edição brasileira foi lançada em todos os países de língua portuguesa da África. Saíram também as edições em alemão, a edição francesa que cobria a Bélgica e Suíça e, ainda, as edições em japonês e chinês. Todas com absoluto sucesso. A única exceção foi a edição em árabe. Primeiro, os editores tentaram lançar uma versão do **Digest** que deveria cobrir vários países do Oriente Médio. **Al Mukhtar min Reader's Digest** conseguiu uma tiragem razoável durante a guerra, logo depois, a

procura pela revista foi declinando. O **Digest** ainda tentou manter a revista por alguns anos, mas ao final desistiu da edição.²⁵

Sobre a circulação de alguns temas no período da Segunda Guerra Mundial, é preciso deixar claro que uma das habilidades do **Digest** para permanecer em tantos países, com uma expressiva circulação, relacionava-se com a criteriosa seleção de matérias, a fim de não ferir hábitos e crenças culturais. Por exemplo, artigos relativos à pílula anticoncepcional, ao controle de natalidade e artigos anticatólicos recebiam um tratamento cuidadoso ou eram excluídos, quando publicados em países com grande influência da Igreja Católica²⁶. Isso quer dizer que havia cuidados com relação a outras culturas. Os temas não eram “despejados” dos Estados Unidos sem critérios. O **Digest** tinha caído nas graças dos leitores em vários países e por isso, tinha o cuidado de não ferir sensibilidades e crenças. A revista procurava trilhar os caminhos já conhecidos do leitor, evitando surpreendê-lo com temas que causassem impacto ou questionamentos.

A revista apresentava, desde 1922, o *American way of life*, como uma forma universal de viver. Nos anos da Segunda Guerra Mundial, o Departamento de Estado se utilizou, de meio de comunicação como o **Digest** e do cinema de Hollywood, a fim de fazer propaganda norte-americana fora do país. No final dos anos 40 e nos anos 50, instalou-se a cooperação do **Digest** com o serviço secreto, a *Central Intelligence Agency* - CIA. A

²⁵ Ver HEIDENRY, John, ob cit, 1993, p 299. Além das edições internacionais, o **Digest** lançou também uma edição em braille e uma com caracteres de tamanho maior para quem tinha problemas de visão.

²⁶ Ver BURBAGE R. CAZEMANJOU J. KASPI A. *Os Meios de Comunicação nos Estados Unidos*, Rio de Janeiro, Agir, 1973 p. 100. Antes da revista ser impressa na Espanha, o General Franco fez uma série de exigências. Entre elas: o **Digest** não poderia fazer críticas negativas à Igreja Católica e não poderia também criticar o governo de Franco (esta última exigência o **Digest** cumpriu à risca. Não criticou Franco na Espanha, nem em qualquer edição em outra língua).

agência acreditava que várias publicações influentes na Europa estavam sob o controle de comunistas. Solicitou então ao **Digest** cooperação para combater o que julgava um mal. O objetivo era utilizar os escritórios que haviam sido instalados fora dos Estados Unidos. Alguns dos executivos da revista, em vários países da Europa, foram ligados à CIA²⁷. Na época o país que mais preocupava o serviço secreto era a Itália e a aceitação que o Partido comunista estava tendo da população. Além da Itália passaram pelo escritório francês do **Digest** em Paris, funcionários ligados à CIA²⁸. Nos anos 60 e 70, as sucursais de **Selecciones** em alguns países da América Latina, como Peru e México, também funcionaram como base para a atuação do serviço secreto norte-americano. Eduardo Cárdenas - que desde 1942 exercia o cargo de redator-chefe de **Selecciones** para toda a América Latina - era também homem da CIA. Os escritórios da revista no Chile estiveram atuantes no golpe militar que derrubou o governo em 1973. Durante o governo Allende, fotógrafos contratados pela revista espalharam-se pelo Chile com o objetivo de registrar acidentes ou irregularidades nas minas de cobre em funcionamento pelo interior do país²⁹, com o objetivo de somar com as denúncias que estavam sendo feitas a Allende. Assim podemos dizer que o **Digest** foi um meio de comunicação valioso para o Departamento de Estado, para o Serviço Secreto, a CIA e para as empresas norte-americanas.

²⁷ Normalmente, nos escritórios do **Digest** fora dos Estados Unidos, os editores e tradutores eram locais, mas o diretor-geral era sempre um norte-americano.

²⁸ Alguns funcionários do **Digest** estiveram envolvidos com a CIA, entre eles: Dennis McEvoy do Japão, Terence Harmon (que havia sido agente inglês) e que se transformou em diretor do escritório italiano e Alain de Lyrot, editor do escritório francês. Estas informações estão em CANNING, Peter, ob cit, 1996, p 95.

²⁹ Ver HEIDENRY, John, ob cit, 1993, p 473.

1.3 - A Versão Brasileira Seleções.

Desde o início do século, já era possível notar a presença da filmografia norte-americana no Brasil. Nos anos 20, já havia, por exemplo, uma coluna sobre o cinema norte-americano no jornal **O Estado de São Paulo**, assinada pelo poeta modernista Guilherme de Almeida, na qual o cinema de Hollywood e o *American way of life* já eram relacionados à modernidade e ao progresso³⁰. Nos anos 30, era possível perceber a presença de símbolos, mitos e estrelas do cinema de Hollywood incorporados à cultura brasileira. Principalmente a revista de maior circulação no país, **O Cruzeiro**, investiu fortemente em matérias e opiniões sobre o mundo do cinema, anunciou produtos relacionados às musas de Hollywood e veiculou valores e comportamentos baseados nos temas tratados pelos filmes. As várias páginas da revista brasileira dedicadas aos astros, valores e formas de comportamento de Hollywood demonstravam o interesse da sociedade brasileira pela produção fílmica norte-americana. A apropriação do mundo de Hollywood pela **O Cruzeiro** - e em outras mídias como revistas especializadas, jornais e o rádio, por exemplo - permite perceber que o cinema norte-americano tornava-se no Brasil uma referência cultural determinante³¹.

³⁰ Ver PINTO, Maria Inez Machado Borges. "O Cinema, Tecnologias de Comunicação de Massa e Representações da São Paulo Moderna" in *Anais do XIX Simpósio Nacional de História-ANPUH. História e Cidadania*. São Paulo, Humanitas, 1998.

³¹ Sobre os modelos Hollywoodianos e a sua incorporação pela sociedade brasileira, ver o trabalho de GONÇALVES, Maurício Reinaldo. *O Cinema Hollywoodiano nos Anos Trinta. O American Way of Life e a Sociedade Brasileira*. Dissertação de Mestrado, apresentada à ECA-USP 1996.

Passaram a circular também histórias em quadrinhos que haviam sido lançadas nos Estados Unidos. Era o caso do **Fantasma**, **Flash Gordon**, **Jim das Selvas**, **Tarzan** e **Mandrake**. Um pouco depois apareceram **Super Homem** e **Batman**³², quadrinhos que encantaram gerações de crianças, adolescentes e adultos - muitos destes títulos, resistindo ainda hoje.

Também entre os anos 20 e 30 instalaram-se no Brasil as agências de publicidade norte-americanas: J. Walter Thompson, N. W. Ayer & Son e a McCann-Erickson que trouxeram novas técnicas de venda para o Brasil, formando novos profissionais e transformando as práticas publicitárias já existentes. Estas agências foram pioneiras nos serviços de pesquisas voltadas para o marketing. Procuravam, na época, verificar as potencialidades de consumo do mercado brasileiro³³.

Desta forma é possível constatar que, em função do alcance das novas técnicas de comunicação na primeira metade do século XX, aos poucos foram se implementando mudanças na sociedade brasileira: transformaram-se sensibilidades, redesenharam-se valores culturais, atitudes e comportamentos. Somava-se a estas alterações, o crescimento dos segmentos médios e a formação da sociedade de consumo no Brasil, estimulada pelo aumento da atividade publicitária e a inserção cada vez maior de anúncios no rádio, jornais e revistas.

³² As datas de criação das histórias em quadrinhos nos Estados Unidos são as que seguem: “Popeye” e “Tarzan” foram vertidos para história em quadrinhos em 1929, “Dick Tracy” foi criado em 1931, “Jim das Selvas” e “Flash Gordon” em 1934, “Super Homem” em 1938, “Batman” em 1939, “Capitão Marvel” em 1941 e “Capitão América” em 1942. Estas referências estão em FRAGONARD, Michel. *La Culture du 20e Siècle. Dictionnaire D’Histoire Culturelle*, Paris, Bordas, 1995.

³³ Informações sobre as agências de publicidade norte-americanas no Brasil estão em SARMENTO, Armando Moraes . “As Agências Estrangeiras Trouxeram Modernidade, as Nacionais Aprenderam Depressa”, in CASTELO BRANCO, MARTENSEN e REIS (org) *História da Propaganda no Brasil*, São Paulo, T. A. Queiroz, 1990.

Nos anos 20 e 30, era a indústria de Hollywood que se preocupava em lançar seus produtos em outras praças e obter lucros fora dos Estados Unidos. Nos anos 40, com a Segunda Guerra Mundial e a possibilidade dos alemães dominarem o hemisfério Ocidental, o Departamento de Estado norte-americano procurou utilizar os instrumentos da política da Boa Vizinhança, então em vigência, a fim de melhor estabelecer e distribuir a filmografia de Hollywood (agora voltada para o esforço de guerra) não só no Brasil, como em toda América Latina³⁴. Assim, quando *Seleções* entrou no Brasil em 1942, havia um terreno fértil para recebê-la: a inter-relação entre a sociedade e os meios de comunicação havia construído uma atmosfera cultural, na qual modelos culturais norte-americanos haviam penetrado no ambiente brasileiro e estavam relacionados à modernidade³⁵.

O primeiro exemplar de *Seleções* saiu no Brasil em fevereiro de 1942. De início, a revista inovou no mercado brasileiro, oferecendo vendas por assinatura³⁶. Desde 1942, *Seleções* chegou a territórios distantes como o

³⁴ O cinema de Hollywood transformou-se em importante arma de propaganda norte-americana durante a Segunda Guerra Mundial em vários países onde podiam ser vistos. Em prol da unidade norte-americana, alguns estúdios de Hollywood passaram a submeter seus *scripts* ao OWI - *Office of War Information*. A orientação era que o inimigo fosse o nazi-fascismo e não os líderes dos Eixo. A batalha deveria ser entre democracia e nazi-fascismo. *Scripts* dos filmes, hoje considerados clássicos, como *Por Quem os Sinos Dobram*, foram comentados pelo OWI. Conforme: KOPPEL, CLAYTON e BLACK. "What to show the world: The Office of War Information and Hollywood, 1942-1945", in *The Journal of American History*, vol 1, junho, 1977.

³⁵ Sobre o fato dos meios de comunicação de massa, principalmente o cinema norte-americano, estarem reproduzindo os temas do seu tempo, não se tratando de um discurso exterior à sociedade brasileira, ver o trabalho de MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de Estrelas. O Cinema Hollywoodiano na Mídia Brasileira das décadas de 40 e 50*. Campinas, Ed. UNICAMP, 1996. 1996. Ver também DE CICCIO, Cláudio. *Hollywood na Cultura Brasileira. O cinema Americano na Mudança da Cultura Brasileira na década de 40*, São Paulo, Convívio, 1978.

³⁶ Ver CIVITA, Roberto. "As Revistas", in CASTELO BRANCO, MARTENSEN e REIS (org). *História da Propaganda no Brasil*. São Paulo, T.A. Queiroz, 1990.

Acre e cidades do interior do país³⁷. Já na primeira edição foram vendidas 150 mil revistas. Alguns meses mais tarde alcançava 300 mil exemplares vendidos. Foi um sucesso enorme de público e muitos leitores brasileiros lembram-se da revista e dos seus artigos, nomes das seções e mais que isso, lembram-se com nostalgia da época em que liam cada exemplar. Perguntar sobre **Seleções** para estes leitores, é como tocar na corda da memória ou até da melancolia.

Em 1942, a revista brasileira era produzida nos Estados Unidos em New York. Era diretor geral das edições para língua espanhola e portuguesa, o colombiano Eduardo Cárdenas. Nesta época estava exilado em New York Otávio Mangabeira³⁸, tradutor do **Digest**. Mangabeira havia se exilado primeiramente em Paris. Com a invasão da França pela Alemanha, transferiu-se para New York. Com a possibilidade de uma edição do **Digest** voltada exclusivamente para o Brasil, Otávio Mangabeira indicou Afrânio Coutinho para exercer a função de Gerente Secretário de **Seleções**.

Coutinho estava interessado em fazer cursos sobre literatura nos Estados Unidos. Havia tentado uma bolsa, mas foi recusado. Assim, o trabalho em **Seleções** oferecia a oportunidade de realizar os seus projetos na área intelectual. Coutinho era responsável pela seleção dos artigos no **Digest** norte-americano e por algumas traduções, cujo conjunto se transformava na versão brasileira **Seleções**. Além do trabalho na revista, Coutinho colaborou com o OWI - *Office of War Information*, fazendo

³⁷ A revista era esperada com ansiedade em algumas cidades do interior. Por exemplo: uma antiga leitora de Jataí, cidade ao sul de Goiás, dizia esperar com ansiedade o final do mês para ir até a sede do correio e pegar o seu exemplar de **Seleções**. Outro antigo leitor da revista, do interior do Pernambuco, me informou que gostava de ler cada exemplar, porque se informava sobre o que acontecia no mundo.

³⁸ Otávio Mangabeira foi deputado Federal pela Bahia e Ministro das Relações Exteriores de Washington Luís. Foi exilado por Getúlio Vargas em 1938. Cf. SILVA, Hélio. *1937. Todos os Golpes se Parecem*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.

traduções³⁹. Trabalhou na revista até 1947, quando voltou ao Brasil.

A partir de 1951, os escritórios de **Seleções** deixaram os Estados Unidos e foram instalados no Rio de Janeiro, mais precisamente na Praça Pio X, na Candelária. Ocupavam todo um andar. Uma parte era reservada à contabilidade, a outra à redação. Existia ainda a sala do gerente geral do escritório, sempre um norte-americano. Era Redator-chefe da revista Tito Leite, ex-radialista da NBC em New York, que trabalhou na revista por vinte anos. Era também redator, Antonio Callado, que permaneceu pouco tempo na revista.

Com a saída de Callado, assumiu o cargo de redator, o escritor José J. Veiga, que também trabalhou na revista por vinte anos. Veiga contou como funcionava o escritório de **Seleções**⁴⁰. O trabalho consistia em selecionar artigos que estavam sendo preparados para sair no **Digest** norte-americano. Veiga informou que procurava selecionar os artigos como se fosse um leitor comum: “quando um leitor estrangeiro lê a **Time**, dificilmente o faz do início ao fim - o leitor percorre a revista e seleciona o que mais lhe interessa”. Dessa maneira, os redatores desprezavam artigos que acreditavam dizer respeito apenas ao público norte-americano, como assuntos muito locais. Procuravam selecionar aquilo que imaginavam agradar a todas as pessoas: trajetórias de seres humanos, descobertas na área científica e na área da medicina. E o que estava acontecendo no mundo, na

³⁹ Afrânio Coutinho foi professor secundário em Salvador, onde nasceu. Escreveu em vários jornais locais. Mudou-se para o Rio de Janeiro e em seguida para New York, onde fez vários cursos na Universidade Columbia. Voltou para o Brasil em 1947. Foi professor do Colégio Pedro II. Em 1958 prestou concurso para Universidade Federal do Rio de Janeiro e em 1962 foi eleito para Academia Brasileira de Letras. Publicou diversos livros sobre teoria literária. Cf. BELÉM, Odilon. *Afrânio Coutinho. Uma Filosofia da Literatura*. Rio de Janeiro, Pallas, 1987.

⁴⁰ As informações sobre o funcionamento do escritório no Rio de Janeiro, foram dadas pelo escritor José J. Veiga, em entrevista concedida no Rio de Janeiro em 17.02.98.

área ambiental, política etc. Veiga acredita que a revista era um sucesso em vários países em função dos artigos que podiam atizar a curiosidade de qualquer leitor. Nas palavras do escritor: “Quem não se interessa pelas viagens espaciais, por vida em lugares remotos ou diferentes? Ou ainda, quem não se interessa pelas descobertas na área da medicina? As pessoas, não importa onde nasçam ou vivam, adoecem e morrem das mesmas doenças.”

Percebe-se então que a revista trabalhava com a curiosidade do leitor, com o desejo de se informar, desvendar, de alcançar, de conhecer. Estas características apontam na direção do seguinte fato: a leitura deve ser entendida como produção exclusiva do leitor. Ele “inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a ‘intenção’ deles. Destaca-os de sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria algo não-sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações”⁴¹. A partir do seu universo cultural o leitor escolhe, experimenta, relaciona, dando sentido aos textos.

Segundo Jose J. Veiga, depois de selecionados no **Digest** norte-americano, os artigos iam para as mãos dos tradutores que trabalhavam como *free-lancers* nas suas casas. Recebidas as traduções, os redatores faziam o *copy desk*, com a finalidade de tirar algum “estrangeirismo”. Não era permitido mexer nos artigos. A tradução deveria manter o sentido do texto norte-americano, evitando acréscimos ou reduções. Era montado o sumário e estava pronta a versão brasileira. A redação de **Seleções** não

⁴¹ Cf. DE CERTEAU, Michel . *A Invenção do Cotidiano*, Petrópolis, Vozes, 1996, pp 264-265.

possuía a efervescência de uma redação comum. Era o trabalho típico de escritório⁴².

Além do trabalho de seleção e *copy desk*, os redatores de **Seleções** respondiam a correspondência de Pleasantville e distribuíam, para os assinantes brasileiros, os questionários de pesquisas de opinião, que o **Digest** freqüentemente enviava. Percebe-se que os escritórios norte-americanos procuravam se inteirar dos artigos de maior interesse do leitor não só nos Estados Unidos, mas em todos os países em que circulava. Segundo José J. Veiga, as mesmas seções, que agradavam os leitores no Brasil, agradavam os de outros países, com pequenas diferenças. Eram elas: “Novidades do Mundo da Medicina”, “Rir é o Melhor Remédio”, “Piadas de Caserna” e o imbatível “O meu Tipo Inesquecível”. Além disso, os escritórios no Brasil eram responsáveis pela organização da biblioteca **Seleções**. A cada três meses saía um volume com dois livros condensados, independente da publicação mensal da revista **Seleções**. Foram tradutores da biblioteca **Seleções** entre tantos outros: Guimarães Rosa, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Otto Maria Carpeaux e Manuel Bandeira. Na área da política, Carlos Lacerda traduziu pelo menos um volume mostrando o funcionamento do FBI.

A revista entrou no Brasil num período de desenvolvimento do país. As cidades inchavam e mais e mais gente deixava o campo. Ou deixavam

⁴² Segundo J. J. Veiga, uma das vantagens do trabalho no escritório de **Seleções**, com relação às outras redações de jornais e revistas, era o fato de se ter horários para começar e terminar o trabalho. Deixava-se os escritórios às 17:00 h e não se trabalhava fim de semana. A comparação do escritor era com a redação da **Tribuna da Imprensa**, onde havia sido secretário de redação antes de trabalhar em **Seleções**.

idades menores, rumo às capitais⁴³. Nos anos 50 e 60, a revista atingia picos de 600 mil exemplares⁴⁴. Como a norte-americana **Digest**, a estimativa era que cada exemplar de **Seleções** fosse lido por quatro pessoas em média. A revista foi durante os anos 50, a segunda revista mais lida do Brasil, logo atrás de **O Cruzeiro**, sendo que, muitas vezes, havia sobreposição, o leitor comprava e lia as duas revistas⁴⁵. Em 1950, **Seleções** era considerada pelo público leitor, a publicação mais confiável e útil do país⁴⁶, certamente em função do seu estilo e da diversidade de assuntos e informações que trazia para o público. Talvez isso explique o fato de se encontrar nos sebos uma quantidade muito maior da revista **Seleções** que a da revista **O Cruzeiro**. **Seleções** era vista como confiável e útil, por isso podia ser consultada em épocas futuras, já **O Cruzeiro** era uma revista de atualidades e, portanto, mais descartável.

Seleções, quando entrou no Brasil, inseriu-se num meio cultural mais amplo, onde já circulavam vários títulos de mídia impressa, onde filmes de Hollywood eram apreciados e num ambiente onde temas e estéticas norte-americanas já estavam inseridas e decodificadas. Vinha ao encontro das necessidades das camadas da população que tinham pouco tempo e queriam

⁴³ Em 1940, a população de São Paulo cresceu 26%; em 1950, 65%; em 1960, 74%. Em Porto Alegre, a população cresceu em 1940, 54%; em 1950, 43%; em 1960, 63%. Além disso cidades menores em vários estados do país cresceram com igual intensidade, como os municípios de Minas Gerais, por exemplo. Estas e outras informações estão em SINGER, Paul. *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*. São Paulo, Edusp, 1968.

⁴⁴ Estas informações podem ser encontradas nas capas das revistas e foram confirmadas pelo escritor José J. Veiga.

⁴⁵ Em 1950, quando os escritórios de **Seleções** estavam se mudando para o Rio de Janeiro, a revista encomendou uma pesquisa para o IBOPE, onde se perguntava, qual a revista mais confiável do Brasil. Em primeiro lugar aparece **Seleções**, seguida de perto por **O Cruzeiro**, embora esta tivesse a tiragem um pouco maior que aquela. Cf. Pesquisas Especiais - IBOPE, 1950 – (vol 9).

⁴⁶ Ver Pesquisas Especiais - IBOPE, 1950, vol 9.

se informar. Vinha ao encontro de ambições pessoais, à necessidade de adquirir conhecimento e instrumental cultural. O **Digest** com a sua variedade de assuntos e inúmeras informações fornecia esta espécie de instrumental cultural. Quem lesse o **Digest** deveria saber sobre a última descoberta no campo da medicina, conhecia as últimas novidades no campo industrial, as últimas invenções que melhorariam o cotidiano de todos. Era informado sobre o que ocorria no mundo no campo da política e podia melhorar, inclusive, a sua fala, através da seção “Enriqueça o Seu Vocabulário”, segundo a perspectiva da revista. Com a leitura dos artigos de auto-ajuda, o leitor podia ter idéias de como enfrentar os problemas do dia-a-dia, fossem com relação aos temas familiares, fossem com relação aos problemas relacionados ao mundo do trabalho. E ainda encontrava o conforto de um possível final feliz⁴⁷.

No final dos anos 60, a revista começou a ter problemas com o Fisco brasileiro, o que precipitou a mudança dos escritórios do Rio de Janeiro para Portugal. O **Digest** norte-americano havia lançado uma coleção de música clássica que foi gravada pela RCA Victor e obteve enorme êxito de venda no Brasil. Nos contratos não estava claro quem pagava os impostos de tal empreitada. A partir de então, a fiscalização brasileira não perdeu o escritório de **Seleções** de vista. Encontrou ainda outras irregularidades, como a existência de uma impressora importada, nas instalações da Editora Ypiranga, que imprimia a revista brasileira, sem a devida documentação⁴⁸. Os escritórios norte-americanos autorizaram a mudança para Portugal -

⁴⁷ Sobre a leitura, ver: SARLO, Beatriz. *El Imperio de Los Sentimientos, Narraciones de Circulación Periódica en La Argentina (1917-1927)*, principalmente capítulo 1. Catálogos, Buenos Aires, 1985 e DARTON, Robert. *O Beijo de Lamourette. Midia, Cultura, Revolução*. Especialmente capítulo 5, São Paulo, Cia das Letras, 1995.

⁴⁸ Conforme entrevista concedida por José J. Veiga.

mesmo que este país consumisse apenas 1/3 da tiragem brasileira. O objetivo era ficar em Portugal por dois ou três anos e voltar em seguida. Mas **Seleções** jamais retornou ao país.

Nesse período, a revista foi perdendo o público brasileiro, num processo irreversível⁴⁹, até praticamente desaparecer. Com exceção dos Estados Unidos, onde o **Digest** continuava (e ainda hoje é) a revista mais lida do país, as versões internacionais da revista norte-americana caíram em vendagem a partir da segunda metade dos anos 60, em praticamente todos os países em que circulava.

O desinteresse do público brasileiro pela revista no final dos anos 60, aponta para mudanças que estavam acontecendo no Brasil. A popularização da televisão nesta década fez com que desaparecesse não só **Seleções**, mas também a famosa **O Cruzeiro**. Surgiram revistas como **Realidade**, em 1966 e **Veja**, em 1968⁵⁰, concebidas para conviver com a televisão. Além disso, os movimentos contestatórios dos anos 60, principalmente a agitação com que se configurou o ano de 1968, atingiram vários países, inclusive o Brasil. A década de 60 marcou profundamente também os Estados Unidos: os assassinatos de John F. Kennedy, do irmão dele Robert Kennedy, do líder negro Martin Luther King e mais a Revolução Cubana e a chamada contracultura sacudiram o país. Além disso, o debate sobre a guerra do Vietnã, fizeram com que outra fase da Guerra Fria estivesse em andamento⁵¹. É possível relacionar a queda de vendas de

⁴⁹ Nos últimos anos de 1997 e 1998 houve uma enorme campanha com o objetivo de reconquistar o público brasileiro. Foram oferecidos prêmios e prometeram vantagens para quem assinasse a revista, mas não obtiveram o sucesso esperado.

⁵⁰ Cf. CIVITA, Roberto, ob cit, 1990.

⁵¹ Sobre as mudanças que aconteceram a partir de 1970, ver HOBBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos. O Breve Século XX (1914-1991)*. Capítulo 14 e 15. São Paulo, Cia das Letras, 1995. Este historiador afirma que no início dos anos 70 inicia-se uma segunda Guerra Fria.

Seleções com estes acontecimentos que transformaram vários países do mundo. De qualquer forma, acredito que o sucesso de **Seleções** corresponde ao período que vai de 1942 até 1970, a partir de então mudanças significativas ocorreram e **Seleções** deixou de atrair a atenção do público leitor brasileiro.

* * *

Com grande velocidade passaram a circular dados, formas estéticas, informações através dos meios de comunicação e do cinema, desde o início do século. No pós-guerra, marcas comerciais, símbolos e imagens passaram a ser compartilhadas em escala quase planetária, criando mecanismos que interessavam às empresas e aos anunciantes em geral⁵².

Dada a amplitude de informações do mundo moderno, a quantidade de informação diária era tal que existia a necessidade de resumo e simplificação. O **Digest** se propôs a fazer este trabalho economizando o tempo do leitor. No entanto, selecionava os artigos baseados em critérios anteriores. Resumia-os, retirando dificuldades, utilizando um vocabulário limitado e conhecido. O resultado era um texto enxuto, no qual o leitor não encontrava qualquer tipo de dificuldade: fosse nos aspectos formais da língua, fosse nos aspectos ligados à compreensão. Nos textos do **Digest**, o leitor encontrava o conforto de um mundo conhecido. Com a seleção de artigos e posterior circulação, a revista interpretava o mundo para o leitor. Interpretação esta que colocava os Estados Unidos em posição dominante no planeta.

⁵² Ver: ORTIZ, Renato. *Mundialização da Cultura*, São Paulo, Brasiliense, 1994.

Quando o **Digest** lançou as suas versões fora dos Estados Unidos, esteve vinculado às empresas e à política externa norte-americana. A maioria das versões internacionais do **Digest** teve uma ampla aceitação do público leitor nos vários países em que circulou, inclusive a versão brasileira **Seleções**, que era a segunda revista mais lida no país, logo atrás de **O Cruzeiro**. Quando entrou no Brasil, a revista evitava veicular artigos que pudessem ir contra as disposições culturais existentes: evitava tratar de temas como aborto, divórcio e planejamento familiar⁵³. **Seleções** ao chegar ao Brasil, encontrou um ambiente cultural mais amplo, onde modelos da cultura norte-americana estavam incluídos e decodificados. Era um mundo povoado pelo cinema de Hollywood e por revistas, jornais e histórias em quadrinhos que procuravam atingir um grande público e onde estavam incluídos modelos e símbolos norte-americanos.

⁵³ Estes temas eram caros ao **Digest**. Planejamento familiar era tratado pela revista norte-americana desde os anos 20. No Brasil, apareceram artigos tratando do tema apenas nos anos 60.

**II – OESTE, WILDERNESS E FRONTEIRA NO
IMAGINÁRIO NORTE-AMERICANO.**

“...all that mysterious life of the wilderness that stirs in the forest, in the jungles, in the hearts of wild men. There’s no initiation either into such mysteries. He has to live in the midst of the incomprehensible, which is also detestable. And it has a fascination, too, that goes to work upon him. The fascination of the abomination - you know. Imagine the growing regrets, the longing to escape, the powerless disgust, the surrender, the hate”

Joseph Conrad. *Heart of Darkness*.

2.1 - A Idéia de *Wilderness*.

No seu conjunto, os artigos da revista **Seleções** que tratam da América Latina revelam, em primeiro lugar, um grande interesse pelas questões territoriais: dimensões e acidentes geográficos, fronteiras com os diversos países e descrições de paisagens. Embora o meu objetivo seja analisar o discurso da versão brasileira do **Digest**, foi folheando a revista norte-americana do mesmo período que surgiu a primeira questão inquietante, relacionada exatamente com estas questões territoriais. Por diversas vezes, o **Digest** referiu-se a certas regiões da América Latina como *wilderness*. Foram nomeados como *wilderness*, a floresta tropical latino-americana e os países que fazem parte do complexo amazônico. Diz o subtítulo de um artigo escrito por um norte-americano que viajara pelo Rio Amazonas:

“An unforgettable journey into the world’s last primeval wilderness” (**Digest** - set/63 - p 210).

Embora a região do Amazonas seja a mais constantemente qualificada como *wilderness* – complexo geográfico ainda intocado pelo homem - outras regiões do Brasil foram qualificadas como *wilderness*. Este é o caso do artigo em que a palavra *wilderness* aparece no título:

“Conqueror of The Brazilian Wilderness”
(**Digest** – jun/46 – p 45)¹.

¹ Este artigo foi traduzido e inserido em **Seleções** como “Rondon o Civilizador da Selva” em setembro de 1946.

Este artigo trata da trajetória de Rondon pelo interior do Brasil, “civilizando” índios, estabelecendo a rede de telégrafos, mapeando e classificando o território ainda desconhecido. O outro artigo, no qual a palavra aparece no título, é:

“Dream City in The Wilderness”

(**Digest** - abr/59 - p 181)².

Este artigo trata da construção de Brasília no cerrado do Brasil, região considerada como desolada pelo **Digest**. Além das referências ao Brasil, foram chamados de *wilderness*, regiões como a das Filipinas, do Vietnã e alguns espaços geográficos africanos. Mas também as regiões menos povoadas do Canadá foram consideradas como *wilderness*. A palavra aparece no título de um dos livros condensados que vinham ao final de cada volume da revista. O título do livro é:

“Three Against The Wilderness”

(**Digest** - out/59 - p 97).

Relata a aventura de três jovens perdidos nas vastidões geladas do Canadá. Portanto, o **Digest** não qualificava como *wilderness* apenas países mais pobres, mas também regiões consideradas ricas como a do Canadá. Qual seria então o significado da palavra *wilderness*, uma vez que foi utilizada para descrever lugares com características geográfica e economicamente diferentes?

² Artigo traduzido e veiculado em *Seleções* com o título “Brasília: Uma Capital Surge no Sertão” em abril de 1959.

O historiador norte-americano Robert Darnton sugere que, quando um pesquisador se defronta com áreas de “opacidade e silêncio” deve aí parar; pois neste silêncio pode estar a chave para a compreensão de uma visão de mundo: “Quando não conseguimos entender um provérbio, uma piada, um ritual ou um poema, temos a certeza de que encontramos algo. Analisando o documento onde ele é mais opaco, talvez se consiga descobrir um sistema de significados estranho”³. Seguindo estas sugestões foi possível perceber que *wilderness* é uma palavra de difícil tradução para qualquer língua de origem latina⁴ e sequer em inglês é possível encontrar uma definição fácil. Possui um carga tão excessiva de significados pessoais e simbólicos que não resiste a uma definição conclusiva.

Recentemente, nos Estados Unidos, historiadores na área de História Ambiental vêm trabalhando com a idéia de *wilderness*. Muitos procuraram entender a ação do homem junto ao meio ambiente, evitando o determinismo natural-geográfico. À maneira dos geógrafos, procuram ler a paisagem como um documento, percebendo a influência dos quadros naturais na história e na cultura das sociedades⁵. Esta linha de pesquisa começou a ser formada nos anos 60, juntamente com as contestações da contracultura norte-americana.

³ Cf. DARTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos e Outros Episódios da História Cultural Francesa*. Apresentação. São Paulo, Cia das Letras, 1988, p XV.

⁴ Para o espanhol *wilderness* é traduzido como desierto, yermo. Ver *Harrap's Concise Spanish Dictionary*, ed. Prentice Hall, New York/London, 1987. Para o francês, *wilderness*, é traduzido como desert, région, sauvage. Ver *Le Robert Collins*, ed. Harper Collins, London/Paris, 1995.

⁵ Para um trabalho recente no Brasil sobre o tema do *wilderness* e história ambiental, consultar SILVA, Maria Angélica. *Construindo Paisagens, Inventando um País: Inglaterra, o Brasil e a Memória da Natureza*. Tese de doutorado, apresentada à Univ. Federal Fluminense. 1997 mimeo.

Em 1976, foi fundada a revista *Environmental History Review*, que divulga as pesquisas recentes na área⁶.

Para os meus objetivos nesta pesquisa, os trabalhos mais importantes são os que procuraram acompanhar os valores atribuídos à natureza e ao território, a fim de entender o significado da palavra *wilderness*. Roderick Nash publicou um texto hoje considerado clássico chamado: *Wilderness and American Mind*, no qual procura acompanhar as mudanças de atitude com relação ao *wilderness*. Segundo Nash, *wilderness* foi um dos ingredientes básicos da construção da identidade e nacionalismo norte-americanos. Segundo ele, da matéria-prima do *wilderness* físico, os norte-americanos construíram sua cultura. A idéia de *wilderness* deu a eles identidade e significado desde os primeiros colonos⁷.

A palavra é um substantivo, mas é usada constantemente como adjetivo⁸. Não existe um objeto específico com o nome de *wilderness*, indica qualidade - característica do sufixo inglês *ness* - a produção de humores e sentimentos no indivíduo⁹. Está, principalmente, relacionada aos lugares que produzem determinados sentimentos e sensações no homem. A

⁶ Para uma avaliação e perspectivas da História Ambiental, ver DRUMMOND, José Augusto. "A História Ambiental: Temas, Fontes e Linhas de Pesquisa" e WORSTER, Donald. "Para fazer História Ambiental in *Estudos Históricos - História e Natureza*, n 8, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1991.

⁷ Cf. NASH, Roderick. *Wilderness and American Mind*. Prologue, New Haven/London, Yale University Press, 1967. Além deste, outro trabalho voltado para as várias visões da natureza nos Estados Unidos é o de MARX, Leo *The Machine in The Garden - Technology and the Pastoral Ideal in America*. New York, Oxford University Press, 1964. Este livro foi traduzido para o português com o título *A Vida no Campo e a Era Industrial*, pela USP/ Ed. Melhoramentos em 1976.

⁸ Cf. NASH, Roderick. Prologue, ob cit, 1967 p. 1.

⁹ Cf. _____, idem, p 1 - *Wilderness* é constantemente confundido com a palavra *wildness*. Ainda que o sentido desta esteja incluído naquele, as palavras se distinguem no seu significado e são pronunciadas de forma diferente. *Wildness* pode ser traduzido por selvageria, enquanto *wilderness* possui sentidos muito mais complexos.

chave para se entender o significado, está em perceber que *wilderness* é uma espécie de estado mental provocado pela observação de determinado lugar. Para uma primeira tentativa de compreensão, devemos nos voltar para o observador. É mais interessante notar o que o observador aponta como *wilderness*, do que procurar uma definição pronta da palavra. É o olhar do homem que dá sentido ao *wilderness*.

A etimologia da palavra ajuda a entender a ambigüidade dos significados: *wilderness* está na origem da língua anglo-saxã, no teutônico. Vem de *wild-eor*, que significa besta selvagem. A partir desta palavra surgiu no inglês arcaico (*old English*) o verbo *to wilder*, amplamente usado por poetas e escritores, significa perturbar, deixar perplexo, desnortear, desencaminhar, extraviar¹⁰.

Do verbo *to wilder* surgiu a palavra *wilderness* - traduzida pelo dicionário **Webster** por: deserto, ermo, sertão, solidão, região inculta, imensidão, grande quantidade, multidão, miscelânea¹¹. Na linguagem corrente é mais comum a utilização do verbo *to bewilder* que possui os mesmos significados de *to wilder*¹². Este é o caso de um artigo da revista norte-americana de título “*What’s Behind Our Trouble With Latin America?*” “em que a palavra *bewilder* é utilizada com relação a toda a América Latina:

“...quando um americano inteligente e com amplos interesses olha em direção ao sul, ele fica *bewildered* por um paradoxo. Ele vê nações estabelecidas há 400 anos atrás e ainda subdesenvolvidas,

¹⁰ Ver *Novo Michaelis. Dicionário Ilustrado*. São Paulo, Melhoramentos, 1985. p 1085.

¹¹ Cf. Verbete *wilderness*. *Webster’s Dicionário Inglês-Português*. Record, RJ, 1997, p 882.

¹² *To bewilder* é traduzido como confundir completamente, desnortear, aturdir, tomar perplexo. Conforme verbete em *Webster’s Dicionário Inglês-Português*. Record, RJ, 1997, p 69.

com vastas terras, diversos recursos e um tipo apenas de economia; democracias constitucionais controladas por ditadores, terras onde inumeráveis revoluções não resolveram problemas básicos. O interesse do americano provavelmente diminui...Uma das causas naturais do subdesenvolvimento da América Latina é a sua geografia de montanhas, florestas e áreas que alternam enchentes e secas”. (**Digest** - ago/58 - p 65).

Como vimos, não era apenas o cerrado do Brasil ou a floresta amazônica, já citados anteriormente, a serem classificados pelo **Digest** como *wilderness*. Aqui, o verbo *to bewilder* remete o significado para toda a América Latina. Neste excerto fica claro o sentimento de perplexidade. O norte-americano torna-se perturbado ao se deparar com as contradições latino-americanas. A utilização da palavra *bewildered* como qualificativo aponta na direção de que o norte-americano sente-se frente a um *wilderness* quando se volta para América Latina. Mais do que isso o excerto não trata apenas dos acidentes geográficos, que julga ser uma das causas do subdesenvolvimento da região, mas também das contradições, como o fato da existência de constituições em vários países, ao lado da presença de ditadores. Além das constantes revoluções que não resolvem problemas que eles consideram básicos. Quero dizer que *wilderness*, a partir do observador, o autor do artigo, assume um sentido mais amplo: não trata apenas do território e da sua geografia, mas também de algo incompreensível para ele, como a política e a economia latino-americana.

Ainda que em português não exista uma palavra que concentre os vários significados de *wilderness*, isso não quer dizer que não existam palavras que correspondam ao seu significado. A palavra sertão, por

exemplo, foi amplamente utilizada no Brasil, com grande carga de significados¹³. Inclusive na literatura, os romances de Guimarães Rosa procuravam, por meio da linguagem, mostrar os mistérios do sertão.

Na sua forma mais antiga, no entanto, *wilderness* estava relacionado às florestas, aos lugares habitados por bestas selvagens ou homens selvagens: *wildman*. Ao mesmo tempo, significava que o homem era tomado de estranhamento, sentindo-se desorientado nessas florestas. Assim, a palavra *wilderness* apareceu primeiro ligada à floresta primitiva, relacionada aos perigos e temores ligados à sobrevivência humana¹⁴.

Wilderness é também uma palavra bíblica e foi bastante utilizada desde a primeira tradução do antigo livro hebreu para o inglês. Foi muito usada para designar os lugares áridos, com ausência de água. Para demonstrar a sua caridade, Deus colocava água no *wilderness*¹⁵. Dessa maneira os lugares classificados como *wilderness* foram várias vezes relacionados com o mal na Bíblia. No Êxodo, o espaço percorrido por Moisés durante quarenta anos através do deserto do Sinai - do Egito até Canaã - enfrentando as pragas e as dificuldades, é chamado de *Wilderness*. No Novo Testamento, Jesus Cristo esteve durante quarenta dias isolado no *wilderness*, onde foi tentado pelo demônio¹⁶.

Mas o importante a reter aqui são os sentimentos que estes lugares

¹³ Ver GARCIA, Ledonias, Franco. *O Pampa e o Sertão. Idéias Imagens e Simbolos dos Territórios Vazios*. 1998, mimeo

¹⁴ Talvez por esse motivo, muitas vezes a palavra seja traduzida para o português como feminina “a *wilderness*”. Preferi adotar o masculino, porque traduzo para “lugar sem controle do homem civilizado” de forma geral.

¹⁵ A palavra *Wilderness* foi utilizada 245 vezes no Velho Testamento e 35 no Novo Testamento. Cf. NASH, Roderick, ob cit, 1967, pp 12-15.

¹⁶ Cf. WILLIAMS, David R. *Wilderness Lost. The Religious Origins of The American Mind*. Introduction. Cranbury/ London/Toronto, Associated University Press, 1989.

produzem: desnorteamento e estranhamento. A compreensão do *Wildernes*, geralmente, está relacionada a um lugar onde a percepção humana é abalada, ampliada ou ainda perturbada. A relação é da permanência do homem num meio ambiente estranho, onde a civilização, que normalmente ordena e controla a sua vida, está ausente¹⁷. É onde o homem perde as referências que governam a sua vida. Qualquer lugar em que o homem se sinta sem orientação pode ser chamado de *wilderness*. Dessa forma é possível encontrar a palavra qualificando oceanos, desertos e florestas. Mais recentemente, especialmente no período da corrida espacial entre Estados Unidos e Rússia, a paisagem lunar foi chamada de *wilderness*, no sentido de lugar árido e desolado, sem presença humana.

E mais interessante é que as grandes cidades também foram qualificadas como *wilderness*: lugares onde os habitantes se sentem sozinhos em meio à multidão, fragmentados e perdidos - onde perdem os laços tradicionais de relacionamento¹⁸. As grandes metrópoles norte-americanas como New York, Chicago e Los Angeles têm sido interpretadas, em função do seu gigantismo e “desumanidade”, como espaços que difundem temores, provocam a solidão individual e espalham pânicos esporádicos e por isso são chamadas de *Urban Wilderness*¹⁹. Isso quer dizer que um habitante da cidade pode ver o *wilderness* no campo e o habitante do mundo rural pode ver o *wilderness* na cidade.

Ainda que a palavra *wilderness* seja muitas vezes usada de forma negativa, é possível perceber inúmeras citações relacionadas às formas mais

¹⁷ Cf. NASH, Roderick, ob cit., 1967 p 3.

¹⁸ Para esses sentimentos de fragmentação e isolamento causado pela vida nas grandes cidades, ver BERMAN, Marshal. *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar*. São Paulo, Cia das Letras, 1988.

¹⁹ Ver o trabalho de WARNER, Sam Bass, Jr. *The Urban Wilderness. A History of The American City*. Berkeley/London, University of California Press, 1995.

positivas. É o caso do movimento religioso-filosófico conhecido como transcendentalismo, de Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau, que já percebiam o *wilderness*, desde o século XIX, como o lugar da contemplação, da revelação, do encontro com o divino. Lugar que provocava, sim, sentimentos no ser humano, mas sentimentos elevados que faziam com que o homem se comunicasse com Deus. Para Thoreau, no *wilderness* estava a preservação do mundo. Segundo o autor:

“Das florestas e do *wilderness* vêm a tônica e os sons que dão sentido ao gênero humano”²⁰.

Para Thoreau, no *wilderness* se encontrava a essência da humanidade, as características mais sensíveis do ser humano. Para ele, da centelha divina provocada pelo *wilderness* era possível “melhorar” moralmente o homem. Era um *insight* difícil e delicado, mas que deveria ser freqüentemente exercitado por todos os homens²¹. O transcendentalismo e as suas diversas impressões do *wilderness* estiveram relacionados ao romantismo europeu, em que pensadores viviam os dilemas do período revolucionário e emergente industrialização²². Emerson esteve na Inglaterra e Alemanha em 1832 e 1847, manteve contato com vários pensadores e escritores da época e era amigo pessoal de Thomas Carlyle. O movimento ecológico norte-americano recente, que de alguma forma recupera o transcendentalismo, vê

²⁰ Citado por NASH, Roderick. ob, cit, 1967, p 315.

²¹ Cf. _____, ob, cit, 1967, 84 -85.

²² Sobre o romantismo europeu consultar SALIBA, Elias Thomé. *As Utopias Românticas*. São Paulo, Brasiliense, 1991.

na preservação do *wilderness* uma das formas de melhorar a vida no planeta. E conferem à natureza características sagradas.

Já que a palavra é utilizada para definir lugares geográficos diferentes, devemos ficar com o seu sentido mais amplo e subjetivo. Como já afirmei, a imagem mais usual do *wilderness* é a do homem num meio ambiente estranho, onde a civilização que normalmente ordena e controla a sua vida está ausente, tornando-se, assim, uma incógnita²³. Quer dizer, um lugar oposto aos espaços civilizados. O lugar civilizado é entendido ora como positivo, conferindo ao *wilderness* qualificação negativa; ora o lugar civilizado é compreendido como negativo, conferindo ao *wilderness* qualificação positiva. Lugar onde o homem se sente tomado de estranhamento, perturbado, aturdido, deslocado, desnordeado²⁴. É o lugar onde a percepção sensorial humana é tocada, onde o inteligível e o sensível aparecem de forma marcante. É também o lugar da contemplação, da revelação, do *insight* e da catarse. É uma espécie de lugar imantado que pode exercer sobre o ser humano civilizado atração e repulsa²⁵. De qualquer maneira, o homem não sai do *wilderness* da mesma forma que entrou. Percebido como experiência única de perda ou de criação, é também o lugar de fortalecimento físico e moral, lugar que o homem procura a fim de testar a sua força física ou até regenerar a sua própria vida.

²³ Cf. NASH, Roderick. ob cit, 1967, p 3.

²⁴ Nos Estados Unidos, *wilderness* faz parte da linguagem corrente. Por exemplo: quando um político está sendo isolado pelos seus pares, diz-se que ele está sendo colocado no *wilderness* (*in the wilderness*). Significa ostracismo, exclusão, proscricção. Pode significar isolamento no sentido de não estar compartilhando as últimas novidades. Recentemente ouvi a seguinte expressão: “*I emerged from wilderness. I have electronic address now*”.

²⁵ Ver LE BRIS, Michel. “L’enigme du ‘wilderness’”, in *Magazine Litteraire*, dossier Joseph Conrad, n° 297, Paris, Março, 1992.

No entanto, é importante ressaltar que estamos até aqui considerando *wilderness* como um lugar para facilitar a compreensão do sentido da palavra no **Digest**, porque para alguns poetas, o *wilderness* não está relacionado a lugar nenhum, mas a um estado mental de profundo sofrimento e agonia, ou até de loucura (*The wilderness of mind*). Este foi o caso da famosa poetisa norte-americana Emily Dickinson²⁶, que escolheu para sua vida a solidão e a poesia. Em seus poemas procurou passar as sensações de estranhamento, loucura e absurdo de alguns aspectos da vida. Seus poemas tratavam de um outro espaço feminino, que não aquele compreendido pela sociedade patriarcal, na primeira metade do século XIX. Dickinson falava a partir de uma pequena cidade norte-americana, marcada pelo puritanismo e severidade moral. Por isso, é através da literatura, muitas vezes, que se compreende os sentidos mais amplos e ambíguos do *wilderness*.

2.1.1 - *Wilderness e Literatura.*

Se é no *wilderness* que o homem se vê confrontado com a sua própria condição humana, com seus sentimentos mais íntimos, é na literatura que encontramos de forma mais abrangente o seu sentido enigmático, mais precisamente nos “romances geográficos de aventura” da literatura inglesa, como os que trata Daniel Defoe, no início do XVIII, Kipling e Stevenson do XIX e Conrad na virada para o século XX.

²⁶ Informações sobre Emily Dickinson estão em WILLIAMS, David, ob cit, capítulo 6, 1989 pp 180-212.

Alguns autores norte-americanos trataram do *wilderness* dentro do próprio país, como foi o caso de Fenimore Cooper²⁷ no XIX (o *wilderness* era o Oeste a ser conquistado) e William Faulkner (via o *wilderness* de forma nostálgica, principalmente no seu famoso conto “O Urso”) no século XX. Mas também alguns escritores se ocuparam do *wilderness* fora do país, como no caso de Hermann Melville (que via os oceanos como *watery wilderness*), Jack London que muitas vezes representou o *wilderness* nas regiões geladas do Canadá e no Alaska que ainda não era estado da União (o Alaska foi incorporado em 1959). Na sua vida pessoal, London procurou o *wilderness* para testar a sua força física e determinação, representando esta característica na literatura. Além disso, acreditava na atração irresistível que o *wilderness* exercia sobre o homem civilizado, idéia celebrizada no seu famoso *The Call of The Wild*. Além destes autores, que viam o *wilderness* em ambientes mais isolados, existem os contos clássicos de Nelson Algreen, *The Neon Wilderness*, tratando exclusivamente da solidão nas grandes cidades. Cito como exemplo um pequeno excerto de um conto de Algreen:

“Mary vivia, ao menos, num quarto próprio. Numa daquelas cavernas nas cidades entre o quarto e o hotel barato. Toda porta tinha um número e ninguém conhecia ninguém. Ninguém limpava o hall, porque ninguém alugava o hall...Assim ela vivia entre dormir e acordar. Via o labirinto das milhões de ruas da cidade, milhões de rostos hostis, todos indo para o mesmo lugar”²⁸

²⁷ Fenimore Cooper foi um dos primeiros escritores a trabalhar com o Oeste norte-americano, seus personagens e tipos nacionais em *Tales of Leatherstocking*.

²⁸ Cf. ALGREEN, Nelson. “Design for Departure” in *The Neon Wilderness*. Seven Stories Press, New York, 1986, pp 242-243.

Aqui Algreen trata da cidade como lugar da solidão e do anonimato. Existem também romances que tratam do *wilderness* em relação às paisagens estrangeiras, de instintos esquecidos e brutais, num universo às vezes opaco e misterioso. Nessa direção, os trabalhos de Joseph Conrad, considerado um dos maiores escritores da língua inglesa deste século²⁹, funcionam como um bom exemplo. Os textos de Conrad são interessantes para o entendimento da palavra *wilderness*, em virtude dos seus mais importantes romances (*Heart of Darkness*, *Nostramo* e *Lord Jim*) serem considerados uma grande representação do *wilderness* na literatura.³⁰

Para uma melhor compreensão, vamos nos deter em *Heart of Darkness*, no qual o narrador Marlow relata a sua fantástica viagem a serviço de uma Companhia Belga exploradora de marfim. Marlow descia o rio Congo num vapor inglês até o coração da floresta tropical africana. A sua incumbência era ir ao encontro de Kurtz, homem que trabalhava para a mesma Companhia e encontrava-se no ponto mais remoto da floresta. O clima da viagem era ameaçador. A floresta era mítica, sombria, possuía vida própria e produzia um silêncio aterrador. Marlow descia o rio, como descia aos infernos. Esta viagem ao interior do *wilderness* aos poucos abalava os nervos de Marlow. A sua tarefa era interromper as atividades de Kurtz, que instalado no posto mais distante da exploração do marfim, estava fora de controle da Companhia. Kurtz passara a viver com os selvagens e tornara-se uma espécie de Deus para as populações locais, impondo aos nativos leis e condenações próprias.

²⁹ Conrad nasceu na Polônia, mas mudou-se para a Inglaterra, onde tornou-se escritor, utilizando habilmente a língua inglesa.

³⁰ Ver LE BRIS, Michel, ob cit, 1992.

Conrad procurava dar conta do lado sombrio da condição humana e ao mesmo tempo denunciar o imperialismo inglês. Com esse objetivo escolhia o ambiente africano: o *wilderness*. Lá no lugar hostil e sombrio, os nervos de Marlow eram abalados e faziam com que Kurtz perdesse o controle sobre si próprio. Na verdade Kurtz perdera os limites entre a civilização e a barbárie no interior do *wilderness*. Lugar que Conrad descrevia como:

“aquela vida misteriosa do *wilderness* que se move na floresta, nas selvas, nos corações do homem selvagem. Não há nenhuma iniciação em tais mistérios. Ele tem que viver em meio ao incompreensível, por sua vez também detestável. Mas há também uma fascinação que o domina. Você sabe como é, o fascínio pelo abominável...”³¹.

O cineasta Francis Ford Coppola utilizou a estrutura de *Heart of Darkness* de Conrad para criar o roteiro de *Apocalypse Now*³², filmado em 1979, considerado um dos grandes filmes sobre a guerra do Vietnã. Desta vez, um oficial do exército norte-americano, também chamado Marlow descia o rio Mekong à procura de um oficial de alta patente que havia desertado e encontrava-se em meio à floresta tropical vietnamita. Coppola fala dos horrores da guerra do Vietnã, procurando entender em que lados estavam a civilização e a barbárie.

³¹ Cf. CONRAD, Joseph. *Heart of Darkness*. London, Penguin Books, 1995, p 51.

³² Ver ROUMETTE, Sylvan. “Filmographie”, in *Magazine Littéraire*, Dossier Conrad, 1992, p 60.

O *wilderness* de Conrad e Coppola eram ambientes imaginados como sombrios e aterradores, que abalavam profundamente o homem civilizado. Talvez, por isso, o *wilderness* era caracterizado mais vezes como negativo que positivo; como consequência, o *wilderness* era um lugar que devia ser transformado, dominado pelos padrões considerados “civilizados”. No caso específico dos Estados Unidos, o responsável pela transformação do *wilderness* era o pioneiro, trabalhando, civilizando as regiões ainda primitivas e intocadas. Principalmente no século XIX, o pioneiro foi apresentado como o homem que levava a civilização até o *Wilderness*, transformando-o em terra cultivada. Vamos ver como se deu esse processo do norte-americano civilizando o *wilderness*.

2. 2 - O Mito da Fronteira.

Como disse no início, a palavra *wilderness* foi encontrada no **Digest** norte-americano para caracterizar a América Latina. Na revista brasileira **Seleções**, as palavras que mais foram usadas para qualificar a América Latina foram: fronteira, Oeste e outras que estão relacionadas também a estas duas últimas, como pioneiro, por exemplo. Em primeiro lugar, quero reafirmar que as palavras *Wilderness*, Oeste e fronteira possuem sentidos sobrepostos, imbricados. Nos Estados Unidos, quando se fala em *wilderness*, lembra-se do Oeste, e este faz lembrar os tempos da fronteira. Portanto, é difícil tratar do sentido de *wilderness*, sem procurar entender o sentido das duas outras palavras.

Por várias vezes **Seleções** comparou o continente latino-americano com o Oeste norte-americano. Não o Oeste do século XX, mas o Oeste do século XIX, mais precisamente com aquele que foi dominado e civilizado pelo “homem comum norte-americano”. Por isso é preciso, antes de mais nada, procurar entender os sentidos do Oeste e da fronteira para os norte-americanos³³.

O *wilderness* e a fronteira marcaram profundamente o imaginário nacional nos Estados Unidos, permitindo reforçar o excepcionalismo norte-americano. Segundo este imaginário, foi no Oeste que se construiu a nação norte-americana. Portanto, entender a maneira como os norte-americanos percebiam o seu próprio espaço territorial é importante para compreender como eles viam a si mesmos e às outras culturas. Diz um historiador: “O tempo é a dimensão da História, mas a dimensão básica da imaginação norte-americana é o espaço. Os norte-americanos tratam de compensar o sentido de tempo de que careciam, por meio de um sentido amplo de espaço. Seu pensamento não remonta a uma antigüidade que não conhecem, se dirige para fora, a um teatro geográfico de ação mais amplo, não ao teatro do passado e sim ao futuro”³⁴. Evidentemente, essa concepção norte-americana do espaço territorial como teatro de ação tornam as atitudes muito mais pragmáticas e utilitárias.

No Oeste dos Estados Unidos, a fronteira era a linha imaginária que separava o mundo civilizado do *wilderness*³⁵. Foi sendo deslocada

³³ A utilização e significados das palavras *wilderness*, Oeste e fronteira na revista **Seleções**, para qualificar a América Latina serão tratados no próximo capítulo.

³⁴ Cf. HOFSTADER, Richard. Introdução. *Los Historiadores Progresistas. Turner, Beard, Parrington*, Buenos Aires, Paidós, 1968, p 20.

³⁵ A idéia de fronteira, relacionada ao desenvolvimento dos territórios, esteve presente em vários países. Tanto no Brasil, quanto na Argentina, a questão do interior do país esteve relacionada à nacionalidade. Ver GARCIA, Ledonias Franco, ob cit, 1998 mimeo.

continuamente dos Apalaches ao Pacífico³⁶. Esta ação norte-americana, controlando o *wilderness* e estabelecendo os primeiros assentamentos na região da fronteira foi vinculada à identidade e às questões nacionais nos Estados Unidos. Foi tema na literatura, no cinema, na televisão, nas revistas e almanaques. Não é sem motivo que Hollywood celebrizou os *westerns* épicos³⁷, tratando da construção da nação e hoje é uma filmografia que caiu no gosto da população de vários países.

Embora tenham sido narrados como uma construção heróica, o mito da fronteira e a idéia do *wilderness*, justificaram a devastação dos territórios conquistados e aniquilação das comunidades indígenas, em função do estabelecimento da pequena propriedade privada³⁸. Segundo o historiador Keith Thomaz, problemas relacionados à destruição do meio ambiente nos últimos dois séculos, estão relacionados a questões da propriedade privada e da economia monetária. Para ele: “o predomínio do homem sobre o mundo animal e vegetal foi e é, afinal de contas, uma pré-condição básica da

³⁶ Alguns historiadores norte-americanos afirmam que a região da fronteira, algumas vezes, sequer esteve no Oeste. O estado do Maine e da Flórida, ambos localizados no litoral do Oceano Atlântico foram considerados como áreas de fronteira de colonização. Cf. BURCHELL R. A e GRAY, R. J. “A Fronteira de Colonização Oeste”, in BRADBURY, MALCOM e TEMPERLEY (org) *Introdução aos Estudos Americanos*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1981.

³⁷ A Conquista do Oeste e o *Wilderness* (tanto fora quanto dentro dos estados Unidos) foram temas do cinema desde o início do século, ver: BROWLON, Kevin. *The War, The West and The Wilderness*. New York, Alfred A. Knopf, 1979.

³⁸ Para a compreensão do processo conhecido como Conquista do Oeste e a construção do mito da fronteira, apóio-me no trabalho de historiadores que constituíram um campo nos Estados Unidos chamado de História do Oeste. Ver a trilogia de SLOTKIN, Richard. *Regeneration Through Violence. The Mythology of The American Frontier, 1600-1860*, New York, HarperPerennial, 1996. *Fatal Environment. The Myth of The Frontier in The Age of Industrialization*, HarperPerennial, 1993 e *Gunfighter Nation. The Myth of The Frontier in Twentieth Century America*, New York, HarperPerennial, 1993. Ver também LIMERICK, Patricia. *The Legacy of Conquest. The Unbroken Past of The American West* New York, W.W. Norton & Company, 1987.

história humana. A forma como ele racionalizou e questionou tal predomínio constitui um tema vasto e inquietante”³⁹.

Durante a Conquista da Oeste, a fronteira era tida como o posto mais avançado da civilização no *wilderness*, onde se dava a ação do homem branco transformando, civilizando o meio ambiente, área de desenvolvimento acelerado. Conforme as terras iam sendo colonizadas, este limite foi sendo transferido do litoral, no início da colonização, até o Pacífico, no fim do século XIX.

Segundo Slotkin, a fronteira faz parte da mitologia popular ainda hoje nos Estados Unidos. Possui eficiência, maleabilidade e permanência na cultura norte-americana, já que foi utilizada em vários períodos e em circunstâncias diferentes. Segundo este autor, o mito da fronteira foi desenvolvido por e para uma sociedade agrária e adaptado com sucesso às necessidades de uma república industrial emergente no século XIX⁴⁰. Já no século XX, o mito foi amplamente utilizado para mobilizar a população masculina norte-americana a se engajar em guerras, contra inimigos como o nazismo e o comunismo. Principalmente na guerra do Vietnã, a idéia de *wilderness* e do vietnamita comparado ao índio, foram utilizadas com a finalidade de mobilizar o contingente masculino. Um veterano norte-americano disse na época da guerra que o Vietnã deveria ser entendido como na época dos índios, e selou com a frase: “*The only good gook is a dead gook*”⁴¹. Assim sendo, a evocação da idéia de *wilderness* e do mito da

³⁹ Cf. THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural*, Introdução, São Paulo, Cia das Letras, 1989, p 19.

⁴⁰ Cf. SLOTKIN, Richard ob cit, 1996, pp 33-48.

⁴¹ _____ idem, pp 16-17. Adaptação da frase tantas vezes utilizadas nos filmes de *westerns* ou ainda nos filmes da cavalaria “Índio bom é índio morto”.

fronteira ofereceu exemplos, lições de vida e modelos de comportamento para ação não só no Oeste mas em outras diversas situações ⁴².

A fronteira era vista, então, como um limite entre um mundo de possibilidades do *wilderness* e o mundo limitado da civilização, onde as possibilidades estavam esgotadas. O pioneiro estava em oposição à metrópole. O mito da fronteira oferecia legitimidade a ações que poderiam não ser aceitas na região civilizada, por isso a fronteira era o lugar da ausência de regras ou hierarquias. Ou melhor, as regras eram feitas de acordo com a ocasião e a necessidade. Certamente, estas premissas legitimaram ações violentas e ilegais durante a conquista do Oeste. Segundo essa visão, o desenvolvimento econômico encontrava-se não nas cidades, no Leste; mas no Oeste, nas terras abundantes em recursos do *wilderness*. Era lá que homens comuns podiam adquirir propriedades, tornando-se um *farmer*, um criador de gado, um *cowboy*; ou ainda, ficar rico da noite para o dia, como pensavam que ficariam com a descoberta do ouro na Califórnia. O pioneiro que dominasse o mundo selvagem do *wilderness* e os índios, seus habitantes naturais, era recompensado com o revigoramento da sua força física e fortalecimento do seu caráter. Assim, o mito da fronteira funcionou como um conjunto de justificativas, oferecendo legitimidade para a conquista territorial, ações violentas e guerras de extermínio contra os indígenas.

O imaginário e os mitos que o compõem devem ser entendidos como bens simbólicos de determinada sociedade e podem ser usados tanto pela dominação como pela resistência ⁴³. Evidentemente o mito só funciona se a

⁴² Cf. SLOTKIN, Richard, ob cit, 1996, idem, p 15 a 17.

⁴³ Ver BACZKO, Bronislaw. "Imaginários Sociais", in Enciclopédia Einaudi, Lisboa/Imprensa Nacional, 1985, pp 296-330.

cultura é uma comunidade de imaginação, se a sociedade o aceita como representação válida da realidade⁴⁴. Relembro novamente a efervescente contracultura norte-americana dos anos 60 que reagiu contra o conservadorismo norte-americano e a guerra do Vietnã, utilizando os mesmos símbolos que foram usados para mobilizar para a guerra: a idéia de *wilderness* e o mito da fronteira. Os jovens norte-americanos daquela época, questionavam o materialismo da sua sociedade, reivindicavam para si um modelo de vida comunal, perto do *wilderness*, tal como os antigos índios norte-americanos⁴⁵. A partir dessa década o *wilderness* passou a ser entendido por alguns grupos ecológicos mais radicais como a única esperança para salvar a vida no planeta e a preservação tornou-se saída para todos os males do planeta.

2.3 - Wilderness e Fronteira na História norte-americana.

Desde a chegada dos primeiros peregrinos em 1620, encontram-se referências em documentos ao *wilderness* e à fronteira. Os peregrinos faziam parte da mais extremista seita protestante, *The Separatists*. Eles recusavam-

⁴⁴ BACZKO, Bronislaw, ob cit, 1985, p.325.

⁴⁵ Nos anos 60 e 70 surgiram também muitos filmes anticavalaria, como foi o caso do famoso *Pequeno Grande Homem* de Arthur Penn (1970) e o *Grande Massacre Sioux* de Sidney Sikow, (1965), que criticavam abertamente os antigos *westerns*, nos quais a cavalaria era exaltada e o massacre indígena justificado. Uma outra apropriação interessante da vida do Oeste pelos jovens da contracultura foi a utilização das calças *jeans*, como exemplo de rebeldia (que já havia sido usada pelos beatniks nos anos 50 ou os “rebeldes sem causa”, como James Dean, no cinema). Consta que o *blue jeans* surgiu na Califórnia, na época da corrida do ouro. Um descendente de europeus, chamado Levi Strauss chegava a Califórnia com peças de panos grosseiros, com a finalidade de vender para confecção de barracas. Alguém, então disse ao vendedor que, na verdade, os mineiros estavam precisando de calças resistentes, uma vez que as utilizadas rasgavam constantemente. Strauss imaginou, então, uma calça com costuras reforçadas, que tivesse rebites nos bolsos e em outras partes onde mais se rasgava a antiga roupa dos mineiros. Cf. FOHLEN, Claude, *O Faroeste*, São Paulo, Cia das Letras, 1989, p 74.

se a estabelecer qualquer acordo com a igreja inglesa no final do século XVI. Os peregrinos, ao atravessarem o Atlântico a bordo do navio *Mayflower*, comparavam-se aos hebreus, o povo eleito por Deus, ao atravessar o Rio Jordão rumo à terra prometida. Travessia através do *wilderness*, que também significava passar por provações a fim de alcançar a terra prometida. Alguns dias depois de chegar em Plymouth, próximo a Cape Cod, o seu líder William Bradford escrevia:

“Por hora, não posso parar e fazer uma pausa e assombrar-me ante o estado atual desta pobre gente...Havendo assim cruzado o vasto oceano e suportado um mar de dificuldades antes e durante a preparação...eles não possuem agora amigos que lhes dêem boas vindas, nem pousadas para reconfortar e acolher os povos e aos que solicitam socorro... E quanto à estação, era inverno, e quem conhece os invernos deste lugar sabe que são rudes e violentos e sujeitos a cruéis e formidáveis tormentas, perigosos para quem viaja a lugares conhecidos, e muito mais para quem reconhece uma costa desconhecida. Ademais, o que podiam ver, além de um *wilderness* horrível e desolado, cheio de bestas e homens selvagens? Quem os podia apoiar agora, salvo o espírito de Deus e sua graça”⁴⁶

Bradford registrou a primeira impressão dos peregrinos sobre o *wilderness* norte-americano. Se no período das descobertas, os europeus viam o novo mundo como paraíso⁴⁷, quando chegaram aos territórios

⁴⁶ Cf. Em MAX, Leo. *The Machine in The Garden. Technology and The Pastoral Ideal in America*, p 41 e NEVINS, Alan e COMANGER, Henri Steele. *Breve História de Los Estados Unidos*, Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1994, p 16.

⁴⁷ Ver HOLLANDA, Sérgio Buarque. *Visão do Paraíso. Os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*, São Paulo, Ed. Nacional/Edusp, 1969.

desconhecidos e se depararam com as dificuldades do meio ambiente e perigos, como os ataques indígenas, a região passou ser vista de forma temerosa. A solução era dominar o mais rápido possível o meio-ambiente hostil.

Ainda que os Estados Unidos tenham sido colonizados por uma diversidade grande de seitas e grupos, foram os peregrinos e os seus textos sobre a travessia do Oceano Atlântico, o pacto do *Mayflower* e as dificuldades encontradas no início da colonização, que permaneceram mais fortemente no imaginário norte-americano. Textos e sermões dos peregrinos são lembrados ainda hoje. Foram utilizados tanto por conservadores, quanto pela resistência, como foi o caso de Martin Luther King Jr. no período da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos⁴⁸.

Num primeiro momento, os peregrinos cultivaram uma relação com os índios, com quem aprenderam meios de sobrevivência, como o cultivo do milho, planta originária das América. Este procedimento os salvou da morte certa e do enfrentamento com os rigorosos invernos da região. Num segundo momento, os peregrinos já estabelecidos - e com a chegada de novos imigrantes protestantes da Inglaterra - procuraram civilizar o *wilderness*, anexando as terras em que viviam os índios. John Winthrop, puritano, um dos colonizadores e depois governador de Massachussets Bay, informava:

“Eles (os índios) não cercam a terra, não têm habitação permanente e nenhum deles domestica o gado para melhorar a terra, e por isso tem somente o direito natural sobre estas terras. Assim, se

⁴⁸ Sobre a utilização da retórica religiosa nos estados Unidos e o puritanismo, ver BERCOVITCH, Sacvan. *The American Jeremiad*, Wisconsin, University of Wisconsin Press, 1978 e MILLER, Perry. *Errand into The Wilderness*. Massachussets/ London, Harvard University Press, 1996.

deixarmos terra suficiente para seu uso, podemos legalmente tomar o resto”.⁴⁹

Os colonos tinham-se como comunidade sagrada no século XVII e acreditavam poder decidir sobre o destino dos habitantes naturais da terra que começavam a colonizar. Firmava-se assim a impossibilidade de convivência entre o *wilderness* e a civilização. Ao longo dos séculos seguintes, o pioneiro que ia para o posto avançado da fronteira, encarava o *wilderness* como um mundo novo, repleto de possibilidades; mas também era assaltado por diversos temores, dadas as dificuldades encontradas no dia a dia, principalmente os constantes ataques indígenas. A solução continuava a ser dominar o meio-ambiente hostil.

Durante e logo após as guerras de Independência, os conhecidos pais fundadores - Paine, Jefferson, Madison e Hamilton - procuraram dar unidade às treze colônias, evitando os perigos da desunião. A unidade norte-americana foi construída contra um inimigo externo comum, a Inglaterra. A idéia de nação passou a ser organizada sobre a argumentação de que os norte-americanos formavam uma nação única - e como se viam como descendentes diretos dos peregrinos - percebiam-se como um povo eleito por Deus. Dessa maneira, acreditavam que o mundo que construíam era diferente e superior a todos os outros que existiam na Europa. Imaginavam estar criando uma sociedade exclusiva e incomum. Mundo novo e dinâmico como ainda não existia no planeta⁵⁰.

⁴⁹ Citado por DIEGUES, Antonio Carlos Sant’anna. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*, São Paulo, Napahub/Edusp, 1994, p 21.

⁵⁰ Sobre os mitos e a exclusividade da sociedade norte-americana, ver MARIENTRAS, Elise “*Les Mythes Fondateurs de La Nation Americaine*. Introduction e Capítulo 1 - da parte 2, Bruxelas, Complexe, 1992.

Com a Independência criou-se ainda uma outra idéia: a de que o norte-americano era um novo tipo de homem, completamente desvinculado do passado, “emancipado da História”, por isso inocente e espontâneo, sem pecados e culpas, identificado com o Adão antes da queda. Era o começo absoluto, início de uma outra História desconectada do passado: o Adão norte-americano tinha apenas o futuro pela frente. Não era apenas a separação da Europa que estava acontecendo durante e após a Independência, era principalmente a desvinculação completa de sua História. Tudo o que lembrasse a Inglaterra devia desaparecer. Dessa maneira, a nascente democracia norte-americana vinha acompanhada por um enorme sentimento de possibilidades, mas também por sentimentos de impaciência, intolerância e hostilidade. Não se pode esquecer que os valores democráticos norte-americanos foram construídos a partir das idéias liberais européias, procurando manter a liberdade da livre iniciativa contra o controle da coroa inglesa.

Ao novo homem norte-americano, tido como inocente e dotado de energia excepcional, cabia uma tarefa incomum: construir um mundo a partir do zero. Como um novo Adão, motivado pelas melhores das intenções, podia tudo tentar⁵¹. A idéia de separação da Europa foi amplamente veiculada por políticos e representada por romancistas, poetas e pintores. A natureza, o *wilderness* norte-americano - principalmente a da região norte do país - que em alguns momentos da colônia era encarada como entrave para a modernização, dadas as dificuldades do clima frio, passou a ser entendida como algo que diferenciava a América da “velha

⁵¹ Sobre a Independência norte-americana e a relação com o Adão antes da queda, ver LEWIS Richard W. B. *The American Adam*. Prologue e parte 1. Chicago, University of Chicago Press, 1955.

Europa” desgastada e decadente. Surgem nesta época, no Leste, os primeiros paisagistas norte-americanos, os da chamada Escola do Rio Hudson. Estes pintores representaram de forma impressionante o *wilderness* da jovem nação. Naquelas telas, o *wilderness* norte-americano foi apresentado como a singularidade norte-americana, diferente da decadente Inglaterra. Eles construíram uma arte nacionalista e constitutiva da identidade⁵². A construção imaginária de uma natureza virgem e intocada no novo mundo, a concepção de terra habitada pelo homem norte-americano representado como excepcional - o Adão inocente - transformavam os Estados Unidos numa espécie de Éden bíblico.

Ainda no início do século XIX, uma outra manifestação nacionalista desta vez justificava como destino manifesto a anexação e compra dos territórios que ainda não pertenciam aos norte-americanos até então⁵³. Estas idéias conferiam aos Estados Unidos valores superiores, já que se consideravam como povo eleito por Deus, com direitos à terra prometida. Dentro desta ordem de idéias estavam certos de possuir um preeminente valor social e uma missão excelsa. Acreditavam estar predestinados a civilizar qualquer território classificado como bárbaro e inculto⁵⁴.

No entanto, a conquista territorial norte-americana já se ensaiava antes da Independência das treze colônias e a formação da nação. Logo depois da guerra franco-índia, a Coroa inglesa determinou que o seu território ia da costa do Atlântico aos Apalaches. Queria com isso evitar problemas e

⁵² Ver PRADO, Maria Ligia C. “Natureza e Identidade Nacional na América”, in *Ensaio sobre Política e Cultura na América Latina do Século XIX*. Tese de Livre Docência apresentada à FFLCH-USP, 1996, mimeo.

⁵³ Em 1803, os Estados Unidos compraram a Lousiana da França. Em 1819 conquistaram a Flórida dos espanhóis. Em 1845, anexaram o Texas e entre 1846 e 1848, na guerra contra o México, incorporaram metade do território mexicano.

⁵⁴ Sobre o Destino Manifesto, ver o trabalho clássico de WEINBERG, Albert. *Destino Manifesto. El Expansionismo Nacionalista en La Historia Norte-americana*, Buenos Aires, Paidós, 1968.

acalmar os índios estabelecendo territórios para a Coroa e para os nativos. Em 1767, portanto nove anos antes da Independência, Daniel Boone, um caçador e negociante de peles da Virginia, desobedecendo as ordens da Coroa atravessava os Apalaches, abrindo a *Wilderness Road* e iniciando a colonização do que viria a ser o estado do Kentucky. Em 1784, o escritor John Filson escreveu uma biografia romanceada contando a vida de Daniel Boone e as adversidades encontradas na abertura da *Wilderness Road*. O romance de Filson popularizou-se rapidamente, transformando Daniel Boone em herói nacional. O sucesso da biografia de Filson demonstrava já a aceitação das histórias do Oeste pelos norte-americanos. E, mais do que isso, mostrava que a História estava sendo transformada numa versão, na qual a conquista do Oeste ganhava uma conotação romanceada e mítica, onde as ações do homem branco eram justificadas e legitimadas sobre territórios alheios e culturas diferentes.

Logo depois da viagem de Daniel Boone, uma outra expedição foi planejada nos Estados Unidos. Thomas Jefferson havia se tornado presidente em 1801 e em 1803 comprou a Louisiana da França. Logo após a aquisição, designou seu secretário particular Meriwether Lewis e o soldado-explorador William Clark para uma expedição que mapeasse o território⁵⁵. A expedição Lewis and Clark é considerada a primeira expedição governamental norte-americana e já tinha como um dos objetivos ampliar o comércio dos Estados Unidos. Jefferson estava interessado em conseguir uma passagem para o Oceano Pacífico. Por isso Lewis and Clark partiram com o objetivo de mapear a Louisiana, mas o fizeram também em outros territórios que não pertenciam aos Estados Unidos. Viajaram pela parte

⁵⁵ Ver LEWIS, Meriwether and CLARK, William. *The History of The Lewis and Clark Expedition*. New York, Dover Publication, s/d

Norte do país, seguindo os rios. Chegaram ao Pacífico no território depois chamado de Oregon. Esta expedição estava fundamentada nos ideais iluministas de classificação e conhecimento da flora e fauna. A expedição de Lewis e Clark é considerada uma das primeiras viagens em que se fez um relato detalhado da região: rios foram mapeados, acidentes geográficos foram localizados⁵⁶ e serviram como parâmetro para a conquista e povoamento dos territórios posteriormente.

Entre 1831 e 1832 (antes da incorporação do Texas e da Guerra com o México), o francês Alexis de Tocqueville procurava entender a nação que surgia. Previa ele sobre as questões territoriais norte-americanas:

“O território ocupado ou possuído hoje em dia pelos Estados Unidos da América constitui mais ou menos a vigésima parte das terras habitadas. Embora sejam amplos aqueles limites, erraríamos, se crêssemos que a raça anglo-americana ficará para sempre encerrada neles... existem apenas duas raças rivais a dividir hoje o Novo Mundo, os espanhóis e os ingleses. Além das fronteiras da União estendem-se, da banda do México, vastas províncias que ainda não têm habitantes. Os homens dos Estados Unidos penetrarão naquelas solidões, antes mesmo daqueles que têm direito de ocupá-las. Apropriar-se-ão do solo, estabelecer-se-ão ali em sociedade e, quando o legítimo proprietário apresentar-se afinal, encontrará o deserto fertilizado e estrangeiros tranqüilamente instalados na sua herança. Assim, no meio da incerteza do futuro, há pelo menos um acontecimento certo. Numa época que podemos dizer próxima, pois aqui se trata de vida de povos, os anglo-americanos cobrirão sozinhos todo o espaço

⁵⁶ Sobre a expedição Lewis and Clark, ver SMITH, Henry Nash. *Virgin Land, The American West as Symbol and Myth*. Harvard University Press, Cambridge-Massachusetts/London, 1995.

imenso compreendido entre os gelos polares e os trópicos; espalhar-se-ão das costas do Oceano Atlântico até as bordas do Mar do Sul”⁵⁷.

Tocqueville percebera a ansiedade norte-americana em anexar territórios e se ressentia pelo fato da Louisiana ter sido vendida aos norte-americanos.

Na segunda metade do século XIX os jornais e outros periódicos norte-americanos descobriram a potencialidade do Oeste e passaram a publicar inúmeras novelas e pequenos romances sobre as conquistas territoriais, enfatizando a atmosfera mítica da conquista em edições populares a baixo custo. Eram as conhecidas *dime-novels* (romances baratos, de dez *cents*), onde o pioneiro e o cowboy ganhavam a condição de heróis lutando contra a selvageria do *wilderness* e dos índios. Nesta literatura firmava-se principalmente o pioneiro como o *farmer*, o agricultor. Aparecia então o território transformado em motivos pastorais, onde a agricultura trazia a paz e a sensibilidade. Sabe-se que o agrarismo foi um dos projetos norte-americanos, defendido de forma contundente, inclusive, por Thomaz Jefferson, que imaginava um país democrático de pequenos proprietários brancos e agricultores⁵⁸.

Interessante foi o caso do Coronel William Cody, mais conhecido como Buffalo Bill. Cody era contratado da estrada de ferro Kansas Pacific e tinha como trabalho matar os bisões que freqüentemente destruíam os trilhos

⁵⁷ Cf. TOCQUEVILLE, Alexis. *Democracia na América*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1987, pp 312-314.

⁵⁸ É conhecido o debate entre Thomas Jefferson, que defendia uma sociedade agrária, baseada na pequena propriedade e Alexander Hamilton que apostava no crescimento da manufatura do país. Sobre as várias conotações do agrarismo nos Estados Unidos, ver o trabalho de SMITH, Henry Nash, ob cit, 1995. Sobre o debate entre agrarismo e industrialização no século XIX nos Estados Unidos, consultar. MARX, Leo, ob cit, 1964.

dos trens. Ao terminar a sua missão, Bill montou uma espécie de circo, chamado de *Wild West Show*, que andava de cidade em cidade do Oeste exibindo índios e animais e representando a luta entre o pioneiro e o índio. Não é preciso dizer que, nestas apresentações, o pioneiro sempre levava a melhor. Buffalo Bill era um personagem real da Conquista do Oeste que passava a representar uma versão dessa mesma conquista.

A literatura popular (as *dime-novel*), biografias como a de Daniel Boone por John Filson e romances, tais como os *Thales of Leatherstocking* de Fenimore Cooper - apenas para citar exemplos famosos - e mais manifestações como as do *Wild West Show* de Buffalo Bill, foram reforçando a idéia do *wilderness* como um componente do Oeste norte-americano que deveria ser dominado. E criando uma galeria de tipos excepcionais que se transformaram também em personagens nacionais ou até mesmo em heróis nacionais. Eram eles: o fazendeiro (*farmer*), o *cowboy*, Daniel Boone, o caçador de índios; David Crocket, o caçador de peles (*leatherstocking*) Buffalo Bill, o caçador de bisões, apenas para ficar nos exemplos conhecidos. Dessa maneira, o Oeste foi se transformando em lenda já no século XIX e foi celebrizado pelo cinema no século XX. O tipo nacional norte-americano já estava relacionado à conquista do Oeste, ao estabelecimento da pequena propriedade e ao controle do *wilderness*⁵⁹, já no século XIX.

No final do século XIX, um outro tipo de texto sacudiu os meios intelectuais norte-americanos. Frederick Jackson Turner, um jovem professor de Wisconsin, leu para um grupo de colegas em Chicago um *paper* de mais ou menos 30 páginas chamado *The Significance of The Frontier in*

⁵⁹ Ver SLOTKIN, Richard, ob cit, capítulos 8, 9 e 10, 1996.

American History. Este texto causou um grande impacto entre os historiadores, pois modificava completamente as duas interpretações sobre o desenvolvimento econômico norte-americano: a primeira que creditava o desenvolvimento norte-americano em função da Guerra Civil e abolição da escravidão e a segunda que propunha que o germe da nacionalidade e engenho norte-americano vinham das florestas alemãs - na origem da raça anglo-saxã⁶⁰. Turner propunha que o desenvolvimento norte-americano não estava no antagonismo Norte e Sul. Mas entre o Leste “civilizado” e o *wilderness* no Oeste. Nesse texto, Turner afirmava que o Censo de 1890 pela primeira vez considerava que não existiam mais no país áreas “desabitadas”. Portanto, afirmava que havia acabado o período da Fronteira norte-americana. Para ele, a existência de um contínuo espaço de *free land* e o avanço contínuo do estabelecimento norte-americano explicava o desenvolvimento do país e - mais do que isso - a atuação excepcional do pioneiro havia criado e fortalecido a democracia.

A contínua adaptação do pioneiro norte-americano às situações adversas, deu a ele maleabilidade e força física. Segundo Turner, era na fronteira que as levas de imigrantes haviam se tornado norte-americanas; onde haviam deixado de ser europeus e encontravam a sua *uniqueness* norte-americana. Escreveu Turner:

“...O *wilderness* foi interpenetrado por linhas de civilização crescentes cada vez mais numerosas. É como o crescimento constante, de um sistema nervoso complexo, pelo continente antes simples e inerte. Se alguém quiser entender porque somos hoje

⁶⁰ Mais informações sobre Turner podem ser encontradas em HOFSTADER, Richard, *Los Historiadores Progresistas. Turner, Beard, Parrington*. Buenos Aires, Paidós, 1968.

uma nação, mais que uma coleção de estados isolados, este alguém deve estudar a economia e a consolidação social do interior do país. Acompanhando o progresso a partir das condições selvagens⁶¹.

A área de fronteira era vista por Turner como o espaço de rápida e efetiva americanização. E mais que isso, era a área da constituição do individualismo e da democracia. Segundo Richard Slotkin, a tese de Turner bifurcava-se em dois sentidos. Primeiro, a cidade era representada como o mais alto desenvolvimento cultural e econômico, mas sofria de defeitos e vícios. Segundo, a partir das cidades, a fronteira vinha se movendo cada vez mais em direção ao Oeste, levando desenvolvimento e organização ao *wilderness*⁶². Conforme Turner o *wilderness* tinha sido interpenetrado por linhas de civilização cada vez mais numerosas num processo contínuo: primeiro, o caçador, depois, o negociante de peles, em seguida, o agricultor e o comércio e por fim a manufatura se instalava no país. Na verdade, Turner com a sua tese reforçava aspectos que estavam no imaginário norte-americano: os Estados Unidos se constituíram e se fortaleceram como uma “nação plantada no *wilderness*”.

Embora desde a Independência existisse uma literatura que tratava o Oeste de forma positiva, Turner escreveu num período no qual começava a existir uma reação do Oeste com relação ao profundo preconceito do Leste. O Oeste era freqüentemente desqualificado, caracterizado como caipira e rude em contraposição ao Leste aristocrático e influenciado pela cultura refinada européia. A cidade, onde Turner apresentara seu texto era Chicago,

⁶¹ Cf. TURNER, Frederick Jackson. “The Significance of The Frontier in America History”. In *The Frontier in America History*, New York, Dover, 1996, p 15.

⁶² Cf. Richard Slotkin, ob, cit 1993 p, 41.

numa exposição dedicada a Colombo e ao descobrimento, em uma reunião da *American Historical Association*. A escolha da cidade de Chicago para o evento, já era resultado da pressão dos estados do Oeste, contra a contínua realização de ventos e exposição no Leste⁶³. Em Chicago, “Turner apresentou uma visão do caráter norte-americano concebido de modo que a essência mesma da nacionalidade era recuperada dos historiadores do Leste”⁶⁴.

O texto rapidamente transformou-se em explicação para o sucesso da História norte-americana. E foi lido inclusive fora dos meios acadêmicos. O texto de Turner caíra num ambiente já fertilizado pelo mito da fronteira e pela idéia de *wilderness*. Dessa maneira, o texto do historiador sobre a Fronteira transformara em explicação histórica aspectos e mitos que estavam no imaginário norte-americano e procurava “virar” as interpretações históricas, colocando o Oeste e o pioneiro como fatores determinantes do desenvolvimento norte-americano.

Embora Turner visse na Fronteira e no *wilderness*, a fonte da nacionalidade norte-americana, e portanto como algo bastante positivo, a verdade é que a natureza vista como única, marcava a diferença com relação

⁶³ DeWitt Wallace, o idealizador do *Digest*, nasceu em 1889 em Minnesota, quatro anos antes do historiador Frederick Jackson Turner, ter apresentado o seu *paper* em Chicago. De Witt Wallace certamente passou a sua adolescência e maturidade vivendo a virada dos estados do Oeste do país, contra o Leste. Foi quando o Oeste começava a ser valorizado no seu próprio país. Como vimos no primeiro capítulo, Wallace era homem nascido e criado no Oeste, no final do século passado - estava profundamente impregnado pelos mitos da fronteira, pela idéia de *wilderness* e pelas histórias do Oeste. Ao montar a sua revista, soube escolher funcionários e executivos que de alguma maneira possuíam sentimentos e idéias semelhantes. Ainda que a revista tratasse de uma enorme variedade de temas, os personagens lendários do Oeste como os pioneiros e os *cowboys* apareciam constantemente na revista. Para o *Digest*, os Estados Unidos conheceram grande desenvolvimento graças ao Oeste, aos primeiros pioneiros e acima de tudo aos *farmers*. O objetivo de Wallace era (re)inventar esta América inocente, simples e poderosa, da época da fronteira. Esforçou-se por isso enquanto viveu.

⁶⁴ Cf. HOFSTADER, Richard, ob cit, 1968, p 59.

à Inglaterra no início do século XIX, estava à beira da aniquilação completa no fim do século, exatamente no período em que Turner escrevia. Evidentemente Turner tinha como positivo, o controle e a transformação do *wilderness*. Em virtude da ação dos homens da fronteira e da industrialização crescente - as estradas de ferro, por exemplo, cortaram o continente do Atlântico ao Pacífico, exterminando índios e animais e pondo abaixo o *wilderness* - “preservacionistas” começaram a criticar a modernização e denunciar que o *wilderness*, tido como algo exclusivo da nação norte-americana logo após a Independência, estava sendo exterminado. Surgia portanto uma idéia absolutamente nova na época: transformar partes do que ainda sobrou do *wilderness* em parque nacional. Os Estados Unidos inventaram a idéia de preservação de natureza primária em parques nacionais e foram o primeiro país a estabelecer uma região com estas características: o parque nacional *Yellowstone*, criado em 1872, depois de um amplo debate no congresso. Nesta época, os preservacionistas norte-americanos como John Muir Wood e Aldo Leopold entendiam por *wilderness* a natureza intocada e os animais selvagens que a habitavam, ao contrário de outros que imaginavam o *wilderness* transformado em zona agrária.

Qual foi a solução encontrada? Reservar algumas áreas para a preservação, como *Yellowstone*, conhecido pelas suas fontes termais e fenômenos raros como os *geysers*. O argumento para se conseguir tal solução foi o de que as áreas que imaginavam vir a ser parques nacionais não eram utilizáveis para agricultura. Assim poderiam se tornar “áreas selvagens públicas”, onde o norte-americano poderia ver e se sensibilizar

com o *wilderness* intocado⁶⁵. Em 1872, *Yellowstone* se transformara em Parque Nacional. Em 1890, *Yosemite* na Califórnia seguia o mesmo processo, graças a insistência do preservacionista John Muir Wood.

Vale lembrar que o território de *Yellowstone* era habitado na segunda metade do século XIX pelos índios *Crow*, *Blackfeet* e *Shoshone-Bannock*. Esses índios eram descritos, ora como demônios, ora como bestas selvagens, pelos norte-americanos⁶⁶. Foram retirados do território do parque e confinados em reservas, a fim de cumprir a idéia de que *Yellowstone* era o local do *wilderness* - agora visto como espaço da natureza intocada - espécie de paraíso perdido, onde o homem ainda não colocara o pé.

Até o final do século XIX, os índios que sobreviveram ao confronto com os colonos durante a conquista do Oeste foram confinados em reservas. Buffalo Bill e seu grupo massacraram perto de 60 milhões de cabeças de búfalos, durante a segunda metade do XIX. As poucas cabeças selvagens que ainda podem ser vistas no país encontram-se em *Yellowstone*. O restante são rebanhos conhecidos pelos nomes de *Allard-Pancho* e *Conrad*, em Montana, confinados para fins comerciais.

Pode-se afirmar, então, que uma das características marcantes da construção da nacionalidade norte-americana, deu-se com a versão mítica do avanço contínuo da fronteira e do confinamento do *wilderness*. Confinamento do que era considerado selvagem: a natureza em parques nacionais, os índios em reservas, e algumas raças de bisões confinadas para fins comerciais. O que fosse classificado como selvagem deveria estar sob controle do homem branco, civilizado. A nação e as questões referentes à

⁶⁵ Ver NASH, Roderick, ob cit, 1967, pp 108-121.

⁶⁶ Ver DIEGUES, Antonio Carlos, ob cit, 1994, 22-23.

identidade norte-americana estiveram, então, profundamente relacionadas ao controle do *wilderness*.

Na virada do século XIX para o século XX, o extermínio de animais já era preocupante - não só nos Estados Unidos, como na África, uma vez que o continente africano possuía um sem número de animais que não existiam em outros países e já corriam o risco de extinção. As colônias européias na África tornaram-se fornecedoras de animais para exibição em zoológicos, fornecedoras de peles e do precioso marfim, o que já colocava várias espécies em risco.

Grupos norte-americanos e ativistas ingleses pressionavam o governo da Inglaterra com o intuito de criar reservas na África, onde a caça deveria obedecer algumas regras. Destacou-se nesta empreitada Theodore Roosevelt, presidente dos Estados Unidos entre 1901 e 1909, que tinha idéias completamente diferentes das dos preservacionistas como John Muir Wood e Aldo Leopold. Roosevelt era exímio caçador, prática adquirida nos constantes confrontos com o *wilderness*. Preocupava-se com a possibilidade de extinção dos animais selvagens e, por isso, ficar sem o prazer do esporte da caça. Criando-se reservas africanas com licença para safáris, estações em que era proibido o esporte e a criação de métodos de captura, era possível manter os rebanhos em algum equilíbrio e, por conseqüência, manter os safáris. Assim na África do Sul, primeiro se estabeleceu uma área chamada *Sabi Game Reserve*, controlada particularmente pelos caçadores e para os caçadores. Em 1926, esta área se transformou no *Kruger National Park*, baseado no conceito de parque nacional norte-americano (*Yellowstone e*

Yosemite) onde a vida selvagem deveria ser preservada, extinguindo assim a atividade da caça⁶⁷.

Theodore Roosevelt havia estabelecido para a América Central a política do *Big Stick*. Baseado nas diretrizes dessa política, por diversas vezes interviu em países naquela região e criou o Canal do Panamá, que, dada a presença das florestas no país, o Panamá também foi representado como um *wilderness*. Roosevelt foi considerado por uns o “último dos românticos”, por outros, o presidente que havia levado para a política, o comportamento do homem da fronteira, já que era grande fazendeiro e criador de gado.

Depois do fim do seu mandato, envelhecido, mas ainda voluntarioso, Roosevelt resolveu provar novamente a sua força física, fazendo uma viagem pela América do Sul, entre 1913 e 1914. Nesta trajetória passou pelos Andes, Paraguai e atravessou o Amazonas numa expedição com o marechal Rondon. Lá Roosevelt e Rondon mapearam um rio que era então desconhecido (o Rio da Dúvida) que passou a se chamar Rio Roosevelt⁶⁸. O ex-presidente norte-americano deixou um relato sobre essa viagem num livro de título: *Through The Brazilian Wilderness*. Dizia ele no seu livro:

“Uma quantidade imensa de trabalho, geográfico e zoológico, permanece a ser feito na América do Sul, neste verdadeiro *wilderness*”⁶⁹

⁶⁷ Sobre os parques nacionais ver NASH, Roderick, ob cit, 1967, pp 342-378.

⁶⁸ Informações sobre a viagem de Roosevelt estão em ORNIG, Joseph. *My Last Chance to be a Boy. Theodore Roosevelt's South American Expedition of 1913-1914*. Louisiana, Louisiana University Press, 1998.

⁶⁹ Ver ROOSEVELT, Theodore. *Through The Brazilian Wilderness*, Pennsylvania, Stackpole Books, 1994, p 358.

Roosevelt foi acometido de malária algumas vezes durante a viagem. Consta que não se recuperou completamente do esforço realizado. Vimos como a idéia de *wilderness* atraía o ex-presidente norte-americano, levando-o, inclusive, a fazer uma viagem arriscada à região do Amazonas, uma das últimas regiões completamente desconhecidas do planeta, conforme o próprio Roosevelt.

Assim, pudemos ver de que maneira a idéia de *wilderness*, o mito da fronteira e a Conquista do Oeste foram aos poucos se incorporando nos Estados Unidos, tornando-se uma referência cultural, presente no imaginário norte-americano.

Este imaginário sobre o Oeste é especialmente utilizado pela publicidade. É o caso da famosa propaganda dos cigarros Marlboro, que há anos se utiliza da mesma imagem do homem do Oeste para relacionar o seu produto à uma vida rústica e masculina. Além dos cigarros, outros produtos como carros e *blue jeans* são freqüentemente relacionados ao Oeste, a fim de aumentar as vendas.

Além disso, a presença do Oeste é tão marcante para os norte-americanos que os projetos *Apollo* e *Mercury* de exploração lunar foram chamados de zona de fronteira e recentemente Robert Zubrin, um idealizador de uma colônia em Marte - jovem que trabalha numa empresa, voltada para projetos astronáuticos, de sugestivo nome: *Pioneer Astronautics* - declarou em entrevista para uma revista brasileira:

“Aqueles que forem a Marte serão os que plantarão as sementes da sua civilização num mundo novo. Se outras nações querem que sua herança faça parte da nova civilização marciana, devem juntar-se ao esforço de exploração e agir agora. Mas tenho certeza que

dentro de alguns séculos os descendentes dos colonos declararão independência da Terra assim como os americanos e brasileiros um dia o fizeram”⁷⁰.

Ainda, que Zubrin não cite a palavra fronteira, ou *wilderness*, é possível perceber as conotações épicas que de alguma forma marcaram os Estados Unidos: a idéia de povoar territórios de geografia desconhecida e possibilidades imaginadas. Ultimamente a nova fronteira é relacionada constantemente nos Estados Unidos ao espaço e às possibilidades de se conhecer outros planetas e satélites. Jornais e outras mídias comparam estas viagens às de outros exploradores terrestres e evocam constantemente a atmosfera romântica e nostálgica ao se tratar do Oeste e da fronteira norte-americana.

* * *

Procurei mostrar neste capítulo que a palavra *wilderness* possui significados complexos. Para uma melhor compreensão, deve-se se deter no que o observador aponta como *wilderness*. No seu aspecto negativo significa um lugar oposto à civilização, onde o homem perde as referências. É acometido de estranhamento, sentindo-se deslocado e perturbado. *Wilderness* esta relacionado aos sentimentos e impressões sensorais que os lugares ditos selvagens produzem no homem civilizado. No entanto, movimentos religiosos, como o transcendentalismo, viram nesse estranhamento, uma oportunidade de encontro com o divino, conferindo à essa sensação, uma visão positiva.

⁷⁰ Cf. Marte Classe Econômica, in *Isto É*. 15/01/97.

Desde a chegada dos peregrinos no século XVII, o interior da colônia inglesa era chamado de *wilderness*. No século XIX, logo após a Independência, com a conquista de territórios, o *Wilderness* passou a ser visto no Oeste do país. Lá, nas regiões mais remotas, a zona em que a civilização se encontrava com o *wilderness* era chamada de fronteira, a linha imaginária e móvel que se deslocava mais e mais em direção ao Oeste. Considerada como zona de desenvolvimento e área de estabelecimento dos pioneiros que procuravam adquirir a pequena propriedade.

Procurei mostrar que os sentidos de *wilderness*, Oeste e fronteira estão sobrepostos, imbricados, relacionados. Fazem parte do imaginário norte-americano e estão relacionados à identidade e ao nacionalismo norte-americano. Por outro lado, esse imaginário justificou e legitimou a aniquilação de comunidades indígenas inteiras, a destruição do meio-ambiente e espécies selvagens; reforçando o excepcionalismo norte-americano e expansionismo, através da idéia de que os norte-americanos eram um povo eleito por Deus se apossando da terra prometida.

O **Digest** procurou (re)construir esse imaginário do homem comum, dirigindo-se rumo ao Oeste, atuando na fronteira, controlando e dominando o *wilderness*. A revista procurou reproduzir e fortalecer a aventura épica norte-americana por várias décadas.

No próximo capítulo veremos a maneira com que a revista brasileira **Seleções** referiu-se a América Latina relacionando-a ao *wilderness*, ao mito da fronteira e à Conquista do Oeste.

**III – AMÉRICA LATINA: TERRITÓRIO E
HOMEM PRIMITIVOS.**

*“Go West, young man, and grow up with the
country”* Horace Greeley (1857).

Antes de 1940, poucas referências havia sobre a América Latina no **Digest** norte-americano. A partir do lançamento de **Selecciones** nos países de língua espanhola em 1940 e de **Seleções** no Brasil em 1942, passaram a ser inseridos artigos que eram selecionados principalmente em revistas especializadas como **Latin American Report**, **The Pan American**, **Inter American**, **Catholic World**. Além disso, foram deslocados para a América Latina viajantes e correspondentes que visitaram os países da região e escreveram artigos que foram veiculados no **Digest** norte-americano; dois meses depois, em geral, esses artigos saíam no Brasil.

Pretendo mostrar que a visão da América Latina apresentada por **Seleções** esteve informada pelo imaginário profundamente enraizado na cultura norte-americana sobre a Conquista do Oeste, o mito da fronteira e a idéia de *wilderness*. Reafirmo que o sentido destas palavras estão associados e sobrepostos: quando se fala do Oeste, lembra-se do *wilderness* e da fronteira. E a palavra *wilderness* é associada à Conquista do Oeste norte-americano e à fronteira; portanto, ao referir-se a um, remete-se geralmente ao outro. A fim de demonstrar essa relação, apresento o trecho de um artigo em que a revista norte-americana, tratava da exposição internacional que aconteceu em New York, em 1853, quando os Estados Unidos posicionaram-se frente Europa, não mais como um *wilderness*, segundo a perspectiva do **Digest** norte-americano.

“Agora que a América tinha a sua grande exibição internacional, mostrava para a Europa que os Estados Unidos não deviam mais

ser compreendidos como um *wilderness* com índios e homens da fronteira” (**Digest** – abr/32 – p 90).

Aqui está a palavra *wilderness* relacionada aos homens da fronteira, *frontiermen*. Onde se deu esse processo de encontro do homem da fronteira com o *wilderness*? No Oeste. Era na linha da fronteira que os *frontiermen* encontravam o *wilderness*, civilizando e dominando a região. Assim, é possível afirmar que as palavras Oeste, *Wilderness* e fronteira estão associadas. A própria **Seleções**, apresentava o Oeste norte-americano:

“Durante todo um século em que foi explorado e colonizado o Oeste americano – o Far West como o conhecemos – exerceu sobre o resto dos Estados Unidos uma fascinação feita de estranheza e admiração, de espetáculo e aventura. Todos o viam através de um véu de encantamento do qual ainda restam vestígios até hoje. Ali estava uma terra de homens duros e irrequietos que domaram um continente – de negociante de peles vestidos de calças de couro, de homens atraídos pela corrida do ouro rumo à Califórnia, de prospectores atravessando o deserto, conduzindo um burro à procura de algum filão de ouro. É a terra do carroção coberto, do correio a cavalo, das diligências, da Estrada de Ferro do Pacífico, dos famosos chefes índios Touro Sentado e Jerônimo, dos ladrões de gado. É, finalmente, a terra das pastagens amplas, das grandes manadas ruidosas e do *cowboy*”. (**Seleções** – dez/54 – p 138).

O autor fala com nostalgia, encantamento e admiração do Oeste norte-americano na época da conquista. Relembra os mitos como o do *cowboy* e a

movimentação em direção ao Pacífico. Começamos, então, a acompanhar as relações do Oeste, presentes no imaginário norte-americano, e a visão da América Latina em **Seleções**.

Ao olhar para América Latina, a revista tratava de tudo aquilo que estava abaixo do Rio Grande, sem a percepção das diferenças culturais existentes na região. A distinção ressaltada era de um mundo civilizado - espiritual, cultural e moralmente avançado ao Norte e um mundo ao Sul, com territórios primitivos e natureza selvagem, habitado por gente, também primitiva, que vivia de forma instintiva e emocional¹.

Os territórios da América Latina eram o tema de principal interesse da revista. **Seleções** distinguia partes do território latino-americano, a partir da proximidade dos Estados Unidos ou em função da configuração geográfica da região. Acompanhando a perspectiva de **Seleções** pode-se dizer que a América Latina era dividida em três grandes blocos. Eram eles: a) a região que vai do México ao Panamá, interpretada como área de oportunidades mais próxima dos Estados Unidos e região de importância estratégica para aquele país; b) o espaço compreendido pelo complexo da floresta amazônica, visto como o maior território desconhecido do planeta; c) a América do Sul - principalmente o Brasil e os Andes - era tida como espaço com população rarefeita no interior grande concentração no litoral. Dessa forma, a América Latina foi descrita, dimensões foram comparadas, acidentes geográficos citados, os latino-americanos qualificados e, sobretudo, diversas regiões da América Latina desde o México, passando pelo Brasil e chegando ao complexo andino foram, em

¹ Cf. PIKE, Frederick B. *The United States and Latin America. Myths and Stereotypes of Civilization and Nature*, preface, Austin, University of Texas Press, 1993.

maior ou menor grau, comparados ao mítico e heróico Oeste norte-americano².

3.1 - Do México ao Panamá. A Fronteira mais Próxima.

Antes de entrar na versão brasileira da revista, gostaria de tratar do **Digest** norte-americano³ e de alguns artigos que foram publicados nos Estados Unidos, embora não tenham sido selecionados para a revista brasileira **Seleções**. Falo especificamente dos artigos de título: “*Go South, Young Man!*” (**Digest** - jul/43) e “*Go North, Young Man!*”(jan/44). Os conteúdos dos dois artigos são semelhantes: informavam que o território

² A construção deste universo mítico relacionado ao Oeste e às grandes extensões de terra não pode ser considerado uma exclusividade norte-americana. O movimento de penetração e expansão territorial no Brasil colônia teve no país, na primeira metade do século XX, sua construção mítica, feita principalmente por paulistas, como por exemplo: Afonso d’Escragolle. Taunay com *História Geral das Bandeiras Paulistas*, Alfredo Ellis Jr. com *Raça de Gigantes*. Paulo Prado com *Paulísticas*, e Ancântara Machado com *Vida e Morte do Bandeirante*; essas produções da década de 20 e mais a de Cassiano Ricardo, *A Marcha para o Oeste* da década de 40, compõem textos onde a ocupação territorial do Brasil era descrita de forma mitificada. Conforme OLIVEIRA, Lucia Lippi. “Bandeirantes e Pioneiros”, in *Novos Estudos – CEBRAP*, São Paulo, nº 37, nov, 1993. Para uma obra onde se compara diretamente os Estados Unidos e o Brasil, ver MOOG, Viana. *Bandeirantes e Pioneiros. Paralelos entre duas Culturas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966. Para uma comparação entre o historiador norte-americano, Frederick Jackson Turner e o brasileiro Cassiano Ricardo, ver: VELHO, Otávio Guilherme. *Capitalismo Autoritário e Campesinato*, especialmente Capítulo 1, São Paulo, Difel, 1976. Para uma comparação entre os mundos de cultura ibérica e anglo-saxônica nas Américas, ver o trabalho de MORSE, Richard. *O Espelho de Próspero. Cultura e Idéias nas América*, São Paulo, Cia das Letras, 1995.

³ A revista norte-americana **Digest** foi utilizada neste capítulo com o objetivo de entender melhor a versão brasileira **Seleções**. Além disso, a consulta à revista norte-americana foi importante para verificar em que situações a palavra *wilderness* foi empregada.

norte-americano estava já ocupado, a competição era grande e as oportunidades para os jovens tornavam-se difíceis. O *Digest* estimulava os jovens para que estes procurassem zonas pouco prósperas, mas de grandes possibilidades, no período da Segunda Guerra Mundial. A referência era a busca da fronteira, aquela que oferecera inúmeras oportunidades ao norte-americano na época da Conquista do Oeste no século XIX.

A frase “*Go West Young Man and Grow up With the Country*”, que serve de epígrafe para este capítulo foi e é popular nos Estados Unidos ainda hoje. É atribuída a Horace Greeley (1811-1872), influente jornalista e político norte-americano do século XIX que havia estimulado a migração para os estados do Oeste. Num de seus textos Greeley afirmou: “...Vá para o Oeste: lá você terá certeza de ver reconhecidas suas capacidades e apreciados seu zelo e sua energia”⁴. Considerando que estes artigos do *Digest* foram veiculados unicamente nos Estados Unidos, podemos dizer que a revista se utilizava deste imaginário do Oeste, profundamente enraizado na cultura norte-americana - do potencial mobilizador da frase de Horace Greeley, adaptando-a para “*Go South Young Man!*” e “*Go North Young Man!*” – para estimular a ida de jovens norte-americanos para as regiões citadas.

Interessante que, quando o *Digest* estimulava que o jovem fosse para o Norte, “*Go North Young Man!*”, referia-se ao Alaska, região comprada da União Soviética em 1847 e que se tornou o 49º estado norte-americano apenas em 1959. O Alaska era pintado no artigo como região de natureza

⁴ Citado por FOHLEN, Claude. *Faroeste*, São Paulo, Cia das Letras/Círculo do Livro, 1989, p 21.

difícil (*wilderness*), frio constante, mas de grandes oportunidades: “ainda há fronteira para o pioneiro do pós-guerra”, clamava o **Digest**. O curioso é que no primeiro artigo, quando o **Digest** propunha ao jovem dirigir-se ao Sul: “*Go South Young Man!*”, tratava não dos estados do Sul dos Estados Unidos, como a Flórida ou o Texas, mas de Cuba⁵:

“Procurando uma carreira importante no pós-guerra milhares de jovens seguem para este bom vizinho americano”. (**Digest** - jul/43 - p 39).

Era presidente de Cuba, nesta época, Fulgêncio Batista apoiado de perto pelos Estados Unidos⁶. A ilha era tratada como uma espécie de região pertencente aos Estados Unidos, descrita como lugar onde tudo estava por fazer. Informavam que os cubanos aprendiam rápido o trabalho e eram inteligentes. O **Digest** posicionava os norte-americanos como proprietários de bons negócios, ou como executivos das companhias. Aos cubanos era dada a oportunidade de “aprender”, fazendo o trabalho braçal ou manual, sob o comando dos norte-americanos. Neste mesmo artigo a revista incluía o comentário de Eric Johnson, presidente da Câmara do Comércio dos Estados Unidos, sobre a América Latina:

⁵ Tudo indica que o artigo sobre Cuba não foi incluído na revista brasileira, porque o período da Segunda Guerra Mundial, marcado pela política da Boa Vizinhança, exigia um cuidado maior na relação com os países da América Latina, como veremos no capítulo seguinte.

⁶ Ver LE RIVEREND. “Cuba: Do Semicolonialismo ao Socialismo (1933-1975)”, in Casanova, Paolo Gonzáles (org) *América Latina. História de Meio Século*. Brasília, UNB, 1990.

“Custará bilhões de dólares e gerações de esforço intensivo para industrializar a América Latina e para que cada nação possa transformar matéria prima em bens de consumo. Isso significa oportunidades de trabalho e negócios para milhões de norte-americanos. Não significa que se tomará postos de trabalho dos latino-americanos. Ao contrário, espera-se que sejam criados milhares de novos postos de trabalhos para eles (latino-americanos)”(*Digest* - jul/43 - p 41).

O artigo de título “*Go South Young Man*” tratava de Cuba. Mas o comentário de Eric Johnson referia-se a toda a América Latina, como área de oportunidades para os norte-americanos no pós-guerra. Esses textos mostram que em 1943 havia um discurso, nos Estados Unidos, apostando no país como vencedor absoluto do conflito e na expansão econômica dos Estados Unidos no pós-guerra. Neste contexto, a América Latina significava “oportunidades de trabalho e negócios para milhões de norte-americanos”, como vimos acima. Estes textos mostram também que, para os norte-americanos, a Segunda Guerra Mundial significava prosperidade futura e que os tempos duros que haviam se seguido à Primeira Guerra Mundial e à Depressão estavam definitivamente enterrados⁷.

Em 1943, o *Digest* norte-americano fazia uma propaganda declarada da futura expansão econômica daquele país e estimulava explicitamente a ida de jovens norte-americanos para o território já de posse deles, o Alaska, e, mais surpreendente, para Cuba, como se aquele país estivesse na mesma categoria do Alaska segundo a perspectiva da revista. Não apenas Cuba, mas todo o Caribe e América Central eram concebidas como terra de

⁷ Cf. ROBERTSON, James Oliver. *American Myth. American Reality*, especialmente parte 4, New York, Hill & Wang, 1980, pp 332-335.

oportunidades, região com uma cultura pouco complexa e por isso um campo aberto aos norte-americanos; mas diferente dos países da América do Sul, tinha uma vantagem: a proximidade com os Estados Unidos.

Embora os artigos tratados acima não tenham sido inseridos na revista brasileira, a visão da América Central e Caribe como zona de oportunidades econômicas próxima aos Estados Unidos, não estavam apenas no **Digest** norte-americano, mas de maneira recorrente na versão brasileira **Seleções**, nos 28 anos que cobrem esta pesquisa. É o caso de um artigo que estimulava a ida de pequenos negociantes ou assalariados para a América Central, com o seguinte título: “America Central: A mais Nova Fronteira Comercial”.

“A América Central, uma complicada colcha de retalhos de selvas, lagos, crateras e amarfanhados planaltos verdes, que se estende por 1.800 quilômetros, do México até a Colômbia, costumava ser desprezada pelos investidores financeiros como uma porção de repúblicas de bananas, todas elas pequenas e pobres demais para oferecerem qualquer oportunidade comercial... Agora no entanto, a América Central é um lugar estupendo para estabelecer um negócio por conta própria – diz Dick Beck, um americano magro, de 32 anos, que fabrica geladeira em São José, capital da Costa Rica. A ascensão do próprio Beck ilustra como que se pode vencer nessa atmosfera frenética de corrida do ouro...” (**Seleções** mar/66 - p 163-164).

A revista informava que Beck começara “praticamente do nada” e agora era um empresário bem sucedido na Costa Rica. Em primeiro lugar, a utilização da palavra fronteira no título e a expressão “atmosfera frenética de corrida do ouro”, citando explicitamente a corrida do ouro à Califórnia,

iniciada em 1848⁸, remete para o imaginário norte-americano sobre a Conquista do Oeste no século XIX, quando as oportunidades eram consideradas inúmeras. Em segundo, se os sentidos do Oeste, da Fronteira e *wilderness* estão sobrepostos e associados, podemos relacionar a caracterização geográfica da América Central com a idéia de *wilderness*: “complicada colcha de retalhos de selvas, lagos, crateras e amarfanhados planaltos verdes”: como meio ambiente difícil, ainda não dominado pelo homem. Quero dizer que nesse pequeno trecho, a América Central foi relacionada à fronteira e à corrida do ouro na Califórnia e a descrição geográfica da região, é possível relacionar com o *wilderness*.

Ao mesmo tempo que a América Central e o Caribe eram vistos de forma primitiva, sempre referenciados aos modernos Estados Unidos⁹, era lá que estava a área de fronteira mais próxima, zona de encontro da civilização com o *wilderness*. A configuração negativa da região justificava seu domínio e exploração, principalmente no sentido comercial mais agressivo, uma vez que estavam trazendo progresso e desenvolvimento para a região.

⁸ Em 1848, John W. Marshall descobriu ouro na Califórnia e a notícia se espalhou rapidamente por todo o país. O resultado foi que muitos norte-americanos abandonaram seus trabalhos ou seus próprios negócios, soldados abandonaram o exército e marinheiros aportaram em São Francisco na ânsia de enriquecerem rapidamente no Oeste. Cf. WEXLER, Alan. *The Atlas of Westward Expansion*, New York, Facts on File, 1995, pp 115-117.

⁹ “Repúblicas de bananas”, “lago americano”, “mediterrâneo dos Estados Unidos”, “quintal dos Estados Unidos” são algumas das expressões que apareceram tanto nos Estados Unidos como na América Latina para caracterizar o predomínio dos Estados Unidos e a condição de “dominados” daqueles países pequenos e pobres.

A fronteira era a linha de encontro entre a civilização e o *wilderness*, onde o pioneiro fazia negócios e o pequeno proprietário estabelecia a sua primeira área agrícola. No entanto, a fronteira passou a ser identificada a regiões, fora dos Estados Unidos, pouco desenvolvidas e com potencialidades econômicas. José Luiz Orozco diz que “o imaginário da fronteira possui uma auréola ‘liberal’ que a associa ao expansionismo civil e empresarial”¹⁰. O mesmo artigo trata das possibilidades econômicas da região, desta vez fazendo referência ao pioneiro:

“Um novo mercado comum atrai gente com espírito de aventura, técnicos com capacidade de adaptação... Os imigrantes pioneiros, ao mesmo tempo que lucram com a onda da maré econômica, ajudam a dar-lhe ímpeto. Dick Johnson, por exemplo, foi pioneiro da fabricação em Costa Rica, e foi tão bem sucedido que hoje transporta óleos vegetais em carro-tanque..

(Seleções - mar/66 - pp 163,164,165)

Ao repetir a palavra pioneiro, Seleções utilizou novamente o vocabulário que remete ao imaginário da conquista do Oeste e à fronteira, a fim de reforçar a idéia da América Central como zona promissora, uma vez que pouco desenvolvida. Via-se a América Latina como mercado para os produtos norte-americanos, espaço de um mercado consumidor crescente. Lugar de enriquecimento para quem estivesse disposto a arriscar a enriquecer por lá. E o norte-americano empreendedor, o *self-made man*

¹⁰ Cf. OROZCO, José Luiz. *Razón de Estado y Razón de Mercado. Teoría y Pragma de La Política Exterior Norteamericana*, México, Fondo de Cultura Económica, 1992, p 15.

podia ser novamente “o pioneiro” nesse processo, o ator qualificado para fazer progredir a região.

Para que o homem norte-americano fosse avaliado com tais qualidades e com a sua ação justificada na região, era necessário desqualificar o latino-americano. Este era tido como passivo, ignorante, analfabeto. É o que diz **Seleções** num artigo sobre Porto Rico.

O número dos habitantes que falam inglês não ultrapassa 37 por cento, e muitos deles estão longe de o falar na perfeição. Que probabilidade haveria, então de o nosso Congresso vir a fazer de Porto Rico o 49º estado da nossa federação, dada a dissimilaridade do seu povo tão relutante em aprender a usar nosso idioma” (**Seleções** - dez/44 - p 13)

No excerto acima o preconceito contra o porto-riquenho estabelecia uma separação radical entre América anglo-saxã e América Latina. A população de Porto Rico era tida como heterogêna, dada a ausência de unidade lingüística da população. Eram ignorantes, sem qualquer qualificação. Como pretendiam se tornar o 49º Estado norte-americano? Porto Rico era, em 1944, colônia dos Estados Unidos, *status* que foi modificado apenas em 1952, para Estado Livre Associado (ELA). Desempenhou papel fundamental estratégico, considerado como porta do Caribe; é ainda hoje lugar de presença militar norte-americana constante¹¹.

¹¹ Sobre a presença militar norte-americana em Porto Rico, ver BERUFF, Jorge Rodriguez. *Política Militar y Dominación. Puerto Rico en El Contexto Latinoamericano*. Porto Rico, Ediciones Huracán, 1988. Para uma perspectiva sobre o nacionalismo em Porto Rico, ver: BAGGIO, Katia Gerab. *A Questão Nacional em Porto Rico. O Partido Nacionalista (1922-1954)*, São Paulo, Ed. Anablume, 1998.

Deixemos a América Central e Caribe e entremos agora no México, país com o qual os Estados Unidos fazem fronteira e por isso também visto como estratégico nos períodos da Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria. Com relação a este país há uma especificidade: **Seleções** pouco tratou do território mexicano, mas salientava de forma contundente a ignorância e a mestiçagem dos habitantes. O artigo de título “O México Combate o Analfabetismo”, tratava da ação de alguns empresários que procuravam alfabetizar os mexicanos.

“Cerca de 10.500.000 mexicanos - ou seja, perto da metade da população - eram analfabetos...No número de analfabetos mexicanos havia que incluir, além disso, 3 milhões de índios que nem sequer falam espanhol. Como é que dum povo assim se podia fazer uma nação de cidadãos e trabalhadores úteis?” (**Seleções** - fev/46 - p 1)

A revista informava que embora o analfabetismo estivesse diminuindo, o problema ainda estava de pé, principalmente para os “3 milhões de índios que não falam a língua dos conquistadores”, acrescentando que estavam em uso entre eles 50 dialetos. Aqui está novamente a ignorância, o analfabetismo e a ausência de unidade lingüística atribuída aos índios, como explicação para os entraves do progresso, desta vez, no México. Nota-se que o preconceito não era dedicado ao latino-americano em geral, mas aos pobres e aos mestiços, pois a revista elogiava, nesse mesmo artigo, os empresários que, imbuídos de “consciência cívica”, ajudavam na alfabetização. No entanto, esses empresários precisavam usar de artimanhas para fazer com que o mexicano pobre freqüentasse as salas de aula:

“Ortiz ofereceu entrada grátis nos jogos de beisebol às classes que dessem provas de boa frequência, e o patronato comprou bilhetes de cinema uma vez por semana para os melhores alunos de cada classe... Em San Bártolo, que é uma cidade textil com 6 mil analfabetos, os donos das fábricas prometeram a todas as classes, onde a frequência fosse boa, café e bolos depois das aulas. O móvel das recompensas, aliado ao amor tradicional dos mexicanos pelas *fiestas* ajudou muito a acelerar a campanha. O resultado tem sido um verdadeiro acontecimento social”

(Seleções - fev/46 - p 4).

A desqualificação do mexicano é completa. Ele era pobre, ignorante e não gostava de freqüentar as aulas. Para reverter a situação, o empresário utilizava de ardis: promessas de sessões de cinema, bilhetes para ir a jogos e a promoção de festas. Ora, aqui estão alguns dos estereótipos relacionados não apenas ao mexicano, mas aos latino-americanos em geral: eram passivos, ignorantes e dados aos prazeres como as festas e outros divertimentos.

Além disso, a revista norte-americana **Digest** relacionou o mexicano pobre ao mestiço, sendo essa mestiçagem considerada negativa, quando tratou de forma positiva, o presidente Ávila Camacho¹².

¹² Ávila Camacho substituiu o presidente Lazaro Cárdenas, que teve um mandato de cunho nacionalista, voltado para uma ampla reforma agrária. Cárdenas retomou propriedades e nacionalizou companhias petrolíferas, batendo diretamente com os interesses da Standard Oil, criando uma controvérsia particularmente com Cordell Hull, Secretário de Estado no período, que acusava Cárdenas de confisco. Consultar CECENÁ, José Luis, *México en La Órbita Imperial*. México, Ed. El Caballito 1970, pp 125-238. Para um trabalho recente sobre o período do governo de Cárdenas, as nacionalizações mexicanas e a reação norte-americana, ver GILLY, Adolfo. *El Cadernismo, una utopia mexicana*, México, Ed. Caly y Arena, 1994.

“Ávila Camacho... seria popular em qualquer comunidade norte-americana...Diferente da grande maioria dos mexicanos ele tem pouco ou nenhum sangue índio, e talvez por esta razão seus gostos e temperamento podem ser facilmente compreendidos no nosso país” (*Digest* - fev/41 - p 74)¹³.

Estava estabelecida a oposição entre o mexicano e o norte-americano. Ávila Camacho seria compreendido nos Estados Unidos por ter pouco ou nenhum sangue índio, ao contrário da maioria mestiça da população. Qual era então a imagem que o *Digest* apresentava dos norte-americanos? Certamente, a imagem de uma nação que foi construída - pelo homem branco comum, geralmente anglo-saxão - na ação que se deu na Conquista do Oeste, quando o norte-americano confinou os indígenas em reservas, criando a partir de então a classe média branca nos Estados Unidos¹⁴. Estabelecia-se, assim, uma separação radical entre o homem branco civilizado e o primitivo que vivia no *wilderness*.

E o México, o que tinha feito? Ao contrário dos Estados Unidos, os brancos haviam se misturado com os índios da região, ao primitivo¹⁵. Essa mistura significava, na perspectiva de Seleções, degenerescência, atrasando o progresso do país. A mestiçagem, tida como negativa, não esteve presente apenas no período da Segunda Guerra Mundial - período em que as idéias racistas foram definitivamente colocadas em questão em virtude dos excessos nazistas - mas em todo o período que cobre esta pesquisa, ainda

¹³ Este artigo de título “*The New Mexican’s President*”, não foi reproduzido na revista brasileira.

¹⁴ Tratarei da classe média branca e da idéia de civilização nos Estados Unidos no capítulo 5.

¹⁵ O preconceito contra o mexicano não era exclusivo do *Digest* neste período. Ele foi ressaltado devido às expropriações dos bens norte-americanos na imprensa norte-americana, que referia-se ao México como: “nação de bandidos”, “foras da lei”, “proscritos”, “ladrões de galinha” e “afetados pela degeneração racial”. Conferir em GILLY Adolf, ob. cit, 1994, p 368.

que nos anos 50 e 60 apareçam de forma mais diluída nos discursos de **Seleções**. Já os norte-americanos eram apresentados como povo eleito e empreendedor desde a colônia, depois da Independência vistos como empenhados na construção de um “país livre”, tarefa habilmente realizada pelos seus pais fundadores. Estas representações reforçaram a consciência do espaço doméstico norte-americano e a identificação de outros lugares. Reforçaram não só a superioridade norte-americana, mas a identidade nacional a partir da idéia de que naquele país havia homogeneidade racial¹⁶. Nessa perspectiva, negros, índios e imigrantes foram desconsiderados pela revista.

Ainda sobre o México, vejamos outro artigo que tratava do controle da febre aftosa, doença que segundo **Seleções** podia passar para o gado norte-americano:

“Grande número de pessoas nas áreas rurais são índios, muitos dos quais nem ao menos falam espanhol, não podem sequer compreender o que vem a ser febre aftosa... As mulheres e crianças se arrastam de joelhos e mãos no chão para ir chorar junto aos bois mortos...dinheiro algum podia indenizar os camponeses pela perda de seus queridos bois. Estes, como me disse um mexicano, eram parte da família, e ver os animais esperneando e estrebuchando, mortos pelos gringos, era coisa que não podia suportar”.

(**Seleções** - jul/48 - pp 48-49).

É impressionante a agressividade da imagem. Aqui o fato da revista afirmar que os camponeses sentiam os bois como gente da família, coloca homens e animais no mesmo registro. Para se entender esta relação é preciso

¹⁶ Conforme ROBERTSON, James Oliver, especialmente parte 3, ob. cit. 1980.

perceber que o camponês, mestiço e pobre, era entendido como alguém que se encontrava ainda no estágio selvagem do *wilderness*: inepto e ignorante, não havia aprendido sequer o espanhol. Lascivo e dado aos prazeres mundanos, não permitia o avanço do progresso na região. Como já afirmei, esses preconceitos com relação aos mexicanos não são recentes. Disse um historiador que os mexicanos desde a independência dos Estados Unidos são vistos de forma estereotipada¹⁷, enquanto os Estados Unidos se viam como nação branca, embora fosse multirracial como os países da América Latina: “... os anglo-saxões construíram uma estrutura cultural em que os mexicanos eram a antítese deles. Onde os brancos eram enérgicos, os mexicanos pareciam hesitantes; onde os brancos eram ambiciosos e agressivos, os mexicanos pareciam apáticos e complacentes; onde os brancos se consideravam inventivos, os mexicanos pareciam anacrônicos; e onde os brancos conheciam a sua direção, os mexicanos pareciam ir a lugar algum”¹⁸

O México era atrasado, habitado por gente ignorante e primitiva, vivendo em estado natural. A referência era direta aos Estados Unidos, que eram representados em *Seleções* como nação “una” desde o século XIX, período em que os norte-americanos haviam separado a civilização do *wilderness*.

Embora o preconceito fosse predominante quando se falava da América Latina, foi possível encontrar artigos que tratavam de forma positiva a região. Entre 1959 e 1960, o *Digest* contemplou o México convidando o escritor norte-americano John dos Passos a viajar e a escrever sobre o país:

¹⁷Conforme DE LEÓN, Arnaldo. *They Called Them Greasers. Anglo Attitudes Toward Mexicans in Texas, 1821-1900*, Introdução, Austin, Univ. of Texas Press, 1983.

¹⁸ - Conferir _____, idem p 24.

“A tradição da criação de gado no Oeste americano se originou de uma importação espanhola. A Espanha era o único país da Europa onde havia espaço suficiente para criar gado em espaços abertos. Muitos dos conquistadores eram naturais da Estremadura, que ainda é a região de pastos abertos da Europa. Aquilo que determinou o desenvolvimento das touradas e a criação de touros bravios para a arena deu origem no Oeste dos Estados Unidos ao ciclo do cowboy” (*Seleções* - ago/57 - p 39).

Neste texto, dos Passos insistia que os norte-americanos não foram os primeiros a colonizar a região, afirmava que os espanhóis já estavam lá quando chegaram os primeiros ingleses. Se antes a América Latina era compreendida como região que ainda não havia “conquistado o seu Oeste”, civilizado os índios e dominado a natureza selvagem, nos anos 50 foi descrita por John dos Passos como a primeira região em que havia surgido o homem da fronteira, sendo esta cultura importada pelos norte-americanos. Ainda que a situação estivesse invertida - com sinais trocados - a referência continuava a ser o Oeste norte-americano do século XIX, com seus mitos e galerias de tipos. Embora existissem artigos tratando a América Latina de forma positiva, o preconceito com o latino-americano era tal que para cada dez artigos que tratavam a América Latina de forma negativa (diagnosticando os males da região e propondo uma solução), existia um como o artigo acima citado.

Até aqui, tratei do México e das considerações que eram feitas sobre o porto-riquenho. Além destes, toda a América Central foi considerada como região primitiva. É o caso, por exemplo, de um artigo que saiu no *Digest* norte-americano, tratando do espaço geográfico cortado pela rodovia *Pan*

American Highway, construída nos anos 40, e que deveria se estender do México até a Colômbia. O título do artigo já é sugestivo: “*Road Cross Century*”:

“Percorremos a distância através de florestas, atoleiros e montanhas brutas... carregávamos nossa própria comida e água e em uma memorável noite compartilhamos a casa úmida e suja de uma família indígena. A vida humana é tão primitiva quanto a terra. Cidades e vilas fundadas pela colonização espanhola eram bloqueadas por montanhas e antes da existência da estrada, eles nunca tinham visto uma roda, sequer carro de boi. Os índios pulavam como coelhos ao lado do nosso carro” (*Digest* - set/41 - p 38).

Toda a América Central era descrita como primitiva e “a vida humana era tão primitiva quanto a terra”. Portanto, a condição de selvagem e primitivo do homem está diretamente relacionado ao território primitivo¹⁹. O que significa, no ponto de vista de Seleções, terra sem controle do “homem civilizado”, sem os “procedimentos racionais” utilizados pelo mundo desenvolvido²⁰.

Além disso, a região que cobre o Golfo do México e Mar das Antilhas era considerada área estratégica norte-americana desde o final do século passado, devido às rotas comerciais e às áreas de presença militar constante como a zona do canal no Panamá, Porto Rico e a base de Guantânamo em

¹⁹ Ver WHITE, Hayden. “As formas do Estado Selvagem: Arqueologia de uma Idéia”, in *Trópicos do Discurso. Ensaios sobre a crítica da Cultura*, São Paulo, Edusp, 1994.

²⁰ Os métodos racionais apresentados por Seleções, com o objetivo de desenvolver determinada região eram: construção de estradas e ferrovias, exploração da região por viajantes e negociantes, estabelecimento da pequena propriedade, cercamento da terra, utilização de fertilizantes, irrigação ou drenagem no caso da agricultura e o manejo do gado no caso da pecuária.

Cuba²¹. No período da Segunda Guerra Mundial, temiam que o Canal do Panamá fosse atingido pelo Eixo:

“Uma vez instalados no Brasil e na Argentina, quem poderia evitar que os alemães reunissem forças bastantes, assim aéreas como terrestres, para avançarem contra o Canal do Panamá e contra a nossa rede de comunicação nas Antilhas?”.

(**Seleções** – dez/44 – p 94).

Tanto o Canal do Panamá, quanto a região do Caribe foram tratados por **Seleções** como espaços que estavam sob a órbita norte-americana e mantê-los sob influência dos Estados Unidos significava manter a segurança nacional. Durante a guerra, Guerra Fria e, particularmente, depois dos desenvolvimentos da Revolução Cubana, a região foi vista como vital para a segurança norte-americana.

Que “Sirva de exemplo o caso de Cuba, que não apenas fornece 40% do açúcar consumido nos Estados Unidos, mas também é depositária de investimentos americanos no valor de 800 milhões de dólares. A ilha fica estrategicamente situada a cavaleiro das mais importantes vias de acesso marítimas e aéreas dos Estados Unidos (sic). A base naval norte-americana de Guantânamo é a base-chave da zona do mar das Antilhas... Em vários países a queda num caos econômico e político poderá ser muito rápida... Diante dessa possibilidade Washington deve dar atenção imediata

²¹ Consultar ROUQUIÉ, Alain. *O Extremo Ocidente. Introdução à América Latina*, Introdução, São Paulo, Edusp, 1992 e LAFEBER, Walter. *Inevitable Revolution. The United States in Central America*. New York/London, W.W. Norton & Company, 1993.

à segurança continental. Sem o Canal do Panamá ou as bases das Antilhas, os Estados Unidos ficariam vulneráveis a uma invasão. Se for possível conceber projéteis teleguiados hostis no México ou na América Central, o perigo será evidente” (**Seleções** - out/59 - p 48-49).

Vimos aqui como a região que se estende do México ao Panamá e mais o Caribe foi considerada como área estratégica norte-americana na época da Guerra Fria. Neste texto, a revista trata da base de Guantânamo, das bases nas Antilhas, do Canal do Panamá e ainda da possibilidade de projéteis inimigos partirem do México ou de qualquer país da América Central. Além disso, o texto afirma que o Caribe é área de rota naval e aérea norte-americana. Temia-se que a Revolução Cubana viesse a prejudicar os negócios norte-americanos na região e que a área de segurança nacional norte-americana estivesse comprometida.

Utilizando palavras e expressões que remetiam ao imaginário sobre a Conquista do Oeste, como “fronteira”, “corrida do Ouro” e “pioneiro”, **Seleções** mostrou a América Central, e Cuba como zona de possibilidades econômicas mais próxima dos Estados Unidos. Além disso, a região que se estende do México ao Panamá, incluindo o Caribe, foi considerada zona estratégica norte-americana, lugar que estava sob esfera de ação dos Estados Unidos, com o objetivo de garantir a segurança daquele país. Os latino-americanos dessa região foram descritos como primitivos, pobres, mestiços e ignorantes. Essas representações justificaram e legitimaram a ação norte-americana naquela área, durante a Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria.

3.2 Floresta Tropical: o ultimo *wilderness* primevo.

De todos os espaços latino-americanos tratados pela revista, a floresta tropical foi a que mais se destacou: pelo número de artigos dedicados a ela, pela quantidade de referências que lhe eram feitas quando se tratava de descrever a América Latina, e principalmente pela carga simbólica que lhe era atribuída.

Segundo Jacques Le Goff, tanto a floresta como o deserto fazem parte do imaginário cristão ocidental, com origem no Antigo Testamento. Na Idade Média, a floresta era um território indispensável que prolongava os campos²². Lugar de eremitas, apaixonados, cavaleiros andantes, refúgio voluntário ou involuntário da *fuga mundi*²³, mas também espaço de perigos reais e imaginários. “Mas todos, a bem dizer, lá foram principalmente para marginalizar-se, para ali ter um comportamento de homens da natureza que fugiam ao mundo da cultura em todos os sentidos da palavra”²⁴. Compreendida como espaço inquietante, tanto a floresta como o deserto “não são integralmente selvagens nem solidões absolutas. São os lugares da margem extrema em que o homem se pode aventurar e encontrar outros

²² LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*, principalmente parte 2, Portugal, Ed. Estampa, 1994. Para uma perspectiva diferente, ver o trabalho de SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*, São Paulo, Cia das Letras, 1995. Para este autor norte-americano a paisagem está ligada ao sentimento de pertencimento nacional: “A identidade nacional, só para mencionar o exemplo mais óbvio, perderia muito de seu fascínio feroz sem a mística de uma tradição paisagística particular: sua topografia mapeada, elaborada e enriquecida como terra natal” (p 26)

²³ Cf. _____, *A Civilização do Ocidente Medieval*, principalmente capítulo 6, Lisboa, Editorial Estampa, 1983.

²⁴ Cf. _____ idem, 1983, p 90.

homens - no limite, esses homens selvagens que ele a princípio toma por bichos mas que lhe afirmam ...que são homens”²⁵.

Se a floresta é um elemento do imaginário ocidental desde tempos imemoriais, a Amazônia, segundo Neide Gondim foi inventada pelos europeus através do relato de missionários, viajantes e comerciantes²⁶. Vista às vezes como inferno, outras como paraíso, foi descrita com deslumbramento por uns e foi palco de expedições científicas fracassadas para outros²⁷. Ainda hoje, a maior floresta tropical do planeta - lugar de índios desconhecidos, animais e insetos sem conta, plantas que nunca foram catalogadas - provoca a imaginação dos homens dentro e fora do Brasil, agora também incluindo um outro registro, o da ecologia e da preservação ambiental.

Como anunciamos no capítulo anterior, a revista norte-americana **Digest** descrevia a Amazônia como o *wilderness* mais primitivo do planeta, completamente desconhecido pelo “mundo civilizado”. A revista norte-americana **Digest** afirmou que a Amazônia era:

An unforgettable journey into the world's last primeval wilderness”.

(**Digest** – set/63 – p. 211).

Durante a Segunda Guerra Mundial havia um interesse específico dos Estados Unidos com relação à Amazônia, principalmente em função da borracha, que estava sendo utilizada na indústria bélica. Talvez tenha sido

²⁵ Cf. LE GOFF, Jacques, ob. cit, 1995, p 95.

²⁶ GONDIM, Neide. *A Invenção da Amazônia*, São Paulo, Marco Zero, 1994, p 10.

²⁷ Para um exemplo de expedição científica fracassada na Amazônia, ver o relato de LA CONDAMINE, Charles-Marie. *Viagem pelo Amazonas, 135-1745*, São Paulo, Nova Fronteira/Edusp, 1992,

este um dos motivos pelos quais Getúlio Vargas tenha feito uma viagem para a Amazônia em 1940, isto é, mandar um recado aos olhares ambiciosos de que a Amazônia pertencia ao Brasil e estava naquele momento inserida num projeto de integração nacional. Projeto que procurava reorganizar o espaço brasileiro, construindo, inclusive, um novo mapa do Brasil com novas divisões geográficas. Em 1943 o governo criou cinco territórios, sendo três deles na Amazônia e os outros em áreas de fronteira internacional²⁸. Com a criação do IBGE, foi realizado o primeiro grande Censo em 1940, com o objetivo de mapear o número de habitantes dos Estados da Federação. Além disso, com o projeto que ficou conhecido como a “Marcha para o Oeste”, procurava-se ocupar os “espaços vazios” do Oeste do Brasil e da Amazônia²⁹.

As indicações são de que, embora *Seleções* mostrasse um discurso norte-americano sobre o Brasil, assuntos similares estavam sendo discutidos aqui naquela época: no âmbito da política, na imprensa diária, nas revistas semanais. Portanto, o discurso de *Seleções* não pode ser entendido como algo vindo de fora para dentro, imposto pelo norte-americano. Esse discurso encontrou uma receptividade na atmosfera cultural brasileira que discutia na época os seus “espaços vazios” e as possibilidades de desenvolvimento e modernização.

²⁸ Depois de um longo debate, o governo de Vargas, através do decreto 5.812 de 13 de setembro de 1943, criou cinco territórios, sendo três deles na Amazônia. Eram eles: Federal do Amapá, Federal do Rio Branco, Federal do Guaporé (atual Rondônia), Federal de Ponta Porã e Território do Iguçu. Vargas tinha feito também uma viagem para a Amazônia em 1933, mas a de 1940 teve um alcance maior, dado o contexto da Guerra. Estas informações e a análise sobre a reorganização espacial do período estão em CABRERA, Marcia Maria. *Vargas e o Rearranjo Espacial Espacial do Brasil: A Amazônia Brasileira. Um Estudo de Caso*, principalmente capítulo 2. Tese de mestrado, apresentada ao Deptº de Geografia, FFLCH-USP, São Paulo, 1996, mimeo.

²⁹ Ver LENHARO, Alcir. *Colonização e Trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro Oeste*. Campinas, Editora da Unicamp, 1986.

Segundo as indicações de Vargas, as fronteiras econômicas não coincidiam com as fronteiras políticas no Brasil: um estado como São Paulo demonstrava acelerado desenvolvimento econômico; e outros, como Mato Grosso, estavam ainda no estágio do Brasil colônia³⁰. Vamos ver que o diagnóstico de *Seleções* ia nesta mesma direção. Em outras palavras, a revista emitia mensagens que ganhavam sentido porque encontrava no público receptividade: a floresta tropical era sim um lugar exuberante, mas também interpretado como entrave para a tão ansiada modernização do país³¹.

Em *Seleções*, a Amazônia era descrita como região de natureza exuberante e primitiva. Era assolada por doenças endêmicas, dominada por insetos gigantes e índios desconhecidos. Por exemplo, o artigo de título: “Prisioneiro da Amazônia”³², narra a história de um estrangeiro, chamado Henty, que chegava a um lugar na selva amazônica perto das Guianas. Este homem era um sobrevivente de uma expedição científica fracassada, estava perdido e tinha “os olhos devorados pela febre”. Numa clareira no meio da floresta encontrou McMaster, filho de missionários ingleses, que vivia na Amazônia há mais de 60 anos. Lá McMaster havia perdido o verniz da

³⁰ Ver CABRERA, Marcia Maria, ob cit, 1996, p 22.

³¹ A idéia de modernização na Amazônia não é de maneira alguma recente. Ver o trabalho de FOOT HARDMAN, Francisco. *Trem Fantasma. A Modernidade na Selva*. São Paulo, Cia das Letras, 1988, sobre a implantação da ferrovia Madeira-Mamoré no início do século na floresta. É conhecida também a iniciativa de Henry Ford na região, com o estabelecimento da Fordlândia, a tentativa de implantar métodos racionais no cultivo da seringueira, com o objetivo de se tornar auto-suficiente em borracha. Ver DEAN, Warren. *A Luta pela Borracha no Brasil*, capítulo 6, São Paulo, Nobel, 1989.

³² Este artigo foi condensado do *Cosmopolitan*. No subtítulo, a revista afirmava: “Uma surpreendente história da selva brasileira - nos moldes em que o jovem Kipling a teria contado”. Ainda que a revista diga que o relato é uma história, não podemos esquecer que DeWitt Wallace evitava publicar qualquer ficção, deixando claro para o leitor que na sua revista só veiculavam fatos reais.

civilização, acasalando-se com várias índias e estabelecendo a sua própria lei na região:

“Embora McMaster tivesse vivido no Amazonas cerca de 60 anos, ninguém suspeitava sequer da sua existência, a não ser umas poucas famílias de índios Shirina. Plantara sua casa numa pequena savana areenta, de uma légua talvez de comprimento, que a floresta cingia estreitamente. O Rio que lhe regava as terras não figurava em nenhum mapa; é que violentas torrentes o tornavam intransponível, em certos trechos, durante quase todas as estações do ano” (Seleções - jan/43 - p 22).

Vejamos o que McMaster fala sobre si mesmo:

“Meu pai era inglês. Veio para a Guiana Britânica como missionário, mas a busca do ouro arrastou-o até aqui. Viveu, então, com minha mãe. As mulheres da tribo Shirina são feias, porém muito dedicadas. Vivi com muitas delas. Quase todos os homens e mulheres que moram na savana são meus filhos. É por isso que me obedecem - por isso e graças à espingarda” (Seleções - jan/43 - pp 22 e 23).

McMaster era analfabeto e não permitia que o cientista deixasse a floresta, evitando ensinar a Henty como sair do emaranhado verde. Isto aconteceu porque o cientista lia Dickens para McMaster à noite. McMaster adorava os contos de Dickens, mas precisava de alguém que lesse para ele. Temendo perder a sua leitura preferida, McMaster usava de todos os artificios para que o cientista jamais sáisse da Amazônia.

A Amazônia era representada como espaço onde homens como McMaster perdiam a civilização, chegando ao nível brutal dos indígenas bárbaros. Lá havia perdido o controle sobre a sexualidade: monogamia e controle dos nascimentos, passando a agir de forma instintiva. Mais que isso, McMaster, o homem que havia perdido a sua civilidade, atava um outro homem civilizado à floresta. Por estas descrições entende-se que a percepção sobre a Amazônia como um *wilderness*, era a de um lugar degenerado, mas também como região que degenerava o civilizado. O estado primitivo do homem estava relacionado ao lugar selvagem. O recado de **Seleções** estava dado: ou se acaba com uma região deste tipo ou ela acaba com a civilização. A grande floresta tropical brasileira e o homem que a habitava, foram distinguidos por uma carga simbólica impressionante. Foi qualificada, não só como *wilderness*, mas também a palavra Oeste foi também utilizada para se referir a Amazônia:

“Esta terra é como o Oeste norte-americano há dois séculos. Animais bravios e índios. Desembarcar aqui, até mesmo próximo de Manaus como estamos, é atrair uma chuva de flechas envenenadas. Mas a sua riqueza é fabulosa” (Seleções nov/52 - p 27).

Se o **Digest** norte-americano referiu-se à Amazônia como *wilderness*, a versão brasileira **Seleções**, comparou a floresta sul-americana ao Oeste norte-americano várias vezes. Numa referência que significava que a floresta era por um lado primitiva, onde os índios ainda dominavam, por outro, carregava as possibilidades de riqueza de um mundo desconhecido. Além disso, **Seleções** dizia que a região lembrava os Estados Unidos há dois séculos atrás. Ora, dois séculos atrás, nos remetem ao ano 1752. Pode-se

dizer, portanto, que se comparava a Amazônia ao período anterior à Independência dos Estados Unidos, período colonial quando o território ainda não havia sido integrado e devidamente civilizado naquele país.

Não era exclusividade de Seleções considerar a Amazônia um *wilderness* ou compará-la ao mitológico Oeste norte-americano. Nelson Rockefeller, que na época tinha negócios na América Latina e montou o *Office of The Coordinator of Inter-American Affairs* e foi um dos promotores da entrada do **Digest** no Brasil, afirmava com nostalgia que ao olhar para a Amazônia era como se visse o Oeste norte-americano do século passado³³. Pelo menos dois viajantes/pesquisadores estiveram na Amazônia a serviço do “birô” de Nelson Rockefeller. O primeiro foi Earl Hanson, que era assessor do “birô” em 1942. Hanson afirmava para Rockefeller que a colonização do interior da América do Sul daria um novo fôlego ao mundo civilizado: “Eu me descubro confrontado a todo momento pelo argumento romântico de que a conquista das selvas sul-americanas faria pelo Hemisfério Ocidental o que a conquista do Oeste fez pelos Estados Unidos num período crítico”³⁴. J. C. King, o segundo viajante, também no período da guerra, descreveu o seringueiro: “A vida do seringueiro é a vida da fronteira distante, livre de todas as restrições morais e legais, uma vida de luta e violência - uma réplica, no século XX, do nosso Oeste selvagem”³⁵. Este registro sobre o seringueiro não foi de maneira alguma gratuito. Neste período, como disse, os Estados Unidos dependiam da borracha do Brasil para implementar as tecnologias da guerra.

³³ Conforme COLBY, Gerard e DENNET, Charlotte. *Seja Feita a Vossa Vontade. A Conquista da Amazônia: Nelson Rockefeller e o Evangelismo na Idade do Petróleo*, principalmente parte 2, Rio de Janeiro, Record, 1988.

³⁴ Cf. _____, *idem.*, p 168.

³⁵ Cf. _____, *ibidem*, p 173.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Departamento de Estado voltava os seus olhos para a Amazônia por um motivo bastante prático: a borracha utilizada pelos Estados Unidos era importada da Ásia - Malásia britânica, Índias Neerlandesas, Ceilão e Bornéu (colônias inglesas, holandesas e francesas). Estas regiões haviam caído nas mãos dos japoneses, impedindo o envio da borracha para os Aliados³⁶. Na época, o uso da borracha para fins civis foi restrito nos Estados Unidos, sendo quase toda a produção dirigida para fins militares; assim a Segunda Guerra Mundial fez voltar os olhos para região, décadas depois do grande ciclo da borracha ter se esgotado no Norte do país³⁷.

“Agora toda a questão é induzir a gente da terra nas regiões da borracha, pela oferta de preços vantajosos, a penetrar as florestas, indo em busca das árvores, e explorando-as outra vez, em grau maior do que nunca.”

(*Seleções* - ago/42 - p 54).

Percebe-se aqui que a região era vista como primitiva, mas o seringueiro que vivia na Amazônia deveria estar a serviço dos norte-americanos. Terminada a guerra, *Seleções* deixou de tratar das questões ligadas ao extrativismo na Amazônia e passou, durante a Guerra Fria, a descrever as inúmeras matérias primas da floresta, já que os Estados Unidos precisavam cada vez mais desenvolver a sua indústria bélica para o confronto com a União Soviética.

³⁶ Estas informações estão em DEAN, Warren, ob. cit, principalmente capítulo 7, 1989.

³⁷ Para um trabalho sobre o período da borracha no país, ver WEINSTEIN, Barbara. *A Borracha na Amazônia: Expansão e Decadência (1850-1920)*, São Paulo, Hucitec, 1993.

“A própria existência da moderna civilização industrial depende do manganês, essencial na fabricação do aço. As nações ocidentais vêm recebendo a maior parte do seu manganês da Rússia; se estas fontes lhe forem cortadas, o Amazonas passará a ser um fornecedor importantíssimo. A bacia meridional do rio é tão rica em manganês, que se podem percorrer quilômetros sobre leitos de minério exposto” (*Seleções* - nov/52 - p 27).

Manganês, quartzo, berílio, bauxita, cobre, antimônio, chumbo, zinco, estanho, tungstênio, manganês, petróleo e minério de ferro, eram as matérias primas que os Estados Unidos já compravam da América Latina e imaginavam, ainda, existir outras tantas. No texto acima, a quantidade de minério era tal que estava exposta como em leito de rio. Insinuava-se que o material existia em quantidade impressionante e era de fácil acesso; nas entrelinhas é possível deduzir: se o material era abundante e de fácil remoção, o homem latino-americano era tido como alguém que ignorava tal preciosidade, pelo fato de não estar ainda no estágio do mundo industrializado e por isso não ter promovido níveis de maior prosperidade no país. O homem que vivia na Amazônia era tão primitivo quanto a região. *Seleções* relata a impressão de um missionário norte-americano sobre a Amazônia nos anos 50:

“Distribuídos ao largo desses cursos d’água vivem dois milhões de pessoas: uns 300.000, calcula-se, são índios da idade da pedra, o resto é um amálgama racial de portugueses, índios e negros....Halliwell subiu o rio de lancha e canoa a fim de conhecer seus dispersos paroquianos. Ficou consternado com a pobreza, as superstições do povo e, especialmente, com as doenças de que sofriam. Suas forças eram minadas pela malária e pela

subalimentação; suas vidas encurtadas pela varíola, a sífilis e a lepra; sua existência ameaçada por cobras venenosas, jacarés, onças e outras feras. Não havia um só médico em toda aquela floresta selvagem (**Seleções** – mar/57 – pp 111-112).

Os habitantes do Amazonas, ou eram índios na “idade da pedra” ou eram mestiços supersticiosos com “com as suas forças minadas”, conferindo à região características opostas ao mundo civilizado. Além disso, a imaginação sobre a Amazônia criava relatos fantásticos na revista. É o que diz um viajante que esteve na região e escreveu um artigo para **Seleções** em 1963, de título: “Amazonas: o Rio Mar”:

“Charles Darwin chamou a este jângal ‘uma grande, selvagem, desarrumada e luxuriante estufa’. Ao anoitecer, o jângal, visto do rio, é uma muralha de negror. Rãs, insetos, aves e macacos fazem um furioso escarcéu. Todo o horror latente da floresta aumenta num crescendo. Exércitos de serpentes invisíveis e outros répteis põem-se em marcha...Alguns insetos do Amazonas são verdadeiramente terríveis - aranhas com o corpo do tamanho do punho de homem... vespas com 13 centímetros de envergadura... O que a gente do rio teme particularmente é uma espécie de cascudo gigante, de dois a dois metros e meio de comprimento e pesando perto de 100 quilos. Frequentemente, contam os naturais, os nadadores são arrastados para o fundo por esses monstros e nunca mais são vistos...” (**Seleções** - out/63 - pp 41-42).

A revista reproduzia as credices populares, a idéia de monstros desconhecidos na Amazônia, a fim de reforçar a atmosfera de

estranhamento, associada à região. Dessa maneira, a Amazônia era vista como ambiente que produzia no homem civilizado os sentimentos do *wilderness*: podia despertar estranhamento e admiração, apreensão e deslumbramento, atração e repulsa – porque era o lugar onde o homem civilizado se sentia perturbado frente ao desconhecido. Segundo Miguel Rojas Mix, os monstros fazem parte de uma informação geral que a cartografia nos proporciona sobre o estrangeiro. Introduzem o exotismo e simbolizam o paganismo... É difícil distinguir entre monstro e homem selvagem. Ambos possuem todos os defeitos que a sociedade civilizada execra, ambos representam a natureza frente à cultura. A monstruosidade existe senão com relação a uma ordem estabelecida, por referência a uma cultura, a uma singularidade”³⁸.

Além de ambiente infestado por mosquitos transmissores de doença, a Amazônia era também o lugar das piranhas, cobras e animais desconhecidos e insetos incontroláveis. Muitas vezes estes insetos eram apresentados por **Seleções**, com o mesmo vocabulário usado para tratar os exércitos. A revista veiculou alguns artigos tratando de uma enorme formiga, mais conhecida como “formiga guerreira”, que habitava a região da floresta amazônica, sob o título “A Invasão das Formigas”:

“...espalhou-se pelo chão verdadeiro exército de formigas. Os oficiais davam ordens brandindo as antenas. O exército começava

³⁸ Conferir MIX, Miguel Rojas. “Los Monstros: Mitos de La Legitimación de La Conquista?”, in PIZARRO, Ana (org) *América Latina. Palavra, Literatura e Cultura*, São Paulo/Campinas, Ed. Unicamp/Memorial da América Latina, 1993. Ainda sobre as construções dos monstros e imaginário, ver: VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na História. Fantasmas e Certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o Século XX*, principalmente a segunda parte, São Paulo, Ática, 1997.

a avançar, com disciplina, numa larga coluna de uns trinta metros de extensão...Empanturrada e tomada de surpresa, a cobra não despertou nem mesmo quando as formigas se lhe esparramaram sobre o corpo como breu derretido. Cegaram-na primeiro, depois, repastaram-se nela o dia inteiro, devorando-a até que restavam os ossos” (Seleções - mai-47 - pp 28 e 29)

A atmosfera descrita pela revista era de absoluto terror, em função do medo que “o exército” de formigas causava nos locais. Os homens corriam a esconder os animais de criação em lugar seguro e mães procuravam proteger as crianças indefesas dentro de casa.

Embora o artigo tenha sido publicado no pós-guerra, acredito ser possível relacionar “as formigas guerreiras” que agiam tal qual um exército, com o período da guerra. Edmund P. Russell III mostra que a relação entre insetos inimigos e os inimigos externos japoneses e alemães na época da guerra era comum nos meios de comunicação, principalmente na publicidade e em charges do período. Este autor informa que os gases letais de extermínio humano eram semelhantes aos inseticidas utilizados para exterminar insetos. Tecnologia, indústria e governos anunciavam a guerra não só contra os exércitos inimigos, mas contra civis e insetos. Portanto a palavra “extermínio” era utilizada para combater tanto um contra o outro inimigo. Nos Estados Unidos, o *Bureau of Entomology* colaborava freqüentemente com o *Chemical Warfare Service* na época da Segunda Guerra Mundial, ainda que tenha sido a Alemanha o país a usar gás de extermínio, principalmente, contra a população civil judia. O resultado era

uma retórica de extermínio e aniquilação dos inimigos nacionais e naturais³⁹.

A idéia de aniquilação de animais e insetos percorre também o período da Guerra Fria, quando o imaginário da conspiração e invasão dos Estados Unidos por comunistas chegava a um índice curioso. Nesse período, outro artigo de **Seleções** tratou das mesmas “formigas vermelhas” nos Estados Unidos, com o título: “A Grande Invasão das Formigas”:

“Um formidável exército de formigas-de-fogo sul-americanas invadiu os Estados Unidos. Estes destruidores insetos já capturaram boa parte da melhor terra de cultura dos Estados Unidos... A formiga de fogo é um dos mais ostensivos flagelos que já ameaçaram os agricultores e cidadãos dos Estados Unidos em geral... são capazes de matar bezerras e leitões recém nascidos. Afugentam do ninho galinhas com pintos e comem-lhes as ninhadas, assaltam os ovos e filhotes de codornizes e outras aves que fazem o ninho no chão...As formigas se disseminaram de maneira tão fenomenal que agora constituem uma ameaça nacional...” (**Seleções** - dez/57 - p 79-80).

Este artigo foi extraído pelo **Digest** da revista **Farm and Ranch**, dirigida exclusivamente a fazendeiros. E novamente as “formigas

39 Ver Russel III, Edmund P. “‘Speaking of Annihilation’: Mobilizing for War Against Human and Insect Enemies”, 1914-1945, in *The Journal of American History*, V. 82, nº 4, mar, 1996. Este autor informa que os japoneses foram representados como insetos, mais vezes que os alemães, conferindo aos asiáticos características menos humanas que aos europeus.

vermelhas⁴⁰ aparecem, tal qual um exército, invadindo os Estados Unidos. É possível entrever o perigo da invasão de exércitos comunistas, representado como exército de formigas vermelhas. Mais interessante: é impossível imaginar formigas como ameaça nacional, ainda mais para os Estados Unidos, país que utilizou amplamente inseticidas e outras químicas potentes para o extermínio de pragas e insetos. A atmosfera de paranóia e sentimentos persecutórios era tal, que a representação dos Estados Unidos invadidos por forças estranhas era recorrente no cinema⁴¹, na literatura e na imprensa. Em todas as situações a conotação era negativa e em muitos casos carregada pelo já conhecido maniqueísmo cristão: relacionava-se o comunismo ao mal, o comunista ao diabo e a União Soviética ao inferno. Em contrapartida, os Estados Unidos eram apresentados como líderes na defesa do “mundo livre”, em favor do bem, dos princípios cristãos. A atmosfera de temor da invasão contribuiu para a construção de representações, de fato, surpreendentes em **Seleções**. Neste período, além dos insetos temia-se que os morcegos invadissem os Estados Unidos. O artigo de título “O Caso dos Morcegos Hidrófobos” é exemplar. Anunciava-se que o “antigo terror dos trópicos ameaçava o Norte”.

⁴⁰ São inúmeras as apresentações dos comunistas relacionados com a cor vermelha. Muitas vezes, a revista sequer falava em comunistas ou soviéticos, tratava-os já como “os vermelhos”.

⁴¹ Como exemplo deste tipo de filme, ver: *Vampiros de Almas (The Invasion of The Body Snatchers)* de Don Siegel, de 1956; e a *Guerra dos Mundos (War of The Worlds)*, de 1953. Os dois produzidos nos Estados Unidos. Estas informações estão em DIAS, José Augusto e ROUBICECK, Rafael. *Guerra Fria. A Era do Medo*, São Paulo, Ática, 1996.

“Os morcegos vampiros são criaturas de aspecto horrível, com incisivos pontiagudos, polegares enormes e a cara de um buldogue agressivo. Seus movimentos sorrateiros, quando se aproximavam de uma vítima adormecida, são extremamente sinistros. Pisam nos pés e nos ‘polegares’ com um passo de quadrúpede, semelhante ao de um duende de contos de fadas ou de uma aranha monstruosa. Um vampiro adulto pode picar a orelha ou o dedo do pé de uma pessoa adormecida, sugar-lhe o sangue e escapulir sem ser percebido. Alimentavam-se exclusivamente de sangue e voltavam freqüentemente ao mesmo animal, noite após noite”

(Seleções - abr/59 - p 76).

O morcego era caracterizado como repulsivo. Lembra não só os duendes, mas o próprio demônio. Segundo **Seleções**, eram morcegos com o vírus da raiva que viviam no norte da América do Sul, Trinidad e México e que avançavam em direção aos Estados Unidos, exterminando rezes, contaminando inclusive seres humanos. Percebe-se nos artigos acima que, tanto as formigas quanto os morcegos, avançavam da América do Sul, da região da Amazônia, em direção ao Norte, tiveram que atravessar ou a América Central e México ou o Caribe, sabe-se lá como. O resultado desse tipo de raciocínio era a construção de mais um fator negativo para a representação da América Latina como um flanco aberto à penetração das formigas de fogo, dos morcegos, dos comunistas e outros.

Além disso, e mais preocupante, a configuração negativa da região fazia com que a floresta acobertasse o guerrilheiro comunista. Certamente

influenciados pela idéia de que a Revolução Cubana havia vencido, principalmente, em função do período em que os guerrilheiros estiveram lutando no interior da floresta de Sierra Maestra. Após a morte de Che Guevara, a revista afirmou:

“Pequeno, calvo, usava pesados óculos de aros de tartaruga e fumava cachimbo. Hospedou-se no Hotel Copacabana por alguns dias apenas. Depois embarcou num jipe e desapareceu nas florestas selvagens e esparsamente povoadas da encosta oriental dos Andes, finalmente pronto para iniciar o seu trabalho...ele havia penetrado na Bolívia para levar a cabo a maior e mais ousada cartada de Castro para a propagação do comunismo na América Latina.”

(Seleções - mai/68 - p 60)

A floresta tropical, com sua população esparsa, era o lugar onde se escondia o guerrilheiro, o vetor do comunismo. Era daquele ambiente infestado que germinava o comunismo que, por sua vez, era relacionado às doenças da região⁴². É possível relacionar o guerrilheiro ao mosquito da malária: homem e inseto que se escondiam nas florestas nos anos 60⁴³. Enquanto o guerrilheiro era o vetor do comunismo, o mosquito era o vetor da malária. O resultado de tal comparação era óbvia: tanto um quanto outro

⁴² A relação do comunismo com a doença será tratado no próximo capítulo.

⁴³ A preocupação dos Estados Unidos com a malária no Brasil data do período da Segunda Guerra Mundial, quando o SESP, Serviço Especial de Saúde Pública, criado em 1942 no Brasil, fechou acordos com o IIAA – *Institute of Inter-American Affairs*. A sanitização de áreas onde se encontravam matérias primas estratégicas e a borracha na Amazônia; e mais as áreas de Belém, Recife e Natal, principalmente esta última, onde estava localizada a base norte-americana, tinham objetivos políticos, econômicos (tanto para o Brasil quanto para os Estados Unidos) e militares. O objetivo militar era garantir a “higienização” de áreas onde se encontravam as tropas norte-americanas. Ver CAMPOS, André Luis Vieira. *International Health Policies in Brazil: The Serviço Especial de Saúde, 1942-1960*. Tese de Doutorado, apresentada a The University of Texas, Austin, 1997, mimeo.

deveriam ser exterminados⁴⁴. Estas representações justificavam novamente a ação norte-americana: sustentados pelas “melhores intenções”, os norte-americanos salvariam o latino-americano “ingênuo” dos “astuciosos vermelhos”, o inimigo que só eles, os norte-americanos - conseguam e podiam dimensionar a verdadeira estatura.

Hoje em dia, a região da Amazônia continua com forte presença na mídia internacional em geral e na norte-americana em particular. Talvez seja a região da América Latina com o maior espaço nos meios de comunicação daquele país. Ainda hoje a *rain forest* é chamada de *wilderness*, mas com uma conotação diferente. Agora denuncia-se a destruição da floresta e critica-se governos latino-americanos que não conseguem proteger tal patrimônio. Desta vez, é o pensamento ecológico desenvolvido a partir dos anos 70 que acredita que o *wilderness* deve ser preservado e os índios, que chamam de “povos da floresta”, devem ser protegidos do mundo branco e não mais integrados à civilização como “seres úteis” como sugeria *Seleções* entre 1942 e 1970.

Assim, pudemos notar que a Amazônia, qualificada como ambiente primitivo, foi vista como o último *wilderness* primevo do planeta e foi comparada ao Oeste norte-americano há dois séculos atrás. Era o lugar de insetos e monstros desconhecidos. Seus habitantes foram vistos como primitivos, fragilizados e abalados constantemente pelas doenças da região. Essa perspectiva conferia à floresta aspectos opostos ao do mundo civilizado, justificando evidentemente os interesses norte-americanos tanto pela borracha no período da Segunda Guerra Mundial, quanto pelas

⁴⁴ Nos conhecidos “filmes B” de Hollywood, é possível ver o vietcong sendo chamado de “inseto do mato” ou “mosquito da floresta”.

matérias-primas, fundamentais, para os Estados Unidos no período da Guerra Fria.

3.3 América do Sul. Territórios Vazios e Entraves Geográficos.

Embora a região do Amazonas fosse o espaço geográfico sul-americano que mais atraía o olhar norte-americano, a revista dedicou também artigos à América do Sul que foi vista durante todo o período como região com população esparsa, na qual os sul-americanos concentravam-se no litoral:

“Oitenta e cinco por cento, talvez de todos os Americanos do Sul, vivem à beira-mar, e as ricas terras do interior permanecem desertas, na sua imensidade” (*Seleções* - nov/46 – p 1).

O interesse esteve sempre voltado para o interior, para o vazio, para a riqueza e potencialidades que imaginavam existir e eram desprezadas pelo latino-americano. A idéia de território sem utilização, fazia com que fosse relacionado com o Oeste norte-americano. Em um artigo, particularmente, o percurso que um norte-americano faz do Leste dos Estados Unidos até chegar ao Nordeste do Brasil, nos remete para a idéia de que os territórios da América Latina eram tidos como uma continuação do Oeste:

"Marvin tinha apenas a instrução primária. Aos doze anos vendia jornais na sua cidade natal, no Massachussetts, para sustentar a família. Aos dezesseis anos tomou o rumo do Oeste. Dormiu em albergues noturnos em Chicago, e não poucas vezes passou fome...

depois meteu-se no comércio, e aos 22 anos era ele o principal agente de vendas de uma firma em São Francisco, fornecedora de produtos de cobre e chumbo. Trabalhando intensamente, na base da comissão, percorreu os Estados Unidos e mais, o México, onde fez fortuna antes de completar 27 anos...Viajou por toda América Central e mais longe, na Colômbia, no Equador, no Peru e no Chile. Chegado à costa Atlântica na América do Sul deteve-se para uma rápida visita de turismo no Rio de Janeiro... Levou três meses viajando pelo Brasil, e quando voltou aos Estados Unidos declarou aos diretores de sua companhia: 'Acabo de descobrir um novo El Dorado'" (Seleções – jul/42 – p 40).

A trajetória de Marvin: saindo de Massachussets, no leste dos Estados Unidos, chegando a Chicago, passando por São Francisco, parando no México (e lá fazendo fortuna), descendo a América Central, atravessando a Colômbia, Equador, Peru e Chile para finalmente encontrar o “El Dorado” no Brasil. Marvin instalou-se no Nordeste onde explorava o óleo de oiticica. Embora o texto não compare a América Latina ao Oeste norte-americano, o percurso de Marvin sugere que a América Latina era contínua aos Estados Unidos, ou seja, uma espécie de continuação natural do Oeste norte-americano. Nessa perspectiva, não eram levados em conta os trâmites legais para que um norte-americano viesse a explorar qualquer país da região. Via-se exclusivamente um território enorme, ainda em estado selvagem, habitado por uma gente primitiva e sem qualquer qualificação.

Além do Nordeste, o Brasil Central também foi considerado pelo **Digest** norte-americano um *wilderness*. É o que diz o artigo já citado, “*Conqueror of The Brazilian Wilderness*”, tratando dos feitos de Rondon no Brasil:

“Hoje, o clamor no Brasil é a Marcha para o Oeste. Highways estão entrando no que era um *wilderness*, quando Rondon lá esteve” (**Digest** – jun/46 – p 49).

O **Digest** neste artigo informava que a “Marcha para o Oeste” no Brasil haveria de civilizar o *wilderness*, que Rondon procurou conhecer e mapear. Além disso, nos anos 50, quando da construção de Brasília, o **Digest** informava que a cidade era:

“*Dream City in The Wilderness*” (**Digest** – abr/59 – p 181).

Nos anos 50, o interior do Brasil era ainda considerado um *wilderness*. E a construção de Brasília tinha como objetivo fazer progredir a região. Além do interior, estados do Sul do Brasil, como o Paraná, eram comparados ao Oeste norte-americano:

quase 500 mil colonos de muitas nacionalidades, todos eles ávidos por terra, transformaram, em poucos anos, uma região de 80 mil quilômetros quadrados de mata virgem numa das mais ricas zonas cafeicultoras do mundo. A marcha desses colonizadores para aquela hinterlândia combina as vigorosas incursões da corrida do ouro da Califórnia com a obstinada conquista das planícies do Oeste americano. (**Seleções** – abr/53 – p 40).

Aqui temos a comparação direta do interior do Paraná com a corrida do Ouro para a Califórnia e à conquista das planícies do Oeste norte-americano do século XIX. Não foi diferente com São Paulo:

“olhando para o interior, eles (os paulistas) vêem enormes áreas de terras iguais às do Meio-Oeste norte-americano” (**Seleções** – out/47 – p 53).

Agora são os paulistas que vêm no interior o Meio-Oeste norte-americano. Este imaginário sobre a Conquista do Oeste nos Estados Unidos é algo tão enraizado que a associação entre territórios primitivos e a Conquista do Oeste norte-americano no século XIX é imediata.

Vimos em um dos textos anteriores, o de título “*Conqueror of The Brazilian Wilderness*”, tratando dos feitos de Marechal Rondon, a revista norte-americana se remeter à Marcha para o Oeste de Getúlio Vargas nos anos 40. Vamos nos deter aqui, com o propósito de procurar entender a relação da revista com a Marcha de Getúlio. Pensando que a revista teve uma enorme recepção do público brasileiro, podemos sugerir que nesta época o Brasil era visto como vazio e desconhecido pelos próprios brasileiros. Nos anos 40 acontecia a expedição Roncador-Xingu realizada pelos irmãos Villas Bôas - e que foi contada como uma saga⁴⁵. Algo heróico, a construção de um país. Muito se escreveu nos anos 30 e 40 sobre a Marcha para o Oeste. O que mais se destacou foi o famoso livro, já citado, de Cassiano Ricardo, de título *A Marcha para o Oeste* em que a penetração do Brasil pelas bandeiras foi apresentada como uma saga e os bandeirantes como homens excepcionais, o correlato do pioneiro que ia desbravar os sertões. Ou seja, de alguma maneira, o diagnóstico de **Seleções** de que a

⁴⁵ Ver o relato recente de VILLAS BÔAS, Orlando e VILLAS BÔAS Cláudio. *A Marcha para o Oeste*. São Paulo, Globo, 1994. Segundo esses autores, nos anos 40, a Amazônia era para os próprios brasileiros um mundo remoto e o Brasil central parecia “mais distante que a África”. Cf. p 24.

América Latina era despovoada, atrasada e, como no período colonial, habitada por índios desconhecidos, coincidia com o diagnóstico de um Brasil que precisava de uma Marcha para o Oeste dos anos 40 de Getúlio Vargas. O Estado Novo de Vargas formulou políticas territoriais para todo o país acompanhada de uma construção simbólica de identidade nacional⁴⁶.

Segundo Alcir Lenharo, a imagem da Marcha no Brasil é retórica, mítica e também épico cinematográfica. Lenharo compara a Marcha no Brasil com os *westerns* de Hollywood: "O regime lança mão de recursos-reforço como o da Marcha para o Oeste, imagem cinematográfica espetacular de todo um povo unido na construção de si mesmo, respondendo solidariamente a seus problemas e participando ativamente da obra de integração. É interessante observar que a imagem-recurso de um povo em marcha não é inédita. O cinema norte-americano já popularizara em extremo o sentido épico e patriótico dos colonos atirados à conquista do Oeste ao alargamento da sua nação. O cinema dispunha de um enfoque maniqueísta, propício à reconstrução de façanhas similares. De outro lado, a Marcha para o Oeste trabalhava uma dimensão positiva para o país - a da fraternidade e solidariedade"⁴⁷.

Dessa maneira, pode-se sugerir que a revista *Seleções*, quando entrou no Brasil em 1942, encontrou um "terreno fértil" para recebê-la. O ambiente cultural da época, veiculado principalmente nos meios de comunicação, era semelhante ao que apresentava a revista *Seleções*. Este era o caso, por

⁴⁶ MORAES, Antônio Carlos Robert. "Notas sobre Identidade Nacional e Institucionalização da Geografia no Brasil", in *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Ed Fundação Getúlio Vargas, vol 4 nº 8, 1991.

⁴⁷ Cf. LENHARO, Alcir. *A Sacralização da Política*, Campinas, Papirus/Unicamp, 1986, p 74.

exemplo, da revista **O Cruzeiro**⁴⁸ a partir dos anos 40, que mostrou o interior do Brasil e a Amazônia como desconhecidos e os índios foram tratados pela revista brasileira como entrave ao progresso; mais que isso, **O Cruzeiro** mostrou os Estados Unidos como referência: “Quando se projeta estabelecer uma linha de aviação entre Miami nos Estados Unidos e o Rio de Janeiro, passando os aviões por Manaus, pelo Tapajós e pelo Xingu, hão de concordar que chegou a grande hora de aproveitar a inteligência dos nossos silvícolas, civilizando-os para que eles deixem de ser um peso morto na vida da nacionalidade, colaborando com os progressos da civilização...Por que não civilizar o índio brasileiro?...Criar escolas para os índios, educá-los, dar-lhes o direito de voto, transformá-los em operários, técnicos, agricultores, etc. O índio brasileiro é inteligente como o índio americano”⁴⁹. Em **O Cruzeiro**, o índio foi considerado peso morto e a referência era o índio norte-americano e a sua integração à sociedade moderna⁵⁰.

As imagens do Brasil como um país de proporções continentais e vazio, praticamente desconhecido da população do litoral, esteve presente, não apenas nos anos 40, mas também nos anos 50 e 60, no imaginário brasileiro. Nos anos 50, não podemos nos esquecer do debate em torno da mudança da capital que iria transferir o centro político para um dos estados menos habitados do Centro-Oeste, Goiás. Depois, entre os anos 60 e 70, a

⁴⁸ A revista **O Cruzeiro** é neste trabalho uma referência importante, visto que era o periódico semanal que competia com **Seleções** no Brasil. Muitas vezes, o leitor de uma era também leitor da outra, conforme pesquisa do IBOPE realizada durante o mês de junho de 1950. Ver Pesquisa IBOPE. Pesquisas Especiais - 1950, vol. 9.

⁴⁹ **O Cruzeiro** jun/49, p 68. Citado por COSTA, Helouise. *Aprenda a Ver as Coisas. Fotografia e Modernidade na Revista O Cruzeiro*. São Paulo, tese de mestrado apresentada à ECA-USP, 1992.

⁵⁰ É conhecido o interesse que Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados, complexo no qual a revista **O Cruzeiro** era um dos mais rentáveis e poderosos periódicos, tinha pelos Estados Unidos e como este país foi tratado como modelo pela revista brasileira durante décadas. Ver MORAES, Fernando. *Chatô. O Rei do Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

construção da rodovia Belém-Brasília e a Transamazônica, foram entendidas como “eixos rodoviários de penetração” e foram amplamente exploradas pela mídia brasileira. Mostravam as rodovias como integradoras do espaço nacional, construções que iriam diminuir as distâncias e diferenças, preenchendo os vazios existentes no espaço brasileiro. Diferentes governos brasileiros tiveram então a preocupação com a circulação espacial e almejaram ser centrais com relação ao território do país⁵¹. Portanto, o fato de **Seleções** comparar o Brasil ao Oeste, ao *wilderness* norte-americano do século XIX, encontrava uma receptividade no Brasil. A população das cidades brasileiras estavam informadas da "necessidade de desbravamento do território brasileiro" pelos meios de comunicação que constantemente reforçavam e reconstruíam este imaginário.

Talvez, de todos estes eventos, a transferência da capital tenha sido o mais amplamente debatido nos meios de comunicação da época. Criticada por uns, elogiada por outros, veio acompanhada de uma carga simbólica e mitológica, como foi o caso da profecia de Dom Bosco, que segundo consta, vislumbrou a capital no cerrado do Brasil 75 anos antes da sua construção e imaginava aquele espaço como “terra prometida”⁵². No ano de 1959, o **Digest** convidou John dos Passos para conhecer o que viria a ser Brasília e relatar para a revista aquela proeza. O título do artigo é "Brasília: Uma Capital Surge no Sertão"⁵³.

⁵¹ Ver COSTA, Wanderley Messias. *O Estado e as Políticas territoriais no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1995.

⁵² Ver HOLSTON, James. *A Cidade Modernista. Uma Crítica de Brasília e a Sua Utopia*, especialmente capítulo 1, São Paulo, Cia. das Letras, 1993. Para uma outra perspectiva, ver o trabalho do geógrafo VESENTINI, William. *A Capital da Geopolítica*, São Paulo, Ática, 1986.

⁵³ Este artigo, já citado anteriormente, saiu no **Digest** norte-americano com o título “*Dream City in The Wilderness*”.

"Tudo está sendo feito às avessas, dizem os críticos. Em vez de construir o palácio presidencial, por que não construíram primeiro uma estrada de ferro? Materiais, como vigas de aço importados dos Estados Unidos, têm de ser descarregados no Rio, embarcados para Belo Horizonte na estrada de ferro de bitola regular, depois transferidos para a bitola estreita que os leva para Anápolis. De Anápolis são transportados de caminhão até Brasília, numa distância de 110 quilômetros. E o nosso hotel com acomodações de luxo para 350 hóspedes está muito bem, mas não seria melhor terminar primeiro a usina elétrica e a represa? Agora a eletricidade é fornecida por várias centenas de geradores, todos movidos a óleo, que tem de ser embarcado do litoral...Para aquela gente de Brasília é exatamente como o Presidente Kubitschek a descreveu - uma meta para a imigração. São como os colonos americanos do Oeste dos Estados Unidos há cem anos. Foram ali para fazer crescer o país" (*Seleções* - abr/59 p - 37-38).

Vimos então, que a região de Brasília foi considerada um *wilderness* pelo *Digest* norte-americano e foi comparada ao Oeste dos Estados Unidos há cem anos. Além disso, os homens que construíam Brasília foram comparados aos colonos norte-americanos. John dos Passos diz que a construção de Brasília estava sendo realizada às avessas. Significava que a ocupação do Oeste não estava sendo feita a partir do litoral, onde estão as cidades mais industrializadas, como São Paulo. De lá deveriam vir primeiro as ferrovias, depois a construção de estradas, aos poucos cidades iriam aparecendo, o homem ia se fixando na terra. Tal qual imaginava-se ter sido a ocupação do Oeste norte-americano. A construção de Brasília, ao contrário, não havia obedecido a métodos racionais. Havia hotéis luxuosos, mas não

existia estrada de ferro, sequer represa e usina elétrica. A cidade havia sido implantada em meio ao *wilderness*, por voluntarismo do governo federal. Não quero discutir aqui as críticas que devem ser feitas à decisão e à construção de Brasília, interessa-me sobretudo entender a relação que John dos Passos fez entre a construção de Brasília e o *wilderness* e o Oeste norte-americano: desde as estradas de ferro, as primeiras que devem rasgar e interligar o Oeste, até a comparação com os colonos norte-americanos do século passado.

Deixemos agora o Brasil e passemos à região dos Andes. A monumental cordilheira da América do Sul foi vista com admiração em poucos artigos de **Seleções**. Foi, na maioria das vezes, vista como entrave geográfico para o progresso, barreira que impedia a comunicação entre os povoados espalhados pela região. A revista afirmou sobre os Andes colombianos:

"Que é que você faria, e como faria, para levar o progresso a uma nação de nove milhões de almas encurraladas em vales fechados, e com as cidades isoladas umas das outras por formidáveis cordilheiras? Como é que você introduziria o século XX no seio dum povo que a geografia tem aprisionado até hoje nos moldes mentais do século XVIII?" (**Seleções** - jan/46 - p 25).

Os colombianos foram representados como um povo que vivia num mundo à parte. Viviam como no século XVIII, época em que a Colômbia pertencia à coroa espanhola. Essa idéia sugere que o progresso só era possível com a construção de estradas e ferrovias, transportes que os Andes dificultavam. Aqui, o atraso da população está relacionada aos Andes, concebidos como entrave geográfico. Mais que isso, o diagnóstico de

um território que permanecia no século XX, com as características do XVIII, apesar de toda a industrialização, dizia muito sobre o colombiano, que aqui era visto como atrasado, vivendo num período pré-industrial:

“...o mal da apatia não era característico de Sutatenza (cidade colombiana) e sim um problema nacional. Uma de suas causas, o labirinto desse tipo de cõncavos isolados nas montanhas da Colômbia. Durante séculos aquela gente viveu quase sem estradas, sem escolas, sem contatos com o mundo exterior. Analfabetos, sem conhecerem vida melhor, haviam perdido o estímulo e estagnaram” (**Seleções** - nov/54 - p 52).

Vimos que não era característica exclusiva da pequena cidade, o isolamento e a apatia, mas era um problema nacional, conferido a todos os colombianos. Os Andes isolavam os homens, fazendo com que eles permanecem alheios ao progresso. Como não tinham estímulo do mundo exterior e civilizado, estagnavam. Estas características não estão vinculadas apenas a Colômbia mas também à parte andina do Equador:

“As próprias serranias que foram sempre o grande peso morto do país estão se transformando em fonte de renda” (**Seleções** – ago/49 – p 22).

Seleções informava que o grande peso morto do país estava sendo transformado em área de turismo, única saída rentável para a região, já que era um entrave para a passagem de estradas e ferrovias. Embora visto como entrave ao progresso, os Andes peruanos foram também comparados ao

Oeste norte-americano. Este artigo saiu apenas na revista norte-americana e reproduzia a fala de um professor norte-americano que vivia no Peru:

“- Quais são as chances para o futuro do Peru?

- Existem ótimas oportunidades, ele disse, é como se fosse o nosso *Far West* há um século atrás”. (**Digest** – out/47 – p 11).

Segundo a revista, o Peru estava fazendo melhoras nas encostas dos Andes, onde um sistema de irrigação faria com que se transformasse em área de agricultura um espaço antes inútil e abandonado. Assim, podemos sugerir que só eram comparados ao Oeste norte-americano, as terras da América do Sul que eram vistas com potencialidades de desenvolvimento e lucro. Olhava-se o território, conferia que era “desocupado”, percebia as potencialidades, e comparava-o imediatamente ao Oeste norte-americano.

Vimos até aqui que **Seleções** comparou na América do Sul, partes do Brasil e os Andes à conquista do Oeste norte-americano. À Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai foram dedicados pouco artigos e quando o fizeram, os territórios desses países não foram alvo de interesse da revista. Todavia encontrei um artigo no **Digest** norte-americano que evidenciava o fato da Argentina, diferentemente do Brasil, possuir uma população branca:

“O país é essencialmente branco, resultado da imigração européia. Não existem negros e os índios e mestiços são escassos. Na Argentina existem mais brancos que no Brasil, que é três vezes mais populoso” (**Digest** – dez/41 – p 90).

Embora o **Digest** não trate do território argentino, refere-se à sociedade daquele país como predominantemente branca⁵⁴, concepção que coloca a Argentina em vantagem não só com relação ao Brasil, como afirma o texto, mas com relação a toda a América Latina. Esta qualificação reforça o mito de uma Argentina branca, em meio a uma América Latina índia e mulata⁵⁵. Além disso, confirma a concepção de **Seleções** de que as sociedades civilizadas são particularmente as formadas por indivíduos brancos de imigração européia, como afirma o texto. Portanto, uma sociedade semelhante à norte-americana.

Pode-se afirmar, então, que na América do Sul, principalmente áreas como interior do Brasil e estados do Sul e Sudeste do país, como o Paraná e São Paulo, foram comparados ao Oeste norte-americano e ao *wilderness*. Os Andes foram vistos como entrave para o progresso, dadas as dificuldades de se estabelecer meios de transporte na região. Ainda assim o Peru foi comparado ao Oeste norte-americano, quando se anunciavam as possibilidades de desenvolvimento na região. O latino-americano, por sua vez, foi desqualificado, visto como primitivo, apático ou estagnado em várias regiões do território sul-americano.

* * *

⁵⁴ Este estereótipo de que a Argentina é um país branco, como um pedaço da Europa na América do Sul está presente também no imaginário brasileiro. Ver BEIRED, José Luis Bendicho. *Breve História da Argentina*. São Paulo, Ática, 1996.

⁵⁵ Ver O'Donnell, Guillermo. "Argentina: A Macropolítica e o Cotidiano", in *Lua Nova*, São Paulo, Cedec/Marco Zero, nº 14, abr/jun, 1988.

Com o exposto acima, pode-se afirmar que, ao tratar da América Latina, **Seleções** referia-se a tudo aquilo que estava abaixo do Rio Grande, sem a percepção de diferenças entre as várias culturas. A distinção era de um mundo civilizado ao Norte e um outro primitivo e selvagem ao Sul. No entanto, o norte-americano sentia-se perturbado frente à essa diferença. Quero repetir, um excerto já utilizado no capítulo anterior, para reforçar a idéia de que o norte-americano, sentia estranhamento ao se defrontar com esse mundo singular, enigmático e diferente do seu:

“...quando um americano inteligente e com amplos interesses olha em direção ao sul, ele fica *bewildered* por um paradoxo. Ele vê nações estabelecidas há 400 anos atrás e ainda subdesenvolvidas, com vastas terras, diversos recursos e um tipo apenas de economia; democracias constitucionais controladas por ditadores, terras onde inumeráveis revoluções não resolveram problemas básicos. O interesse do americano provavelmente diminui...Uma das causas naturais do subdesenvolvimento da América Latina é a sua geografia de montanhas, florestas e áreas que alternam enchentes e secas”. (**Digest** - ago/58 - p 65).

To bewilder é um verbo que tem origem em *to wilder* e na palavra *wilderness*. No excerto acima, o mundo latino-americano era visto como paradoxal, incompreensível para o norte-americano. Eram esses sentimentos e sensações, com os quais se deparava, o motor para a ação. A constatação de uma América Latina estranha revelava, por contraste, a superioridade norte-americana. Vimos acima, que não apenas a palavra *wilderness*, mas o

imaginário sobre a conquista do Oeste, funcionou como premissa para a representação da América Latina.

A partir do imaginário profundamente enraizado na cultura norte-americana sobre a conquista do Oeste, **Seleções** referiu-se aos territórios latino-americanos - considerados primitivos e pouco povoados – com as palavras: *Wilderness*, fronteira e Oeste. Esta comparação sugere que os territórios da América Latina eram vistos pela revista como áreas de influência e domínio norte-americanos. Ao diagnosticar os territórios como primitivos e pouco povoados, a associação era direta e imediata com o Oeste norte-americano do século XIX. Na perspectiva da revista, território primitivo e selvagem significava homem primitivo. Dessa maneira, os latino-americanos, da zona rural, camponeses, índios e mestiços foram qualificados como passivos, ignorantes, supersticiosos, sujeitos, vivendo de forma natural e instintiva.

Seleções distinguia três áreas no espaço latino-americano. A primeira é a região que vai do México ao Panamá, incluindo o Caribe, vista como a fronteira mais próxima dos Estados Unidos, mas acima de tudo, região estratégica norte-americana. A segunda, foi a floresta amazônica, qualificada como a região mais primitiva e desconhecida do planeta. A terceira, a América do Sul, especialmente o sertão do Brasil e os Andes, vistos como área com população esparsa e grande concentração no litoral.

Estes espaços latino-americanos foram descritos, qualificados e interpretados. Foram vistos, por um lado como zonas remotas, completamente desconhecidas do homem civilizado e, por outro, entendidos como áreas de grandes possibilidades de desenvolvimento econômico, principalmente para o “homem comum” que não encontrava oportunidades em áreas consideradas esgotadas, como as grandes cidades.

Em completa oposição, a referência era a Nação norte-americana, que fora construída no século XIX, a partir da conquista do Oeste, com o domínio do território, chamado de *wilderness*, confinamento do índio primitivo e selvagem - onde o pioneiro ia se estabelecendo na zona de fronteira (área de encontro da civilização com o *wilderness*) de forma ordenada e racional, construindo uma sociedade harmoniosa. O ator dessa operação era, evidentemente, o homem comum, branco e anglo-saxão. Assim podemos afirmar que **Seleções** excluía não só grande parte dos latino-americanos, mas também parte da população norte-americana, ou seja, índios, negros e imigrantes em geral.

Acima de tudo, esse conjunto de racionalizações e justificativas fortaleceram, por um lado, a identidade norte-americana e auxiliaram na promoção da unidade ao se oporem ao Outro latino-americano, num exercício de imaginação nacional, no qual relacionavam de forma absolutamente oposta, o mundo do Norte ao mundo do Sul; por outro, a qualificação da América Latina de forma tão negativa, justificou e legitimou a ação norte-americana, fosse com relação aos interesses da iniciativa privada, fosse com relação à política externa dos Estados Unidos para a região⁵⁶.

Podemos afirmar que a visão da América Latina construída pela revista, fala muito do imaginário norte-americano, mas a recepção que **Seleções** teve no Brasil nos fala, em outra direção, do imaginário brasileiro. Como explicar a aceitação de tal imagem da América Latina, sendo nós próprios latino-americanos? A História da separação entre o Brasil e a América Latina de língua espanhola data da Independência do Brasil,

⁵⁶ Ver MOURA, Gerson. *Estados Unidos e América Latina. As Relações Políticas no Século XX. Um Povo Eleito e o Continente Selvagem*, principalmente capítulo 1, São Paulo Contexto, 1990.

quando nos tornamos império e aqueles países repúblicas: "assim, os grandes inimigos externos do Brasil serão as repúblicas latino-americanas, corporificando a forma republicana do governo e ao mesmo tempo, a apresentação da barbárie"⁵⁷. Com o advento da República, intelectuais como Eduardo Prado, Oliveira Lima, Joaquim Nabuco, entre outros estabeleceram uma distinção entre a América Latina de língua espanhola e o Brasil, numa visão predominantemente negativa daqueles países⁵⁸. Mais recentemente foi a vez das revistas de comunicação de massa que retomaram e reforçaram o imaginário desta separação. Estes foram os casos da Revista **Manchete** e **O Cruzeiro** que a seu modo apresentaram a América Latina como um todo pouco definível, sem diferenças consideráveis e onde o tema preferido era a quantidade de golpes militares da região; mostraram o ideário sobre a América Latina atrasada economicamente e caótica politicamente, em contraposição ao Brasil Moderno e democrático⁵⁹.

Mas, além disso, a aceitação da revista **Seleções** no Brasil, nos informa sobre um ponto a mais do imaginário brasileiro. A forma negativa e preconceituosa com que **Seleções** apresentou os setores mais pobres brasileiros, aponta para a existência de um imaginário conservador difundido pelo corpo social. Indica a existência de setores da população que não queriam ser identificados com os estratos mais pobres da população, que consideravam como um Outro dentro do seu próprio país.

⁵⁷ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. "Nação e Civilização no Trópicos", in *Estudos Históricos*, n° 1, Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1988, p 7.

⁵⁸ Ver BAGGIO, Kátia Gerab. *A "Outra" América. A América Latina na Visão dos Intelectuais Brasileiros das Primeiras Décadas Republicanas*. Tese de Doutorado apresentada à FFLCH-USP, 1998, mimeo.

⁵⁹ Cf. BAITZ, Rafael. *Um Continente em Foco: A Imagem Fotográfica da América Latina nas Revistas Semanais Brasileiras (1954 – 1964)*. Tese de Mestrado apresentada ao Deptº de História, FFLCH – USP, São Paulo, 1988, mimeo,

Dentro dessa ordem de idéias, esses setores conservadores se identificavam com o *self-made man*, que a revista tanto louvou em praticamente todas as páginas da revista, se identificavam com as ações do indivíduo, não estando preocupados com as questões do direito e da cidadania. Interessavam-se pelo arsenal simbólico do “poder consumir”⁶⁰ que os diferenciava das classes mais desfavorecidas da população. Portanto, tanto nos Estados Unidos como no Brasil foi possível delinear através do **Digest** e de **Seleções** grupos conservadores que excluía, ou a maioria pobre no caso do Brasil, ou os negros, índios e imigrantes no caso dos Estados Unidos.

⁶⁰ Sobre a idéia de consumo e participação das camadas médias da população em movimentos conservadores, como o golpe de 1964 no Brasil, ver o trabalho de FIGUEIREDO, Anna Cristina. “*Liberdade é Uma Calça Velha Azul e Desbotada. Publicidade, Cultura de Consumo e Comportamento Político no Brasil (1954-1964)*”. São Paulo, Hucitec, 1998.

IV - O HEMISFÉRIO OCIDENTAL AMEAÇADO.

“Querem certos homem derrubar a Cruz. Seria substituída pela suástica, símbolo sangrento da crueldade dos homens para com seus semelhantes. Fariam de um tirano um deus e de Deus um fantoche; poriam em nossos lábios - e nos lábios de nosso filhos - as blasfêmias amargas do hitlerismo. E nos forçariam a sofrer as provocações a que já submeteram outros. Só há uma resposta para isto: ‘Nas Américas os homens serão sempre livres, e a suástica nunca substituirá a Cruz’... Nesta luta titânica terão a colaboração de todos os homens que amam a liberdade... de todos os homens que estão decididos a não permitir que as legiões do obscurantismo venham a dominar o mundo”

(texto de anúncio assinado pela Republic Steel Corporation em Seleções - dez/43).

“Um grupo de 50 guerrilheiros armados de granadas e fuzis automáticos, cercou a cidade montanhosa de Simacorta, metralhou três policiais, um garotinho, cortou os fios telefônicos e passou duas horas saqueando lojas, repartições e residências. No caos, aproxima-se a decomposição social a que visam os comunistas” (Seleções – jan/66 – p 56).

O diagnóstico de que a América Latina era “pouco civilizada”, formada por territórios despovoados - com uma população primitiva, composta basicamente de pobres e mestiços - fez com que a região fosse interpretada como um ambiente propício à penetração do inimigo externo alemão e japonês¹ durante a Segunda Guerra Mundial e o inimigo comunista na Guerra Fria. Essa constatação fez com que **Seleções** ampliasse o papel dos Estados Unidos como guardiões do Hemisfério Ocidental ameaçado e do “mundo livre” em geral.

4.1 - Hitler olha para a América do Sul...

A Segunda Guerra Mundial foi um acontecimento de dimensão extraordinária na História dos Estados Unidos deste século. Promoveu transformações fundamentais e implementou transições marcantes na cultura e na economia. O país entrou na guerra em dezembro de 1941, não foi praticamente atacado em seu território, com exceção de Pearl Harbor no Hawaii e de ataques de submarinos alemães à marinha mercante. Estado e iniciativa privada norte-americanos se uniram numa empresa, sem precedentes, que voltou a produção norte-americana para o esforço de guerra, praticamente triplicando a produção industrial² e implementando

¹ **Seleções** pouco tratou do fascismo italiano. A construção dos inimigos externos durante a guerra esteve centrada no alemão nazista e no japonês.

² Ver CHOMSKY, Noam. *What Uncle Sam Really Want*, especialmente capítulo 1, Berkeley, Odonian Press, 1992.

mudanças profundas no interior do próprio país³. Os Estados Unidos entraram na guerra, ainda vivendo o rescaldo da Depressão, e saíram dela como a maior potência do planeta, dominantes no plano internacional. As bombas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki informavam quem ia dar as cartas a partir de então e sinalizava para a outra potência emergente, a União Soviética, o tamanho do seu poder e da sua possibilidade tecnológica futura. Nesse sentido, a guerra foi um divisor de águas para os Estados Unidos. A partir de então, o país abandonou o tão falado isolacionismo e se posicionou como líder internacional, vencedor absoluto do conflito. Se antes os Estados Unidos estavam voltados para dentro, debatendo seus problemas econômicos e as divisões internas, ao final da guerra falava-se em unidade interna e responsabilidades internacionais⁴.

Evidentemente tal empreitada demandou um esforço de propaganda mobilizadora da opinião pública interna e na construção de imagens dos Estados Unidos para outros países. O principal comitê que concentrava informações e propaganda era o OWI *Office of War Information*, que atuava como intermediário entre a imprensa e o governo, elaborava os comunicados

³ Houve, por exemplo, uma corrida para as cidades à procura de postos de trabalho no período da guerra nos Estados Unidos. As mulheres entraram em massa no mercado de trabalho, principalmente na indústria em série destinada à guerra. A indústria foi deslocada para o Oeste dos Estados Unidos, principalmente para a Califórnia, onde estavam instaladas várias companhias de fabricação de material bélico e de aviação de guerra. Sobre as transformações (políticas, econômicas e geográficas) no interior do próprio território norte-americano durante a guerra, ver: NASH, Gerald D. *The American West Transformed. The Impact of the Second World War*, Lincoln/London, Univ. Nebraska Press, 1985. Os estados norte-americanos considerados como “inóspitos” se voltaram para esta febril atividade durante a Segunda Guerra Mundial. O maior exemplo foi o Novo México: em Los Alamos fora instalado um acampamento secreto, dotado de laboratórios e alojamentos a fim de testar a bomba atômica. Para uma introdução sobre o projeto científico da construção da bomba atômica, ver: DIAS Junior, José Augusto e ROUBICEK, Rafael. *O Brilho de Mil Sóis. História da Bomba Atômica*, São Paulo, Ática, 1994.

⁴ Ver TEMPERLEY, Howard e BRADBURY, Malcolm. “Guerra e Guerra Fria”, in *Introdução aos Estudos Americanos* (org Bradbury e Temperley). Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1981.

para a imprensa nacional, assim como a propaganda para o exterior. Além disso passava pelo crivo do OWI, a produção cinematográfica de Hollywood e a produção de rádio⁵. Os estrategistas acreditavam que os comitês de propaganda deviam emitir mensagens mostrando os norte-americanos como simpáticos, espontâneos e bem intencionados. Ao mesmo tempo eram construídas, pelos meios de comunicação, as imagens dos inimigos externos do período, principalmente os alemães e os japoneses⁶. Essa construção positiva do norte-americano e do inimigo hostil teve ampla veiculação interna e externa. Tanto Hollywood quanto o *Digest* tiveram um importante papel na divulgação dessas imagens fora do país.

Exatamente três meses após o ataque de Pearl Harbor, e a pedido de Nelson Aldrich Rockefeller, *Seleções* entrou no Brasil, principalmente porque era uma publicação que fornecia imagens positivas dos Estados Unidos e do norte-americano. Rockefeller se utilizava dos canais abertos pela política da Boa Vizinhança, que havia se tornado durante a guerra poderoso instrumento de Roosevelt nas relações entre Estados Unidos e América Latina.

A política da Boa Vizinhança foi proposta por Franklin D. Roosevelt em 1933, e tinha como objetivo acabar com a intervenção armada norte-americana na América Latina, ocorrida nas primeiras décadas nos países da

⁵ Ver ADAMS, Willi, *Los Estados Unidos de América*, principalmente capítulo VII. México, Siglo Veintiuno, 1989.

⁶ A mídia mais utilizada para construção destes inimigos nos Estados Unidos foi o rádio, o mais influente meio de comunicação da época. Sobre a construção dos inimigos externos pela mídia dirigida ao público norte-americano, ver BLUM, John Morton. *V Was for Victory. Politics and American Culture During World War II*, principalmente capítulo 1, New York/London, Harcourt Brace & Company, 1977.

América Central e Caribe⁷. No período da guerra se transformou num canal privilegiado a fim de barrar a Alemanha que estava com o olhar voltado, principalmente para a América do Sul. Mas além de afastar as pretensões alemãs do continente, a política externa norte-americana procurava atingir outros fins: sinalizava o lugar dominante que os Estados Unidos ocupariam depois da guerra. Certas políticas iniciadas durante o período da Boa Vizinhança constituíram-se em bases das políticas do pós-guerra⁸.

Na época da guerra, a América Latina foi palco de disputas comerciais, políticas e ideológicas. Aos Estados Unidos interessavam, sobretudo, que as economias latino-americanas passassem a estar vinculadas à norte-americana, abrindo um canal de comercialização e novos mercados para a indústria norte-americana do pós-guerra⁹.

Em agosto de 1940, como parte da política de Boa Vizinhança, foram instalados no Rio de Janeiro, os escritórios da poderosa superagência de Nelson Rockefeller, chamada *Office of The Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA) que tratou de intercâmbio cultural, técnico-científico e do estreitamento das relações econômicas entre Brasil e Estados Unidos. Com forte influência no período, tanto nos Estados Unidos quanto na América Latina, esta agência tinha escritórios espalhados por vários países da região

⁷ A política de não intervenção na América Latina esteve restrita ao período da Guerra. Os Estados Unidos intervieram na Guatemala (1954), R. Dominicana (1965), Panamá (1989) e recentemente em Granada.

⁸ Conforme PRADO, Maria Ligia “Ser ou não Ser um Bom Vizinho: América Latina e Estados Unidos Durante a Guerra”, in *Revista USP - Dossiê 50 anos de Final de Segunda Guerra*. São Paulo, Edusp, nº 26, 1995.

⁹ Ver: GAMBINI, Roberto. *O Duplo Jogo de Getúlio Vargas. Influência Americana e Alemã no Estado Novo*, principalmente parte 3, São Paulo, Símbolo, 1977.

latino-americana e também em Washington¹⁰. O objetivo era eliminar a influência do Eixo e assegurar a futura posição internacional dos Estados Unidos nas Américas. Estimular o intercâmbio cultural, procurando apresentar imagens positivas das culturas: mostrar o norte-americano como simpático e bem intencionado e, por outro lado, mostrar aos norte-americanos que os latino-americanos não eram povos de culturas tão distantes da norte-americana. Com essa intenção Rockefeller promoveu intercâmbios culturais, intelectuais e artísticos na época: enquanto Carmem Miranda fazia sucesso nos Estados Unidos, Walt Disney fazia sucesso em alguns países da América Latina como o “Embaixador da Boa Vontade” dos Estados Unidos. Orson Welles, especialmente contratado por Rockefeller, viajou para o México e o Brasil a fim de produzir um documentário sobre os países da América Latina.

Rockefeller, dono de inúmeros negócios na região, principalmente a Cia. de Petróleo Standard Oil, procurou convencer o Departamento de Estado a aceitar o seu projeto de uma penetração cultural norte-americana sistemática na América Latina¹¹. Para convencer o Departamento de Estado, Rockefeller argumentava que “conquistar a América Latina” era um aspecto relacionado à segurança nacional norte-americana: precisava-se afastar com urgência a influência alemã, tanto econômica quanto cultural, da região. Segundo Rockefeller, os alemães já estavam se instalando, particularmente no Brasil e Argentina, devido à existência de colônias alemãs nesses países. Assim sendo, os Estados Unidos precisavam agir com rapidez e

¹⁰ Para uma interpretação da superagência de Nelson Rockefeller ver MOURA, Gerson, *Tio Sam Chega ao Brasil. A Penetração Cultural Americana*. São Paulo, Brasiliense, 1993.

¹¹ O Departamento de Estado possuía também um sub-departamento que tratava exclusivamente de questões culturais. Rockefeller, algumas vezes, teve que enfrentar a resistência de Cordell Hull, Secretário de Estado e de Sumner Welles, Subsecretário de Estado; dadas as suas iniciativas na América Latina, muitas vezes sem consulta prévia ao Departamento de Estado.

determinação. Em segundo lugar, Rockefeller argumentava que os Estados Unidos tinham condições de ocupar espaços que eram influenciados pela Europa, especialmente Inglaterra e França, fosse nos aspectos econômicos, fosse no âmbito cultural¹². Além disso Rockefeller argumentava que a região era um flanco aberto a invasões, dada a sua população esparsa no interior e concentração no litoral. E mais a ausência de comunicação entre as diferentes partes dos países com grandes extensões territoriais. Segundo os diagnósticos da época, apenas a Austrália possuía população tão esparsa e rarefeita¹³.

Em dezembro de 1941, os japoneses bombardearam Pearl Harbor e os Estados Unidos entraram na guerra. Aumentava assim a necessidade de manter o Hemisfério Ocidental sob controle. Aumentava também o temor norte-americano, principalmente com relação ao nazista e ao japonês. Mais que isso: espalhou-se pelos Estados Unidos uma atmosfera de desproteção e insegurança uma vez que - segundo o imaginário vinculado à idéia de isolacionismo - os Estados Unidos deixavam de estar agora protegidos por dois imensos oceanos: o Atlântico e o Pacífico¹⁴. As tecnologias avançadas da aviação quebravam com tais barreiras protetoras e os Estados Unidos passavam a estar mais expostos aos conflitos mundiais. Esse imaginário que

¹² Ver NINKOVICH, Frank A. *The Diplomacy of Ideas. U. S. Foreign Policy and Cultural Relations 1938-1950*, principalmente capítulo 2, London/ New York, Cambridge University Press, 1981. Ver também o já citado COLBY, Gerald e DENNETT, Charlotte. *Seja Feita a Vossa Vontade. A Conquista da Amazônia: Nelson Rockefeller e o Evangelismo na Idade do Petróleo*, principalmente parte 2, São Paulo, Record, 1998.

¹³ Cf. BENDER, Marylin e ALTSCHUL, Selig *The Chosen Instrument. Pan Am Juan Trippe. The Rise and Fall of American Entrepreneur*. New York, Simon and Schuster, 1982, p 107.

¹⁴ O isolacionismo foi uma das tendências norte-americanas desde a Independência, tanto quanto o foi o expansionismo. A vertente isolacionista argumentava que os Estados Unidos deveriam evitar entrar nas disputas entre as nações européias. Até a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos consideravam-se ao abrigo de qualquer ingerência estrangeira dada à confortável proteção dos dois oceanos (*Two Ocean concept*). Ver FICHOU, Jean Pierre. *A Civilização Americana*, especialmente capítulo 3, Campinas, Papirus, 1990.

tocava na insegurança norte-americana ajudou a engajar parte da população no esforço de guerra e reforçou a idéia de que o país devia se preparar para garantir a sua segurança nacional. Ao final da Segunda Guerra Mundial, o eixo de liderança do mundo ocidental deslocara-se da Europa para os Estados Unidos.

Seleções reproduziu no Brasil, as imagens dos inimigos externos já divulgadas nos Estados Unidos pelo **Digest** e pelo cinema de Hollywood: principalmente o nazista e o japonês. Os alemães foram tidos como inflexíveis, imbuídos pelo militarismo de origem na Prússia. É o que diz artigo de título “Prussianismo eis o inimigo”:

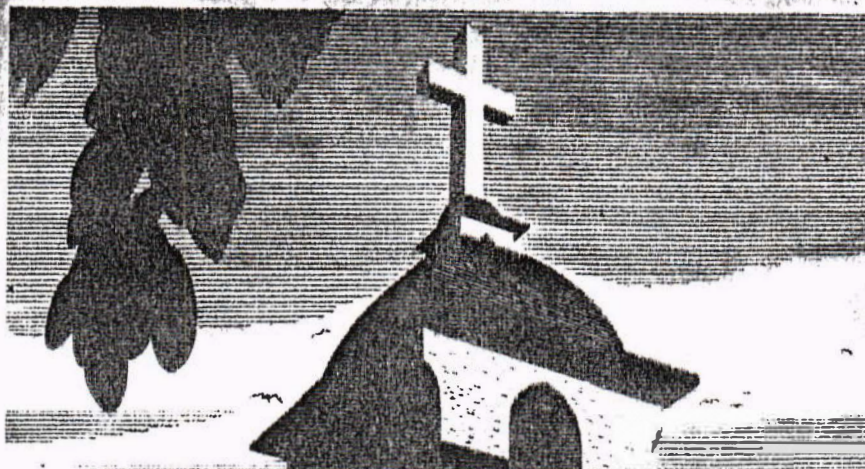
“Hitler é apenas o símbolo da agressão germânica. Atrás dele, porém, está a substância – o Estado Maior General, apoiado, a sua vez, nos junkers prussianos...Os astutos, inflexíveis cavalheiros que se encontram presentemente nos postos de comando da máquina militar alemã são homens de infinita paciência, que não têm dúvida em esperar décadas, ou mesmo gerações, pelo momento de agredir de novo....não cessam de tramar a luta pela escravização do mundo” (**Seleções** – jun/44 – p 13,14).

Segundo **Seleções**, a Alemanha era um Estado exclusivamente militarista, inflexível, com pretensões de “escravizar” o mundo. Estas eram características que definiam o inimigo nazista ao lado do “mal” e os norte-americanos, como salvadores do mundo, ao lado do “bem”. O inimigo japonês foi descrito ainda de forma mais dura. O título do artigo já é sugestivo: “Yamamoto, O Inimigo nº 2 de Tio Sam”:

“Depois de Adolf Hitler, o principal inimigo das democracias é, talvez, Isoroku Yamamoto, comandante da esquadra japonesa, um homem que tem a face como revestida de couro, a cabeça com forma de bala, o coração duro, e cuja vida foi dedicada inteiramente à tarefa de acabar com a supremacia da raça branca. ‘Quando romper a guerra entre o Japão e os Estados Unidos’, escreveu ele certa vez a um amigo, ‘não me contentarei apenas com ocupar Guam, as Filipinas, o Havai e São Francisco. Espero ditar a paz aos Estados Unidos na Casa Branca em Washington... Yamamoto começou a odiar os Estados Unidos desde o tempo em que, ainda mui jovem, o pai lhe contava histórias de bárbaros cabeludos que tinham chegado em navios negros, arrombado as portas do Japão, e ameaçado o Filho do Céu”. (Seleções, ago/42, p 59).

Nota-se que o japonês era apresentado como insensível e duro. Dada a sua condição de asiático, queria acabar com a raça branca. E mais que isso, tomar um dos maiores símbolos norte-americanos: a Casa Branca. Com o desenrolar dos acontecimentos, os inimigos externos foram apresentados como o oposto do mundo cristão, conforme o texto do anúncio que serve de epígrafe para este capítulo: “Querem certos homem derrubar a Cruz. Seria substituída pela suástica, símbolo sangrento da crueldade e dos homens para com seus semelhantes”¹⁵. Neste texto, o alemão e o símbolo do nazismo, a suástica, foram apresentados como anticristãos, como se a Alemanha não fizesse parte do mundo Ocidental. Com o japonês não foi diferente, o artigo de título: “Japonismo Contra o Cristianismo” é exemplar:

¹⁵ Embora não esteja aqui trabalhando com anúncios, este texto foi escolhido, porque ele concentra os qualificativos negativos do inimigo externo, comparando-o com os Estados Unidos. Conforme diz o próprio título: “A Suástica Nunca Substituirá a Cruz Cristã”.



A SUÁSTICA NUNCA SUBSTITUIRÁ A CRUZ CRISTÃ

Querem certos homens derrubar a Cruz.

Será substituída pela suástica, símbolo augurante da crueldade dos homens para com seus semelhantes. Farão de um tirano um deus — e de Deus um fantoche; porão em nossos lábios — e nos lábios de nossos filhos — as blasfêmias amargas do hitlerismo. E nos forçarão a sofrer as provações a que já submeteram outros.

Só há uma resposta para isto: *«Nas Américas os homens serão sempre livres, e a suástica nunca substituirá a Cruz.»*

Os homens e mulheres da República torçam esta resposta com aço — saços de guerra —, para canhões, aviões, tanques e navios da liberdade. Trabalham e lutam para que chegue mais depressa o momento em que lhes seja permitido dedicar-se à tarefa mais feliz de produzir saços de trabalho — para ajudar à realização de uma vida de paz, liberdade e abundância, compartilhada por todos.

Nesta luta titânica terão a colaboração de todos os homens que amam a liberdade... de todos os homens que estão decididos a não permitir que as legiões do obscurantismo venham a dominar o mundo.



REPUBLIC STEEL CORPORATION

Depto. de Exportação: Chrysler Building, 405 Lexington Ave.
New York, N. Y., E. U. A. Endereço Telefônico: «TONCAN» . . .

Sacri-tórios Centrais: Cleveland, Ohio, E. U. A.

Representantes na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haíti, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Perú, Porto Rico, El Salvador, Trinidad, Uruguai, Venezuela, Ilhas Virgínicas.
Também estamos representados em Grã-Bretanha, Canadá, Austrália, Nova-Zelândia, União Sul Africana, Índia, China, Irã, Portugal, Suécia, Turquia.

“...Um japonês que se respeita detesta ter que aceitar favores de um estrangeiro. Nós somos uma raça superior. Um dia o Japão há de dominar o mundo, e o Cristianismo será completamente eliminado. Hoje em dia já se tornou evidente que a guerra em que o Japão se empenha é tanto contra o cristianismo quanto contra os Estados Unidos” (Seleções, mai/44 p 18 e 19).

Ao tratar o alemão e o japonês como anticristãos, instala-se uma barreira intransponível baseada nas formas binárias e opostas:

Estados Unidos

- . Cristão
- . Bem
- . Liberdade

Nazista/Japonês

- . Anticristão
- . Mal
- . Escravidão

Ao entrar na guerra, então, os Estados Unidos não estavam lutando apenas contra os inimigos alemão e japonês, mas estavam numa cruzada a fim de salvar o mundo cristão. Na perspectiva da revista, os inimigos externos deveriam ser combatidos com a tecnologia mais moderna, justificando o esforço de guerra e a parceria Estado e iniciativa privada proposta por Roosevelt, embora os editores da revista não concordassem com a interferência do governo na economia em diversos momentos dos anos 30 e 40. Certamente prevendo lucros futuros para a iniciativa privada, o **Digest** clamava pelo esforço de guerra e pela unidade interna norte-americana. Na mesma direção, a revista norte-americana e a sua versão

brasileira, **Seleções**, clamavam juntas pela unidade hemisférica, a fim combater os inimigos externos.

Dada a penetração de **Seleções** no período da guerra e o sucesso que obteve junto ao público leitor, pode-se dizer que a revista foi em parte responsável pela versão que circulou no Brasil da História da Segunda Guerra Mundial¹⁶. Assuntos ligados à guerra, depoimentos de soldados, relatos de correspondentes, análise de estrategistas foram utilizados pela revista à exaustão, décadas depois de terminado o conflito. **Seleções** iluminava os feitos norte-americanos, tratando de episódios específicos do conflito; entre eles, o que mais se destacava era o famoso “Dia D”. A revista mostrava os Estados Unidos operando na árdua luta do bem contra o mal: os heróicos e espontâneos “rapazes” norte-americanos travavam uma batalha sem fim contra o “astucioso e inflexível” nazista na frente Ocidental e os “dissimulados e suicidas” japoneses na frente Oriental. Esta versão subestimava o papel da Grã Bretanha e da Resistência, na frente de batalha contra o Eixo e omitia o papel da União Soviética em momentos decisivos para a vitória dos Aliados, como a batalha de Stalingrado e também o cerco do exército vermelho a Berlim em abril de 1945¹⁷.

Os temores com relação ao inimigo externo assumiram um caráter alarmante com a possibilidade de penetração alemã na América Latina: o diagnóstico de uma região com grande parte dos territórios desocupados, com uma população pobre, ignorante e passiva somava-se à presença de colônias alemãs no continente sul-americano, principalmente no Brasil e

¹⁶ Além da recorrência dos artigos tratando da vitória norte-americana durante o pós-guerra e Guerra Fria, o **Digest** possuía uma divisão que publicava enciclopédias e livros condensados. Muitos destes trataram da Segunda Guerra Mundial.

¹⁷ Sobre a aliança entre os Estados Unidos capitalistas e a União Soviética comunista durante a Segunda Guerra Mundial, ver HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos. O Breve Século XX - 1914-1991*, especialmente capítulo 5, São Paulo, Cia das Letras, 1995.

Argentina. Além disso, preocupava a Washington o fato do líder do maior país do continente, Getúlio Vargas, ser simpatizante do nazi-facismo; embora na época da guerra, Vargas tivesse optado por uma política pendular que ora se voltava para a Alemanha, ora para os Estados Unidos¹⁸. Também o governo argentino era suspeito para o Departamento de Estado norte-americano, principalmente em função da simpatia que grupos militares nutriam pelo Eixo e também em função da sua tradicional parceria econômica com a Inglaterra. Entre os oficiais argentinos, simpatizantes do Eixo estava o jovem Juan Domingo Perón. Este grupo comandou um golpe militar que suprimiu as liberdades democráticas em 1943 e em 1946 assumiu Perón como presidente do país, estabelecendo um governo com características populistas que durou até 1955.

Tal atmosfera de insegurança e apreensão exigia cuidados por parte dos norte-americanos, notadamente por parte da superagência de Nelson Rockefeller que procurava mostrar as Américas unidas numa causa comum, emitindo imagens positivas dos norte-americanos para os latino-americanos e vice-versa. Esses cuidados refletiram também no **Digest**. Como já afirmei, a maioria dos artigos que tratavam da América Latina era inserida tanto na revista norte-americana, quanto na brasileira. Mas há um fato curioso durante a guerra: O **Digest** norte-americano veiculou vários artigos sobre os ditadores latino-americanos, tratando-os de forma tolerante e benevolente. Estes textos não foram inseridos na revista brasileira. Principalmente três deles chamam a atenção, os de título: “*Vargas: Brasil's Benevolent Despot*” (jul/41), *Batista: The Stenographer Who Became Dictador*” (ago/41) e

¹⁸ Sobre a política de barganhas do período Vargas, ver: MOURA, Gerson. *Sucessos e Ilusões. Relações Internacionais do Brasil Durante e Após a Segunda Guerra Mundial*, especialmente parte 1, Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1991 e GAMBINI, Roberto, ob cit, 1977.

1941, antes do ataque de Pearl Harbor e da entrada da revista no Brasil. Ubico era ditador da Guatemala e Batista era presidente de Cuba desde 1940¹⁹. Ambos eram considerados uma espécie de “resultado da política externa norte-americana”, em virtude do apoio que os Estados Unidos davam aos governantes da América Latina que se alinhavam aos seus interesses²⁰. Tanto Vargas como Batista eram considerados pelo **Digest** norte-americano “ditadores com senso de humor”. Vargas era apresentado como:

“O grande paradoxo nas relações Panamericanas hoje é pequeno, sensível e sorridente. A figura chave dos esforços dos Estados Unidos para a unidade do hemisfério ocidental contra o totalitarismo... Hábil, amistoso, ágil, Vargas... é o mais importante líder político na América Latina e a sua importância para os Estados Unidos é profunda.... Frequentemente nos é perguntado por que os Estados Unidos que vinculam-se à liberdade e à democracia podem ter uma relação de proximidade com ditadores. São duas as respostas: no Brasil há uma ditadura benevolente, governada com extrema tolerância – um governo pessoal – não um governo oficialmente totalitário. A segunda resposta envolve o tipo de decisão que políticos realistas inevitavelmente apresentam. Nós podemos não gostar do fato de Vargas ser um ditador, mas um Brasil forte, estável e amistoso é mais importante para nós como nação do que a sua política interna”. (**Digest** - jul/41 - p 113 e 116).

¹⁹ Embora o **Digest** tenha se referido a Batista como ditador, ele foi eleito em 1940, como presidente de Cuba.

²⁰ Ver: RIVAS, Edelberto Torres. “Guatemala: Meio Século de História Política”, in CASANOVA, Pablo González (org). *América Latina. História de Meio Século*. Brasília, Ed. UNB, 1990 e LE RIVEREND, Julio. “Cuba: do semicolianismo ao socialismo (1933-1975), in CASANOVA, Pablo González (org) *América Latina. História de Meio Século*. Ed. UNB, 1990.

O texto é claríssimo. Os Estados Unidos não se preocupariam com o fato de Vargas ter suprimido as liberdades democráticas no Brasil, interessavam sim pelo fato do Brasil aliar-se aos norte-americanos. Além disso, Vargas era elogiado como homem hábil, ágil, simpático e tolerante. Acredito que os artigos acima tratados não foram veiculados na **Seleções** brasileira porque os textos mostravam os interesses norte-americanos, sem a retórica de igualdade entre os países, propalada pela política da Boa Vizinhança. Já na revista norte-americana não havia o que ocultar, frisava-se o lado pragmático. O que interessava aos Estados Unidos à época era a aliança entre América Latina e Estados Unidos. Existia ainda mais a negociação para que fosse instalada a base de Natal que faria ponte entre os aviões Aliados e Dacar na África. Com a base em Natal, os Estados Unidos teriam da Groelândia ao Brasil uma espécie de “colar de Bases”, defensoras do Hemisfério Ocidental’ e no Nordeste do Brasil o salto para o *front* na África²¹. Vejamos a continuação do mesmo artigo:

“Vargas não comentou diretamente sobre a questão das bases dos Estados Unidos no Brasil. Mas ele colaborou com missões do exército e da marinha que estão agora treinando oficiais brasileiros na defesa da costa. E ele é esperto o suficiente para saber que se nós precisarmos de bases brasileiras, nós as teremos”. (**Digest** - jul/41 - p 116).

Não há dúvida, que o teor deste artigo poderia criar controvérsias no Brasil, caso fosse publicado. O texto era incisivo: se Vargas não concordasse

²¹ Informações sobre o processo de negociação entre Brasil e Washington quando os Estados Unidos estabeleceram a base de Parnamirim em Natal e Vargas conseguiu o empréstimo para a Siderúrgica de Volta Redonda estão em BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*, principalmente terceira parte. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978 e SILVA, Hélio. *Guerra no Continente*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

em negociar as bases militares de apoio aos Estados Unidos, os norte-americanos as estabeleceriam à força²². O *Digest* refletia então a posição de preponderância dos Estados Unidos durante a guerra, embora a política da Boa Vizinhança falasse em igualdade entre as nações. A ação norte-americana deveria ser firme e a postura pragmática. Eles comandavam o teatro das operações e as nações latino-americanas por sua vez deviam ceder diante de tal poder.

Ainda sobre o apoio do *Digest* aos ditadores latino-americanos, o jornalista John Heidenry descreveu a forma como pensava Barclay Acheson, o chefe da Divisão Internacional do *Digest*²³, sobre os latino-americanos: “Entre outras coisas, Acheson pensava que parte dos ditadores latino-americanos possuía ‘grande idealismo e um fino patriotismo’... Acheson acrescentava que ‘as normas benevolentes das classes altas eram no presente a melhor forma para alguns países da América do Sul’, até que os latino-americanos aprendessem a ter responsabilidades por seus próprios direitos e liberdades”²⁴. A forma de pensar de Acheson transparece de forma indireta na revista brasileira *Seleções* e de forma direta no *Digest* norte-americano. Os ditadores eram apoiados na América Latina, porque a população pobre, mestiça e desordenada não estava ainda preparada para a democracia, precisava ser tutelada. Dessa forma, o apoio aos ditadores era justificado

²² Um artigo da revista *Isto É* - nº 1234, de 26.05.93 - trouxe a existência de um documento secreto produzido pelo Estado-Maior do Exército dos Estados Unidos com o título: *Plano do Teatro de Operações do Nordeste do Brasil*. Era um plano para tomar de assalto o Norte e Nordeste do Brasil, caso Vargas não se aliasse aos Estados Unidos. Citado por AQUINO, Maria Aparecida “A América vai à Guerra”, in COGGIOLA, Oswaldo (org). *Segunda Guerra Mundial. Um Balanço Histórico*. São Paulo, Xamã/Univ. São Paulo, 1995.

²³ Barclay Acheson era irmão de Lila Acheson Wallace e cunhado de DeWitt Wallace - os idealizadores e donos do *Digest*.

²⁴ Cf. HEIDENRY, John *Theirs Was The Kingdom. Lila and DeWitt Wallace and The Story of The Reader's Digest*. New York/London, W.W. Norton & Company, 1993, p 157.

pela imagem que se tinha das sociedades latino-americanas: territórios primitivos e uma população inapta e pobre, como vimos no capítulo anterior. Estas referências faziam com que se temesse ainda mais a possibilidade de uma invasão nazista na América Latina. Ao mesmo tempo justificava uma solução de força norte-americana, caso necessário.

Além dos artigos citados acima, foram veiculados no **Digest** norte-americano e não foram inseridos na versão brasileira, os artigos de título: “*Hitler Looks To South America*” (ago/40), “*Can Hitler Invade America?*” (abr/41), “*Can the Nazis Steal Our South American Trade?*” (mai/41). Todos publicados entre 1940 e 1941, também antes da revista sair no Brasil. Estes textos refletiam o período anterior ao ataque de Pearl Harbor, a ansiedade dos políticos e homens de negócios norte-americanos, com a possibilidade de perder o seu mercado na América do Sul e o temor desta região vir a ser tomada pelos nazistas, comprometendo não só a segurança norte-americana, mas também mercados potenciais. Quero dizer que a idéia de inimigo externo estava construída, mas com a ameaça de penetrar na América Latina, o perigo se aproximava e deveria ser fortemente combatido. O artigo, já citado, “*Can Hitler Invade America?*” mostra que a invasão alemã era tida como certa:

“Em Washington um alto oficial apontou um mapa para o Brasil e África Ocidental francesa. ‘A colônia francesa logo terá uma base nazista. O Brasil é o próximo ponto de ação nazista. A oito horas da África. Ernest Wilhelm Bohle, chefe da polícia externa disse: ‘A América do Sul, é nossa mais importante fronteira’” (**Digest** – ago/40 – p – 47).

Aqui um alto oficial, apontando diretamente para um mapa, sugeria que as tropas alemãs atravessariam o Atlântico e chegariam até o Brasil, comprometendo a América do Sul e se aproximando dos Estados Unidos.

O que pudemos notar até aqui: os artigos que foram publicados na versão brasileira *Seleções* no período da guerra foram cuidadosamente escolhidos. Eles evitavam traduzir e veicular no Brasil, artigos que haviam circulado nos Estados Unidos, mas que contradiziam a retórica da política de Boa vizinhança que propunha a igualdade das nações nas Américas. Estes artigos que tratavam da América Latina - mas que saíram exclusivamente nos Estados Unidos - mostram que os Estados Unidos temiam perder a América Latina como mercado potencial. Fica claro que apoiavam ditadores como Vargas, porque o interesse estava, exclusivamente, na Aliança entre América Latina e Estados Unidos. E sugeriam que se não fosse possível negociar as bases militares no Nordeste do Brasil, eles as estabeleceriam na região de qualquer maneira.

Contudo no Brasil, foram privilegiados os artigos que procuravam diminuir as diferenças entre Norte e Sul. Nesta época apareceram em *Seleções*, artigos tratando de intercâmbio estudantil entre os Estados Unidos e os países da América latina e artigos que tratavam da importância das bolsas para técnicos latino-americanos nos Estados Unidos. As expressões “nações irmãs”, “bons vizinhos” e “Américas unidas” foram bastante utilizadas no período da guerra. No entanto, o preconceito contra os latino-americanos estava de tal forma arraigado que aparecia na quase totalidade dos artigos analisados. É exemplar o artigo de título “Jovens Yankees nos Lares Sul-Americanos”²⁵, que tratava do intercâmbio de estudantes norte-

²⁵ Este artigo saiu nos Estados Unidos em janeiro de 1942, com o título: “*Youth Experiments in Latin- American Living*”.

americanos chamados por **Seleções** de “experimentalistas” em países da América Latina (em casas de famílias de classe média alta). Primeiramente o texto enfatizava a surpresa dos latino-americanos ao se depararem com norte-americanos tão educados.

“ ‘Mas estes rapazes são muito educados’, disse surpreendido um peruano, referindo-se a alguns jovens norte-americanos que passavam suas férias em casas de famílias na América Latina, no verão passado. ‘Tiram o chapéu quando encontram uma senhora, cedem-lhe o lugar e dão-lhe a primazia ao entrar numa sala! O cinema e os turistas tinham-nos dado dos americanos idéia bem diferente’. Mas continuou o peruano, ‘Estes jovens não se interessam por coisas exóticas, nem pelas ruínas, nem por bebidas, por nada disso: interessam-se por nós’”. (**Seleções** - mar/42 - p 6)

Percebe-se aqui uma tentativa em suavizar a imagem de “xerife durão” dos norte-americanos, segundo a revista, baseado nos filmes de Hollywood. Continuando o mesmo artigo:

“Depois de passarem a primeira parte do verão nos lares, os experimentalistas reúnem-se a seu grupo e fazem viagens pelo país, vendo e estudando outros aspectos da vida nacional, freqüentemente levam consigo seus irmãos e irmãs, a título de convidados”(**Seleções** mar/42 p 7)

Aqui está presente a utilização das palavras “irmãos” e “irmãs” para tratar a relação de proximidade, familiar e cristã entre os jovens latino-americanos e norte-americanos. Mas eram os norte-americanos que levavam os seus “irmãos” e “irmãs” a conhecer o seu próprio país. Ora, os anfitriões eram os latino-americanos. Seriam, portanto, eles a convidarem os norte-americanos a conhecer e a estudar os aspectos da vida nacional, não o

contrário. Existia, portanto, uma inversão de papéis: ao conhecer/mostrar o país latino-americano, os norte-americanos tornavam-se eles os anfitriões. Não podemos esquecer que anfitrião é o dono da casa, o que mostra, o que apresenta. Esta inversão de papéis acabava por indicar a visão de superioridade norte-americana com relação aos latino-americanos nos textos de **Seleções**.

Podemos dizer, portanto, que a versão brasileira **Seleções** procurava seguir a política do Departamento de Estado e das recomendações da superagência de Nelson Rockefeller: procurava diminuir as diferenças entre latino-americanos e norte-americanos; no entanto, os estereótipos estavam tão presentes, que algumas vezes é possível ver no discurso a separação radical entre Estados Unidos e América Latina.

Ainda seguindo a trilha da Boa Vizinhança, a revista enfatizou também o intercâmbio cultural, **Seleções** dedicou artigos à cantora dominicana Maria Montez e ao mexicano Cantinflas, ator que começou do nada e chegou ao auge da carreira ao se apresentar em Hollywood. Mas se a revista promoveu alguns artistas latino-americanos, também criticou norte-americanos que não atuaram da forma com que **Seleções** acreditava ser a correta. Este foi o caso de Orson Welles, que esteve no Brasil no contexto da política da Boa Vizinhança. A idéia era que Welles filmasse o Carnaval brasileiro. Mas aqui chegando, o diretor se interessou pela origem do samba e a trajetória de três jangadeiros que partiram do Ceará a fim de fazer reivindicações a Getúlio Vargas. Estes temas desagradaram tanto a Vargas quando aos Estúdios RKO, aos quais Welles estava ligado. O filme "*It's All True*" deveria ser constituído de três partes: a primeira dedicada ao México; a segunda tratava do Carnaval no Rio de Janeiro; a terceira contava a trajetória dos jangadeiros cearenses. No entanto, o filme não chegou a ser

montado dadas às incompatibilidades entre a RKO²⁶ e Welles. Na perspectiva de **Seleções**, Welles era tido como homem “incontrolável” “desregrado” e “blasé”, sem os vínculos com a idéia de propriedade privada tão cara aos norte-americanos:

“Tendo o maior desprezo pela propriedade, tem o hábito de dar tudo, em geral à primeira pessoa que encontra. O que Orson não dá, perde... Sempre evita festas, principalmente as de cerimônia, tem aversão às roupas de rigor, e andaria como ‘cama por fazer’ se não fosse a dedicação e o desvelo de Dolores Del Rio (mulher de Welles na época)” (**Seleções** - set/42 - p 43).

Embora a revista reconhecesse o talento de Welles, percebe-se nas entrelinhas que o seu modo de vida e visão de mundo se incompatibilizava com o que **Seleções** imaginava ser a conduta de um homem classe média norte-americano, principalmente com relação à propriedade privada.

Dessa maneira, podemos afirmar que **Seleções** construiu imagens do inimigo externo nazista e japonês. Ambos foram associados ao mal, a um mundo anticristão, enquanto os Estados Unidos, em direção oposta a essa perspectiva, se definiam ao lado do bem, numa cruzada a favor do cristianismo. O temor do inimigo externo tornou-se alarmante com a possibilidade de invasão alemã da América Latina, o que fez com que se justificasse o apoio norte-americano aos ditadores do período.

Vimos que os artigos que saíram na revista brasileira **Seleções** foram cuidadosamente escolhidos, com o objetivo de seguir as diretrizes da política

²⁶ Nelson Rockefeller era um dos sócios majoritários da RKO. Os negativos do filme “*It’s All True*” foram encontrados em 1985 e remontados.

da Boa vizinhança: principalmente com relação à apresentação dos países das Américas como iguais pela revista. Assim, foram desprezados artigos veiculados no **Digest** norte-americano, que mostravam os interesses norte-americanos de forma mais clara e que evidenciavam a aspiração de hegemonia norte-americana no Hemisfério Ocidental.

4.1.1 - Publicidade e Tecnologia: Preparando a Hegemonia Mundial.

Com o final da guerra se aproximando, tornava-se previsível a vitória Aliada: **Seleções** reforçava no seu discurso que os Estados Unidos tinham se voltado para o esforço de guerra com o objetivo de salvar o mundo dos inimigos nazista e japoneses – ambos “anticristãos” que teriam “escravizado” o mundo, caso os Estados Unidos não tivessem entrado em ação. Quando ficaram evidentes as baixas alemãs, os Estados Unidos começaram a desenhar o seu lugar de “potência central” na nova Ordem Mundial. O jornalista Walter Lippmann²⁷ escreveu um artigo sobre o lugar que os Estados Unidos deveriam ocupar:

“Estas duas guerras nos vieram ensinar que a Europa Ocidental e a América do Norte e do Sul, do ponto de vista da segurança e da defesa, formam uma unidade, ou um sistema estratégico indivisível... As Alianças tornam-se nocivas quando permitem a entrada de uma potência estranha no círculo da vizinhança. Ninguém objeta as nossas alianças com o Canadá e o México. Mas se o México fizesse uma aliança com a União Soviética,

²⁷ Walter Lippmann, considerado um dos notáveis colaboradores do **Digest**, escreveu inúmeros artigos para a revista. Foi jornalista político influente, especialista em relações internacionais e um dos fundadores do jornal liberal **New Republic**. Trabalhou em periódicos como: **New York World** e **New York Herald Tribune**. Recebeu o prêmio Pulitzer em 1958 e 1962. Influenciou o governo Woodrow Wilson (1913-1921), com relação à política externa norte-americana durante a Primeira Guerra Mundial.

todos perceberiam imediatamente que a paz estava sendo perturbada”

(*Seleções* - dez/44 - p 95 e 104).

Walter Lippmann é considerado por alguns autores um dos teóricos do “expansionismo norte-americano do século XX”²⁸. Pelo excerto acima pode-se entender que já se organizavam em 1944 as áreas de influência dos Estados Unidos e União Soviética. A Europa era descrita por *Seleções* como a região que havia provado com as duas guerras mundiais a sua incapacidade de se defender sem ajuda externa. Ao mesmo tempo, a revista posicionava os Estados Unidos como de importância vital para a segurança - e por que não dizer, vital para a existência - da América Latina e da Europa. Diz Lippmann:

“O destino consumou o fato de que a América não está mais na orla, mas no próprio centro da civilização. Nisso reside o destino da América. Podíamos furtar-nos a ele. Se o fizéssemos, a civilização ocidental, glória do nosso mundo, passaria a ser apenas uma franja decadente e desorganizada em volta da União Soviética, e dos povos que emergem da Ásia”. (*Seleções* - dez/44 - p 111)

Se os Estados Unidos entraram na guerra para salvar o mundo, saíram dela como guardiões da cultura ocidental. Sem a presença norte-americana, o mundo ocidental estaria nas mãos dos russos e dos bárbaros orientais. Como se vê, a tarefa a que se propunha o autor não era obra simples: manter acesa uma cultura com mais de dois mil anos de história. Lippmann termina

²⁸ Ver José Luis Orozco, ob cit, 1992, p 12.

o seu artigo, recuperando o sentido de missão e a idéia de povo eleito, presentes no imaginário norte-americano:

“A América é enfim chamada a fazer aquilo que os fundadores e pioneiros sempre acreditaram ser a grande tarefa do Novo Mundo: fazer deste um lugar onde a antiga fé pudesse reverdecer e florir, e a sua eterna promessa enfim ser redimida” (*Seleções* - dez/44 - p 111).

Aqui a revista evocava o período da construção da nação norte-americana logo após a Independência, com os seus personagens emblemáticos: pais fundadores e pioneiros. Evocava a idéia de predestinação, que justificou a época da Conquista do Oeste e, mais que isso, queriam recuperar a antiga fé protestante, baseada nas leituras do Antigo Testamento bíblico. Ao fim da Segunda Guerra Mundial, apareceu em *Seleções*, a recuperação do sentido de predestinação - a idéia de povo eleito²⁹ - que agora estava sendo reivindicado, como lugar dos Estados Unidos, o centro da cultura ocidental. *Seleções* posicionava o país como guardiões do mundo cristão ocidental, guardiões da antiga fé. Agora era um povo eleito, frente às culturas diferentes e ao mundo em geral.

No período da Segunda Guerra Mundial, *Seleções* divulgou e enalteceu

²⁹ Como já foi dito no capítulo 2, a idéia de povo eleito acompanha os Estados Unidos desde a colônia, foi reforçada no período da Independência e no século XIX, na época do Destino Manifesto. Ver: BERCOVITCH, Sacvan. *The American Jeremiad*, Wisconsin, University of Wisconsin Press, 1978. MARIENTRAS, Elise. *Les Mythes Fondateurs de La Nation Americaine*, principalmente capítulo 1, Bruxelas, Complexe, 1992. WEINBERG, Albert. *Destino Manifesto. El Expansionismo Nacionalista en La Historia Norteamericana*. Buenos Aires, Paidós, 1968.

as novas tecnologias, drogas e produtos químicos que estavam sendo desenvolvidas graças ao advento da guerra. Anunciaram a criação e utilização do poderoso inseticida DDT, a fabricação de antibióticos cada vez mais potentes que iriam garantir a vida dos soldados no *front*. No ramo dos armamentos de guerra, anunciavam a construção do helicóptero para fins militares, das lentes potentes para a visibilidade do inimigo, produzidas pela Bausch Lomb e as novíssimas bazucas que podiam, com o manuseio de apenas dois homens, acabar com os tanques de guerra inimigos.

Estas novidades foram tratadas pela revista através dos seus artigos, enaltecendo o engenho norte-americano, mas também foi assunto dos anunciantes na versão brasileira da revista. O **Digest** norte-americano sobreviveu sem publicidade até 1956; todavia, as revistas **Selecciones** e **Seleções** receberam publicidade desde os seus primeiros exemplares, a fim de conseguir baixos custos. Esta inserção publicitária, do período da guerra, foi bastante curiosa uma vez que **Seleções** era dirigida ao público de classe média. Deveria então inserir anúncios de produtos que a classe média pudesse comprar. George Gallup fazia pesquisas de mercado qualitativas baseadas em amostragem desde a década de 30³⁰; portanto o conceito de um público-alvo específico, ao qual seria dirigido tal produto, já era bastante conhecido na época da Segunda Guerra Mundial.

Antes de tratar dos anúncios propriamente ditos, quero frisar que o meu interesse inicial era apenas analisar os artigos de **Seleções**. No entanto, como a publicidade do período da guerra foi programada em situação incomum, a análise deste tipo de anúncio só pode enriquecer a compreensão

³⁰ O historiador Eric Hobsbawn esclarece que a pesquisa de opinião nasceu nos Estados Unidos na década de 30 e a pesquisa de amostragem voltada para a política teve o seu início com George Gallup em 1936. Cf. HOSBAWN, Eric. ob cit, 1995, pp 144 e 145.

da importância do **Digest** e das suas versões internacionais, como também ajudar na compreensão do período. Procurei entender, exclusivamente os anúncios do período da guerra, uma vez que depois de 1945, a publicidade passou a ser a de tipo mais conhecido, como a de eletrodomésticos, produtos de beleza, higiene e limpeza etc.

A publicidade inserida em **Seleções** no período da guerra era basicamente de armamentos³¹. Veja, por exemplo na ilustração A e B, dois anúncios da Philco: no primeiro, a Philco anunciava que havia interrompido a sua produção normal a fim de fabricar bazucas. Anunciava com orgulho que o novo invento:

“O Bazooka – um novo e admirável fuzil de balas foguetão – faz despedaçar o mais pesado tanque inimigo como o faria um morteiro! Tão fácil de transportar como um fuzil, sob o fogo do seu projétil de hélice giratória desmoronam-se ninhos de metralhadoras, edifícios e pontes” (**Seleções** - abril/45)

Estes anúncios refletiam o esforço do Estado norte-americano e da iniciativa privada - demonstrando o aumento considerável do investimento norte-americano em material bélico – com o intuito de conquistar novos mercados e ocupar uma posição de hegemonia mundial no pós guerra. No segundo anúncio com o título “Não Há Fuga Possível!”, a Philco se orgulhava de estar produzindo o radar, com o objetivo de detectar as forças inimigas:

³¹ Nesta época é possível encontrar alguns anúncios de bebidas, máquinas de escrever, etc. Mas o que chama atenção, em termos de quantidade, é a publicidade associada à guerra.

Ilustração A
(fev/44)



"Bazooka"

**OUTRA ARMA "SECRETA"
QUE REVELA A HISTÓRIA DA
PHILCO NA GUERRA!**

O BAZOOKA—um novo e admirável fuzil de bala-foguetão — faz despedaçar o mais pesado tanque inimigo como o faria um morteiro! Tão fácil de transportar como um fuzil, sob o fogo do seu projétil de hélice giratória desmoronam-se ninhos de metralhadoras, edifícios, pontes!

A Philco orgulha-se de ter sido incumbida de tomar parte importante no melhoramento final e produção do Bazooka, arma concebida e aperfeiçoada pelos engenheiros do Exército.

Isso é mais um exemplo de como a Philco está agora servindo às forças armadas das Nações Unidas. Finda a guerra, os técnicos da Philco e as suas vastas facilidades de produção, proporcionarão novamente a V.S. o que há de mais fino em rádio, televisão, e refrigeração para o seu lar. • *Leia-se: Bazooka*

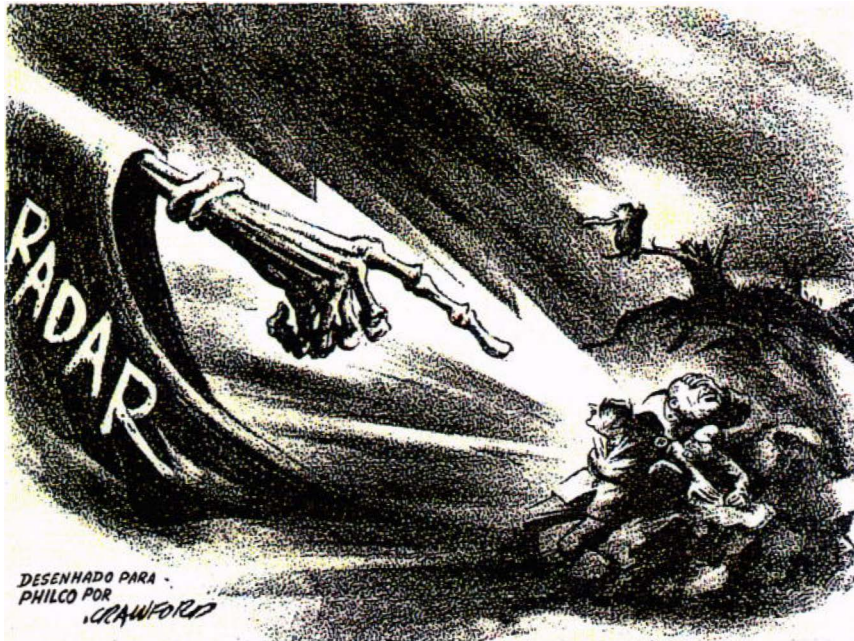
PHILCO INTERNATIONAL CORPORATION
230 Park Avenue, New York, E. U. A.

PHILCO

OS MAIORES FABRICANTES
DE RÁDIO DO MUNDO

Ilustração B
(nov/43)

Não Há Fuga Possível!



RADAR, o fabuloso invento do rádio que "vê através" o nevoeiro, as nuvens, e a escuridão, consegue descobrir objetivos inimigos e dá sinal da aproximação de forças hostis. Sendo o maior fabricante do mundo em aparelhos de rádio, e com vasta experiência em pesquisas na ciência de ondas de ultra-alta frequência, a Philco ao produzir o Radar prestou um serviço vital às forças armadas. Amanhã, o progresso científico obtido nos laboratórios da Philco, aparecerá como milagre dos tempos de paz, em realizações de rádio, televisão, refrigeração, ar condicionado e eletrônica, sob o famoso nome da Philco.

PHILCO

A MAIOR FABRICANTE DE RÁDIOS DO MUNDO



“Radar, o fabuloso invento do rádio que ‘vê através’ o nevoeiro as nuvens, e a escuridão, consegue descobrir objetos inimigos e dá sinal da aproximação de forças hostis (sic)” (**Seleções** – nov/43).

Os dois textos acima informam que, tanto a bazuca quanto o radar eram invenções recentes, criadas a partir das necessidades da guerra. Mas os dois anúncios traziam o mesmo apelo aos leitores:

“Amanhã, o progresso científico obtido nos laboratórios da Philco aparecerá como milagre dos tempos de paz, em realizações de rádio, televisão, refrigeração, ar condicionado e eletrônica, sob o famoso nome da Philco” (**Seleções** – nov/43)

Qual o sentido desta publicidade? Em primeiro lugar, o texto do anúncio já dá algumas pistas. As empresas norte-americanas estavam voltadas para a produção de guerra. Não havia muitos produtos a anunciar. A pedido de Nelson Rockefeller, as empresas continuaram a inserir publicidade nas revistas em nome da política da Boa Vizinhança³², reforçando marcas como a Philco e prevendo um mercado promissor no futuro. Novamente a América Latina aparecia como mercado potencial quando a revista tratava das novidades tecnológicas. Mas além disso, a apresentação dessa tecnologia evidenciava anunciar o futuro poderio norte-americano, já representado nos anúncios dos armamentos bélicos.

Além dos anúncios de marcas de eletrodomésticos como a Philco, foram veiculados vários artigos e anúncios sobre a aviação de guerra - algo

³² Conforme TOTA, Antonio Pedro. *O Imperialismo Sedutor. A Americanização do Brasil à Época da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo, tese de livre docência, apresentada à PUC, 1997, mimeo.

inusitado para uma revista dirigida à classe média - informando que, dados os avanços tecnológicos do período, a aviação passaria a ser no pós guerra um transporte de massa. As especulações sobre a potencialidade lucrativa da aviação era tal, que se imaginava que o avião tomaria o lugar do automóvel. Cada família poderia ter um para o seu transporte pessoal. A relação com Henry Ford e a produção em série era direta. O artigo de título: “Um Avião para cada Família”, afirma:

“Quando perguntaram recentemente a Henry Ford que iria ele fazer, após a guerra, da sua colossal fábrica de aeroplanos, o industrial respondeu: ‘Farei aviões para toda gente’ O que o público precisa é um aeroplano em que possamos partir da nossa própria casa, conduzi-lo a um ponto ali junto, de onde deva ele largar vôo, desdobrando rapidamente as asas”.
(**Seleções** - mar/42 - p 27 e 29).

Da mesma forma que os automóveis se popularizavam como produto de massa, imaginava-se que cada família teria um avião no quintal de casa. De arma de guerra, pensava-se em transformar o avião em transporte doméstico. Se no início do século o automóvel era o símbolo da modernidade, todas as possibilidades agora estavam concentradas na aviação. Símbolo da modernidade e esperança lucrativa para o futuro, ainda que carregasse consigo um explosivo potencial de destruição.

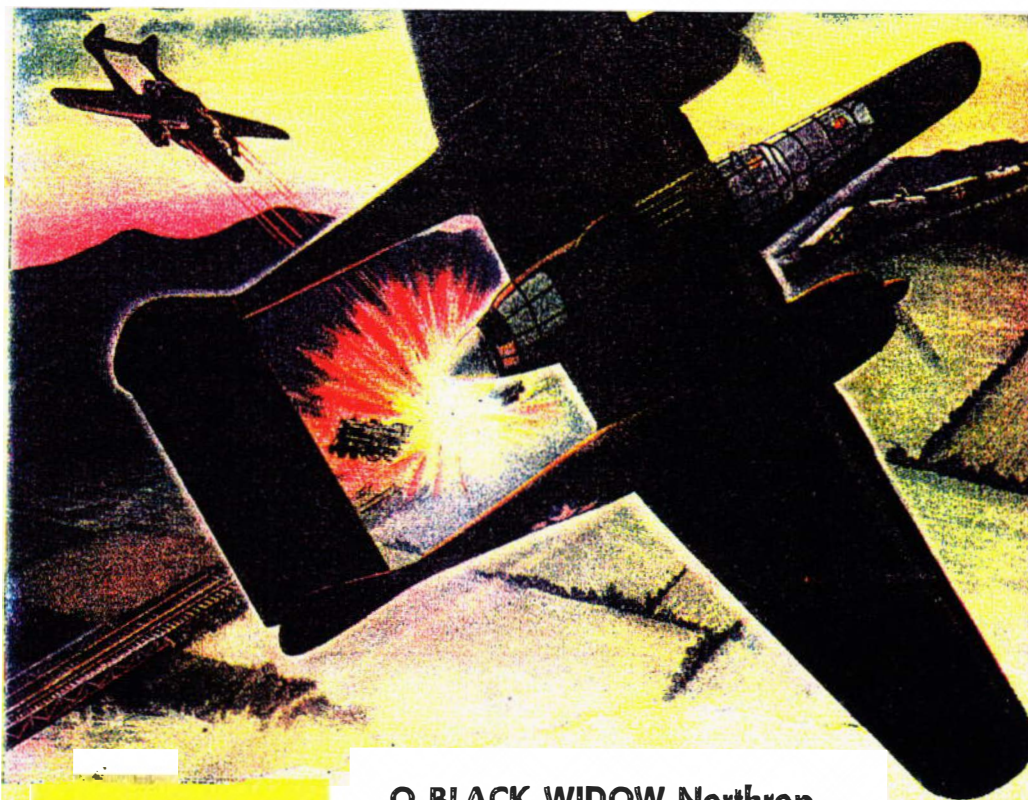
A Segunda Guerra Mundial foi o conflito em que a excelência das forças aéreas - como a RAF, Real Força Aérea Britânica e a Luftwaffe, força aérea alemã - foi decisiva para manter a liderança, ora do Eixo, ora dos Aliados, em diferentes momentos da guerra. Nesta época, os fabricantes de aviões norte-americanos produziram aeronaves e peças de reposição com uma velocidade impressionante; a aviação civil e as forças armadas norte-

americanas treinaram inúmeros pilotos e mecânicos a fim de dar conta da tarefa da guerra. Foram também unificados, os serviços de meteorologia nos grandes aeroportos e bases militares, para dar segurança ao artefato de guerra e futuro meio de transporte.

Nos anúncios e nos artigos, **Seleções** propalava as últimas descobertas científico-tecnológicas e relacionava a modernidade com a mais poderosa arma de destruição de cidades e aniquilação de seres humanos construída até então. Lançar bombas sobre a população civil alemã e japonesa era um “dever moral” norte-americano. Era um esforço para salvar o mundo das “nações inimigas totalitárias”. **Seleções** alardeava, assim, que se a Alemanha, porventura viesse a ganhar a guerra, o mundo inteiro estaria condenado às trevas da “escravidão”. Segundo a revista, os Estados Unidos faziam o que deveria ser feito: com os artefatos de guerra, “arrasar com o inimigo” e “salvar o mundo”, numa demonstração de força da “democracia livre”. Segundo **Seleções**, a aviação norte-americana alterava o equilíbrio de forças da Segunda Guerra Mundial e os norte-americanos, senhores da produção de guerra, livrariam o mundo dos inimigos externos, nazista e japonês, e, por conseqüência, da ruína e do perigo “anticristão”. Para isso, a revista exibia os Estados Unidos como potência que ultrapassava a alemã na fabricação de armamentos bélicos. Em compensação, este mesmo mundo deveria reconhecer os Estados Unidos como redentor da cultura ocidental e apoiar a “legitimidade” da sua posição hegemônica.

Chama atenção a quantidade de anunciantes que fabricavam aviões militares: Northrop Aircraft, Lockheed Aircraft Corporation, Beech Aircraft Corporation, Bell Corporation e Wright Corporation. Começamos pela ilustração C. O anúncio é de um bombardeiro da Northrop Aircraft. A

Ilustração C (abr/45)



Características do desempenho deste caça Northrop



O BLACK WIDOW Northrop

carrega consigo o futuro

Este grande caça noturno não tem maus hábitos. Sobrevive pelos ares como gato assustado, e tem a velocidade para se aguentar em luta com caças rápidos. Assim, o "Black Widow" demonstrou ser *um dos mais ágeis aparelhos de guerra hoje em ação.*

Além disso, aterriza devagar e decola depressa—fatores decisivos de segurança quando só se dispõe de pistas acanhadas, mergulhadas no black-out. A agilidade de manobra do "Black Widow" deve-se aos ailerons retráteis criados pela Northrop e inseridos nas asas.

Mesmo num caça pequeno, resultados desta ordem seriam já uma grande realização. O "Black Widow," porém, é tão grande como um bombardeiro médio! Transporta uma tripulação de 2 ou 3 homens... mais o equipamento de combate noturno... e tanques de combustível... canhões de 20 mm, metralhadoras e munições!

O grupo Northrop considera o caça noturno "Black Widow" P-61 como a sua mais importante contribuição para o esforço de guerra. E muitas características de traçado do "Black Widow" virão a demonstrar-se valiosas na aviação da paz futura.



NORTHROP

Desenhistas e fabricantes do
Caça Noturno P-61 "BLACK WIDOW"

NORTHROP AIRCRAFT, INC. • NORTHROP FIELD, HAWTHORNE, CALIFORNIA, E. U. A. • MEMBER AIRCRAFT WAR PRODUCTION COUNCIL, INC.

ilustração com utilização de 4 cores impressiona³³. A imagem aqui funciona como posição de força e arma de intimidação. Impressiona também por mostrar o que havia de mais moderno em tecnologia de destruição. O título do anúncio é: “Black Widow Northrop Carrega Consigo o Futuro”. Para combater um inimigo agressivo, exibia-se potência e agressividade de igual envergadura. O “caça-bombardeiro” possuía desempenho para a guerra e trazia consigo as inovações tecnológicas que tornaria possível a popularização, não só da aviação comercial, mas de toda indústria norte-americana. O avião era o símbolo de modernidade durante a guerra e emblema da prosperidade futura. O texto do anúncio afirma:

“O grupo Northrop considera o caça noturno “Black widow” P-61 como a sua mais importante contribuição para o esforço de guerra. E muitas características de traçado do “Black Widow” virão demonstrar-se valiosas na aviação de paz futura” (*Seleções* - abr/45).

Curioso que o anúncio trazia as características de desempenho do caça: raio de ação, capacidade de carga, agilidade em curvas e ascensão rápida, mostrando exatamente a alta tecnologia empregada na construção dos aviões de guerra. Igualmente a ilustração D tem como título a frase “Caçando japoneses sem um só canhão” e uma ilustração de um avião

³³ Esse tipo de ilustração era comum no período. Lembrem as do ilustrador Norman Rockwell: conhecido e reverenciado até hoje nos Estados Unidos. As ilustrações de Rockwell contemplavam temas cotidianos e patrióticos e tinham um forte apelo emocional. Ver: BAUER, Fred. *Norman Rockwell's Faith of America*, New York, Abbeville Publishing Group, 1980.

Ilustração D

(ago/43)

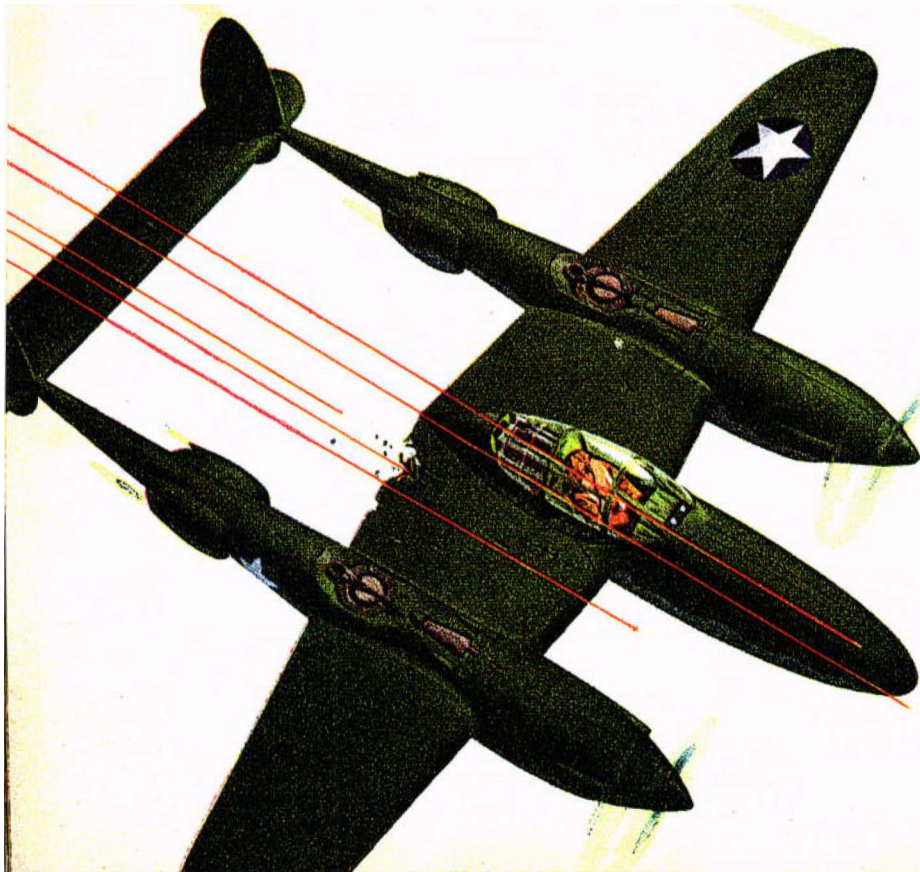
CAÇANDO JAPONESES SEM UM SÓ CANHÃO

Armado de máquinas fotográficas em vez de canhões, um P-38 Lockheed Lightning fotografava a base japonesa de Rabaul. Subitamente dez aviões japoneses, tipo Zero, surgem da banda do sol. Antes que o piloto desse acordo de si as balas traçadoras atingiram-lhe o avião, paralisando um dos motores.

Com um motor apenas, o piloto ainda conseguiu subir oito quilômetros e safar-se, para ser atacado 600 quilômetros mais adiante, por três outros Zeros. De novo o piloto logrou escapar a seus inimigos — chegando finalmente à Nova Guiné com fotografias que vieram a ser de importância vital para a vitória do Mar de Coral.

O Lightning é usado para expedições de reconhecimento fotográfico porque pode voar mais depressa, mais longe e mais alto que qualquer avião de caça inimigo. Pode aguentar muita pancada e ainda assim completar sua missão. Essas qualidades são o resultado de meses de estudo e mais meses de testes. Antes de começar a fabricá-los, experimentamos todos os novos tipos nos nossos túneis de ensaio, e assim conseguimos garantir a perfeição básica de desenho que dá aos aviões Lockheed e Vega a sua extraordinária resistência e durabilidade. Lockheed Aircraft Corporation, Vega Aircraft Corporation, Burbank, California, E.U.A.

Com **Lockheed** sempre na vanguarda



moderno, com linha arrojadas. Novamente no texto, o anúncio trata basicamente do avanço tecnológico que se está implementando na aviação norte-americana no período da guerra.

“O Lightning é usado para expedições de reconhecimento fotográfico porque pode voar mais depressa, mais longe e mais alto que qualquer avião de caça inimigo. Pode agüentar muita pancada e ainda assim completar sua missão. Essas qualidades são o resultado de meses de estudo e mais meses de testes” (**Seleções** – ago/43)

Os anúncios mostram a pesquisa empregada a fim de construir tais equipamentos. Também o anúncio da ilustração E, de título: “OK, Pronto a Combater” com uma ilustração igualmente impressionante, fala em tecnologia, mas também na manutenção de tal tecnologia, no preparo de mecânicos e técnicos que os Estados Unidos estavam desenvolvendo no período.

“Durante os quatro anos do seu funcionamento, as enormes bases ultramarinas de reparação da Lockheed alteraram, repararam ou reconstruíram mais de 7.000 aviões, despachando-os com um “Ok. Pronto a Combater... Raros são os casos em que um avião Lockheed, onde quer que se encontre, esteja além de poucas horas do alcance dos mecânicos da Lockheed” (**Seleções** – fev/44).

Por qual motivo se anunciava tais características? Em primeiro lugar é uma propaganda do próprio potencial bélico norte-americano. A partir de

Ilustração E
(fev/44)



OK, PRONTO A COMBATER

INSPECIONADO PELOS PERITOS DA LOCKHEED

Durante os quatro anos do seu funcionamento, as enormes bases ultramarinhas de reparações da Lockheed alteraram, repararam ou reconstruíram mais de 7.000 aviões, despachando-os com um "OK—pronto a combater."

Lockheed estabeleceu estas bases afim de manter seus aviões em impecáveis condições para a peleja. Raros são os casos em que um avião Lockheed, onde quer que se

encontre, esteja além de poucas horas do alcance dos mecânicos da Lockheed. A significação disto, para as Nações Unidas, tem sido milhares de horas de vôo a mais todos os meses. E hoje, 33 diferentes tipos de aviões se mantêm em condições de combate graças às mesmas unidades de serviço que ajudaram a estabelecer a reputação que hoje gozam os aviões Lockheed pelo seu funcionamento eficaz e seguro.

COM **Lockheed** SEMPRE NA VANGUARDA

LOCKHEED AIRCRAFT CORPORATION, VEGA AIRCRAFT CORPORATION, BURBANK, CALIFORNIA, E. U. A.

então, não eram mais a Alemanha, ou a RAF, a famosa aviação inglesa, “as melhores” no campo tecnológico, os Estados Unidos as alcançara com iguais potencialidades. Estes anúncios indicavam que os Estados Unidos estavam preparando ao final da guerra, a sua futura hegemonia mundial. Roosevelt e os seus estrategistas acreditavam que, ainda durante a guerra, não deviam deixar “flancos” abertos para os Aliados. Temiam a poderosa aviação britânica, a única que poderia concorrer com a dos Estados Unidos no pós-guerra³⁴, na área da aviação comercial.

A competição pela aviação comercial, ainda durante a guerra, pode ser melhor entendida, na disputa pela América Latina. Antes do conflito, as bem equipadas companhias aéreas alemã e inglesa, na aviação de carga e passageiros, dominavam em nível mundial. No início da guerra voavam para a América do Sul subsidiárias ligadas à Lufthansa alemã e a Lati, italiana - ambas ligadas aos governos nazista e fascista. Com as tensões crescentes do conflito, o Departamento de Estado norte-americano preocupava-se com os vôos dos alemães e italianos pela América Latina em geral, mas principalmente com a Scadta, companhia de aviação colombiana controlada por alemães. Para o Departamento de Estado, a proximidade geográfica da Colômbia com o Canal do Panamá tornava a região vulnerável:

“A maneira por que os colombianos e americanos tomaram conta da companhia de aviação Scadta (sic), controlada por alemães, foi das manobras mais interessantes deste gênero. Semanas antes, começaram a aparecer por toda a parte jovens ‘turistas’ americanos que, discretamente, se puseram a viajar pelas linhas aéreas da Scadta, sempre com o nariz

³⁴ Conforme BENDER, Maylin e ALTSCHUL Selig. *The Chosen Instrument. Pan Am Juan Trippe. The Rise and Fall of American Entrepreneur*. Prologue, New York, Simon & Schuster, 1982.

grudado na janela. Uma tarde, foram entregues pequenos envelopes a todos os pilotos e funcionários da companhia, no momento em que saíam dos aeroportos e escritórios. Em cada envelope havia um bilhete do governo colombiano agradecendo o serviço prestado pelos alemães... Na manhã seguinte, os jovens ‘turistas’ apareceram envergando uniforme da Pan American Airways e calmamente tomaram conta da companhia que continuou a funcionar sem interrupção. Os pilotos alemães, todos oficiais da reserva militar germânica foram convidados a deixar o país. Graças a essa manobra, pôde ser rapidamente eliminada uma séria ameaça ao Canal do Panamá e, ao mesmo tempo, os colombianos conseguiam seu sonho dourado de ter uma companhia nacional de aviação”(Seleções – jun/44 – p 8).

Aqui novamente aparecia o temor de que o inimigo externo alemão chegasse ao Canal do Panamá. Foram treinados rapidamente técnicos e mecânicos para substituição das linhas aéreas alemãs e italianas.

Após 1940, travou-se uma batalha pelo céu da América Latina. Principalmente na América do Sul, a Alemanha era a maior controladora das linhas de aviação de cargas e passageiros. A Pan American Airways, que já começara a ampliar os seu domínios para o Pacífico antes da guerra, via agora a situação ideal para estabelecer linhas aéreas para toda a América Latina. No Brasil funcionavam a Condor, a VARIG e a VASP, estas duas últimas também controladas por alemães. O Departamento de Estado exercia pressão sobre o governo brasileiro, relacionando os ataques à Marinha mercante - tanto a dos Estados Unidos quanto a do Brasil - à espionagem das companhias aéreas ligadas aos governos alemão e italiano. Dadas as pressões, Vargas nacionalizou a VARIG e a VASP. A Condor passou também para mãos brasileiras com o nome de Serviços Aéreos Cruzeiro do

Sul. Enquanto isso a PANAIR, subsidiária da Pan American entrava de forma agressiva no Brasil. No mesmo período outras subsidiárias da PAN AM entravam na América Central, Caribe e outros países da América do Sul afastando os alemães e expandindo as suas linhas.

No final da guerra, a Pan American World Airways, antes inexpressiva, já era considerada potência aérea. Controlava uma extensa rede de subsidiárias, antigas empresas controladas por alemães: Lloyd Aéreo Boliviano e American Grace Airways - ambas bolivianas; as Aerovias Nacionales de Colômbia e Urubá, Medellin & Central Airways - ambas colombianas. A companhia norte-americana passou também a controlar a Cia. Mexicana de Aviação e a Cia. Nacional Cubana de Aviação. A Pan American Airways, anunciando em **Seleções**, mostrava o seu lugar no continente e prometia expansões para o pós-guerra. A ilustração F mostra que a Pan American assumiu as antigas linhas e já as estava expandindo. Ao final do conflito, a Companhia norte-americana controlava o estratégico espaço aéreo latino-americano e explorava as linhas aéreas latino-americanas no transporte de carga e passageiros.

Já na ilustração G, o anúncio da United States Rubber Export Co. Ltd, agradecia as matérias primas e outros produtos enviados da América Latina para a “causa da Liberdade”. No título do anúncio aparece a palavra irmãos para frisar a relação entre as Américas. “Obrigado Irmãos”. Ainda que o anúncio seja sobre as matérias primas e outros produtos, a ilustração mostra um avião de combate, sobrevoando o mapa latino-americano. Interessante que ao final do texto o anúncio diz “Obrigada, pela vossa amizade... pela vossa sincera e abnegada cooperação...na grande luta pelo Direito, a Justiça e os princípios democráticos”. Ora, se o governo do maior

A Pan American apresenta um relatório aos povos da América Latina

APESAR das dificuldades criadas pela guerra, e a despeito do reduzido número de aviões novos que nos tem sido possível adquirir, os Clíperes da Pan American estabeleceram o recorde seguinte no período de 12 meses que findou a 31 de agosto de 1944:

- 1 Os Clíperes do serviço da América Latina voaram um total de 58.783.846 quilômetros (o equivalente a 1.466 voltas à Terra ao longo do equador)
- 2 Os Clíperes transportaram 634.420 passageiros
- 3 Carregaram 2.363.295 quilos de correio aéreo
- 4 Carregaram 10.396.975 quilos de Expresso Aéreo

Uma base sólida

Estes algarismos são importantes não só para o presente da América Latina, mas também pelo que significam para o futuro dos transportes

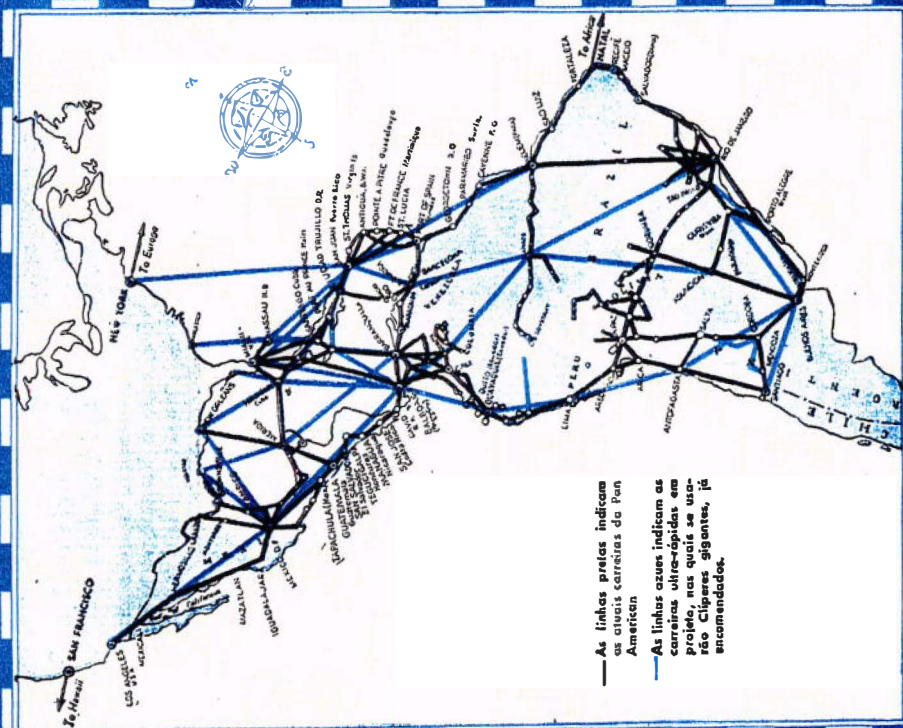
aéreos nas Antilhas e na América Central e do Sul. Pois é esta rede básica de carreiras, já solidamente estabelecida (veja-se o mapa à esquerda), que permite à Pan American organizar as rápidas carreiras que tem em projeto. As novas carreiras arteriais virão revolucionar o transporte aéreo no Novo Mundo. . . . Não obstante, dependem em grande parte dos atuais serviços das companhias *Panair do Brasil*, *CMA*, *Avianca*, *Cubana*, *UMCA*, e *Pan American-Grace Airways*.

Nossa gratidão sincera . . .

A rede de transportes aéreos da América Latina, tal como *hoje* a vemos, é sem dúvida uma das melhores do mundo. Os planos para torná-la ainda melhor devem-se em grande parte às nações da América Latina. Sem a confiança e a cooperação delas, nunca teria sido possível organizar tal rede de transportes.



ASAS DA DEMOCRACIA



— As linhas pretas indicam as atuais carreiras da Pan American.
 — As linhas azuis indicam as carreiras ultra-rápidas em projeto, nas quais se usarão Clíperes gigantes, já encomendados.

PAN AMERICAN
 A Empresa dos Clippers

WORLD AIRWAYS

Companhias Associadas na América Latina: Pan American-Grace Airways; Panair do Brasil, S.A.; Aerovías Nacionales de Colombia, S.A.; Cia. Mexicana de Aviación, S.A.; Cia. Nacional Cubana de Aviación; Uroba, Medellín & Central Airways; Lloyd Aéreo Boliviano.

Ilustração G



Obrigado, irmãos!

Obrigado, irmãos das Americas, pela vossa nobre contribuição á causa da Liberdade...

Obrigado pela borracha, tão essencial aos armamentos modernos.

Obrigado pelos minérios que nos forneceis.

Obrigado pelos produtos de vossas terras generosas.

Obrigado pelas lãs, os couros, as peles.

Obrigado pelos produtos de vossas indústrias.

Obrigado pelas ervas e drogas medicinais.

Obrigado pelos navios que, a despeito de todo o perigo, dedicastes ao tráfego marítimo com os Estados Unidos.

Obrigado pela contribuição de vossas maiores inteligências.

Obrigado, pela vossa amizade...pela vossa sincera e abnegada cooperação...na grande luta pelo Direito, a Justiça e os principios democráticos... vossos ideais... e nossos ideais! OBRIGADO!



UNITED STATES RUBBER EXPORT CO., Ltd. 1230 SIXTH AVENUE
NOVA YORK, E. U. A.

Fabricantes dos Pneumáticos U. S. Royal

país do continente, de onde saia a preciosa borracha, era um ditador, como falar na cooperação pelo “Direito, Justiça e princípios democráticos?”

A partir de então, a revista *Seleções* passou a divulgar que a aviação era a única saída para transpor barreiras geográficas, para o progresso das regiões isoladas: como o *wilderness* da América Latina, principalmente os espaços geográficos que compreendiam a Cordilheira dos Andes, conforme apresenta a ilustração H. O título do anúncio afirma “Acabou-se a Solidão Terrestre na Bolívia”. Com o avião, fazendeiros e grupos que viviam isolados nos Andes e nas proximidades da floresta amazônica tinham agora a oportunidade de “manter contato com a civilização”. O avião seria a solução para quem vivia isolado pela imensa cordilheira e para o progresso da região, já que os Andes não permitiam a implantação de estradas e ferrovias como vimos no capítulo anterior.

Vejamos agora a ilustração J, o anúncio da United Aircraft Corporation, de título “Exploração Aérea dos Tesouros do Mundo”, onde aparece de forma bastante característica, na ilustração: os lugares isolados, o *wilderness*.

“Ainda existem na terra vastas áreas inexploradas. Os incontáveis tesouros situados no interior, muito longe das estradas de ferro e das estações serão atingidos com o auxílio do mágico transporte aéreo” (*Seleções* – nov/44)

O território latino-americano, como vimos no capítulo anterior, era visto como região remota, cortado por barreiras geográficas intransponíveis. O avião agora poderia solucionar tais dificuldades, permitindo “civilizar o *wilderness*”. Os grandes espaços percorridos em pouco tempo pela aviação foram também comparados à conquista do Oeste norte-americano do século

Ilustração J
(nov/44)



Ainda existem na Terra vastas áreas inexploradas. Os incontáveis tesouros situados no interior, muito longe das estradas de ferro e das estações serão atingidos com o auxílio do mágico transporte aéreo. Mas para isso é preciso contar com o seguro e impecável funcionamento dos motores e das hélices. Entre os entendidos em aviação, os motores Pratt & Whitney e as hélices Hamilton Standard são altamente conceituados.

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

EAST HARTFORD, CONNECTICUT, E. U. A.

MOTORES PRATT & WHITNEY • AVIÕES CHANCE Vought • HELICÓPTEROS SIKORSKY • HÉLICES HAMILTON STANDARD

Ilustração H

(set/43)

Com permissão do autor, publicamos a tradução de uma carta recentemente recebida de um reputado pe-
rito em minérios e proeminente bo-
mem de negócios boliviano.

Acabou-se a solidão terrestre da Bolívia!

Nova York

Sr. Ernesto Aranibar
Pan American-Grace Airways
La Paz, Bolívia

Prezado amigo:

Hoje Churchill chegou aqui!

Aos senhores, com sua vasta experi-
ência em aviação comercial, talvez não
surpreenda. Mas quanto a mim, acostu-
mado sobretudo a viajar por terra e
mar, sua imprevista chegada por avião
despertou-me idéias que espero sejam
compartilhadas por todos os meus com-
patriotas.

A Inglaterra é nação circundada pelo
mar, a Bolívia, circundada pela terra.
Sem embargo a Bolívia—não assim a
Inglaterra—atualmente depende por
completo dos portos dos seus vizinhos
para o seu comércio marítimo. Se esta
situação tivesse sido imposta pela na-
tureza e se perpetuara, podia conceber-se
tanto a Inglaterra como a Bolívia total-
mente confinadas pelo resto do mundo.

Porem aqui intervem a ciência . . .
como tão bem o demonstra o último
vôo do Primeiro Ministro britânico aos
Estados Unidos. Nem guerras nem bar-
reiras naturais impedem agora a uma



nação o intercâmbio indispensável com
os outros países. Eis aí a obra recente da
aviação, assim como há séculos foi a
navegação marítima que interveio para
libertar as ilhas britânicas.

Breve regressarei à minha pátria no
meu oitavo vôo entre os dois bons
vizinhos—Bolívia e Estados Unidos.
No meu rápido vôo nos aviões da Pan
American e sua companhia associada,
a Panagra, transpondo as tradicionais
barreiras terrestres, abrigarei a espe-
rança de que todos os meus compa-
triotas vejam, como eu vi, que a com-
pleta independência econômica da Bo-
lívia está indiscutivelmente ligada ao
contínuo desenvolvimento e crescente
uso da aviação comercial.

A liberdade do espaço, assim como
a dos mares, garante a liberdade de
todas as nações.

Cordialmente, seu

Miguel Etchenique

O amplo ponto de vista expressado pelo Sr.
Etchenique inspira o objetivo primordial de
todas as operações da Pan American World
Airways e suas companhias associadas, isto
é, proporcionar o intercâmbio rápido,
seguro e ininterrupto de idéias e serviços
em todo o mundo.



Asas da Democracia

PAN AMERICAN AIRWAYS SYSTEM

Companhias associadas na América Latina . . .

Panagra; Panair do Brasil, S. A.; Aerovías Nacionales de Colombia, S. A.; Cia Mexicana de Aviación,
S. A.; Cia Nacional Cubana de Aviación; Urbá, Medellín & Central Airways; Lloyd Aéreo Boliviano.

do século XIX. Veja a ilustração L, onde o texto diz que a migração dos mórmons para Utah com os famosos carroções é comparada à aviação moderna. A idéia era mostrar que se podia agora vencer espaços inóspitos com a aviação, sem dificuldades.

Mas a publicidade dos aviões de guerra, trouxe ainda outras surpresas. É possível ver nos anúncios de **Seleções** do período da guerra, a relação entre o poderio da aviação norte-americana e os WASPS: a América branca, anglo-saxã e protestante³⁵. Ver ilustrações M e N. No primeiro anúncio de título: “Wasp - o Motor do Piloto”, diz o texto que cadetes de vinte países haviam compreendido porque o motor da United Aircraft Corporation era o melhor e mais seguro. Este motor havia recebido o “afetuoso nome de WASP”. A sigla WASP aqui está relacionada não só com a segurança, mas com o poderio militar norte-americano. A revista veiculava a idéia de que a raça branca protestante venceria a guerra, porque era privilegiada e predestinada à vitória. Na ilustração N, o título afirma que “O exército tem olhos azuis”. O anúncio queria tratar da fotografia aérea como arma de guerra, porém a relação com a América branca e protestante está diretamente vinculada aos olhos azuis, aos quais o anúncio faz referência. Pode-se sugerir que as idéias racistas estavam circulando em vários países

³⁵ DeWitt Wallace publicou em novembro de 1939 no *Digest* norte-americano um artigo escrito por Charles Lindbergh, de título “*Aviation, Geography, Race*”. Lindbergh ficara famoso como o aviador que havia feito o primeiro vôo sem escalas Paris-New York em 1927. Lindbergh era admirador dos nazistas, principalmente em função da habilidade técnica dos alemães em aviação. O artigo do aviador tratava da raça branca e da superioridade das nações que possuíam frotas aéreas. Dizia ele sobre o avião no artigo citado: o avião “é um instrumento especialmente construído por mãos ocidentais, uma arte científica ao qual os outros só podem copiar de forma medíocre, esta é mais uma barreira entre os milhões de asiáticos e a herança grega da Europa uma inestimável terra, onde a raça branca vive pressionada por um mar de amarelos, negros e mestiços. É tempo de voltar à nossa luta para construir nossa trincheira branca novamente. Esta aliança com raças estrangeiras não significa mais do que morte para nós”. Cf. HEIDENRY, John, ob, cit, p 116. Lindbergh foi condecorado em 1938 por Göring com a ordem da águia germânica.

Ilustração I
(out/43)

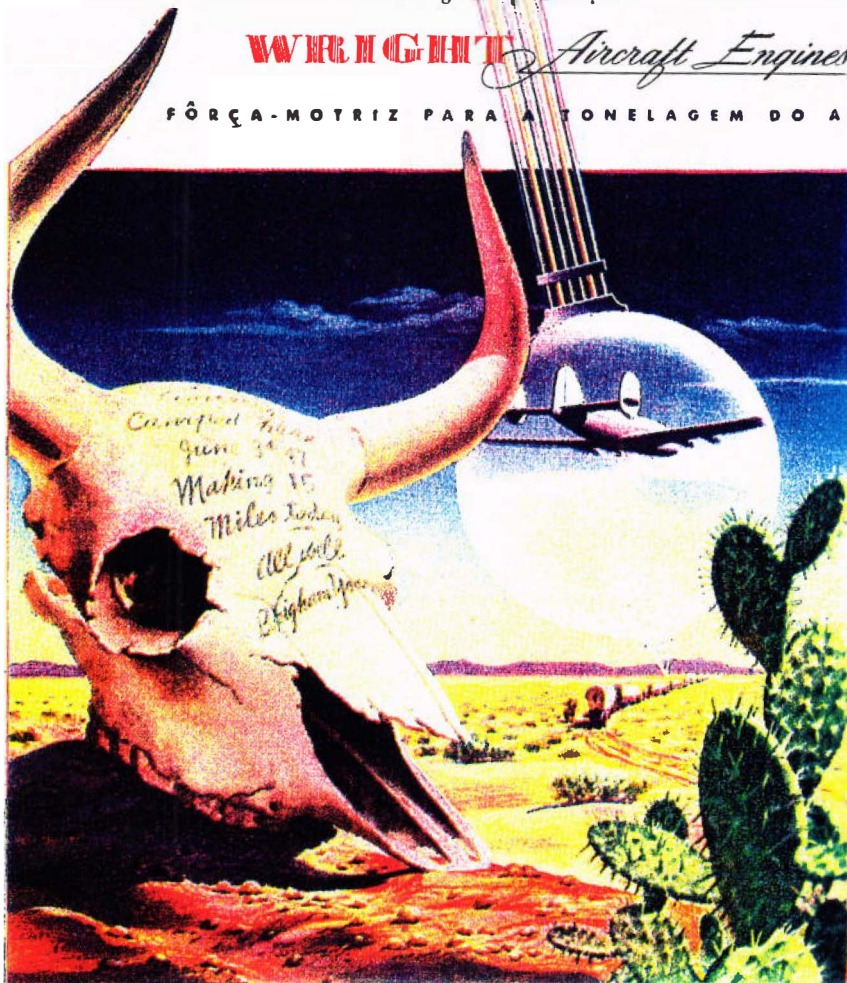
Quanto custa cada tonelada-milha?

"Perfazendo 15 milhas hoje—rudo vai bem," escreveu Brigham Young na caveira de um boi, enquanto a caravana dos Mormons enveredava fatigante através da América do Norte. Custoso meio de transporte—alto custo em vidas, esforços, e tempo.

Quinze milhas—num dia, e agora são três minutos de voo. Todo aumento de volume, de velocidade, e de eficiência dos aviões de transporte reduzem ainda mais o custo das toneladas despachadas pelo ar.

WRIGHT Aircraft Engines

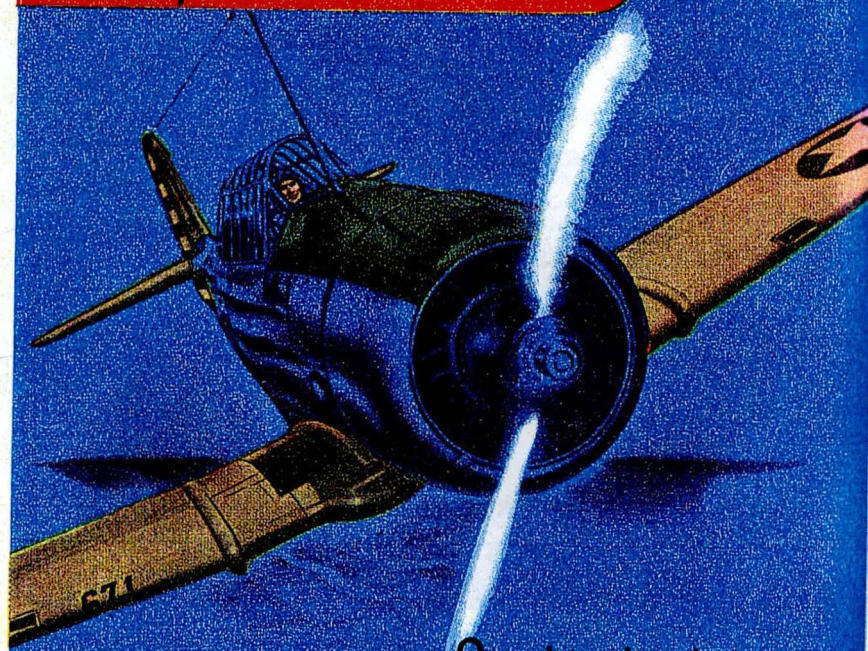
FÔRÇA-MOTRIZ PARA A TONELAGEM DO AR



REPRESENTANTE: SOUZA-SAMPAIO & CO., LTD., RIO DE JANEIRO
A Fábrica Nacional de Motores na Baixada Fluminense tem a licença para fabricar os motores Wright.

Ilustração M
(set/43)

Wasp - o Motor do Piloto



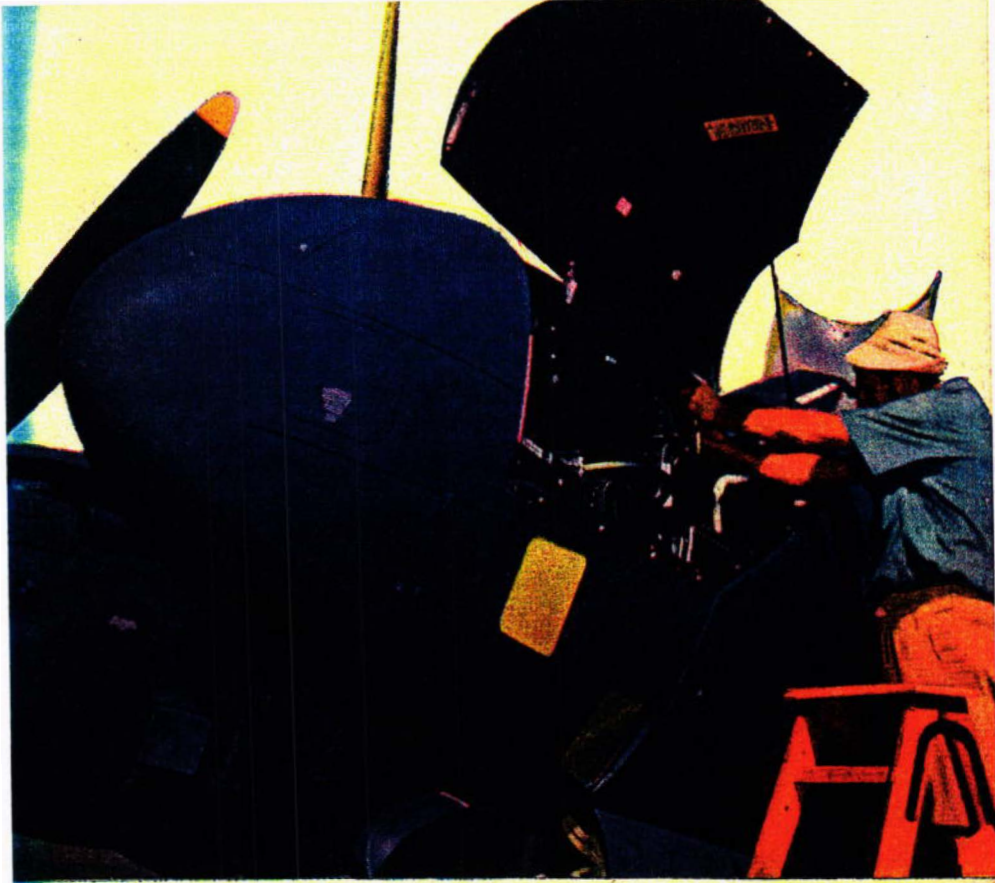
Os cadetes de aviação de 20 países conquistaram suas asas em treinadores avançados "Texan", construídos pela North American Aviation, Inc. Hora após hora de rígidos vôos eles reconheceram por que os motores de confiança Pratt & Whitney, de diversas potências de H.P. mereceram o nome afetoso de "Wasp - o Motor do Piloto".

UNITED AIRCRAFT CORPORATION

EAST HARTFORD, CONNECTICUT, U. S. A.

Motores Pratt & Whitney Aviãos Chance Vought Helicópteros Sikorsky Hélices Hamilton Standard

Ilustração N
(mai/44)



O EXÉRCITO TEM "OLHOS" AZUES...

Os avioes fotográficos Lockheed Lightning P-38 são os "olhos" do Exército Norte-Americano. Quando voam a 9.000 metros de altitude, a camuflagem, fundindo-os com o céu, torna-os invisíveis. Entretanto, quando as objectivas das suas cinco poderosas câmaras fotográficas se voltam para baixo, só o horizonte limita seu campo de visão—vasto tapete desenrolado, rico de pormenores essenciais para o êxito das operações militares.

Para fotografar essa informação, o Exército tem escolhido os seus aviões mais velozes, e os

pilotos mais hábeis. E os resultados são bons, porque tudo depende, no caso, da perícia do vôo, das manobras arteiras, do longo raio de acção, e da velocidade para poder retirar.

É possível assim "cartografar" em menos de 3 horas grandes fatias de território com 51.000 quilômetros quadrados—e continentes inteiros em pouco mais de uma semana. Hoje em dia, as operações militares são planeadas, executadas e ganhas, na base de reconhecimentos minuciosos realizados e trazidos às bases pelos Lightnings, aviões de confiança.

COM **Lockheed** SEMPRE NA VANGUARDA
LOCKHEED AIRCRAFT CORPORATION, BURBANK, CALIFÓRNIA, E. U. A.

naquela época. Nos Estados Unidos, a ênfase recaía sobre os brancos, protestantes e anglo-saxões, excluindo parte da população norte-americana: negros, índios e imigrantes.

Além das tecnologias voltadas para aviação, **Seleções** justificou a utilização da bomba atômica. Para a revista não havia saída: se não fossem os Estados Unidos, seria outro país a lançar o artefato nuclear. Mas a revista advertia que só os Estados Unidos estavam preparados para a utilização e segurança de tão poderoso invento. O artigo de título: “Um governo Mundial é o Primeiro Passo”, relaciona a bomba atômica com a criação de uma força policial.

“Nem a bomba atômica, nem arma alguma que o gênio humano conceber, é perigosa em si. As armas só se tornam perigosas quando em mão de um estado soberano que não seja o nosso. Portanto, a fonte real do perigo provém não da energia atômica, mas do estado...A nossa tarefa consiste precisamente em organizar o mundo sob a alçada da lei de modo que a existência pacífica dos cidadãos possa ser protegida. A criação de uma força policial é, naturalmente, automática e implícita. Só por coação se pode dar estatura a qualquer espécie de lei” (**Seleções** – mai/46 – p 26 e 28).

Mais uma vez aqui **Seleções** posicionava e legitimava os Estados Unidos como poder central do planeta. A partir de onde tudo deveria partir e ser organizado, falava-se na criação de uma força policial coercitiva, a fim de manter a lei no planeta.

Os anúncios e artigos veiculados no fim da guerra, mostram que a iniciativa privada e o Estado norte-americano se juntaram num esforço durante a guerra, aumentando consideravelmente a capacidade produtiva das

indústrias e preparando a expansão econômica e a hegemonia mundial norte-americana. A América Latina recebeu atenção especial dos Estados Unidos, já que era uma área considerada como potencial mercado consumidor e também região que concentrava um grande número de matérias primas. Se os Estados Unidos entraram na guerra, numa cruzada para salvar o mundo dos inimigos externos nazista e japonês, saíram dela como guardiões da cultura ocidental, desta vez, protegendo o planeta contra o poder emergente da União Soviética e “dos povos que emergiam da Ásia”.

4.2 - Guerra Imaginária: O Pesadelo Comunista.

Se ao pintar os inimigos norte-americanos na época da Segunda Guerra Mundial, a revista carregou nas tintas, no período da Guerra Fria, a (re)construção do inimigo comunista assumiu um tom ainda mais alarmista³⁶. A mídia norte-americana, o cinema as séries de televisão mostravam uma imagem ameaçadora do comunista³⁷ e “vendiam” para os próprios norte-americanos uma imagem de qualidade moral dos Estados

³⁶ Segundo o historiador Richard Powers, a era do anticomunismo nos Estados Unidos inicia-se com a era do comunismo neste século, ou a Revolução Russa de 1917. Ver: POWERS, Richard Gid. *Not Without Honor. The History of American Anticommunism*, especialmente o capítulo 1, New Haven/London, Yale University Press, 1998. Não só nos Estados Unidos, mas em vários países, tanto da Europa, quanto da América Latina, a Revolução de Outubro tornou-se uma ameaça para alguns grupos e esperança para outros.

³⁷ Existiam, claro, periódicos que procuravam criticar a paranóia norte-americana contra o comunismo, ampliando o debate que polarizava entre capitalismo e comunismo. Apenas para dar um exemplo: a revista *The Nation* foi uma importante referência tanto para grupos progressistas norte-americanos, quanto para grupos progressistas internacionais. No *The Nation* escreveram intelectuais, políticos e pensadores críticos do seu tempo, tais como: Jean Paul Sartre, Arthur Miller, Bertrand Russel, Hanna Arendt, Susan Sontag, James Baldwin, Emma Goldman, Martin Luther King Jr, entre outros.

Unidos. Criou-se um ambiente cultural, onde o comunista era o oposto àquilo que o “norte-americano médio” havia aprendido a respeitar: o comunista era conspirador, terrorista, ateu, desumano e antidemocrático. Enquanto a “América Virtuosa”, construída por um povo eleito desde a colonização, era interpretada como democrática, cristã, bem intencionada, humana, justa, simples, movida pelas melhores intenções³⁸.

Existem inúmero artigos tratando os comunistas de forma negativa em **Seleções**. Em fevereiro de 1942, no primeiro exemplar que circulou no Brasil, foi veiculado um artigo com o título “A Força de Stalin na América”. Já com tom alarmista, tratava da “rede vermelha” e insidiosa técnica comunista que penetrava nos Estados Unidos por meio do Partido Comunista, influenciando políticos e seduzindo grupos de escritores atuantes durante a guerra, chamados por **Seleções** de “escritores revolucionários”, como Ernest Hemingway, John Steinbeck, Sinclair Lewis, Lewis Mumford, Upton Sinclair etc, grupo que ficou conhecido como a “geração perdida” norte-americana. Segundo a revista, “a camuflada organização totalitária” usava os nomes destes escritores famosos para explorar as “suas inocências”. Diz o artigo sobre Stalin:

“Sendo ele (Stalin) o mais fraco de dois tiranos *gangsters*, o senso comum exige que o apoiemos contra Hitler. Mas é o mesmo bom-senso que nos há de advertir contra o acréscimo de força que daí porventura resulte para os seus agentes na América, empenhados em solapar as instituições americanas”. (Seleções - fev/42 - p 55).

³⁸ Ver PARENTI, Michael. *A Cruzada Anticomunista*, principalmente capítulos 2, 3 e 4. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

A conspiração e a possibilidade de infiltração comunista nas instituições norte-americanas estão presentes em todo o período estudado. A conspiração pode ser compreendida, como sugere Raoul Girardet, como um mito político: “o tema da conspiração maléfica sempre se encontrará colocado em referência a uma certa simbólica da mácula: o homem do complô desabrocha na fetidez obscura...”³⁹. As menções à “conspiração comunista”, “infiltração soviética” e “perigo vermelho” aparecem logo após a guerra, mas assumem o tom cada vez mais alarmista e sobressaltado na virada dos anos 40 para os 50.

Embora, no pós-guerra e início da Guerra Fria, os Estados Unidos estivessem vivendo um momento de prosperidade sem igual, o conservadorismo se espalhava pelo país e denúncias de que “todas” as instituições norte-americanas acobertavam comunistas e boatos de que a União Soviética planejava um ataque nuclear aos Estados Unidos, criaram um clima de paranóia tal que permitiram que homens como o senador Joseph McCarthy pudessem agir. Esta foi a época das “listas negras” que perseguiram sindicalistas, intelectuais, diretores e atores de Hollywood e homens comuns norte-americanos. McCarthy afirmava que tinha conhecimento, inclusive, de infiltração comunista no Departamento de Estado e, em 1951, atacou o Secretário da Defesa George Marshall, acusando-o de permitir uma gigantesca conspiração comunista nos Estados Unidos; em 1953, atacou Dwight Eisenhower, afirmando que o presidente recém eleito não estava fazendo a “limpeza” necessária nos quadros do

³⁹ Cf. Raoul Girardet, *Mitos e Mitologias Políticas*, São Paulo, Cia das Letras, p. 17.

governo⁴⁰. Para McCarthy, a segurança nacional norte-americana estava ameaçada e o inimigo externo comunista se infiltrara nas instituições norte-americanas e se transformava em inimigo interno⁴¹. Partidos políticos, instituições, escolas, universidades, meios de comunicação e o próprio “núcleo familiar” podiam estar contaminados com a infiltração comunista, criando-se uma atmosfera de desconfiança e suspeição entre parentes, vizinhos e no local de trabalho. Enfim, a paranóia persecutória havia atingido todos os níveis do cotidiano norte-americano.

O *Digest* foi uma das revistas norte-americanas que mais veiculou o temor expresso pelo Macartismo. Segundo Daniel Baylon, “O *Digest* contribuiu fortemente com a histeria coletiva, criando uma imagem que fez do povo russo um prisioneiro de seu sistema e de suas fronteiras”⁴². Com a justificativa do inimigo externo, que “penetrava pelas frestas” da sociedade norte-americana, a revista conclamava para uma unidade interna, a única maneira de combater tal infiltração. Raoul Girardet indica que o mito da unidade é um tema presente em vários discursos políticos. A divisão é tida como um mal e o retorno do bem torna-se dependente da força oposta: a

⁴⁰ Dwight Eisenhower foi comandante chefe das tropas Aliadas na Europa. Em 1953, assumiu a presidência dos Estados Unidos, pelo partido Republicano. George Catlett Marshall pode ser considerado um dos homens-chave na política externa norte-americana, no pós-guerra. E era antes de mais nada um anticomunista convicto. Esteve no comando do exército durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1945, foi indicado por Truman para a embaixada norte-americana na China. Em 1947, assumiu como Secretário do Departamento de Estado, dirigindo o plano de reconstrução da Europa. Entre 1959-61 atuou como Secretário da Defesa. Tanto Eisenhower quanto Marshall saíram da Segunda Guerra Mundial como verdadeiros heróis nacionais.

⁴¹ Sobre o macartismo, ver: POWERS, Richard Gid. ob cit, especialmente capítulo 9, 1998. Sobre Hollywood e a perseguição macartista, ver: DIGGINS, John Patrick. *The Proud Decades. America in War na Peace, 1941-1960*, New York/London, capítulo 5, W.W. Norton & Company, 1989.

⁴² Cf. Daniel Baylon, in *L'Amérique Mythifiée. Le Reader's Digest de 1945 à 1970*, Paris, Éditions Du Centre National de La Recherche Scientifique, 1988, p 72.

unidade. “... a preocupação maior permanece sempre a de uma unidade a ser redescoberta, de um equilíbrio a ser recuperado tanto no plano da moral individual quanto no da consciência coletiva, no coração do homem assim como no quadro das instituições do Estado. Sempre, no final das contas, a mesma obsessão de uma falha a preencher, de um cisma a evitar, de uma contradição a superar...”⁴³.

No *front* externo, os Estados Unidos se envolviam na Guerra da Coreia e não perdiam de vista os movimentos do governo chinês. O Japão, antes visto como inimigo externo, passava à região de apoio dos norte-americanos no período da Guerra da Coreia⁴⁴. Os japoneses construíam bombas e armamentos que foram utilizadas contra a Coreia do Norte. E, principalmente, voltados para a reconstrução da Europa, os Estados Unidos procuravam fazer da Europa Ocidental uma barreira que contivesse o comunismo. Com isso o interesse em políticas mais amplas para a América Latina foram descartadas, uma vez que alguns objetivos da anterior política da Boa Vizinhança - afastar as pretensões nazistas e manter o Hemisfério Ocidental atrelado à economia norte-americana - estavam assegurados. Em janeiro de 1949, Harry Truman, no seu discurso de posse, fez um famoso discurso chamado de “Os Quatro Pontos”. Neste texto de intenções, o Quarto Ponto consistia em auxílios para as áreas científicas e industriais a fim de proporcionar o desenvolvimento das áreas

⁴³ Cr. Raoul Girardet, ob cit, 1989, p 150.

⁴⁴ A Alemanha Ocidental também deixou de ser a inimiga externa quando se desenhou a Guerra Fria e passou a ser descrita como o país que se unia ao Ocidente na árdua luta contra o comunismo, embora Seleções tenha repetido os feitos norte-americanos contra o nazismo durante muitos anos.

subdesenvolvidas do planeta⁴⁵. Este último ponto rapidamente se popularizou e passou a ser conhecido como O Ponto Quatro, a política dos Estados Unidos para América Latina no pós-guerra.

O Ponto Quatro pode ser considerado mais um conjunto de programas do que uma política da amplitude com que ficou configurada a Boa Vizinhança. Consistia em fornecer assistência técnica e ajuda no desenvolvimento das áreas ainda não exploradas do mundo. Baseava-se em fornecimento de ajuda técnico-científica às modalidades que incentivassem a empresa privada e que estivessem relacionadas aos interesses norte-americanos. Dessa forma, foram implementadas assistência técnica à agricultura, agronomia, saúde, higiene e ensino⁴⁶. No caso do Brasil os acordos do Ponto Quatro espalharam-se por vários estados, como São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Amazonas, Paraná etc. Além disso, evidentemente, o Ponto Quatro, previa a segurança do hemisfério contra o comunismo.

Em abril de 1950, *Seleções* publicou um artigo de título “Em que Consistiria o Auxílio Norte-Americano”⁴⁷, tratando exclusivamente do

⁴⁵ Os três primeiros pontos do discurso de Truman eram: 1º) apoio às Nações Unidas; 2º) continuar a ajuda de reconstrução europeia (Plano Marshall) e 3º) auxílio ao esforço de países capitalistas contra potenciais agressões do comunismo.

⁴⁶ Informações sobre o Ponto Quatro estão em IANNI, Octávio *Imperialismo na América Latina*, especialmente capítulo 3, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988. Desde o final da Segunda Guerra Mundial vinham sendo implantados programas “educativos” como o de “extensão rural”, em acordo com os norte-americanos, onde se pretendia melhorar a produtividade das zonas rurais brasileiras, transformando as normas de comportamento tradicional dos agricultores. Ver: FONSECA, Maria Teresa Lousa. *A Extensão Rural no Brasil. Um Projeto Educativo para o Capital*. São Paulo, Ed. Loyola, 1985.

Para informações sobre a assistência técnica do Ponto Quatro, ver: BERNARDES, Maria Paulina Arantes. *A Supervisão Escolar em Goiás*, 1983, especialmente capítulo 1, Rio de Janeiro, tese de mestrado, defendida na Fundação Getúlio Vargas, 1983, mimeo.

⁴⁷ Este artigo saiu no *Digest* norte-americano em janeiro de 1950, com o título “*What We Can Now Under Point Four*”. Era o primeiro artigo inserido na edição de janeiro, o que demonstrava a importância que o *Digest* dava às idéias contidas em tal texto.

Ponto Quatro. Reforçava que a ação daquele país, a partir de então, se concentrava na entrada de capital privado nas regiões subdesenvolvidas do planeta e reproduzia uma declaração do Secretário de Estado, Dean Acheson:

“Esta nação foi construída pela iniciativa privada, e continua a ser um país de iniciativa privada. Portanto, será nossa política, de um modo geral, não conceder empréstimos de dinheiro públicos a empreendimentos para cuja execução haja capital privado disponível” (Seleções - abr/50 - p 75)

Na compreensão do Departamento de Estado, o simples fato de comprarem matérias-primas faria com que se desenvolvesse o país mais pobre. Pensava-se que ao proporcionar ainda ajuda técnica, científica e militar, a América Latina deixaria para trás a sua pobreza, tornar-se-ia uma região democrática e, claro, cerraria as suas portas ao comunismo⁴⁸.

As atenções se voltaram para a América Latina quando, em 1951, o presidente guatemalteco Jacobo Arbenz foi eleito com uma plataforma reformista (reforma agrária em terras ociosas, quebra de monopólios de serviços urbanos e transportes) e com um discurso de política externa independente. Com a sua ação, Arbenz tocou nos interesses da United Fruit Company e foi apresentado pelo Departamento de Estado como a expressão do comunismo na América Central. O embaixador norte-americano na Guatemala, atuando junto a setores conservadores do país e mais as ações da *Central Intelligence Agency*, CIA, conseguiram depor

⁴⁸ Ver Willi Paul Adams, ob cit., 1989, p. 352.

Arbenz. **Seleções** apresentou Arbenz antes do desfecho da crise que o depôs:

“Apesar de toda a sua aparência o governo de Arbenz não é comunista. É o produto dum movimento da mocidade. Os líderes da revolução de 1944 estavam na casa dos vinte e trinta anos; os homens que redigiram a Constituição não tinham em média mais de 28 anos; Arbenz atualmente está com 39 e a maioria dos seus ministros é ainda mais jovem”. (**Seleções** - fev/54 - p 110)

Mas logo após o desfecho da crise, Arbenz foi apresentado de forma diferente:

“O mundo livre tem uma dívida paradoxal para com um homem carrancudo e nervoso de 41 anos que ora procura viver na obscuridade no México. Trata-se de Jacobo Arbenz Guzman, ex-presidente da Guatemala, atualmente no exílio acusado de homicídio, latrocínio e violação do seu juramento constitucional. O crime fundamental de Arbenz foi vender a pátria ao comunismo. Assim procedendo, entretanto, ele e os seus colaboradores revelaram a complexa trama de Moscou para a América Latina... A trama visava pontos vulneráveis - Guatemala, Brasil, Chile, Bolívia, mas não pretendia tornar comunistas da noite para o dia países tão católicos” (**Seleções** - abr/55 p 49).

No texto de 1954, Arbenz e seu grupo foram vistos de forma paternalista, apresentados como jovens impetuosos. No de 1955, foi visto de forma negativa e o tom era alarmista, era tido como “carrancudo e nervoso”. Em um, ele não era comunista, no outro vendeu a pátria ao comunismo. E

mais: os dois artigos foram escritos pelo mesmo redator, Michael Scully⁴⁹. Com isso reforçavam a idéia da existência da insidiosa trama de Moscou e da debilidade dos países latino-americanos. Além disso, é possível ver no excerto acima, a relação de que o comunismo não “vingaria” em países católicos, reforçando a oposição entre o mundo comunista e o mundo cristão. Arbenz está relacionado ao mal, ao crime, enquanto Moscou arnava sua trama demoníaca na América Latina.

Ao mesmo tempo em que os Estados Unidos apoiavam a deposição de um presidente legalmente eleito pela população guatemalteca - relacionando-o ao mal comunista - apoiavam ditadores no continente, como Batista em Cuba e Pérez Jimenez na Venezuela, tidos como anticomunistas. Ainda que a revista brasileira *Seleções* não inserisse artigos tratando especificamente destes ditadores, apoiou a deposição de presidentes legalmente eleitos, relacionando-os diretamente ao comunismo. Em 1955, Richard Nixon, vice de Eisenhower, fez uma viagem pela América Central e Caribe⁵⁰, com a clara intenção de acalmar o antiamericanismo que crescia na região depois da crise da Guatemala. Ao chegar aos Estados Unidos, Nixon escreveu um artigo para *This Week*. O *Digest* selecionou e condensou este artigo. Em outubro de 1955, depois de traduzido para o português, foi publicado em *Seleções*. Com o título: “Fala o Vice Presidente dos Estados Unidos”:

⁴⁹ Michael Scully viajou para América Latina várias vezes e escreveu vários artigos sobre o continente nos anos 40 e 50. Nos anos 40 escrevia também para a revista protestante *Christian Herald*, publicada em New York. Muitos artigos desta revista foram selecionados, condensados e publicados pelo *Digest*.

⁵⁰ A bibliografia trata da viagem que Nixon fez em 1958 pela América do Sul, mas não trata desta que fez pela América Central e Caribe.

“Estou convencido de que o comunismo atingiu o máximo que poderá atingir na América Latina. Mas o perigo ainda não passou. Para impedir que o comunismo conquiste outra cabeça de ponte nas Américas devemos ajudar os nossos vizinhos a manterem a estabilidade política e a progredirem economicamente. Os destinos de todas as Américas estão ligados de muitas maneiras. Nós vendemos mais à América Latina do que toda a Europa junta. São nossos vizinhos e amigos mais chegados e também aliados valorosos”. (*Seleções* - out/55 - p 68).

Manter a estabilidade, significava muitas vezes apoiar regimes de força, a fim de conter o comunismo e manter a América Latina como zona de interesse econômico. Em 1958 - final de abril, início de maio - Nixon e sua mulher fizeram outra viagem à América do Sul, também com a intenção de acalmar o antiamericanismo na região. Passando pelo Peru, Nixon enfrentou o descontentamento dos estudantes da Universidade de São Marcos, visitou o Equador e a Colômbia e o maior problema se deu na Venezuela, onde a população ainda guardava consigo as lembranças da feroz repressão do ditador Pérez Jimenez (dezembro de 1952 a janeiro de 1958), governo apoiado pelo Estados Unidos. Na época da viagem do vice-presidente, Jimenez estava exilado em Miami.

Nixon foi alvo de uma grande manifestação antiamericana, sendo inclusive alvejado por tomates, ovos e insultado violentamente. Amedrontado, refugiou-se na embaixada norte-americana em Caracas. O resultado dessa viagem foi pior do que o esperado e considerado um erro da política externa norte-americana. Eisenhower, assustado com os acontecimentos de Caracas, autorizou o envio de fuzileiros para Guantânamo, Porto Rico e Curaçao a fim de resgatar Nixon se necessário

fosse⁵¹. A viagem de Nixon à América do Sul e o seu desfecho apenas confirmavam a visão de desordem política que os norte-americanos tinham do continente.

Esses acontecimentos na América Latina e mais o “xadrez mundial” entre Estados Unidos e União Soviética durante a Guerra Fria, fizeram novamente, com que **Seleções** posicionasse os Estados Unidos como centro do mundo Ocidental. O artigo de título “O Grande Desafio da História à Nossa Cultura”, afirma:

“A maior civilização anterior à nossa foi a grega. Também os gregos viveram num mundo perigoso. Eram um povo pouco numeroso e altamente civilizado, cercado por tribos bárbaras e continuamente ameaçados pela maior potência asiática, a Pérsia” Em Maratona e em Salamina, as imensas cortes dos persas foram derrotadas por pequenos contingentes gregos. Provou-se ali que o homem livre é superior a muitos homens submissamente obedientes a um tirano” (**Seleções** – mai/59 – p 52 – 53)⁵².

Aqui **Seleções** não está falando de História Antiga, mas do mundo contemporâneo. Compara os Estados Unidos à civilização grega, berço da cultura Ocidental. Segundo o texto, a história do Ocidente começava na Grécia e os Estados Unidos eram os herdeiros diretos desta civilização. A

⁵¹ Sobre a viagem de Richard Nixon em 1958 e os acontecimentos na Venezuela, ver: Gerson Moura, ob cit, 1990, p 47. Ver também a narrativa de WALTERS, Vernon A. *Missões Silenciosas*, especialmente capítulo 16, Rio de Janeiro, Record, 1980. Walters, como oficial de carreira, acompanhou vários presidentes norte-americanos como intérprete e esteve algumas vezes na América Latina. No Brasil, acompanhou a campanha da FEB na Itália e na época do golpe de 1964 foi adido militar no Rio de Janeiro. Esteve com Nixon na Venezuela e foi quem encaminhou o vice-presidente à embaixada norte-americana.

⁵² Este artigo foi escrito por Edith Hamilton, a quem **Seleções** conferia o título de “uma das maiores autoridades mundiais em civilização greco-romana”.

revista se apropriava de um dos mais caros símbolos do Ocidente, a Grécia Antiga e dos seus significados culturais, com o propósito de colocar os Estados Unidos como o centro da cultura ocidental. Compara a Pérsia à União Soviética. A sua população era caracterizada como obediente a tiranos e a expressão “cercada por tribos bárbaras”, acredita-se referir à América Latina e mais especificamente aos acontecimentos que surpreenderam Nixon na sua viagem à região. O texto acima posiciona os Estados Unidos como uma ilha de prosperidade e liberdade em meio aos comunistas e aos bárbaros. Viviam num mundo perigoso e ameaçador. A recomendação era permanecer atentos, vigilantes, a fim de evitar infiltrações que pudessem prejudicar o “núcleo da civilização Ocidental”.

Em **Seleções** é possível acompanhar a atmosfera persecutória dos anos 50: o comunismo visto como inimigo externo, estava a todo momento procurando se insinuar nas regiões do Hemisfério Ocidental, espaço de influência unicamente dos Estados Unidos. O temor era de que o vírus do comunismo, penetrando na América Latina, poderia facilmente contaminar, tal qual uma epidemia, e alcançar a sociedade norte-americana. Estas construções faziam com que as ações norte-americanas, como o apoio a ditadores que se alinhassem aos Estados Unidos como anticomunistas, fossem justificadas, com a intenção de preservar a segurança nacional norte-americana. Tais sentimentos e emoções tornaram-se ainda mais sobressaltados com a Revolução Cubana de Fidel Castro.

4.2.1 - Cuba, Fidel e o Risco de Contaminação.

A Revolução Cubana sacudiu o hemisfério e deixou o planeta em estado de alerta. Depois das lutas em Sierra Maestra, Fidel Castro, em

janeiro de 1959, assumiu o governo de Cuba, depondo o governo de Batista. A Revolução Cubana tornou-se exemplo a ser seguido por alguns grupos de esquerda latino-americanos, o que preocupava os Estados Unidos. A revista *Seleções*, que já havia se tornado um instrumento de propaganda anticomunista no Brasil, aumentou consideravelmente o número de artigos dedicados à ilha, enfatizando a penetração comunista no hemisfério.

Em 1960, numa disputa com Richard Nixon, venceu o candidato John Fitzgerald Kennedy, com o *slogan* *New Frontier*, recuperando, uma das mais fortes imagens do imaginário norte-americano. Com este tema, Kennedy evocava os “velhos pioneiros que haviam construído a América”. No seu discurso ficou famosa a frase: “Não pergunte o que a América pode fazer por você, mas o que você pode fazer pela América”. A *New Frontier* resumia-se na ampliação dos direitos civis, exploração espacial, educação e seguro saúde para os idosos da população norte-americana. Segundo Richard Slotkin, a evocação de Kennedy do mito da fronteira, tão presente no imaginário norte-americano, como já foi dito no segundo capítulo, “era mais que uma peça de propaganda, sugeria o tipo de ação heróica que se deveria esperar do novo presidente e estabelecia a forma com que o significado moral e histórico das ações deveriam ser entendidas. Vários aspectos da administração política foram baseadas nas premissas adotadas por Turner e Theodore Roosevelt. Como Roosevelt, Kennedy projetava a visão do presidente como figura heróica, testada e qualificada para o poder por seus feitos em batalhas e preparado para se tornar um militante dos interesses da nação.... A política externa foi estabelecida numa ofensiva contra o comunismo no Terceiro Mundo: a Fronteira da *New Frontier* - estágio para a expansão do poder e influência americana - seria o lugar em que a ideologia do ‘consensus liberal’ poderia ser provada e cena na qual o modelo de

desenvolvimento americano seria testado”⁵³. Como disse, a fronteira evocava não só uma época romântica, mas uma maneira de atuar.

Em 1960, Fidel Castro expropriou refinarias e empresas de capital norte-americano. Em 1961, o regime inaugurado por Fidel Castro voltava-se em direção à União Soviética, deixando os Estados Unidos perplexos com a existência de um país comunista às suas portas. Em fevereiro de 1961, o vice-primeiro ministro da União Soviética, Mikoyan, visitou Cuba e anunciou um programa de assistência econômica e militar em grande escala para a ilha. Estes fatos confirmaram para **Seleções** o que já era imaginado: o comunismo estava penetrando insidiosamente no hemisfério, ameaçando diretamente a segurança nacional norte-americana.

A direção que iria tomar o governo de Fidel Castro era incerta em 1959. Talvez por isso o **Digest** tenha enviado para Cuba uma das redatoras itinerantes, chamada Dickey Chapelle⁵⁴. Esta redatora encantou-se com o movimento guerrilheiro, enalteceu a coragem de Castro, visto como homem que havia salvado Cuba do terrorismo. A autora afirmava que os Estados Unidos não sabiam o que se passava em Cuba, uma vez que Batista não

⁵³ Cf SLOTKIN, Richard. *Gunfighter Nation*, especialmente capítulo 15, *New York, Harper Perennial*, 1993. Para este autor o tema da Fronteira era mais adequado a homens do partido Republicano com o perfil de Eisenhower, por exemplo. Mas foi Kennedy quem lançou mão da bandeira da fronteira, procurando anular alguns argumentos da oposição que o consideravam um candidato não totalmente vinculado aos valores norte-americanos, dada a sua condição de muito jovem e acima de tudo um homem de ascendência irlandesa e de religião católica. Um dos resultados da *New Frontier* para a América Latina foi a criação dos famosos *Peace Corps*. Corpo de voluntários que voltavam as “suas habilidades profissionais” em direção aos países menos desenvolvidos. Kennedy soube se aproveitar da atmosfera de excitação e reivindicações dos anos 60, afirmando que os jovens tinham um papel a desempenhar. Sobre os *Peace Corps*, ver AZEVEDO, Cecília. “Sob o Signo da Aliança: O Projeto Kennedy e as Representações da América”, in *Revista de História*, Goiânia, Univ. Federal de Goiás, vol. 2, nº 1, 1997.

⁵⁴ Dickey Chapelle era fotógrafa e correspondente do **Digest**. Cobriu os acontecimentos da Hungria em 1956, acompanhou os desembarques de fuzileiros norte-americanos no Líbano e esteve em Cuba, junto aos guerrilheiros em Sierra Maestra. Morreu no Vietnã na função de fotógrafa de guerra.

permitia o jornalismo e a presença de correspondentes estrangeiros no país. Chapelle, com essa argumentação, justificava o fato dos Estados Unidos terem apoiado Batista e feito vistas grossas aos seus desmandos ditatoriais⁵⁵. Chapelle descreveu Fidel Castro:

“O movimento de Castro levantara somas enormes; recrutava e equipava combatentes; comprava, recebia clandestinamente e até fabricava armas; sustentava viúvas e os órfãos da guerra. Uma coisa apenas nunca fizera: ganhar muito espaço na imprensa mundial... Fidel Castro, o homem que deveria vencer de maneira tão pouco provável, perdeu não uma, mas repetidamente. E depois de cada catástrofe havia uma hora negra em que quase a única fonte de fé na vitória era ele mesmo” **(Seleções jun/59 - pp 27 e 33).**

Fidel é apresentado como homem corajoso e justo, encontrava tempo, no calor da luta, para proteger viúvas e órfãos, bem ao estilo do humanitarismo que os norte-americanos pregavam. Continuando:

“A voz de Castro é baixa, mas a sua linguagem é clara, sua maneira de elogiar é um abraço de tamanduá, seu incentivo uma mão caindo pesadamente no ombro, sua censura um descontrole de mau gênio como um terremoto. A mistura que há nele de irascibilidade, audácia e permanente disposição para enfrentar qualquer poder que ameace Cuba

⁵⁵ Sabemos que os Estados Unidos jamais precisaram de correspondentes estrangeiros para se informar sobre o que acontecia neste ou naquele país. Principalmente durante a Guerra Fria, o serviço secreto, a CIA, soube fazer muito bem o seu trabalho investigando, formando espões para agir na Europa, estabelecendo investigações e treinamento militar para intervenções, não só na América Latina, mas em vários países, do que era chamado de “Terceiro Mundo”.

explica o seu sucesso em sua pátria como autêntico herói popular. É um cubano em ponto maior” (**Seleções** - jun/59 - p 189)

Castro é descrito de forma positiva à maneira da masculinidade que tanto agrada aos norte-americanos. Ativo, embasado por ideais sólidos, fez o que tinha que ser feito. Dois anos depois, e já definida a opção cubana pelo comunismo, **Seleções** trazia um artigo, desta vez, representando Fidel de maneira bastante diferente:

“O torno da garra dupla da força coatora e propaganda enganosa com que Castro se empenhou em dominar a sua nação de seis milhões de individualistas não foi apertado até a última rosca... Foi então que, subitamente, cinemas e campos de esporte foram transformados em prisões e, de repente, a população pode sentir a humilhação de só saber sobre o seu destino aquilo que Fidel achava por bem dizer” (**Seleções** - ago/61 - p 79).

Castro passou de condutor da liberdade a promotor da repressão e coação. Primeiro foi apresentado como homem vigoroso e herói popular. Um ano depois foi caracterizado como agente do terror comunista.

O **Digest** tinha bons motivos para se incomodar com Castro. Logo após o término da Segunda Guerra Mundial, **Selecciones**, a versão do **Digest** para a América Latina de língua espanhola, era totalmente impressa em Havana, evidentemente dados os baixos custos da impressão naquele

país. Em junho de 1960, Fidel Castro expropriou U\$ 1,6 milhões de dólares em equipamentos do **Digest**. Em poucos meses, o **Digest** conseguiu reinstalar a divisão para América Latina na cidade do México⁵⁶.

Nos Estados Unidos, antes da eleição de Kennedy, o presidente Eisenhower havia dado sinal verde para que a CIA recrutasse e treinasse exilados anticomunistas para uma possível invasão a Cuba. Também chamada de “Operação Pluto”, a invasão aconteceu em abril de 1961, já sob o governo de John F. Kennedy, e ficou conhecida como a frustrada invasão da Baía dos Porcos, fazendo com que Kennedy amargasse uma derrota de grandes proporções frente ao mundo dividido pela Guerra Fria. A revista **Seleções** atacou violentamente a falta de firmeza de Kennedy, fazendo com que Fidel Castro “faturasse prestígio”. Como disse anteriormente, o **Digest** criticava bastante os presidentes democratas, dada a sua preferência pelos presidentes de perfil republicano, embora sempre abrisse espaço para um ou outro artigo elogioso. O artigo de título “Decisão Desastrosa” afirma:

“As jactâncias de Castro de como a pequena Cuba havia, em três dias, derrotado o poderoso Tio Sam foram ouvidas então ao redor do mundo, retransmitidas triunfalmente por Moscou e Pequim. O prestígio dos Estados Unidos caiu a um novo nível na América Latina, no Extremo Oriente, no Sudeste da Ásia e até entre seus aliados europeus” (**Seleções** – set/64 – p 185)

A maior preocupação consistia na perda de prestígio dos Estados Unidos, frente ao mundo dividido da Guerra Fria. Com o clima mundial

⁵⁶ Estas informações estão em HEIDENRY, John, ob cit, 1993 p 280.

tornando-se cada vez mais tenso, o Departamento de Estado dava andamento à outra política direcionada à América Latina. Em agosto de 1961, o Departamento de Estado promoveu uma reunião de chanceleres em Punta Del Leste, Uruguai, onde os Estados Unidos apresentaram aos países latino-americanos os planos da política que ficou conhecida como Aliança para o Progresso. O ponto central desta política eram os investimentos dedicados a América Latina para a promoção de reformas na área social, “fortalecendo a liberdade política”. Com isso pretendiam isolar o comunismo de Castro e deter o comunismo que imaginavam prestes a se espalhar pela América Latina. O principal elemento desta ofensiva consistia em apresentar o reformismo como uma alternativa ao discurso revolucionário. Em termos políticos significava promover forças reformistas comprometidas com a modernização do capitalismo e o ‘desenvolvimento econômico’. O objetivo era “abandonar as alianças estabelecidas com os segmentos mais reacionários das classes dominantes latino-americanas e, portanto, o desmantelamento, até onde fosse possível, das ditaduras tradicionais como as de Trujillo, Pérez Jimenez e Duvalier”⁵⁷. Embora **Seleções** não concordasse com algumas políticas apresentadas pelo democrata Kennedy, acompanhou de perto as orientações do Departamento de Estado em relação à Aliança para o Progresso. No artigo de título “A Hora da América Latina”, **Seleções** passava a apoiar os presidentes considerados “reformistas” na América Latina.

“O corolário principal é que os Estados Unidos deveriam tentar influir nos acontecimentos, de maneira que tais ressentimentos (antiamericanismo)

⁵⁷ Cf. BERUFF, Jorge Rodríguez, ob cit, principalmente parte 1, 1988. Para outras informações sobre a Aliança para o Progresso, consultar BANDEIRA, Moniz. *Brasil - Estados Unidos. A Rivalidade Emergente*, especialmente capítulo 2, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989.

fossem aplacados pelos líderes políticos que são amigos dos Estados Unidos e participam da crença na liberdade. Tais líderes existem na América Latina e sempre existiram em muitos de seus países – homens como Betancourt da Venezuela; Arturo Frondizi, da Argentina; Haya de La Torre do Peru; Jose Figueres da Costa Rica. Ainda que os Estados Unidos devam evitar qualquer resquício da obsoleta política de intervenção, há duas coisas que eles poderiam fazer abertamente e até sem alarde. Desde que um Betancourt fosse eleito presidente, deveria-se apoiá-lo com créditos a longo prazo, assistência técnica e outros auxílio em escala capaz de assegurar o êxito do seu governo. Por outro lado, deveriam mostrar declaradamente o propósito de não auxiliar os ditadores remanescentes na América Latina, mantendo-se afastados deles” (**Seleções** – dez/61 - p 47)

Mesmo quando criticava um presidente como foi o caso de Kennedy, a revista procurava alinhar os seus artigos às políticas estabelecidas pela política externa norte-americana, sendo este presidente republicano ou democrata. **Seleções** ao mesmo tempo que oferecia uma imagem positiva dos Estados Unidos, procurava seguir as direções da política externa para América Latina, estabelecidas pelo Departamento de Estado.

Em outubro de 1962, aconteceu a mais dramática crise de toda a Guerra Fria, quando aviões de reconhecimento norte-americanos U-2 fizeram fotos aéreas de determinadas regiões de Cuba e chegaram à conclusão que havia lançadores de mísseis soviéticos na ilha. Quando instalados, a 150 km da Flórida, os mísseis apontariam para os Estados Unidos. Além disso o tráfego de navios militares soviéticos pelas proximidades de Cuba confirmava que a União Soviética estava enviando os mísseis para a ilha. Kennedy negociou com o governo soviético e conseguiu, depois de dias tensos - momentos em que parecia que uma Terceira Guerra

Mundial estava para eclodir - a retirada dos mísseis de Cuba. A crise dos mísseis sacudiu o **Digest**, que publicou vários artigos enfatizando a arrogância e provocação comunista em instalar tais armas direcionadas para os Estados Unidos. E também contratou dois dos seus editores itinerantes, os famosos *rooving editors*, a fim de escrever um texto que foi inserido no espaço dedicado ao livro condensado, ao fim do exemplar da revista. O título do artigo é sugestivo: “Enquanto a América Dormia”:

“Como pudera o Kremlin transportar para o Hemisfério Ocidental um arsenal tão grande e tão terrível e instalar, sob a barbas de Washington, poderio nuclear suficiente para colocar os Estados Unidos à mercê das armas soviéticas? Os mísseis em Cuba poderiam ameaçar os alvos não só nos Estados Unidos, mas também através da América Latina, dependendo de onde os soviéticos quisessem exercer pressão coercitiva” (**Seleções** – abr/63 – p 165 e 178).

Nota-se a preocupação de que o comunismo deixasse o isolamento da ilha de Fidel e passasse para os países continentais da América Latina, se espalhando como vírus, contaminando outros países.

Tal qual o inimigo nazista, o comunista foi descrito por **Seleções** como o mal, como anticristão. Mas foi-lhe atribuída uma característica a mais, principalmente depois que países como Cuba e parte da Coreia e Vietnã tornaram-se comunistas⁵⁸. Por exemplo, tratava-se Cuba como um ambiente infestado e doente. Numa visão organicista, relacionava-se o comunismo à doença do corpo social. Dessa forma, repetia-se em **Seleções**

⁵⁸ **Seleções** já tratava o comunismo como doença passível de contaminação desde o final da Segunda Guerra Mundial. Mas é possível perceber uma repetição considerável deste tipo de representação depois da Revolução Cubana.

palavras como câncer, vírus, infestação, contaminação, inoculação, decomposição, para falar do comunismo. **Seleções** veiculou um artigo escrito pelo embaixador da Costa Rica, no qual usava a palavra câncer para referir-se a Cuba.

“Nós, latino-americanos, temos a possibilidade e a obrigação de extirpar do nosso hemisfério esse câncer...todos os anos, considerável número de latino-americanos aflui a Cuba para receber instruções ideológicas e paramilitar. Só em 1964, o total foi de 1.500. Depois que se ensinam a “esses estudantes todos os tipos de técnicas subversivas são eles devolvidos às suas pátrias para ali fomentarem a desordem e o caos”
(**Seleções** – abril/64 – p 85)

Foi utilizada a palavra câncer para tratar de Cuba e da vinculação do comunismo com a desordem e o caos. O comunismo foi visto não só como um tumor, um cancro - patologia letal que caso se espalhasse contaminaria todo corpo social - mas também como um vírus. O artigo de título: “Por que a Rússia é o maior Perigo”, afirma:

“... em janeiro deste ano, soviéticos e cubanos fundaram uma organização revolucionária latino-americana, com sede permanente em Havana, para dirigir a subversão na América Latina...O mais importante objetivo da política do Vietnã é vacinar os russos para impedi-los de transmitir a

doença do auxílio aos movimentos guerrilheiros no mundo inteiro”
(Seleções – out/66 – pp 88 e 94)

A palavra vacina remete o comunismo para um outro tipo de doença, as do tipo causada por vírus, as epidemias. Com o Vietnã, pretendia-se inocular o inimigo soviético. Nesse período, repetiam-se na revista representações sobre o guerrilheiro, aquele que vivia nas matas da América Latina ou nos Andes. O artigo de título: “Assim Castro Propaga a Revolução”, que serve de epígrafe para este capítulo, tratava da guerrilha na Colômbia:

“Um grupo de 50 guerrilheiros, armados de granadas e fuzis automáticos, cercou a cidade montanhesa de Simacorta, metralhou três policiais, um garotinho, cortou os fios telefônicos e passou duas horas saqueando lojas, repartições e residências. No caos, aproxima-se a decomposição social a que visam os comunistas(sic). Os três presidentes dos Estados Unidos que exerceram o cargo desde o advento de Castro prometeram que o seu país não permitiria que ele ou os seus amos vermelhos se servissem de Cuba como centro para a subversão do resto do hemisfério. Entretanto o papel de Cuba como gerador de ódio e confusão é dia a dia maior. Não é só a América Latina que está sob ataque, mas todo o Hemisfério Ocidental”
(Seleções – jan/66 – p 56 e 57)⁵⁹.

O que chama atenção nesse texto, não é apenas o tom alarmista, baseado no fato de que Cuba irradiava o comunismo para a América Latina, mas o fato dos guerrilheiros serem representados como gente capaz de aniquilar crianças. Ao representar o guerrilheiro latino-americano como

⁵⁹ Os três presidentes de que fala o texto são Dwight Eisenhower (1953-1961), John F. Kennedy (1961-1963), Lyndon Johnson (1963-1969).

assassino de garotinhos, a revista passava a vincular o guerrilheiro a um mundo anticristão, tal qual o inimigo nazista. O guerrilheiro era visto não apenas como desumano, bárbaro e cruel, mas também destituído de uma das condições básicas da humanidade: a preservação da infância. Seleções representava o guerrilheiro como um “ser” incompatível com a condição humana, responsável pela “decomposição do corpo social”. A palavra decomposição está relacionada aqui a uma alteração profunda do corpo social, ao apodrecimento deste mesmo corpo. Portanto, o comunismo era representado como um “corpo estranho”, e de atuação letal no organismo social. A relação era sempre binária e em oposição aos Estados Unidos:

Estados Unidos

Humano

Cristão

Saúde

Ordem

Comunismo(URSS, China, Cuba e Vietnã)

Anti-humano

Ateu

Doença

Caos

A presença de um mal como o comunismo na região da América Latina sinalizava para algo que se alastraria e alcançaria os Estados Unidos. A visão de que a região era desolada, desordenada e pobre, transformava-a num espaço onde era possível “a epidemia” do comunismo tomar conta dos diversos “corpos sociais”. O artigo sobre a guerrilha na América Latina, de título: “Pesadelo na Guatemala”, refere-se à pobreza do país:

“Em outros países latino-americanos habituados à violência de inspiração comunista - principalmente a Venezuela, a Colômbia e a Bolívia – a batalha se trava entre dois lados: os soldados e a polícia num e os

guerrilheiros no outro... O pequeno país (Guatemala) parecia maduro para a subversão e a ocupação. É pobre e subdesenvolvido. Cerca de metade dos seus quase cinco milhões de habitantes são camponeses índios que cultivam pequenos lotes de terra ou trabalham como empregados semifeudais nas grandes fazendas de café, bananas e algodão, podendo esperar-se deles que apoiassem guerrilheiros comunistas contra o governo” (**Seleções** – mar/69 – pp 84-85)

Confirma-se o que já disse, os países pobres - com população analfabeta e no caso acima, com forte presença indígena - eram vistos por **Seleções** como lugares de fácil acesso ao comunismo. Em países com uma classe média considerável esse perigo era reduzido. Dessa forma, a América Latina era representada como uma espécie de “caldo de cultura” oportuno à proliferação do comunismo. Estas representações acentuavam a idéia de que os Estados Unidos precisavam fortalecer a sua segurança nacional, exercendo pressão sobre países latino-americanos, quando houvesse algum movimento que pudesse ser diagnosticado como de inspiração comunista.

Com isso pode-se afirmar que **Seleções**, dada a sua penetração, foi em parte responsável pelo fortalecimento do clima anticomunista, de terrorismo e apreensão, relacionando qualquer movimento na América Latina com o comunismo soviético, com o maoísmo chinês ou com a Revolução Cubana. A América Latina, representada como região de “águas turvas”, permitia que qualquer solução norte-americana para a região fosse justificada. É nesse contexto que, em 1964, a revista publicou um artigo, de título: “A Nação que se Salvou a si Mesma”, enaltecendo o golpe militar no Brasil e denunciando os perigos que corria o Brasil de João Goulart:

“O palco estava completamente armado e determinado como cronograma para a primeira fase da tomada de posse pelo comunistas. Nos calendários dos chefes vermelhos do Brasil - assim como nos de Moscou, Havana e Pequim - as etapas para a conquista do poder estavam marcadas com um círculo vermelho: primeiro, o caos; depois, a guerra civil; por fim, domínio comunista total” (Seleções - nov/64 - p 95).

A idéia de infiltração e disseminação da doença comunista no Brasil foi repetida várias vezes neste artigo, mostrando um país em situação política caótica, já com o seu “tecido social” comprometido. Os ardilosos comunistas haviam planejado penetrar no governo de Goulart por etapas: “primeiro, o caos; depois, a guerra civil; por fim, domínio comunista total”.

João Goulart havia sido eleito como vice de Jânio Quadros e com a renúncia deste, Goulart assumira a presidência. Os Estados Unidos estavam mais uma vez apoiando um golpe militar que suprimia as liberdades democráticas e ajudava a depôr Goulart, presidente que estava no poder, legitimado por procedimentos democráticos. No mesmo artigo, o Brasil era descrito como país chave em **Seleções**.

“Por fim estava tudo preparado. A inflação piorava dia a dia; a corrupção campeava; havia inquietação por toda parte – condições perfeitas para os objetivos comunistas. O Governo do Presidente João Goulart estava crivado de radicais; o Congresso, cheio de instrumentos comunistas... Dezenas de volumes eruditos foram escritos acerca da espiral descendente do Brasil para o caos econômico e social; a maioria concordava que a explosão que viria seria sangrenta, comandada pela esquerda e com um elenco acentuadamente castrista.... O país estava realmente maduro para a colheita. Os vermelhos tinham introduzido toneladas de munição por

contrabando, havia guerrilheiros bem adestrados, os escalões inferiores das Forças Armadas estavam infiltrados, planos pormenorizados estavam prontos para a apropriação do poder” (*Seleções* – nov/64 – p 96).

O clima é de apreensão e o tom do artigo é alarmista. Segundo esta perspectiva o Brasil estava numa trajetória decadente de “deriva para o caos”. O inimigo comunista já estava instalado no país, faltando apenas tomar o poder. Este artigo recebeu um destaque especial em *Seleções* como nenhum outro na história da revista. Em primeiro lugar foram deslocados dois redatores do *Digest* norte-americano para o Rio de Janeiro, com o propósito de cobrir os resultados dos acontecimentos de março de 1964. Os redatores eram William L. White e Clarence W. Hall, editor senior do *Digest* e antigo redator-chefe do *Christian Herald*. O artigo vinha protegido por uma capa especial, encartado na revista, sendo que o leitor podia destacar e “enviar a algum amigo”, como sugeria *Seleções*. Informava também que quem solicitasse cópias de tal encarte, seria prontamente atendido. Além disso, o artigo era composto de 27 páginas, número excessivo para os propósitos iniciais do *Digest*, de texto curto. Trazia foto de Castelo Branco, da “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, reproduzida de *O Globo* e foto de Amélia Bastos, uma das organizadoras da “Marcha da Família”.

A ação dos militares em 1964 merecia também lugar de destaque e tratamento especial. O *Digest* publicou o artigo no mesmo mês de novembro, procedimento pouco usual da revista, com o título: “*The Country That Saved Itself*”⁶⁰. Este artigo foi veiculado também em *Selecciones* e

⁶⁰ O artigo brasileiro e o norte-americano eram exatamente iguais. Traziam as mesmas fotos, mesmo número de páginas e exatamente o mesmo tom de triunfo com os resultados de março de 1964 no Brasil. Em julho de 1964 já havia sido publicado no *Digest* norte-americano, o artigo “*When Brasil Cracked Down on The Reds*”, tratando das proezas dos militares. Este texto não foi reproduzido no Brasil.

SPECIAL FEATURE

**THE
COUNTRY
THAT
SAVED ITSELF**



**HOW
TO
MAIL IT**

When enclosed in an ordinary envelope, this article weighs about 1¼ ounces. If you enclose a short note, the envelope will still weigh under two ounces and you may send it by surface mail to any place in the United States, Canada or Mexico for 10¢—and to most other countries for 18¢.

If you wish to *air-mail* the article, with or without a personal note, postage will be 16¢ for the United States, Canada or Mexico; 60¢ for most other countries. Check with your postmaster for details.

If you wish to mail the article itself with no personal message enclosed or written on it, place it in an unsealed envelope marked "PRINTED MATTER." The surface-mail postage is then 4¢ in the United States, Canada or Mexico, and 5¢ for most other countries.

**A NAÇÃO
QUE
SE SALVOU
A SI MESMA**



Desde o seu primeiro número, um tema constante em Seleções do Reader's Digest tem sido a ameaça que o comunismo representa para o nosso estilo democrático de vida. Nossa revista tem informado sobre a luta do comunismo internacional contra o mundo livre—desde Cuba à Coreia—mas não tinha tido ainda oportunidade de tratar de uma vitória tão significativa para a Democracia como a da revolução brasileira.

Por isso decidimos dispensar a este artigo um tratamento especial, publicando-o como livreto destacável da revista, para que, depois de lido, os leitores possam passá-lo aos amigos.

Queremos também que você saiba, leitor patricio, que a publicação de *A Nação que se Salvou a si Mesma* será feita em 13 idiomas—entre os quais o japonês, o árabe e as principais línguas européias—em um total de mais de 25 milhões de exemplares; portanto, com você mais de 100 milhões de pessoas do mundo inteiro terão oportunidade de meditar sobre os motivos que levaram os brasileiros à revolução de 30 de março de 1964—e compreender um acontecimento da mais alta importância para os destinos do homem.

—O Redator-Chefe

Separatas deste artigo podem ser obtidas ao preço de Cr\$ 90,00 por exemplar, mais Cr\$ 10,00 para pagamento do selo necessário para remessa de qualquer quantidade de separatas. Enderece seu pedido a: Redator-Chefe, Seleções do Reader's Digest, Avenida Presidente Vargas, 62, 6º andar, Rio de Janeiro, GB, 20-00.

ARTIGO ESPECIAL

A NAÇÃO QUE SE SALVOU A SI MESMA

CLARENCE W. HALL

Redator de The Reader's Digest



A história inspiradora de como um povo se rebelou e impediu os comunistas de tomarem conta de seu país. Por se tratar de um documento de significação muito especial, este artigo foi publicado em caderno separado para que possa ser destacado intato da revista e enviado a outras pessoas.

SPECIAL FEATURE

THE COUNTRY THAT SAVED ITSELF

By CLARENCE W. HALL, Senior Editor, *The Reader's Digest*



The inspiring story of how an aroused Brazilian people stopped the communists from taking over their nation. Because it is a document of unusual significance, this feature has been especially bound so that it can be detached and mailed to other interested readers. For details, see back covers of this article.

circulou por toda América Latina de língua espanhola e em várias edições do **Digest** para os países da Europa. Apresentava Castelo Branco como homem moderado e patriota que havia restabelecido a ordem no país. Procurou deixar claro que o governo de Castelo Branco não era uma ditadura. Justificou os atos de cassação política de homens como Juscelino Kubitschek, afirmando que Castelo Branco só havia tomado esta decisão depois de conferir pessoalmente as provas existentes contra o ex-presidente. Elogiava a classe média que havia tomado o controle do país nas suas mãos e denunciava como comunistas ardilosos homens como Darcy Ribeiro e Leonel Brizola. Goulart foi pintado como “sedento de poder” e “marionete dos comunismo internacional”. A fim de realizar as suas ambições pessoais abandonara os destinos da nação à sua própria sorte, entregando a pátria ao comunismo.

A revista argumentava sobre a importância do Brasil como posição estratégica. Segundo **Seleções**, o Brasil fazia fronteira com a maior parte dos países latino-americanos: “era a segunda maior fronteira terrestre do planeta” e por essa razão, se o comunismo se instalasse no país, se espalharia por todo continente como rastilho de pólvora. Além do mais voltava a questão dos recursos minerais inaproveitados que podiam cair nas mãos de comunistas, comprometendo o equilíbrio de forças da Guerra Fria.

A visão de que a América Latina era uma região desordenada, constantemente varrida por convulsões sociais, justificava o apoio dos Estados Unidos à deposição dos presidentes legalmente eleitos, caso estes não se alinhassem aos propósitos norte-americanos. Nesse período da década de 60, **Seleções** passava a apoiar as ditaduras militares no continente latino-americano, com o propósito de manter a ordem.

* * *

Assim, podemos afirmar que a partir do diagnóstico de que a América Latina possuía territórios primitivos e ainda não civilizados, freqüentemente chamados de *wilderness* pela revista norte-americana, uma população composta por pobres e mestiços, fez com que aparecesse nas páginas de **Seleções** o temor de que os inimigos externos, nazista e japonês, na época da Segunda Guerra Mundial e, o comunista, durante a Guerra Fria, penetrassem com facilidade na América Latina e alcançassem rapidamente os Estados Unidos. Durante a Segunda Guerra Mundial, a iniciativa privada e o Estado norte-americano preparavam a expansão econômica e futura hegemonia mundial. Durante a Guerra Fria, procuraram preservar o Hemisfério Ocidental como área de comércio, fornecimento de matéria-prima e zona de influência norte-americana.

O nazista e o japonês foram representados como inimigos externos relacionados ao mal, a um mundo anticristão. De forma ainda mais alarmista foi (re) elaborada a imagem do comunismo no pós-guerra. E embora a revista tenha construído as imagens do inimigo comunista com características semelhantes ao nazista e ao japonês, conferiu-lhe uma característica a mais, pois o comunismo, principalmente depois da Revolução Cubana, foi representado por **Seleções** como doença degenerativa do corpo social. Às vezes visto como um tumor, outras como um vírus, **Seleções** transformava o comunismo em patologia letal que deveria ser extirpada ou isolada, a fim de evitar que se alastrasse. Ao mesmo tempo que eram construídas imagens negativas dos inimigos externos, **Seleções** apresentava os Estados Unidos de forma positiva e clamava pela unidade nacional norte-americana com o objetivo de combater tais males.

Pode-se dizer que a revista tornou-se um poderoso instrumento de propaganda anticomunista no pós-guerra. O temor de que o inimigo externo penetrasse na América Latina, fez com que **Seleções** justificasse as ações norte-americanas na região, com o objetivo de manter a segurança nacional dos Estados Unidos.

Vimos também que, embora nem sempre **Seleções** tenha concordado com a política externa dos presidentes norte-americanos (a revista criticou principalmente os democratas), procurou alinhar-se às orientações do governo nas políticas do período voltadas para América Latina. Esse tipo de comprometimento sugere que a revista tornou-se um instrumento valioso para as políticas do Departamento de Estado, uma vez que era uma publicação muito bem aceita pelo público leitor, não só no Brasil, mas em todos os países em que circulou.

O fato da revista ter tido uma excelente receptividade no Brasil nos remete novamente para a questão de que o discurso que reforçava a idéia de inimigo externo não era exterior à sociedade brasileira. Desde os anos 20, é possível encontrar indicações de que jornais cariocas como **O Paiz, Jornal do Brasil, O Globo** estavam representando o comunismo na União Soviética de forma negativa⁶¹.

Desde os anos 30, na sociedade brasileira, o comunismo era tido como o Outro, o inimigo, o mal. Foi a retórica anticomunista que ajudou a desencadear um arsenal repressivo através da Lei de Segurança Nacional no Brasil de Getúlio Vargas. Foi também mobilizadora e responsável pela coesão da sociedade. O comunismo como encarnação do mal, recuperou a

⁶¹ Ver: MARIANI, Bethania. *Os Comunistas no Imaginário dos Jornais. 1922-1989*, principalmente capítulo 3, Campinas, Ed. Unicamp, 1988.

idéia de que a ordem social necessitava ser preservada⁶². A Intentona Comunista de 1935 permitia conferir tais discursos e perceber a presença do comunismo no interior da sociedade.

Sabemos também que embora Assis Chateaubriand, poderoso dono dos Diários Associados, nos anos 30, fosse um admirador da propaganda nazista⁶³, converteu-se aos Aliados, principalmente depois que o Brasil entrou na guerra. Chateaubriand enviou para o *front*, na Itália, o jornalista Joel Silveira, com a finalidade de cobrir para a revista **O Cruzeiro**, a atuação da FEB – Força Expedicionária Brasileira, lutando na frente Aliada⁶⁴. Evidentemente o período da guerra rendeu inúmeras reportagens e fotorreportagens tratando da luta dos Aliados, contra o inimigo nazi-fascista.

No período da Guerra Fria, não foi diferente, apenas para citar o exemplo mais marcante: a Revolução Cubana e o anticomunismo brasileiro tomaram enormes espaços na mídia brasileira. As revistas **Manchete** e **O Cruzeiro**, por exemplo, após o governo de Fidel Castro se voltar para o governo soviético, passaram a atacar violentamente o governo cubano e o comunismo. Estava provado, para as revistas brasileiras, que o inimigo comunista havia estabelecido uma “cabeça de ponte nas Américas”⁶⁵.

⁶² Sobre o fantasma do comunismo nos anos 30, ver DUTRA, Eliana de Freitas. “O Fantasma do Outro. Aspectos Totalitários na Cena Política Brasileira dos anos 30”, in *Revista Brasileira de História - Política e Cultura*, vol 12, n° 23/24, São Paulo, Marco Zero, 1992.

⁶³ Cf. CAPELATO, Maria Helena. *Propaganda Política no Varguismo e Peronismo*. Especialmente capítulo 1, Tese de livre-docência, apresentada à FFLCH-USP, São Paulo, 1997, mimeo.

⁶⁴ Cf. MORAIS, Fernando. *Chatô, o Rei do Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

⁶⁵ Ver BAITZ, Rafael. *Um Continente em Foco. A Imagem Fotográfica da América Latina nas Revistas Semanais Brasileiras (1954-1964)*. Capítulo 5, Tese de mestrado, apresentada a FFLCH-USP, 1998, mimeo.

Dessa forma, é possível afirmar que o discurso de *Seleções* não era de maneira nenhuma exterior à sociedade brasileira. Pelo contrário, a receptividade que teve no Brasil, mostra que a revista encontrou aqui ressonância, demonstrando a existência de um imaginário conservador diluído no corpo social.

V SOLUÇÕES IMAGINÁRIAS E TIPOS INESQUECÍVEIS¹.

O poeta Sir Rabin Dranath Tagore, detentor do Prêmio Nobel, disse certa vez: 'tenho sobre a minha mesa uma corda de violino. Ela é livre. Torço uma de suas pontas e ela reage. É livre. Mas não é livre para fazer aquilo que uma corda de violino deve fazer – produzir música. Pegoa, pois, prendo-a no meu violino e aperto-a até ficar tesa. Só então ela é livre para ser uma corda de violino'. Do mesmo modo nós somos livres quando nossas vidas não têm compromissos, mas não para ser o que fomos destinados a ser. A verdadeira liberdade, não é liberdade de, mas liberdade para" (Seleções – mar/68 – p 158).

¹ Este título é inspirado em “La Felicidad: Soluciones Imaginarias y Utopias Románticas” título de SARLO, Beatriz. *El Império de Los Sentimientos. Narraciones de Circulación Periódica en La Argentina. (1917-1927). Buenos Aires, Catalogos, 1985, p 107.*

Nos artigos que tratam da América Latina veiculados por **Seleções**, como já afirmei, foi divulgado um diagnóstico dos males da região, segundo a perspectiva da própria revista: população esparsa, territórios desocupados e uma sociedade desordenada, composta por homens primitivos, pobres e mestiços.

Esta representação da América Latina fez com que aparecesse nas páginas de **Seleções**, o medo de que nazistas na época da Segunda Guerra Mundial e comunistas na época da Guerra Fria tomassem a região já debilitada, aproximando-se perigosamente dos Estados Unidos. A partir de tais dados, a revista propunha como solução, a construção de uma sociedade ordenada e civilizada, baseada na ampliação e ação da classe média. Estas proposições não eram dirigidas exclusivamente à América Latina. Eram um conjunto de receitas e fórmulas voltadas para dentro dos Estados Unidos, inclusive. Pouco apareceram na revista as contradições da sociedade norte-americana - problemas raciais ou questões sobre a violência e a pobreza norte-americana - o **Digest** divulgou, interna e externamente, a visão de que a sociedade norte-americana era um universo ordenado e harmonioso, construído a partir de uma classe média, branca, considerada universal². Segundo a concepção de **Seleções**, a classe média era um universo amplo que excluía apenas os miseráveis e os muito ricos:

“Todos somos classe média, quer se trate do presidente de um banco quer do vigia do prédio. Todos queremos a casa própria,

² Cf. EHRENREICH, Barbara. *O Medo da Queda. Ascensão e Crise da Classe Média*. São Paulo, Scritta, 1994, p 43.

automóvel, escola para nossos filhos e, enfim, um padrão de vida elevado” (*Seleções* – dez/49 – p 46).

A partir da consideração de que “todos” nos Estados Unidos faziam parte de uma ampla classe média, com objetivos de conquistar um padrão de vida elevado, *Seleções* apresentava como solução para os males da América Latina, um modelo baseado no que acreditava ser a sociedade norte-americana, com a sua distribuição de papéis, designando a sua identidade, posições sociais e construía, principalmente, um código do bom comportamento através de modelos formadores, como o bom governo, o bom presidente e o homem corajoso³.

O modelo de sociedade ideal, a norte-americana, era apresentada como a que havia chegado ao nível mais civilizado que uma sociedade poderia alcançar devido, especialmente, à existência de ampla classe média naquele país. Essa perspectiva aponta para uma visão evolucionista, na qual a civilização era o estágio mais elevado da evolução humana, seguindo do mais primitivo estado de selvageria e barbarismo até chegar à “valorosa civilização”. No entanto, somente os brancos haviam até então chegado a tal estágio⁴, o que evidentemente confirmava a inferioridade de

³ Cf. BACZKO, Bronislaw. “Imaginação Social”, in *Enciclopédia Einaudi*, V 5, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

⁴ Conforme BENDERMAN, Gail. *Manliness & Civilization. A Cultural History of Gender and Race in The United States, 1880-1917*. Especialmente capítulo 1, Chicago/London, The University of Chicago Press. 1996. Embora o trabalho desta autora esteja vinculado às últimas décadas do século passado e ao início do século XX, o sentido de “civilização” apresentado por *Seleções* não é diferente do deste período.

negros, índios e imigrantes⁵. Dessa forma, em *Seleções*, a idéia de civilização esta relacionada à raça, aos anglo-saxões e às outras “raças brancas avançadas”, como as de alguns países europeus, por exemplo, Inglaterra e França⁶. Esse mundo civilizado, segundo a perspectiva de *Seleções*, havia sido criado pela “classe média universal”, composta por homens e mulheres na sua maioria de cor branca. Era considerado um padrão social ameno e neutro, do qual outro grupo ou classe era, no limite, considerado um tipo de desvio⁷.

A idéia de civilização pode também ser entendida como um processo histórico em que gradativamente vão sendo incorporados costumes, atitudes morais, religiosas, noções de autocontrole e mais o desenvolvimento econômico e nível de desenvolvimento científico-tecnológico. A noção de civilização expressa a consciência que uma cultura tem de si mesma e sobre culturas que não considera civilizadas. São também noções reguladoras da vida coletiva⁸.

Seleções apresentava como solução para construção de uma “sociedade moderna” na América Latina, o controle e domínio dos

⁵ A historiografia norte-americana tem se preocupado com os grupos marginalizados, tratando temas com raça, gênero, cidadania, identidade. Para um levantamento sobre as tendências historiográficas recentes norte-americanas, ver WEINSTEIN, Barbara. “A Pesquisa sobre Identidade e Cidadania nos EUA: da Nova História Social à Nova História Cultural”, in *Revista Brasileira de História – Dossiê Arte e Linguagens*, São Paulo, vol 18, nº 35, 1998. Para uma discussão sobre as questões raciais no Brasil e Estados Unidos, ver SKIDMORE, Thomas E. “EUA Bi-Racial Vs. Brasil Multirracial: O Contraste ainda é Válido?”, in *Novos Estudos – CEBRAP*, nº 34, nov, 1992.

⁶ Como já afirmei, com o final da Segunda Guerra Mundial, *Seleções* reivindicava para os Estados Unidos a hegemonia mundial. A Europa era vista como região civilizada, mas segundo a revista, não era capaz de se defender sozinha, como indicava as duas últimas guerras. No pós guerra, os artigos que tratavam da sociedade europeia, principalmente Inglaterra e França, a descreviam como em condição superior à latino-americana. *Seleções* veiculou também artigos admirando e enaltecendo a cidade de Paris.

⁷ Cf. EHRENREICH, Barbara, ob cit, Introdução, 1994.

⁸ Conforme ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes*. Especialmente parte 1. Vol 1, Rio de Janeiro, Zahar, 1995.

territórios considerados desocupados e a ampliação dos setores médios em cada país. Propunha papéis para o homem e a mulher, opinava sobre a educação das crianças, com o objetivo de mostrar o que era um universo familiar tradicional, a célula da sociedade civilizada. Defendia uma sociedade ordenada, baseada na ação de cada indivíduo de classe média a partir de regras, normas de conduta e deveres, modelos de ações exemplares com a intenção de construir o mundo harmônico e ordenado da civilização⁹.

5.1 – Controlando o território.

A partir da visão de que a América Latina possuía territórios desocupados, ainda com a natureza primitiva, onde o homem não havia explorado as potencialidades existentes, **Seleções** indicava que estes espaços deviam ser mapeados, conhecidos e ligados por meios de transporte. Sobre este assunto foram inseridos vários artigos enaltecendo latino-americanos ou norte-americanos que se ativeram às atividades de conhecer e “civilizar” os territórios do interior da América Latina. Os brasileiros foram destacados, principalmente os sertanistas do século XX. Nessa direção, foi dedicado um longo artigo homenageando o sertanista Marechal Cândido Rondon, caracterizado explicitamente como “civilizador”. Diz o artigo de título: “Rondon, O Civilizador da Selva”¹⁰:

Rondon... “é o general a quem o Brasil deve a penetração e conquista pacífica de enormes extensões de inexploradas terras... delimitou rigorosamente uma das mais longas fronteiras terrestres

⁹ Consultar SARLO, Beatriz, ob cit, 1985.

¹⁰ Este artigo saiu no **Digest** norte-americano com o título: “*Conqueror of The Brazilian Wilderness*”, em junho de 1946.

do mundo...pacificou índios bravios que havia séculos vinham recebendo os emissários da civilização com o silvo aterrador dos seus dardos de dois metros” (*Seleções* – set/46 – p 1).

Segundo informações da revista, este artigo foi escrito por Desmond Holdridge, membro norte-americano de missões científicas e educacionais no Brasil, que havia feito na época várias viagens ao país. A penetração, delimitação de fronteiras, pacificação de índios e mapeamento dos territórios eram as ações de domínio que os Estados Unidos haviam realizado nos territórios conquistados no século XIX. Portanto, a escolha de tal tema e a inserção do artigo, tanto no *Digest* norte-americano, quanto na *Seleções* brasileira, indica que o assunto agradava tanto lá quanto aqui¹¹.

Por exemplo, o artigo de *Seleções* comunicava a existência de índios nunca vistos pelo homem branco e supervalorizava a experiência arriscada de Rondon que envolvia aventuras imaginadas e perigos desconhecidos nas regiões remotas do Brasil¹². Outras qualidades de Rondon, reverenciadas

¹¹ Como já assinalai, nos anos 40 vivia-se no Brasil, a “integração dos territórios do interior”, chamada de “Marcha para o Oeste”, iniciada por Getúlio Vargas. Nos anos 50, a imagem de Rondon foi utilizada por anunciantes como a Ford, para falar do progresso do Brasil e das suas estradas, na revista *O Cruzeiro*. Este procedimento demonstra como Rondon e o processo de “conhecimento” do território brasileiro faziam parte do imaginário brasileiro nos anos 50. Cf. FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo. *“Liberdade é Uma Calça Velha Azul e Desbotada. Publicidade, Cultura de Consumo e Comportamento Político no Brasil (1954-1964)*. São Paulo, Hucitec, 1998, p 33.

¹² As viagens de Rondon pelo interior faziam parte de um conjunto de missões exploratórias, que tinham como meta “integrar o território brasileiro” nos primeiros anos da República. Entre elas: expedições geológicas em São Paulo, expedição do astrônomo Luis Cruls em 1892 ao Planalto Central, visando a mudança da capital para o interior e a expedição científica do Instituto Oswaldo Cruz. O objetivo dessas expedições era “pacificar índios”, mapear o território e higienizar as regiões consideradas endêmicas. Ver LIMA, Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil. Intelectuais, Sertanejos e Imaginação Social*. Rio de Janeiro, Tese apresentada ao Instituto Universitário do Rio de Janeiro, 1997, mimeo.

pela revista, eram a sua conduta e a sua atitude, sempre dirigidas pelos parâmetros da ciência Ocidental e disciplina militar. A estas características juntava-se a “extraordinária força moral” e “ímpeto físico” de Rondon:

“De baixa estatura, mas largo de ombro, tem as costas direitas como um prumo, e em seus olhos, habituados a esquadrihar a selva, surpreende-se logo uma inteligência cintilante e viva a que nada escapa e que nada esquece...Rondon sofreu de quase todas as doenças tropicais; tem tido inúmeros ataques de paludismo. Alguns tão violentos que teriam dado cabo de um homem menos excepcionalmente dotado” (Seleções – set/46 – p 1 e 5).

A idéia do homem como ator da transformação da natureza é a mais forte imagem do *self made man*: o homem que vem do nada, com bolso vazio, às vezes sem instrução e que implantava a pequena propriedade no *wilderness*. Interessante a ênfase nas descrições das qualidades físicas de tais homens. O artigo de título: “Bernardo Sayão, Meu Tipo Inesquecível”¹³, tratava de outro famoso sertanista entre as décadas de 40 e 50.

“Ele não era descomunalmente alto (tinha 1,84), mas a figura desempenada, o tórax largo e o gosto pelos empreendimentos grandiosos que irradiava de seu simpático rosto quadrado e de seus olhos castanhos e perspicazes davam-lhe um ar de gigante. E

¹³ Bernardo Sayão atuou nos projetos de interiorização do Brasil, desde 1940. Iniciou a sua trajetória com Getúlio Vargas, na famosa Marcha para o Oeste. Foi nomeado por Vargas para dirigir a Cang, Colônia Agrícola Nacional de Goiás, do Ministério da agricultura, que se transformou depois na cidade de Ceres. Atuou na construção de Brasília desde os projetos iniciais e morreu em 1959, durante a construção da Belém-Brasília. Estas informações estão numa coletânea que reuniu artigos veiculados na imprensa e discursos pronunciados no parlamento, quando da morte de Sayão. Ver *Bernardo Sayão. Bandeirante Moderno*. Presidência da República, serviço de documentação, 1959.

Bernardo Sayão era mesmo um gigante... Na vida dura do sertão, onde todo o mundo anda armado, pelo menos de faca, Sayão entrou desarmado. O respeito que ele impunha era impressionante. A natureza não costuma dar aos heróis o aspecto heróico; mas aquele homem de botas e roupa cáqui, com os polegares metidos no largo cinto de couro, dando ordens, destacava-se facilmente no meio dos outros. Sayão sacudiu um mapa e mostrou-me a linha que havia traçado de Norte a Sul do país” (**Seleções** - set/65 - pp 33 a 35).

Lembro que esta seção, “O Meu Tipo Inesquecível”, era a mais lida no Brasil. E era também a preferida em vários outros países. Os tipos inesquecíveis eram geralmente homens, tipos comuns, em sua maioria, vindos dos estratos mais pobres da população. Sayão era descrito como herói, figura exemplar, com atuações dignas de serem seguidas. Tinha autoridade e coragem, conquistadas durante a sua atuação no domínio dos territórios.

“Logo depois do nosso primeiro encontro, um lavrador bêbado atacou outro homem, ameaçando esfaqueá-lo. Sayão atravessou-se na frente, fixou no homem aqueles calmos olhos castanhos e disse - ‘Deixe ver essa faca’. O homem obedeceu e pouco depois ele e ‘Doutor Bernardo’ estavam rindo juntos. Assim era Sayão com as pessoas” (**Seleções** – set/65 – p 35).

O artigo ia além tratando do “tipo inesquecível” que era Sayão: ele não apenas lutava contra as adversidades e dificuldades do meio ambiente, mas, sobretudo, impunha-se contra a burocracia do Estado brasileiro:

“Há muito tempo ele vinha insistindo com o governo pela concessão de recursos para a construção de uma ponte. Quando se cansou de pedir, ele gritou – ‘Vamos embora’...Juntando os tambores e amarrando-os com cabos de aço para formar dois compridos pontões, e colocando-os um ao lado do outro, cobriram com pranchas pesadas. Estava instalada a ponte” (*Seleções* – set/65 – p 36).

A revista elogiava a atuação de Sayão contra o Estado burocratizado. Homens como Sayão sabiam o que fazer e deveriam desconsiderar o Estado, quando este funcionava como entrave para a realização dos projetos. Era o indivíduo mantendo a sua autonomia, utilizando a natureza de forma racional, em busca de desenvolvimento econômico¹⁴. Os “tipos inesquecíveis”, como Sayão, eram modelos de conduta. Eram tipos exemplares, repetidos insistentemente pela revista. Praticamente todo exemplar de *Seleções* trazia uma seção - “Meu Tipo Inesquecível”, construída com cuidado pela revista e lido com prazer pelo público.

Isso se explica, como já assinali, porque o tema da “integração do território brasileiro” estava sendo veiculado nos meios de comunicação no Brasil. Quando da morte de Sayão, Antonio Callado escreveu para a revista *Visão*, em fevereiro de 1959, um artigo de título “Vida e Morte do Bandeirante”. A descrição que Callado fazia de Sayão e do meio-ambiente não era diferente da de *Seleções*. Dizia Callado: “Quem chegasse àquela clareira em plena mata amazônica às duas e meia da tarde do dia 15 de

¹⁴ Para uma interpretação do individualismo como fenômeno Ocidental, relacionado ao cristianismo e à reforma protestante, ver WATT, Ian. *Mitos do Individualismo Moderno. Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe*. Especialmente parte 2, Rio de Janeiro, Zahar. 1997.

1959, imaginaria ter chegado ao local de rodagem de uma fita de cinema. Provavelmente sobre as Bandeiras. Os candangos mestiços, os tratoristas bronzeados, os capiaus de todas as matas do Brasil, ali reunidos, com indumentária da época, retratariam o miolo humano de qualquer bandeira. E entre eles, cabeça acima deles, o indiscutível Herói: mais de um metro e oitenta de altura, rijo e atlético, marchando para os sessenta anos como para eles deve ter marchado o Anhanguera.... Quando os mateiros atônitos se curvaram para seu corpo estendido no chão da selva, o chefe estava agonizante, o crânio fraturado, membros partidos. Soara a hora de Bernardo Sayão, a selva tinha vindo buscá-lo armada até os dentes...Em Brasília, onde residia agora Sayão, tudo parecia parado pela primeira vez. O que nem o domingo conseguiu, aquela atmosfera de *far-west* que os feriados só conseguem acentuar, a morte de Sayão conseguiu: um silêncio, uma dor pública”¹⁵.

O tom do artigo de Callado não difere do de **Seleções**: em ambos Sayão é descrito como homem de dotes físicos invejáveis. É chamado de herói tanto em um quanto em outro. E Callado compara o início da cidade de Brasília a uma atmosfera de *farwest*. Com isso, quero mais uma vez frisar que os temas tratados por **Seleções** não eram exteriores à sociedade brasileira; pelo contrário, havia uma atmosfera cultural receptiva a tais temas e a tais narrativas. Estes mesmos temas, certamente, interessavam aos norte-americanos já que os artigos sobre a atuação desses homem eram publicados também nos Estados Unidos, e não só pelo **Digest**¹⁶.

¹⁵ Publicado na coletânea já citada, *Bernardo Sayão Bandeirante Moderno*. Presidência da República. Serviço de Documentação. 1959.

¹⁶ Callado informa, no artigo citado, que o escritor norte-americano John Dos Passos veio ao Brasil entrevistar Bernardo Sayão, pois notícias sobre a trajetória do sertanista haviam chegado aos Estados Unidos. Segundo Callado, John dos Passos escreveu um artigo sobre Sayão para a revista **Life**.

A ação do homem civilizando e transformando o *wilderness* - como vimos no artigo de **Seleções** sobre Sayão - lhe conferia músculos e força física. Era no contato com a terra, com a natureza selvagem, que se desenvolvia um dos ideais de masculinidade. Era uma categoria, presente no imaginário norte-americano, que reunia a supremacia branca e o poder masculino, na qual a civilização era a mais alta categoria da humanidade¹⁷. Embora o ideal de masculinidade seja uma construção histórica e tenha sido elaborado por diversas culturas¹⁸, o homem que dominava a natureza era ressaltado no século passado nos Estados Unidos, principalmente na literatura dirigida para a população que vivia no Oeste. E permanece neste século nos *best sellers*, folhetins, filmes e na publicidade norte-americana, ainda que essa imagem tenha sofrido variações no decorrer do tempo. Muitas vezes, em **Seleções**, esse tipo masculino era um norte-americano, trazendo a civilização para a América Latina:

“Antes da chegada de Mike, a remota localidade, situada a 3.200 quilômetros rio acima no Amazonas, era como qualquer das outras aldeias do rio que se apegam como cogumelos ao alto do barranco, tendo logo ao fundo uma muralha escura da selva. Não havia agência do correio, nem banco comercial ou transportes, a não ser pelos barcos do rio. Os únicos contatos diretos com Bogotá, a capital colombiana localizada 1.100 quilômetros ao norte, eram feitos pelo rádio e pelos aviões militares... Mike transformou tudo

¹⁷ Ver BENDERMAN, Gail, ob cit, 1996, pp 20-23.

¹⁸ Na época da Independência dos Estados Unidos, por exemplo, existiam os ideais de masculinidade ligados ao mundo aristocrático e no final do século XIX apareceram com frequência os tipos relacionados aos homens de negócio. Ver KIMMEL, Michael. *Manhood in America. A Cultural History*. Principalmente parte 1, New York, The Free Press, 1997.

isso... força de inesgotável entusiasmo e energia trabalhando, adulando, transigindo, negociando e, de vez em quando, perdendo a cabeça... Todos os habitantes do rio, centenas de quilômetros rio acima e abaixo de Letícia, conhecem a figura nervosa e ágil de nariz grande e sorriso torto” (*Seleções* – jul/66 – pp 129-136).

A civilização aqui está relacionada ao comércio, à obtenção de lucro de qualquer espécie. Mike Tsalicks viveu por anos na cidade de Letícia e era um dos maiores comerciantes de animais do mundo. Tinha ele próprio um jardim zoológico em Tarpon Springs, na Flórida, criado especialmente para receber animais da América Latina. Era chamado de “Tarzan do Amazonas”¹⁹. Tsalicks exportava animais da Amazônia para os zoológicos do mundo. Em 1967, Mike comprou uma ilha em um dos afluentes do Amazonas, entre Letícia e Iquitos, com o objetivo de criar principalmente macacos, que eram exportados para os Estados Unidos, com a finalidade de servir às pesquisas. Esteve ligado à embaixada norte-americana e à CIA *Central Intelligence Agency* - e ajudou na coleta de plantas e ervas para os laboratórios de remédios norte-americanos. Era importante elo de ligação para as operações na Amazônia. Todavia, existiam homens como John Caldwell King (ligado à Johnson & Johnson e que tinha especial interesse pelas ervas da região, com o objetivo de obter novas drogas nos Estados Unidos) que não concordavam com o método agressivo de Tsalicks. Mike não foi tema de artigos apenas em *Seleções*. A *National Geographic* e

¹⁹ Cf. COLBY, Gerald e DENNETT, Charlott. *Seja Feita a Vossa Vontade. A Conquista da Amazônia: Nelson Rockefeller e o Evangelismo na Idade do Petróleo*, São Paulo, Record, 1998, p 575.

True Magazine publicaram histórias sobre ele²⁰. Aparecia em fotos com uma enorme cobra enrolada em seu corpo. Voltando ao artigo:

“Embora Mike compre atualmente quase todos os seus animais de seus caçadores das margens do Amazonas, ainda gosta de medir a sua perícia com a força e a astúcia das criaturas da selva. Para mostrar-nos como agarra sucuris, Mike deixou sair de um saco na beira do rio uma cobra recém capturada de cinco metros e meio e olhou-a por um momento enquanto ela levantava a cabeça do tamanho de uma caixa de sapatos, agitava a língua e, em seguida, escorregava para a água. Um instante depois, Mike fechou as mãos em torno do pescoço da sucuri e esta lhe enroscou no corpo. Os dois bateram a água até que ela se tornou uma espuma barrenta enquanto lutavam perto da margem. Houve necessidade da força de Mike e de mais três ajudantes para puxar a sucuri para a terra”.

(**Seleções** – jul/66 – p 135).

Dominando um réptil selvagem o “aventureiro Mike” simbolizava o controle das regiões primitivas, levando para esses espaços o progresso e a “civilização”. Na região de Leticia, Mike Tsalicks teve também encontros com contrabandistas e traficantes. Foi preso pela polícia norte-americana em 1988, na Flórida, por estar importando 3.270 kg de cocaína, o segundo maior contrabando de todos os tempos na história norte-americana²¹.

Embora predominasse a atuação masculina nos territórios desocupados, lutando contra a adversidades primitivas, encontrei um artigo em **Seleções** que apresentava uma mulher que, depois da morte do marido, assumia os seus negócios na região da Amazônia peruana:

²⁰ Cf. COLBY, Gerald e DENNETT, Charlott, ob cit, p 576 e 575.

²¹ Cf. _____, idem, 1988 p 579.

“Na ala da casa grande que serve de barracão, Dona Lillian é compradora, banqueira e lojista para 180 Chayahuitas que trabalham na selva. Ela fornece roupas de trabalho, fazendas vistosas, munição, anzóis, facas, brilhantina, batom (para listras do rosto) e outras mercadorias. Quando acha que está em tempo, quase sempre depois de muitos meses de compra a crédito, o índio paga com borracha...Vencendo doenças, tragédias e prejuízos financeiros que levariam muitas outras mulheres a sanatórios... a tímida de Brookly se tornou a serena dominadora de uma vida na selva que tem derrotado muitos aventureiros masculinos. Para os 800 índios Chayahuitas que a cercam no seu domínio quase impenetrável, ela é a lei, o guia espiritual, o conselheiro de família, o capataz, numa palavra, a patrona, a autoridade quase absoluta em tudo” (*Seleções* – jul/54 – p 49-50).

Normalmente o papel da mulher não estava relacionado ao mundo dos negócios ou ao da política em *Seleções*, mas sim ao mundo doméstico, voltada para a educação dos filhos e cuidados com o marido. Contudo, Lillian assumia o papel do homem branco de classe média, na ausência do marido. E agia como tal, tornando-se a lei e autoridade do lugar, vendendo produtos aos índios em troca de borracha.

Além dos sertanistas ou homens que tinham interesses comerciais nos territórios desocupados, como Tsalicks, um outro ator era fundamental para a civilização da região: o médico. O artigo de título “Médico da Selva” trata da atuação de um profissional norte-americano na região do Panamá:

“Do barco salta um senhor baixo, robusto, corado, de brilhantes olhos azuis e cabelos tão brancos como as barbas de Papai Noel.

Quando sobe agilmente o barranco, o povo de toda a selva da redondeza cai sobre ele... A essas manifestações de afeto, o visitante responde com igual calor. Dá palmadas jovialmente no traseiro das velhas senhoras, assegurando-lhes, num espanhol execrável, que elas estão cada vez mais bonitas... Verificou-se que quando eles (os índios) estavam tremendo de febre e calafrios, tomavam os remédios amargos, mas quando se restabeleciam não continuavam com as doses. Assim, ele imaginou um estratagema. Era de uso generalizado entre o povo uma pílula rosa que se supunha tornar as mulheres mais ardentes e os homens mais homens. O doutor encomendou a um laboratório uma pílula exatamente do mesmo tamanho, forma e cor, mas composta de ferro, quinina e estricnina... Os aldeões engoliram-na avidamente e pediam mais. Para ele, a selva, apesar de sua reputação de lugar insalubre e pestilento, não é somente um vasto laboratório cheio de maravilhas científicas, mas também um retiro onde o homem pode encontrar tranqüilidade de espírito” (**Seleções** – mar/53 – p 120-121).

Os índios eram tidos como ingênuos e ignorantes, gente que desconhecia o uso racional de medicamentos e drogas. Justificavam a ação do homem civilizado, usando estratagemas a fim de obter seus propósitos: como o profissional atuava para o “bem dos índios”, a fim de evitar as doenças, estava justificada a sua mentira. O médico que estava em contato com as doenças da floresta tropical era peça chave para o mundo civilizado. Era ele, muitas vezes, o responsável pela aplicação de remédios para conter as doenças típicas da região. Acompanhava homens “vindos da civilização”, não acostumados com os males das florestas, e que caíam, invariavelmente, doentes. Além disso, **Seleções** sugere que o médico era o contato entre o

saber próprio dos índios, como a utilização de ervas para determinada cura, e a sua posterior pesquisa e emprego em laboratórios nos Estados Unidos:

“Verdade é que muitos dos medicamentos atuais se originam de raízes, cascas de árvores, cepos e flores, e que organizam expedições à África e à América do Sul, na esperança de descobrir novas plantas de propriedade medicinal. As mulheres da selva mastigam uma determinada raiz para aliviar as dores do parto. Os araucanianos do Chile conhecem uma planta capaz de determinar um aborto. Os índios do Amazonas possuem determinada qualidade de goma que cicatriza úlceras e feridas purulentas; é-lhes também familiar certo vegetal que mata instantaneamente os peixes e insetos, não sendo, todavia, nocivo aos homens e aos animais em geral. A ciência veio a descobrir que existe, no mesmo, o veneno conhecido pelo nome de ‘retenone’, o qual constitui um inseticida mais seguro que o arsênico, e é hoje usado pela civilização” (**Seleções** – mar/42 – p 43-44).

Fica clara a apropriação do que consideravam como primitivo, o saber próprio dos índios, a fim de ser utilizado pela civilização. No caso, os Estados Unidos, onde os laboratórios manipulavam tais ervas e raízes a fim de obter medicamentos e novas drogas.

Nenhuma ação humana era descrita por **Seleções** com tal força emblemática como a “civilização e domínio de territórios”. Era o movimento em direção ao interior, desbravando o *wilderness*, estabelecendo o pequeno agricultor, civilizando os lugares remotos. **Seleções** descreveu essa ação de forma épica em “Andradina. A Cidade na Selva”:

“Os músculos doídos precisam manter o machado em constante labuta, sob o sol chamejante e as enxurradas. Há que serrar os grossos troncos das árvores, a fim de utilizá-los como material de construção. Há que destruir toda a vegetação daninha. Não é um gênero de trabalho que os homens se disponham a executar em troca de pão cotidiano. É mister que se sintam estimulados por um ideal mais elevado” (*Seleções* – nov/46 – p 3).

Mais uma vez a revista valorizava o vigor físico de homens que optavam pelo trabalho de controle e domínio dos territórios considerados desconhecidos. O ideal mais elevado de que fala o texto acima refere-se à conquista da pequena propriedade e, no limite, à construção da Nação²². Como disse, no capítulo 2, o imaginário que *Seleções* (re) elabora, é informado pelo fato da nação norte-americana ter sido construída a partir da ocupação do seu território por pioneiros e *farmers*. Era uma nação plantada no *wilderness*. Assim sendo, os Estados Unidos se tornaram o que são devido à habilidade e autonomia dos pequenos fazendeiros que haviam se instalado na zona de fronteira. Em contrapartida, foram recompensados com a pequena propriedade, força física e fortalecimento moral. Não sem motivo a construção da Nação e a ocupação do *wilderness* eram narrados como uma ação de dimensão sagrada por *Seleções*. Vejamos a continuação do texto:

“Um pequeno grupo de homens plantou uma cruz de madeira na terra vermelha e fecunda de uma clareira, numa das vastas florestas do Brasil, e ali ficou de pé, em atitude reverente, enquanto um

²² Sobre o conceito de nação apóio-me em ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*, São Paulo, Ática, 1989. HOBBSAWN, Eric. *Nação e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

padre invocava as bênçãos de Deus para a Colônia que acabava de ser fundada...Por mais de cem quilômetros em torno à nova cruz ali erguida, havia menos de mil seres humanos” (*Seleções* – nov/46 – p 1).

A ação desses homens comuns trazia como resultado a unidade nacional:

“...o português se torna a língua dominante, a agricultura e a criação de gado vêm tomando o lugar da existência nômade de outrora. Está dessa maneira aberto o caminho para a vida moderna” (*Seleções* – set/46 – p 4).

A unidade lingüística era o ingrediente básico para a “existência da nação” e a construção da “vida moderna”, segundo a revista. Nesse sentido, a língua era o amálgama, a liga responsável pela unidade nacional. A unidade lingüística era reforçada sempre por *Seleções*, como dado básico para a constituição da nacionalidade, já que a revista diagnosticava a existência de vários grupos indígenas em toda a América Latina, cada qual falando a própria língua. O outro dado para a constituição da nacionalidade, como vimos acima, era a instalação do homem na pequena propriedade, acabando com o nomadismo que a revista dizia existir no interior.

Todo o processo, fosse de controle das doenças, conhecimento dos índios, mapeamento dos territórios, negócios na região, ao fim e ao cabo, desaguava em um único objetivo: o estabelecimento do pequeno proprietário agricultor. O propósito final era que a sociedade se tornasse ordenada, civilizada, harmônica, a partir do surgimento da classe média rural:

“...começou a surgir ali uma classe média rural. Os pequenos proprietários estavam dispostos a cooperar na construção de escolas, estradas e melhores habitações e na obtenção de maiores safras”. (*Seleções* – out/47 – p 51)

O mundo do pequeno agricultor era a base para construção de uma “sociedade racional” e democrática. Mais que isso, na perspectiva da revista, não existia sociedade democrática sólida sem uma classe média rural. Diz o artigo, sobre o presidente do Equador, de título: “Galo Plaza. Agricultor e Estadista”.²³

“Plaza propõe-se a criar uma classe média rural, por tradição a coluna vertebral das boas democracias, e está preparando com inteligente visão duas reservas de mão-de-obra: uma delas é a multidão de vendedores ambulantes, carregadores, funileiros etc., que vivem esgaravatando a mísera existência no círculo comercial, já superlotado, das cidades” (*Seleções* – out/47 – p 21-22).

Na perspectiva de *Seleções*, a classe média rural era a “coluna vertebral da boa democracia”. Além disso, a classe média constituída a partir do pequeno fazendeiro era uma garantia natural contra o comunismo:

²³ Galo Plaza foi presidente do Equador de 1948 a 1952, governo de cunho liberal, contratou missões estrangeiras para que realizassem diagnósticos do país e estudos de viabilidade. Foi assessorado pelos Estados Unidos. Plaza foi nomeado “homem das Américas” pelos norte-americanos. Cf. CUEVA, Agustín. “Equador: 1925 – 1975”, in CASANOVA, Pablo González (org) *América Latina. História de Meio Século*. Brasília, Ed. UNB, 1988.

“ Os pequenos fazendeiros prósperos são imunes ao comunismo, porque as condições de sua vida atual não são propícias ao desenvolvimento do germe comunista” (Seleções – nov/46 – p 2).

A condição propícia ao comunismo era a pobreza da região. Na perspectiva da revista faltavam estradas para dar escoamento à produção e torná-la produtiva de “forma científica”, com a utilização de fertilizantes, irrigação e drenagem, conhecimentos que os latino-americanos da zona rural não utilizavam ou rejeitavam:

“Problema dos mais difíceis foi transformarem em lavradores modernos, camponeses, geralmente analfabetos. Como primeira experiência instalaram-se camponeses em volta de terras dadas a pessoas deslocadas da Europa, muitas delas lavradores experimentados. ‘Quando os camponeses virem os imigrantes prosperar’, dizia-se logicamente ‘eles copiarão seus métodos eficazes’. Os imigrantes, como se previra, muitas vezes prosperaram, mas os camponeses logo voltavam às suas velhas clareiras. Nem ao menos tentavam a lavoura científica”. (Seleções – out/64 – p 33).

Ao final, a revista contava que foram treinados técnicos entre os próprios camponeses com o objetivo de ensiná-los na “lavoura científica”, utilizando métodos racionais de cultivo e plantio. O objetivo final era ter a natureza sob total controle do homem, onde o meio ambiente do planeta deveria ser utilizado de forma racional:

“A perspectiva é de um mundo sujeito à vontade e aos interesses do homem... O mundo virá a ser parcelado em conformidade com as necessidades da produção agrícola – aqui florestas, ali jardim, culturas e parques, mais além natureza primitiva em seu virgem esplendor. O que crescer em qualquer setor da superfície da Terra, crescerá por vontade consciente e deliberada do homem; e muitas variedades de animais e plantas ficarão devendo suas características e sua própria natureza – e não já o mero fato de as deixarem substituir e multiplicar-se – à vontade soberana do homem” (**Seleções** – ago/42 – p 51).

Métodos racionais na agricultura e controle absoluto do mundo natural era o que propunha **Seleções** como medidas civilizatórias para região. Dessa forma, a construção de um mundo agrário, no interior da América Latina, formado por famílias tradicionais, era condição básica para o fortalecimento das nações latino-americanas e para combater o comunismo. Era a solução para transformar o caos latino-americano num mundo ordenado e tranquilo, semelhante ao norte-americano.

5.2 – Combatendo a pobreza, ampliando a classe média.

Seleções tratava da pobreza latino-americana como causa da desorganização da região. Grande parte da pobreza a que se referia **Seleções** estava concentrada nas cidades. No entanto, poucos artigos foram dedicados exclusivamente às cidades latino-americanas. No caso do Brasil foram veiculados dois artigos tratando de forma estereotipada as cidades do Rio de

Janeiro e de São Paulo, numa oposição, já conhecida dos brasileiros²⁴: São Paulo era cidade dinâmica, onde os paulistas eram trabalhadores e pragmáticos e o Rio de Janeiro, a cidade sensual, onde o carioca preferia desfrutar os prazeres que o clima tropical sugeria. O artigo de título “Cidade de Encantos Mil”, tratava do Rio de Janeiro:

“Logo à primeira vista fica evidente qual é para o carioca uma das coisas realmente importantes nesta vida: nas praias, nos cafés, nas terrases dos hotéis, nas janelas, vi casais de todas as idades namorando, passeando de mãos dadas, abraçando-se ternamente, ou apenas trocando olhares apaixonados... Dizem que ‘o carioca trabalha como quem brinca e brinca como quem trabalha’. Olhando pela janela do quarto do meu hotel, naquela minha primeira manhã no Rio, era fácil comprovar que isso é verdade. Era segunda-feira, um dia útil como outro qualquer, e no entanto, centenas de pessoas usando biquínis ou shorts dirigiam-se para a praia sem dar especial atenção às filas de automóveis daqueles que iam trabalhar”. (Seleções – mar/65 – p 33).

O autor do artigo, contudo, afirmava que o carioca devia trabalhar muito, já que havia construído cidade tão bela. Já São Paulo era a cidade industrial do Brasil, o lugar de onde partiria o progresso para o interior. Cidade dinâmica e empreendedora, era o ponto de partida para a prosperidade do Oeste:

²⁴ Nos anos 40 e 50, por exemplo, era veiculada pela mídia brasileira, a rivalidade entre São Paulo, caracterizada como centro cultural metropolitano, relacionada ao progresso e ao trabalho e a cidade do Rio de Janeiro, apresentada como boêmia, lugar de malandros e artistas. Cf. MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de Estrelas. O Cinema Hollywoodiano na Mídia Brasileira das Décadas de 40 e 50*, particularmente capítulo 3. Campinas, Ed. UNICAMP, 1996.

São Paulo “...não é o lugar romântico, para devaneios na indolência tropical...os sonhos são de natureza prática: levantamento de novos arranha céus, construção de fábricas e novas residências...São Paulo está edificando no planalto brasileiro algo até então nunca visto no mundo – uma portentosa metrópole industrial no trópico... olhando para o interior, eles vêem enormes áreas de terras iguais às do Meio-Oeste norte-americano, que ali estão a espera de quem as cultive. As estradas de ferro, paralelamente a um vasto programa rodoviário, vão novamente penetrando a região. Outro trecho de estrada de ferro em projeto, cruzará os chapadões da Bolívia até Santa Cruz, numa extensão de mais de 600 quilômetros, oferecendo saída para os mercados mundiais aos produtos dessa zona, a mais promissora do mundo. (**Seleções** – out/47 – 49 e 53).

São dois os estereótipos que aparecem nesse pequeno excerto: o mundo tropical relacionado ao devaneio, ao romantismo e à indolência e São Paulo, como cidade pujante, relacionada ao trabalho e ao progresso; era considerada por **Seleções**, neste artigo, a “zona mais promissora do mundo”. Simultaneamente, a trajetória do progresso – saindo da grande cidade em direção ao Oeste - lembrava ao autor o mesmo caminho percorrido para o progresso dos Estados Unidos.

Embora o enfoque principal de **Seleções** ao tratar da América Latina estivesse voltado para as grandes áreas do interior consideradas despovoadas, vimos que a revista diagnosticava como um dos males da América Latina, a maioria pobre latino-americana, presente em todos os países da região. Ora, se os territórios do interior eram considerados

desocupados, onde estava localizada essa maioria pobre latino-americana? A revista respondeu a essa questão, informando que, principalmente na América do Sul concentrava-se no litoral. O artigo de título: “A Estrada de Progresso do Peru”, trata de uma rodovia que Belaúnde Terry, presidente do Peru, projetava para atravessar a Colômbia, Equador, Peru e Bolívia:

“ Foi em 1957 que Belaúnde propôs a estrada pela primeira vez... havia muito que se impressionava com o fato de que uma grande parte da população da América do Sul (atualmente de 167 milhões de habitantes) vivesse amontoadada no litoral, freqüentemente na pobreza. Menos de 5% viviam na selva central, que constitui metade da superfície do continente. Embora o continente possua talvez um quarto da terra arável do mundo, só uma pequena fração estava sendo explorada...” (Seleções – nov/67 – p 61).

Embora, esse excerto fale do passado “que a população vivesse amontoadada no litoral”, o texto afirma que a estrada estava ainda em construção, dez anos após o primeiro projeto, dadas as dificuldades geográficas da região. Portanto, a pobreza latino-americana estava ainda em 1967, data de publicação do artigo, concentrada no litoral e relacionada ao inchaço das cidades²⁵. Qual a solução possível? O Oeste deveria funcionar

²⁵ Muito já se escreveu sobre as representações do campo e da cidade, contrastes que remontam à Antigüidade Clássica. A cidade já foi associada ao barulho, às confusões da superpopulação, à mundanidade e à ambição. E o campo já foi também relacionado ao atraso e à ignorância. Ver WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade na História e na Literatura*, especialmente capítulo 1, São Paulo, Cia das Letras, 1989.

como válvula de escape para os problemas da concentração da pobreza²⁶, atenuando a pressão social concentrada na região.

Nas ruas de Quito e Guayaquil, já hoje se vêem os membros dessa classe humilde folheando avidamente os livretos gratuitamente distribuídos pelo governo sobre a petição de terras, a construção de casas, o preparo das sementeiras e as medidas de higiene. A segunda fonte de mão-de-obra é o recrutamento militar... Plaza está transformando os quartéis em escolas capazes de dar a esses moços uma educação rudimentar. Que faça deles, ao deixarem o exército, homens aptos a construir suas próprias comunidades rurais.” (Seleções – ago/49 – p 21 -22).

Todas as iniciativas visavam a ocupação do interior do país, estimulando a ampliação da classe média rural. Segundo o artigo, o Equador era uma “miniatura da América Latina”; conseqüentemente, os problemas do país eram semelhantes em toda a região latino-americana. No excerto acima, fica claro que a criação de alternativas para o interior, - particularmente, com o estabelecimento do pequeno proprietário funcionaria como válvula de escape para os problemas sociais das grandes

²⁶ A idéia do interior funcionar como válvula de escape para os problemas das cidades, não é nova nos Estados Unidos. Jefferson já acreditava ser o Oeste dos Estados Unidos uma saída para problemas sociais, quando comprou a Louisiana dos franceses. O Oeste como “válvula de segurança” funcionou como explicação do desenvolvimento norte-americano pelo historiador Frederick Jackson Turner, no final do século XIX. Ver HOFSTADER, Richard. *Los Historiadores Progressistas. Turner, Beard, Parrington*. Buenos Aires, Paidós, 1968.

idades, com suas favelas, cortiços e outras aglomerações²⁷.

Embora na América Central se fale na pobreza, não fica claro onde estão localizadas essas pessoas, se no interior ou nas cidades.

As repúblicas da América Central são “...todas elas pequenas e pobres demais para oferecerem qualquer oportunidade comercial”.
(Seleções – mar/66 – p 163).

No caso do México não há dúvidas. A pobreza cobria todo o país, com uma maioria pobre e analfabeta:

“O país tem um dos terrenos mais acidentados do mundo, em que não se via uma cerca por centenas e centenas de quilômetros. Havia ainda os obstáculos dos costumes e superstições rurais, os boatos e a política. Grande número de pessoas nas áreas rurais são índios, muitos dos quais nem ao menos falam espanhol”.
(Seleções – jul/48 – p 48).

No México, a pobreza espalhava-se por todo o país. Vimos que o mexicano da zona rural era visto de forma negativa. Não era diferente com a

²⁷ O problema da concentração populacional nas grandes cidades nunca esteve vinculado exclusivamente à América Latina, embora a região concentre duas das maiores cidades do mundo: São Paulo e México. Sabe-se que o aumento populacional é um fenômeno presente nas grandes capitais, como Londres, Paris e Tóquio. Nos Estados Unidos, principalmente nas cidades de Chicago, New York e Los Angeles, freqüentemente surgem violências e outros problemas relacionados à segregação e ao racismo. Ver WARNER, Sam Bass. *The Urban Wilderness. A History of The American City*. Berkeley/ London, University of California Press, 1995. Para outras referências sobre o estudo das cidades, ver: RAMA, Angel. *A Cidade das Letras*, São Paulo, Brasiliense, 1985 e SARLO, Beatriz. *Una Modernidad Periférica*. Buenos Aires, Ediciones Nueva Vision, 1988.

cidade do México, onde a revista dizia concentrar-se a grande pobreza da região.

“Os métodos do Prefeito são às vezes rudes.... Quase não se podia andar pelas ruas principais devido às suas bancas e barracas. O Prefeito deu conveniente aviso aos vendedores, oferecendo-se para ajudá-los a procurarem outros locais. Mas poucos foram os que se interessaram. Um dia, caminhões ‘bulldozers’ e 500 homens com barras de ferro entraram em ação e em 12 horas as obstruções haviam desaparecido...Hoje, a cidade está transformada. Uruchurtu a trouxe da Idade Média para o século XX – com uma rapidez que deixa os habitantes estupefatos, mas cheios de orgulho.” (*Seleções* – nov/57, p 124).

Uruchurtu era prefeito do México na época. *Seleções* elogiava a atitude do homem que agia com violência contra a população pobre, concentrada na cidade do México. Os pobres eram vistos como baderneiros, dados a confusões. Eram tidos também como gente atrasada, já que a cidade lembrava ao autor o período da Idade Média. Eram ineptos e preguiçosos, precisando por isso de ações autoritárias para colocar “ordem” no ambiente. A idéia de que os pobres eram “baderneiros e irresponsáveis” e que por isso exigiam-se atitudes repressivas, repete-se em *Seleções*. O artigo de título “O homem mais querido do Panamá” trata de um médico que cuidava de doentes pobres:

“Uma manhã de segunda-feira, um rude trabalhador de uma das fazendas locais berrou de dor enquanto o doutor lhe suturava um grande corte de facão. – Não usa anestésico? Protestou o médico visitante? – Reservo meu anestésico para pacientes que não podem

evitar a doença, replicou Estévez. Esses valentões que se ferem em brigas de bêbados podem agüentar as conseqüências”

(**Seleções** – out/61 – p 178-179).

O artigo deixa claro, que o médico tratava da população pobre daquele país, mas era repressivo com os “baderneiros” e “bêbados”. Todavia, como afirma o título, esta “dedicação”, fazia de Estévez “o homem mais querido do Panamá”. A partir da constatação da existência de uma maioria pobre latino-americana, a revista propôs soluções para acabar com a pobreza da região, onde quer que ela se apresentasse. No caso das pequenas cidades, com aspecto descuidado, **Seleções** sugeria higiene e limpeza:

“Muitas das pequenas cidades da Colômbia, como tantas pela América do Sul, com suas ruas de leito profundamente sulcado ou calcetado de grosseiros calhaus, e seus edificios decadentes, têm a aparência de terras que há séculos tivessem sido abandonadas aos elementos naturais...Vós podeis viver na beleza, na saúde e no asseio. Não é coisa que custe dinheiro. Começais por pintar vossas casas. Imagine-se qual não será a aparência das ruas, quando as fachadas reluzirem de pintura... E a respeito da água? Tendes o rio a pouco mais de um quilômetro de distância: construa-se um aqueduto para que todos possam ter água em sua casa e tomar banho todos os dias. Olhai agora a vossa praça pública: é uma desolação”. (**Seleções** – jan/46 – p 25 e 28).

No artigo, a revista tratava de uma cidade colombiana, mas informava que muitas cidades sul-americanas eram semelhantes. Procurava ensinar,

particularmente, a higiene pessoal à população que vivia ali. Propunha que as pessoas tomassem banho todos os dias. A água devia chegar até a cidade, através de aqueduto. Limpeza e higiene eram para **Seleções** regras de civilidade que caracterizavam o mundo das “culturas desenvolvidas”. Em vários momentos, **Seleções** ensinou regras de higiene aos latino-americanos pobres. Esse é o caso de um artigo que conta a trajetória de um casal que foi passar a sua lua de mel em uma pequena cidade ao sul do México e resolveu ficar por lá, cuidando dos índios. O casal costumava pintar quadros nas horas vagas:

“Certo dia estavam pintando uma paisagem – a encosta de um morro em que o indiozinho de pele cor de bronze, descalço, apascentava um rebanho de carneiros – quando Charley, que é quacre e dotado de uma natureza fortemente humanitária, viu que o pé do garoto estava ferido, já se notando o avermelhado da infecção. Com o pouco espanhol que sabia disse ao menino que era preciso limpar e enfaixar a ferida”. (**Seleções** – fev/55 – p 52).

O norte-americano procurava ensinar os “primeiros socorros” para o indiozinho ignorante. Na continuação do texto, o casal havia resolvido adotar várias crianças índias a fim de ensinar-lhes alguma disciplina: horário para estudar, horário para brincadeiras, esportes e ambições sobre o próprio futuro:

“Sabe o que vou ser? – perguntou Toledo (um indiozinho) um dia,
- Não sei não, Toledo. Que é que você vai ser? Retrucou Charley?
Vou ser vendedor de picolé.

Charley deu um suspiro profundo e acomodou-se para dar a Toledo uma concepção mais ampla acerca do seu futuro”.

(**Seleções** - fev/55 – p 53).

Vimos que Charley era quacre e resolveu ficar no México exclusivamente para cuidar e orientar os latino-americanos pobres. Embora humanitário, Charley percebeu que faltava ambição ao indiozinho e procurou infundir no garoto “tal virtude”. Ser humanitário não significava entender determinada cultura, mas transformá-la em direção ao “mundo civilizado”. São vários os artigos que tratavam da ação filantrópica norte-americana. Esta ação, segundo um autor, “exige imaginação – e não simplesmente a sensibilidade do reformista ou antropólogo observador, e sim a imaginação ligada ao sentimento moral, e o sentimento moral ligado à ação. A eles soma-se a organização. O bom samaritano que vem ao encalço de um estranho que passa por necessidade, correndo algum risco, age como um indivíduo. É a transformação do sentimento moral e da imaginação em ação coletiva que configurou a essência da tradição filantrópica”²⁸. As idéias de filantropia e caridade eram estimuladas por **Seleções** quando se falava em qualquer país pobre, não sendo exclusivamente relacionado à América Latina.

Principalmente missionários faziam parte desse universo. **Seleções** dedicou um artigo à Marie Schultz, que pertencia à Junta Presbiteriana de missões estrangeiras. Segundo o artigo, a missionária chegara à cidade de Santiago do Chile, vinda dos Estados Unidos, com propósito de ajudar a debelar a alta mortalidade infantil no país:

²⁸ Cf. PAYTON, Robert L. “A Filantropia como Discurso Moral”, in BERLOWITZ, DONOGUE e MENAND (org) *América em Teoria*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1993, p 202.

“O velho prédio não parecia muito convincente à gente do povo do Chile. Mas a Srt^a Schultz parecia. Pouco a pouco aquelas mulheres semi-analfabetas – que não podiam compreender a princípio por que uma mulher teria de ir para um hospital quando podia dar à luz o filho numa esteira no chão de terra batida do seu barraco – foram seguindo a caridosa orientação daquela bondosa e jovem mulher cujas palavras mal podiam compreender...A enfermeira Schultz foi a primeira pessoa no Chile que ensinou às próprias clientes, os cuidados que deviam ser dispensados às mães e às crianças”

(**Seleções** – jan/56 – p 70-71).

Novamente era uma norte-americana que ensinava os cuidados básicos a se ter, tanto com a mãe, quanto com o filho. Embora a missionária Schultz fosse norte-americana e presbiteriana, **Seleções** evitava veicular artigos tratando apenas dos missionários dos Estados Unidos como civilizadores. Foram inseridos artigos tratando de Madre Teresa de Calcutá e da irmã Dulce na Bahia:

“ Se havia uma criança abandonada num monte de lixo, o remédio era chamar a irmã Dulce. Entre todos os pobres, seu coração se compadecia especialmente desses ‘Capitães de Areia’, centenas de meninos abandonados que desde a idade de uns seis anos viviam nas ruas quase como animais, muitos deles transformando-se em criminosos consumados quando chegavam à adolescência...A notícia do Albergue da Irmã Dulce se espalhou rapidamente entre os miseráveis. No fim da semana, a casa estava cheia. Com caixotes e folhas de zinco, ela armou abrigos sob o arco dos viadutos que leva à velha e famosa igreja do Bonfim, e carregou

para lá o seu rebanho... Pouco depois, invadiu um edifício deserto de um mercado e lá instalou seus protegidos... (**Seleções**- abr/65 – p 39).

Irmã Dulcé agia por conta própria, sem ajuda do governo brasileiro. Ao final, um empresário norte-americano, representante da General Motors na Bahia, apareceu para ajudar a freira na sua luta pelos pobres. Na perspectiva da revista, as pessoas que cuidavam dos pobres, eram fundamentais nas cidades da América Latina, já que eram os lugares em que se concentravam os problemas sociais. Vimos também no excerto acima a comparação dos meninos pobres de Salvador com os animais, além da existência de crianças jogadas no lixo. A descrição da pobreza nas cidades da América Latina é contundente. Eram pessoas que viviam de forma abjeta, compondo um quadro de degradação e aviltamento das cidades. Estas descrições em **Seleções** referem-se também a Santiago no Chile e a capital de Honduras, no artigo de título: “Planejamento da Família e a América Latina”:

“No meio da noite, numa ruela escura de uma favela de Santiago, uma mulher com um xale preto por cima da cabeça bate furtivamente à porta do barraco de um parteira. Tem apenas 28 anos de idade, mas aparenta o dobro. Já teve oito filho, e agora, desesperada, está procurando abortar para evitar acrescentar o nono à ninhada que ela e o marido mal podem sustentar...Na capital de Honduras, as mulheres demasiado pobres para poderem comprar uma manta tem de deixar o hospital com seus bebes embrulhados em jornais”. (**Seleções** – nov/64 – p 45 e 48)

Estas descrições das cidades, revelam um mundo pobre, onde as pessoas viviam sem educação, como animais. As mulheres pobres procriavam sem parar. Sem condição de alimentar e educar a prole, abandonavam os filhos nas ruas, criando a partir daí os grandes problemas sociais nas grandes cidades. O que fazer para resolver tais situações? O controle de natalidade. Este era um assunto de especial interesse para **Seleções**. Continuando o mesmo artigo:

“... o único meio lícito é reduzir as relações conjugais ao período estéril, no qual a geração não se dá por motivos naturais, sem interferência dos cônjuges (sic). Se o período é incerto, a mulher pode usar remédios para regularizá-lo. A dificuldade de muitos está em contentar-se com aquele período. É preciso, então optar entre a coragem da continência e a de ter muitos filhos. Mas a coragem da continência supõe toda uma verdadeira educação sexual perfeito domínio de si e hábito da castidade – coisa rara nesses tempos de fraqueza moral” (**Seleções**- nov/64 – p 49)

Foram dedicados vários artigos ao tema do planejamento familiar. Era necessário, antes de mais nada, ter controle sobre si próprio, para que o homem fosse considerado civilizado. Quem não tinha este controle, vivia como gente primitiva, de forma instintiva. É possível perceber também que o controle sexual estava relacionado às virtudes morais. Portanto, optar por poucos filhos, ter controle sobre si próprio, significava ser alguém moralmente superior. Normalmente estas qualidades, estavam vinculadas a família tradicional de classe média. Em um artigo que também focaliza o problema da pobreza nas cidades, Luis Mórquio, um médico que atuou em

Montevideu no final do século passado, relacionava o aumento da pobreza, com a ausência da família tradicional:

“Mórquio desencadeou uma tempestade quando propôs abolir a ‘roda’, um receptáculo cilíndrico incrustado na parede da rua do asilo, onde as mães podiam depositar um bebê não desejado, bater uma campainha e em seguida desaparecer. Viam os uruguaios na ‘roda’, a alternativa humanitária para o infanticídio e para o abandono das crianças à soleira das portas. Mórquio, entretanto, considerava a ‘roda’ um estímulo às uniões ilegítimas e afirmou que muitas crianças morriam porque faltavam ao médico dados e informações que só as mães podiam fornecer”. (*Seleções* - ago/47 – p 22)

Embora *Seleções* relatasse a ação de um médico do final século XIX, na verdade, estava tratando de problemas do presente: uniões ilegítimas, ausência de controle de natalidade. É possível perceber por esse excerto que a família tradicional de classe média – constituída pelo homem e mulher monogâmicos – e a atitude do casal em controlar a natalidade eram qualificadas por *Seleções* como resultado de autocontrole pessoal. A falta de controle na vida sexual era característica das sociedades tribais e primitivas. Ao procurar distanciar o homem da barbárie primitiva, *Seleções* retirava do homem qualquer característica instintiva. Para a revista, o homem civilizado era o homem que tinha perfeito domínio sobre si próprio: o que possuía autocontrole e equilíbrio emocional²⁹. Mas a revista afirmava que na América Latina, acontecia o contrário:

²⁹ Ver BEDERMAN, Gail, ob cit, principalmente introdução, 1996.

“Na América Latina há o sentimento quase universal que o homem tem de provar a sua masculinidade gerando grande número de filhos. É difícil vencer essas atitudes tradicionais... Quanto mais as pessoas ganham e aprendem, menos filhos querem, e uma nação decidida e organizada pode frear com relativa rapidez a sua explosão demográfica” (*Seleções* – jul/65 – p 79).

A proposição de *Seleções* era um mundo criado em moldes norte-americanos³⁰: uma grande classe média, vivendo o *American way of life*, morando em casas confortáveis nos subúrbios das cidades norte-americanas, com os aparelhos elétricos que ajudavam na manutenção da casa e consumindo as últimas novidades que saíam das indústrias do “mundo civilizado”³¹. Essa família de classe média deveria ter poucos filhos e dar especial atenção à criação deles. Na perspectiva da revista, os grandes cientistas e os grandes pais de família eram formados desde cedo. É o que diz o artigo “Sarmiento: Arquitecto da Democracia”, sobre a infância do escritor e presidente da Argentina no século XIX, autor do clássico latino-americano: *Facundo. Civilização e Barbárie*.

“Domingo Faustino Sarmiento, nascido em 1811, foi uma criança admirável. Poucas pessoas de sua cidadezinha andina, San Juan

³⁰ Nos anos 60, a impressão que se tinha dos pobres dentro dos Estados Unidos, não era diferente da de *Seleções*, quando se referia aos latino-americanos. O urbanólogo Edward C. Banfield, da Universidade de Harvard publicou um livro naquela década, chamado *The Unheavenly City*, onde escreveu: “O indivíduo da classe mais baixa vive cada momento... o impulso governa seu comportamento... Ele é, portanto, radicalmente imprevidente: considera sem valor aquilo que não consegue consumir imediatamente. Suas necessidades corporais (especialmente de sexo) e seu gosto por ação têm precedência sobre qualquer outra coisa... tem um senso de si fraco, atenuado”. Citado por EHRENREICH, Bárbara, ob, cit, 1994, p 48.

³¹ Ver MAY, Elaine Tyler. *Homeward Bound. American Families in The Cold War Era*. New York, Basic Books, 1988.

sabiam ler. Seu pai, um tropeiro, e sua mãe, que fazia ponchos para ajudar a sustentar uma família de nove pessoas, seriam, quando muito, semi-alfabetizados... Clemente Sarmiento levou o filho para a vizinha Córdoba, na esperança de que o seminário preparasse o jovem Domingo para o sacerdócio. Não logrou o seu intento. Por isso o rapaz foi trabalhar numa loja da aldeia. Devorou uma enciclopédia impelido pela fome de saber.. aos 16 anos encontrava a história de Benjamin Franklin, outro rapaz que tinha saído da escola ao dez. Resolveu tornar-se um Franklicito” (*Seleções* – abr/57 – p 33 e 34).

Este artigo tratava daquele que segundo *Seleções* era um grande homem latino-americano³². Relatava como ele procurou organizar o território argentino, principalmente através da perspectiva de civilizar o território interior da Argentina, chamada por Sarmiento de barbárie. Mostrou a especial atenção que Sarmiento deu à educação, convidando inclusive professores norte-americanos para dar aulas na Argentina. No artigo se lê como os pais podiam criar um grande homem. A revista ressaltava ainda

³² O fato de *Seleções* veicular um artigo sobre Sarmiento em 1957, possui também outros significados. Como já afirmei, a revista pouco tratou de Juan Domingo Perón. Em janeiro de 1956, foi publicado no *Digest* norte-americano, o artigo de título “*What Peron Cost to Argentina*”. Em março de 1956, foi traduzido para a revista brasileira *Seleções* com o título: “Quanto Custou Perón à Argentina”. Neste artigo, a revista qualificou Perón como homem corrupto e megalômano, que possuía pretensões de ocupar o lugar de Deus. Segundo *Seleções*, este foi o limite considerado pela Igreja Católica, uma das grandes responsáveis pela queda de Perón em 1955. Perón foi também considerado o responsável pelos problemas econômicos argentinos, com a barreira que criou para o capital privado. Em 1957 saiu o artigo citado acima, relatando a trajetória de Domingo Faustino Sarmiento e revelando aos leitores brasileiros que a Argentina já tinha produzido “grandes homens” e que podia voltar a fazê-lo.

que o modelo de Sarmiento estava nos Estados Unidos³³. Além de Franklin, Sarmiento havia se unido em “solida amizade com o filósofo Emerson, com o poeta Longfellow e com o cientista Agassiz”. Portanto, Sarmiento havia se transformado em grande homem ávido de saber e disciplina graças aos seus pais, embora as suas idéias devessem muito aos norte-americanos.

A educação de Sarmiento nos remete para a família de classe média tradicional: a mulher cuidava dos seus afazeres dentro de casa, enquanto o marido ganhava o sustento fora. Como disse, a educação das crianças era ressaltada por **Seleções**, quando o assunto era a formação de indivíduos da classe média. O artigo dedicado a Oswaldo Cruz, considerado pela revista um dos grandes homens latino-americanos, informava sobre essa educação

“Sendo a família Cruz pobre demais para que pudesse ter criados, cabiam ao pequeno Osvaldo certos deveres domésticos. Tinha que cuidar de sua roupa e fazer a limpeza do seu quarto sob a vigilância do pai, a um tempo severo e extremoso. Certa manhã, estava já na escola, quando foi chamado à casa a toda pressa. Ao regressar dentro em pouco, sentiu-se em dificuldade para responder às perguntas, quer do professor, quer dos colegas, os quais naturalmente imaginaram que se trataria de algum caso de maior gravidade na família. Mais tarde veio a saber-se o

³³ Domingo Faustino Sarmiento esteve algumas vezes nos Estados Unidos em missões diplomáticas pelo governo do Chile, onde esteve exilado. Em *Facundo. Civilização e Barbárie*, Sarmiento dividia a Argentina em uma parte civilizada, a cidade de Buenos Aires, e uma parte bárbara, dominada por índios e mestiços. Sarmiento combatia os governos de caudilhos procedentes da parte “bárbara” da Argentina, como foi o caso de Rosas e Facundo Quiroga, que davam nome ao livro. As idéias de Sarmiento foram importantes para preparar a atuação do Estado argentino contra os índios em 1880, na conhecida “Campanha do Deserto”. Para mais informações sobre a vida e a obra de Sarmiento, ver PRADO, Maria Ligia “Prefácio à Edição Brasileira”, in SARMIENTO, Domingo F. *Facundo. Civilização e Barbárie*. Petrópolis, Vozes, 1997.

verdadeiro motivo de tal anormalidade: Osvaldo, àquela manhã, se havia esquecido de...fazer a cama” (**Seleções** – nov/44 – p 3).

O excerto é pedagógico. Mostra como se moldava um grande homem em sociedades civilizadas, qual seja, infundindo regras e deveres desde pequeno. Aos pais cabia a tarefa de educar com severidade, punindo a criança que porventura não obedecesse às regras e ordens estabelecidas pelos pais³⁴. A família tradicional de classe média, na qual o casal tinha autodomínio sobre os instintos, controlava a natalidade e educava as crianças de forma rígida desde o início. Era o núcleo das sociedades civilizadas e, portanto, democráticas:

“...a arte da democracia, entre todas as formas de governo, é a que mais exige de um povo. O princípio de que se deve deixar o poder quando os resultados de uma eleição são adversos é um ato impressionante de autodomínio” (**Seleções** – mar/62 – p 35).

As famílias de classe média deviam continuar educando as crianças para que se tornarem homens civilizados, com autocontrole e domínio. Porque, na perspectiva de **Seleções**, a idéia de autodomínio estava vinculada à própria democracia. O “nível mais elevado” da civilização era aquele constituído por uma classe média branca, que havia chegado até ali graças ao seu autocontrole e domínio. A criação de uma classe média, tanto na cidade quanto na zona rural, funcionaria, obviamente, como uma poderosa barreira

³⁴ Nos anos 40 e 50 houve discussões nos Estados Unidos sobre a educação das crianças, que até então era muito rígida. Ver EHRENREICH, Barbara, ob cit, capítulo 2, 1994.

ao comunismo internacional. É o que diz um artigo de título “Dez Anos de Progresso na América Latina”:

“A classe média de proprietários industriais e um operariado bem remunerado representam uma linha de defesa mais eficaz contra o comunismo internacional, que medra com a miséria das massas...O crescimento de uma vigorosa classe média que tem a aspiração e a oportunidade para melhorar de sorte, de educar os filhos e ser dona de sua parcela de terra. Só a ampla base de uma população assim pode sustentar o edifício de uma democracia pujante” (**Seleções** – fev/51 – pp 94-109).

Seleções repetiu inúmeras vezes que a existência da classe média era a condição básica para a construção da democracia e para evitar a penetração do comunismo na América Latina. E embora as mulheres devessem se limitar a cuidar do mundo doméstico, eram elas que deviam ir às ruas e lutar contra tal invasão. A mulher era, antes de mais nada, a guardiã da família tradicional e deveria agir para reproduzir, através educação dos filhos, esse mundo tradicional. As mulheres foram consideradas por **Seleções** as grandes responsáveis pela queda de Goulart e o golpe de 1964, no Brasil:

“Mas é às mulheres do Brasil que cabe uma enorme parcela de crédito pela aniquilação da planejada conquista vermelha. Em escala sem paralelo na América Latina, donas de casa lançaram-se à luta aos milhares, fazendo mais para alertar o país para o perigo do que outra força qualquer.... apertando livros de orações e

rosários contra o peito, mais de 600.000 pessoas marcharam solene e ritmicamente sob pendões (*Seleções* – nov/64 – p 103-108)³⁵.

Segundo esse artigo, o comunismo se alastrava pelo país e as mulheres saíram para rua para que a “ordem” estivesse garantida. E graças a elas o país voltava à normalidade. Assim, a ampliação da classe média era a solução para todos os males, não só para o Brasil, mas para toda a América Latina. O objetivo era controlar a pobreza, utilizando a caridade ou a repressão, quando necessário, a fim de evitar que o caos prosperasse.

* * *

Como vimos, a revista propunha como solução para acabar com os males da América Latina, o domínio e o controle dos territórios do interior, de forma racional: conhecendo, mapeando, registrando dados, construindo estradas, ferrovias etc. Propunha exterminar o primitivismo da zona rural e a pobreza, geralmente concentrada nas favelas e cortiços das grandes cidades. O Oeste, o interior, aparecia aí como válvula de escape para as pressões sociais. Estimulava a criação de uma classe média rural, segundo *Seleções*, a “coluna vertebral das boas democracias”, construindo um universo civilizado e harmônico, nos moldes do que a revista dizia ser a sociedade norte-americana. Propunha, o controle da pobreza nas grandes cidades, foco

³⁵ *Seleções* estava se referindo à CAMDE – Campanha da Mulher pela Democracia e à LIMDE – Liga das Mulheres Democráticas de Minas Gerais, que formaram grupos de pressão que ajudaram na queda de Goulart. Referia-se também a ‘Marcha da Família com Deus pela Liberdade’, no dia de 19 de março de 1964, em São Paulo. Sobre a atuação das mulheres no golpe de 1964 no Brasil, ver DREIFUSS, René Armand. *1964: A Conquista do Estado. Ação Política, Poder e Golpe de Classe*. Petrópolis, Vozes, 291-299.

das convulsões e problemas sociais. A solução era mais uma vez, a ampliação da classe média urbana, baseada na família tradicional, com poucos filhos. Essa classe média universal, que deveria habitar tanto as cidades quanto o mundo rural, era apresentada pela revista como solução para todos os problemas da região: desde servir de barreira para infiltração comunista, até a construção de uma sociedade democrática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Philip John Davies, historiador inglês, afirma que na História norte-americana - talvez, mais do que em qualquer outra sociedade Ocidental - realidades, mitos e lendas se sobrepõem, configurando uma versão épica do desenvolvimento daquela sociedade. Muitas vezes os norte-americanos (inclusive os historiadores) voltaram ao passado para explicar os sucessos do presente ou imaginar êxitos futuros daquele país¹. Já se referiu aos peregrinos e ao pacto do *Mayflower* para afirmar que os germes da “liberdade” e democracia estavam presentes desde o século XVII. Afirmou-se que os pais fundadores da República (Jefferson, Hamilton, Paine, Madison) consubstanciaram a democracia e a liberdade, que já existiam em estado latente, naquela sociedade, desde a colônia. E o fato dos Estados Unidos terem se tornado potência dominante neste século, apenas confirmava um destino já traçado. Estas justaposições entre realidade, mitos, lendas e versões da própria História, confirmaram e reforçaram o excepcionalismo norte-americano.

Concordo inteiramente com Davies. O primeiro aspecto que chama atenção do historiador estrangeiro, quando se aproxima da História dos Estados Unidos, são as sobreposições de mitos, lendas, representações e versões que informam o imaginário norte-americano. Estas características foram encontradas na revista **Seleções**, na qual os Estados Unidos foram mitificados e outros povos, em geral, desconsiderados.

A revista **Seleções** ao entrar no Brasil em 1942, encontrou um meio cultural amplo, já povoado pelo cinema de Hollywood, jornais, revistas,

¹ Cf. DAVIES, Philip John (org). *Representing and Imagining America*, Introduction, Comwal/England, Keele University Press, 1996.

histórias em quadrinhos, no qual circulavam mitos, lendas, modelos, símbolos e valores da cultura norte-americana. Sua aceitação pelo público leitor foi imediata. Foi a segunda revista mais lida do Brasil, perdendo apenas para **O Cruzeiro**. Segundo pesquisa do Ibope², foi considerada pelos brasileiros a revista mais confiável do país, já que trazia as últimas novidades não só dos Estados Unidos, mas de todo o mundo. Lendo **Seleções** pensava-se estar recebendo informações sobre as últimas descobertas da ciência, as novidades do mundo da medicina e os últimos lançamentos da indústria. Trazia também artigos sobre a política e a economia mundial, artigos de auto-ajuda, piadas e histórias divertidas, escritos de maneira simples e acessível. O seu conjunto de textos compunha uma revista simpática que procurava estar ao lado do seu público-alvo, os setores médios da sociedade.

Procurei mostrar que ao tratar da América Latina e dos latino-americanos, **Seleções** representou-os, em geral, de forma negativa. Assinalei que para se entender esta visão, era necessário compreender o imaginário profundamente enraizado na cultura norte-americana sobre o Oeste naquele país, o mito da fronteira e a idéia de *wilderness* (que possui sentidos múltiplos), palavras que possuem sentidos associados. Quando se fala em uma remete-se geralmente às outras. Neste imaginário, a construção da Nação norte-americana se deu no Oeste, quando o homem branco, geralmente anglo-saxão, chamado de pioneiro, ia para a zona de fronteira - a linha imaginária e móvel que separava a civilização do *wilderness* - num processo de domínio dos territórios, controle e confinamento dos grupos indígenas. Lá num processo contínuo,

² Ver IBOPE. Pesquisas Especiais, 1950.

transformavam-se áreas selvagens em civilização: os homens negociavam e estabeleciam a pequena propriedade. Era o espaço do *self-made man*, onde o homem tornava-se um indivíduo autônomo, pronto para a prática democrática.

Vimos que, quando **Seleções** voltava-se para América Latina, olhava para tudo aquilo que estava abaixo do Rio Grande, sem perceber diferenças entre as várias culturas, descrevendo um mundo sem contornos definidos e sem entender a complexidade existente na região. O contraste estabelecido era de um mundo civilizado, protestante e anglo-saxão ao Norte e um outro primitivo, católico hispano-português ao Sul. Essa constatação provocava estranhamento e perplexidade no norte-americano que se defrontava com tais diferenças.

O maior interesse de **Seleções** se concentrava nos territórios da América Latina, os quais foram, por diversas vezes, comparados pela revista norte-americana ao *wilderness*, à fronteira e ao Oeste. Eram vistos como desocupados, com população esparsa, ainda sem o domínio do homem civilizado. Os territórios latino-americanos foram descritos, distâncias foram comparadas, fronteiras foram dimensionadas. Os latino-americanos, por sua vez, foram vistos como passivos, ignorantes, supersticiosos, vivendo de forma natural e instintiva, pois, conforme aquela ordem de idéias, o homem primitivo, estava diretamente vinculado ao lugar primitivo. Essa perspectiva que apresentava tanto os territórios quanto os povos latino-americanos como primitivos e selvagens, indicava uma concepção evolucionista das sociedades, na qual estas eram concebidas numa escala que ia da mais primitiva até a mais evoluída e civilizada. Além disso, a afirmação de que a sociedade norte-americana era construção exclusiva do homem branco, comum e anglo-saxão, demonstra que o **Digest** e **Seleções**

excluía parte da população norte-americana: os negros, índios e imigrantes. E excluía grande parte da população latino-americana, principalmente os pobres e os mestiços.

O diagnóstico de que a América Latina era uma região frágil e vulnerável, criou o temor de que os inimigos externos, tanto o nazista no período da Segunda Guerra Mundial, quanto o comunista, na época da Guerra Fria, penetrassem na América Latina e alcançassem os Estados Unidos.

Estas representações, certamente, fortaleceram a identidade norte-americana e auxiliaram na promoção da unidade interna ao se oporem ao Outro latino-americano. Além disso, justificaram e legitimaram a ação norte-americana na região, fosse com relação aos interesses da iniciativa privada fosse com relação à política externa dos Estados Unidos para a região.

A alternativa proposta como solução para exterminar os males latino-americanos estava baseada naquilo que julgavam ter sido a experiência norte-americana: o domínio e transformação dos territórios selvagens, o confinamento dos índios e a construção de uma classe média tanto urbana quanto rural. Embora à classe média rural fosse dada especial atenção, já que era considerada a “coluna vertebral das boas democracias”, pressupunha-se também a construção de uma classe média urbana. Essa sociedade constituída por uma ampla classe média era vista como solução para os problemas da região: desde o domínio dos territórios desocupados pelo homem branco comum, funcionando como barreira para infiltração comunista até a construção de uma sociedade democrática.

Procurei frisar também que essa visão sobre a América Latina, de maneira nenhuma foi imposta de fora para dentro pelos norte-americanos. A revista encontrou receptividade e ressonância na sociedade brasileira. Por

isso, acredito que a leitura de **Seleções** nos informa muito sobre o imaginário norte-americano, mas nos revela particularidades sobre o imaginário brasileiro que, certamente, continha ingredientes conservadores, sem os quais teria sido impossível a realização de um dos maiores sucessos editoriais de todos os tempos.

BIBLIOGRAFIA

- ADAMS, Willi. *Los Estados Unidos de América*, México, Siglo Veintiuno, 1989.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*, São Paulo, Ática, 1989.
- AQUINO, Maria Aparecida “A América vai a Guerra”, in COGGIOLA, Oswaldo (org). *Segunda Guerra Mundial. Um Balanço Histórico*. São Paulo, Xamã/Univ. São Paulo, 1995.
- AZEVEDO, Cecília. “Sob o Signo da Aliança: O Projeto Kennedy e as Representações da América”, in *Revista História*, Goiânia, Univ. Federal de Goiás, vol. 2, nº 1, 1997.
- BACZKO Bronislaw. “Imaginação Social”, in *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.
- BAGGIO, Kátia Gerab. *A Questão Nacional em Porto Rico. O Partido Nacionalista (1922-1954)*, São Paulo, Ed. Anablume, 1998.
- _____. *A “Outra” América. A América Latina na Visão dos Intelectuais Brasileiros das Primeiras Décadas Republicanas*. Tese de doutorado apresentada ao Deptº de História da FFLCH-USP, 1998, mimeo.
- BAITZ, Rafael. *Um Continente em Foco. A Imagem fotográfica da América Latina nas Revistas Semanais Brasileiras (1954-1964)*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, apresentada ao Deptº de História da FFLCH-USP, 1998, mimeo.
- BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- _____. *Brasil – Estados Unidos. A Rivalidade Emergente*. RJ, Civilização Brasileira, 1989.

- BAUER, Fred. *Norman Rockwell's Faith of America*, New York, Abbeville Publishing Group, 1980.
- BAYLON, Daniel *L'Amerique Mythifiée. Le Reader's Digest de 1945 a 1970*. Paris, Éditions Du Centre National de La Recherche Scientifique, 1988.
- BEIRED, José Luis Bendicho. *Breve História da Argentina*. São Paulo, Ática, 1996.
- BELÉM, Odilon. *Afrânio Coutinho. Uma Filosofia da Literatura*. Rio de Janeiro, Pallas, 1987.
- BENDER, Maylin e ALTSCHUL Selig. *The Chosen Instrument. Pan Am Juan Trippe. The Rise and Fall of American Entrepreneur*. New York, Simon & Schuster, 1982.
- BENDERMAN, Gail. *Manliness & Civilization. A Cultural History of Gender and Race in The United States 1880-1917*. Chicago/London, The University of Chicago Press, 1996.
- BERCOVITCH, Sacvan. *The American Jeremiad*, Wisconsin, University of Wisconsin Press, 1978.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar*. São Paulo, Cia das Letras, 1988.
- BERNARDES, Maria Paulina Arantes. *A Supervisão Escolar em Goiás*, 1983. Rio de Janeiro, tese de mestrado, defendida na Fundação Getúlio Vargas, 1983, mimeo.
- BERUFF, Jorge Rodriguez. *Política Militar y Dominación. Puerto Rico en El Contexto Latinoamericano*. Porto Rico, Ediciones Huracán, 1988.
- BLUM, John Morton. *V Was for Victory. Politics and American Culture During World War II*, New York/London, Harcourt Brace & Company, 1977.

- BROWLON, Kevin. *The War, The West and The Wilderness*. New York, Alfred A. Knopf, 1979.
- BURCHELL R. A e GRAY, R. J. “A Fronteira de Colonização Oeste”, in BRADBURY, MALCOM e TEMPERLEY, Howard (org) *Introdução aos Estudos Americanos*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1981.
- BURBAGE, CAZEMANJOU e KASPI. *Os Meios de Comunicação nos Estados Unidos*, Rio de Janeiro, Agir, 1973.
- CABRERA, Marcia Maria. *Vargas e o Rearranjo Espacial do Brasil: A Amazônia Brasileira. Um Estudo de Caso*. Tese de mestrado, apresentada ao Deptº de Geografia, FFLCH-USP, São Paulo, 1996, mimeo.
- CAMPOS, André Luis Vieira. *International Health Policies in Brazil: The Serviço Especial de Saúde, 1942-1960*. Tese de Doutorado, apresentada The University of Texas, Austin, 1997, mimeo.
- CANNING, Peter. *American Dreamers. The Wallaces and Reader's Digest: An Insider's Story*. New York, Simon & Schuster, 1996.
- CAPELATO, Maria Helena. *Propaganda Política no Vargasismo e Peronismo*. São Paulo, tese de livre-docência, apresentada à FFLCH-USP, 1997, mimeo.
- CASANOVA, Pablo González. *Imperialismo e Liberación. Una Introducción en La Historia Contemporánea de América Latina*, México, Siglo XXI, 1979.
- CASTELO BRANCO, MARTENSEN E REIS (org). *História da Propaganda no Brasil*, São Paulo, T. A. Queiroz, 1990
- CASTRO, Ruy. “Minha Revista Inesquecível”, in *Imprensa*, nº 30, fevereiro, 1990.
- CECEÑA, José Luis, *Mexico en La Orbita Imperial*. Mexico, Ed. El Caballito 1970.

- CHOMSKY, Noam. *What Uncle Sam Really Wants*, Berkeley, Odonian Press, 1992.
- CIVITA, Roberto. “As Revistas”, in CASTELO BRANCO, MARTENSEN E REIS (org). *História da Propaganda no Brasil*. São Paulo, T.A. Queiroz, 1990.
- COLBY, Gerard e DENNET, Charlotte. *Seja Feita a Vossa Vontade. A Conquista da Amazônia: Nelson Rockefeller e o Evangelismo na Idade do Petróleo*, Rio de Janeiro, Record, 1988.
- COSTA, Helouise. *Aprenda a Ver as Coisas. Fotojornalismo e Modernidade na Revista O Cruzeiro*. São Paulo, tese de mestrado apresentada à ECA-USP, 1992.
- COSTA, Wanderley Messias. *O Estado e as Políticas territoriais no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1995.
- CUEVA, Agustín. “Equador: 1925 – 1975”, in CASANOVA, Pablo González (org) *América Latina História de Meio Século*. Brasília, Ed. UNB, 1988
- DARTON, Robert. *O Grande Massacre dos Gatos e Outros Episódios da História Cultural Francesa*, São Paulo, Cia das Letras, 1988.
- _____, *O Beijo de Lamourette. Midia, Cultura, Revolução*. São Paulo, Cia das Letras, 1995.
- DAVIES, Philip John (org). *Representing and Imagining America*, Cornwall/England, Keele University Press, 1996.
- DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, Vozes, 1996.
- DE CICCIO, Cláudio. *Hollywood na Cultura Brasileira. O Cinema Americano na Mudança da Cultura Brasileira na década de 40*. São Paulo, Convívio, 1978.

- DE LEON, Arnaldo. *They Called Them Greasers. Anglo Attitudes Toward Mexicans in Texas – 1821 – 1890*. Austin, Univ. of Texas Press, 1983
- DE LUCA, Tania Regina. *Um diagnóstico para a (N)ação*. Tese de doutorado apresentada ao Deptº de História da FFLCH-USP, São Paulo, 1996, mimeo.
- DEAN, Warren. *A Luta pela Borracha no Brasil*. São Paulo, Nobel, 1989.
- DIAS, José Augusto e ROUBICECK, Rafael. *Guerra Fria. A Era do Medo*, São Paulo, Ática, 1996.
- DIAS Junior, José Augusto e ROUBICEK. *O Brilho de Mil Sóis. História da Bomba Atômica*, São Paulo, Ática, 1994.
- DIEGUES, Antonio Carlos Sant'anna. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*, São Paulo, Napahub/USP, 1994.
- DIGGINS, John P. "Getting Hegel out of History: Max Eastman's Quarrel with Marxism", in *The American Historical Review*, 79 (1), fevereiro 1974.
- DIGGINS, John P. *The Proud Decades. America in War in Peace, 1941-1960*, New York/London, W.W. Norton & Company, 1989.
- DORFMAN, Ariel. "Reader's Nuestro que Estas en La Tierra", in *Sin Ir Más Lejos. Ensayos y Crónicas Irreverentes*. Chile, Pehuén Ceneca, 1986
- _____. "Salvación y Sabiduría del Hombre Común: La Teología del Reader's Digest", in *De Elefantes, Literatura y Miedo: Ensayos Sobre La Comunicacion Americana*. Havana, Casa de Las Americas, 1986
- DUTRA, Eliana de Freitas. "O Fantasma do Outro. Aspectos Totalitários na Cena Política Brasileira dos anos 30", in *Revista Brasileira de História - Política e Cultura*, vol 12, nº 23/24, São Paulo, Marco Zero, 1992.

- DREIFUSS, René Armand. *1964: A Conquista do Estado. Ação Política, Poder e Golpe de Classe*. Petrópolis, Vozes, 1981.
- DRUMMOND, José Augusto. “A História Ambiental: temas, fontes e Linhas de Pesquisa” in *Estudos Históricos - História e Natureza*, nº 8, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1991.
- EHRENREICH, Barbara. *O Medo da Queda. Ascensão e Crise da Classe Média*. São Paulo, Scritta, 1994, p 43.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro, Zahar, 1995.
- FICHOU, Jean Pierre. *A Civilização Americana*, Campinas, Papirus, 1990.
- FIGUEIREDO, Anna Cristina. “*Liberdade é Uma Calça Velha Azul e Desbotada*”. *Publicidade, Cultura de Consumo e Comportamento Político no Brasil (1954-1964)*. São Paulo, Hucitec, 1998.
- FOHLEN, Claude. *O Faroeste*. São Paulo, Cia das Letras/Círculo do Livro, 1989.
- FONSECA, Maria Teresa Lousa. *A Extensão Rural no Brasil. Um Projeto Educativo para o Capital*. São Paulo, Ed. Loyola, 1985.
- FOOT HARDMAN, Francisco. *Trem Fantasma. A Modernidade na Selva*. São Paulo, Cia das Letras, 1988.
- FRAGONARD, Michel. *La Culture du 20e Siècle. Dictionnaire D'Histoire Culturelle*. Paris, Bordas, 1995.
- GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- GAMBINI, Roberto. *O Duplo Jogo de Getúlio Vargas. Influência Americana e Alemã no Estado Novo*, São Paulo, Símbolo, 1977.
- GARCIA, Ledonias Franco. *O Pampa e o Sertão. Idéias, Imagens e Símbolos dos Territórios Vazios*, São Paulo, 1988, mimeo.

GERBI, Antonelo. *La Disputa del Novo Mundo. Historia de Una Polémica 1750-1900*. México, Fondo de Cultura Económica, 1993.

GILLY, Adolfo *El Cadernismo, una Utopia Mexicana*, México, Ed. Caly y Arena, 1994.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*, São Paulo, Cia das Letras.

GONÇALVES, Mauricio Reinaldo. *O Cinema de Hollywood nos Anos Trinta, o American way of Life e a Sociedade Brasileira*. Dissertação de mestrado apresentada a ECA - USP, São Paulo, 1996, mimeo.

GONDIM, Neide. *A Invenção da Amazônia*, São Paulo, Marco Zero, 1994

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. “Nação e Civilização no Trópicos”, in *Estudos Históricos*, nº 1, Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1988.

HEIDENRY, John. *Theirs Was The Kingdom. Lila and DeWitt Wallace and the Story of The Reader's Digest*, New York/London, W.W. Norton e Company, 1993.

HOBBSAWN, Eric . *Era dos Extremos. O Breve Século XX - 1914-1991*, São Paulo, Cia das Letras, 1995.

HOBBSAWN, Eric. *Nação e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

HOFSTADER, Richard. *Los Historiadores Progressistas. Turner, Beard, Parrington*. Buenos Aires, Paidós, 1968.

HOLSTON, James. *A Cidade Modernista. Uma Crítica de Brasília e a Sua Utopia*. São Paulo, Cia das Letras, 1993.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Visão do Paraíso. Os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*. São Paulo. Cia Editora Nacional/Ed. Univ. de São Paulo, 1969.

IANNI, Octávio *Imperialismo na América Latina*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988.

KIMMEL, Michael. *Manhood in America. A Cultural History*. New York, The Free Press, 1997.

KOPPEL, CLAYTON e BLACK. "What to Show the World: The Office of War Information and Hollywood, 1942-1945", in *The Journal of American History*, vol 1, junho, 1977.

LAFEBER, Walter. *Inevitable Revolution. The United States in Central America*. New York/London, W.W. Norton & Company, 1993.

LA CONDAMINE, Charles-Marie. *Viagem pelo Amazonas, 1735-1745*, São Paulo, Nova Fronteira/Edusp, 1992

LE BRIS, Michel. "L'Enigme du 'wilderness', Dossier Joseph Conrad, in *Magazine Litteraire*, n° 297, Paris, março, 1992.

LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*, Portugal, Ed. Estampa, 1994.

_____. *A Civilização do Ocidente Medieval*, Lisboa, Editorial Estampa, 1983.

LE RIVEREND, Julio. "Cuba: do semicolianismo ao socialismo (1933-1975), in CASANOVA, Pablo Gonzáles (org) *América Latina. História de Meio Século*. Ed. UNB, 1990.

LENHARO, Alcir. *Colonização e Trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro Oeste*. Campinas, Editora da Unicamp, 1986.

_____. *A Sacralização da Política*, Campinas, Ed Unicamp/Papirus, 1986.

- LE RIVEREND, Julio, "Cuba: do semicolonialismo ao socialismo (1933-1975)" in casanova, Pablo Gonzáles (org) *America Latina. História de Meio Século*. Brasília, UNB, 1990
- LEWIS, Meriwether and CLARK, William. *The History of The Lewis and Clark Expedition*. New York, Dover Publication, s/d.
- LEWIS, Richard W.B. *The American Adam. Innocence, Tragedy and Tradition in the Nineteenth Century*. Chicago, University of Chicago Press, 1959.
- LIMA, Nisia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil. Intelectuais, Sertanejos e Imaginação Social*. Rio de Janeiro, tese apresentada ao Instituto Universitário do Rio de Janeiro, 1997, mimeo.
- LIMERICK, Patricia Nelson. *The Legacy of Conquest, The Unbroken Past of The American West*, New York, W.W. Norton & Company, 1987.
- MARIANI, Bethania. *Os Comunistas no Imaginário dos Jornais. 1922-1989*, Campinas, Ed. Revan/Unicamp, 1998.
- MARIENTRAS, Elise. *Les Mythes Fondateurs de La Nation Americaine*, Bruxelas, Complexe, 1992.
- MARX, Leo. *The Machine in The Garden - Technology and The Pastoral Ideal in America*. New York, Oxford University Press, 1964.
- MAY, Elaine Tyler. *Homeward Bound. American Families in The Cold War Era*. New York, Basic Books, 1988.
- MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de Estrelas. O Cinema Hollywoodiano na Mídia Brasileira das décadas de 40 e 50*. Campinas, Ed. UNICAMP, 1996.
- MILLER, Perry. *Errand into The Wilderness*. Massachussets/ London, Harvard University Press, 1996.

MIX, Miguel Rojas. “Los Monstros: Mitos de La Legitimación de La Conquista?”, in PIZARRO, Ana (org) *América Latina. Palavra, Literatura e Cultura*, São Paulo/Campinas, Ed. Unicamp/Memorial da América Latina, 1993.

MOOG, Viana. *Bandeirantes e Pioneiros. Paralelos entre duas Culturas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

MORAES, Antonio Carlos Robert. “Notas sobre Identidade Nacional e Institucionalização da Geografia no Brasil”, in *Estudos Históricos – História e Natureza*. Rio de Janeiro, Ed Fundação Getúlio Vargas, nº 8, 1991.

MORAIS, Fernando. *Chatô. O Rei do Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX. O Espírito do Tempo*. Rio de Janeiro, Forense, 1969.

MORSE, Richard. *O Espelho de Próspero. Cultura e Idéias nas América*, São Paulo, Cia das Letras, 1995.

MOURA, Gerson. *Estados Unidos e América Latina. As Relações Políticas no Século XX. Um Povo Eleito e o Continente Selvagem*, São Paulo, contexto, 1990.

_____. *Sucessos e Ilusões. Relações Internacionais do Brasil Durante e Após a Segunda Guerra Mundial*, Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1991

_____. *Tio Sam Chega ao Brasil. A Penetração Cultural Americana*. São Paulo, Brasiliense, 1993.

_____. *Autonomia na Dependência*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

NASH, Gerald D. *The American West Transformed. The Impact of the Second World War*, Lincoln/London, Univ. Nebraska Press, 1985.

NASH, Roderick. *Wilderness and American Mind*, New Haven/London, Yale University Press, 1967.

NINKOVICH, Frank A. *The Diplomacy of Ideas. Us. Foreign Policy and Cultural Relations 1938-1950*, London/ New York, Cambridge University Press, 1981.

O'DONNELL, Guillermo. "Argentina: A Macropolítica e o Cotidiano", in *Lua Nova*, São Paulo, Cedec/Marco Zero, nº 14, abr/jun, 1988.

O'GORMAN, Edmundo. *A Invenção da América*, São Paulo, Ed. UNESP, 1992.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. "Bandeirantes e Pioneiros", in *Novos Estudos – CEBRAP*, São Paulo, nº 37, nov, 1993.

ORNIG, Joseph R. *My Last Chance to be a boy. Theodore Roosevelt's South American Expedition of 1913-1914*. Louisiana, Louisiana University Press, 1998.

OROZCO, José Luiz. *Razón de Estado y Razón de Mercado. Teoría y Pragma de La Política Exterior norteamericana*, México, Fondo de Cultura Económica, 1992.

ORTIZ, Renato. *Mundialização da Cultura*, São Paulo, Brasiliense, 1994.

PAMPLONA, Marco A. *Revendo o Sonho Americano: 1890-1972*, São Paulo, Atual, 1996.

PARENTI, Michael. *A Cruzada Anticomunista*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

PAYTON, Robert L. "A Filantropia como Discurso Moral", in BERLOWITZ, DONOGUE e MENAND (org) *América em Teoria*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1993.

- PIKE, Frederick B. *The United States and Latin America. Myths and Stereotypes of Civilization and Nature*. Austin, University of Texas, 1993.
- PINTO, Maria Inez Machado Borges. “O Cinema, Tecnologias de comunicação de massa e representações da São Paulo Moderna” in *Anais do XIX Simpósio Nacional de História-ANPUH*. História e Cidadania. São Paulo, Humanitas, 1998
- PLAYSTED-WOOD, James. *Of Lasting Interest. The Story of The Reader's Digest*, New York, Doubleday, 1967.
- POWERS, Richard Gid. *Not Without Honor. The History of American Anticommunism*, New Haven/London, Yale University Press, 1998.
- PRADO, Maria Ligia “Ser ou não Ser um Bom Vizinho: América Latina e Estados Unidos Durante a Guerra”, in *Revista USP - Dossiê 50 anos de Final de Segunda Guerra*, São Paulo, nº 26, 1995
- _____. *Ensaio sobre Política e Cultura na América Latina do Século XIX*. São Paulo, Tese de livre docência apresentada à FFLCH-US, 1996, mimeo.
- _____. “Prefácio à Edição Brasileira”, in SARMIENTO, Domingo F. *Facundo Civilização e Barbárie*. Petrópolis, Vozes, 1997.
- PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturations*, London/New York, Routledge, 1995.
- RAMA, Angel. *A Cidade das Letras*, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- RICARDO, Cassiano. *A Marcha para o Oeste. A influência da Bandeira na Formação Social e Política do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1940.
- RIVAS, Edelberto Torres. “Guatemala: meio Século de História Política”, in CASANOVA, Pablo González. *América Latina. História de Meio Século*. Brasília, Ed. UNB, 1990

- ROBERTSON, James Oliver. *American Myth, American Reality*. New York, Hill & Wang, 1994.
- ROOSEVELT, Theodore, *Through the Brazilian Wilderness*, Pennsylvania, Stackpole Books, 1994.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *As Razões do Iluminismo*, São Paulo, Cia das Letras, 1987.
- ROUMETTTE, Sylvan. “Filmographie”, Dossier Conrad, in *Magazine Littéraire*, n° 297, Paris, março, 1992.
- ROUQUIÉ, Alain. *O Extremo Ocidente. Introdução à América Latina*, SP, Edusp, 1992.
- RUSSEL III, Edmund P. “Speaking of Annihilation. Mobilizing for War Against Human and Insect Enemies 1914 – 1945”, in *The Journal of American History*, v 82, n/4, março, 1996.
- SAID, Edward W. *Orientalismo*. São Paulo, Cia das Letras, 1990.
- _____ *Cultura e Imperialismo*. São Paulo, Cia das Letras, 1995.
- SALIBA, Elias Thomé. *As Utopias Românticas*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- SARLO, Beatriz. *El Imperio de Los Sentimientos, Narraciones de Circulación Periódica em La Argentina (1917-1927)*, Catálogos, Buenos Aires, 1985.
- SARLO, Beatriz. *Una Modernidad Periferica*. Buenos Aires, Ediciones Nueva Vision, 1988.
- SARMENTO, Armando Moraes. “As agências estrangeiras trouxeram modernidade, as nacionais aprenderam depressa”, in CASTELO BRANCO, MARTENSEN e REIS. *História da Propaganda no Brasil*. SP, T. A. Queiroz, 1990, pp 20-24.
- SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

- SCHOULTZ, Lars. *Beneath The United States. A History of U.S. Policy Toward Latin America*. Cambridge, Massachussets/London, England, Harvard University Press, 1998.
- SILVA, Hélio. *Guerra no Continente*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.
- SILVA, HELIO. *Todos os Golpes se Parecem*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
- SILVA, Maria Angélica. *Construindo Paisagens, Inventando um País: a Inglaterra, o Brasil e a Memória da Natureza*. Niterói, Univ. Federal Fluminense, 1997 (mimeo).
- SINGER, Paul. *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*. São Paulo, Edusp, 1968.
- SKIDMORE, Thomas E. “EUA Bi-Racial Vs. Brasil Multiracial: O Contraste ainda é Válido?”, in *Novos Estudos – CEBRAP*, nº 34, nov, 1992.
- SLOTKIN, Richard. *Regeneration Through Violence. The Mythology of The American Frontier, 1600-1860*. New York, HarperPerennial, 1996.
- _____, *Fatal Environment. The Myth of The Frontier in The Age of Industrialization 1800-1890*. New York, HarperPerennial, 1993.
- _____, *Gunfighter Nation. The Myth of The Frontier in Twentieth Century*. New York, Harper Perennial, 1993.
- SMITH, Henry Nash. *Virgin Land. The American West as Symbol and Myth*. Harvard University Press, Cambridge, Massachussets/London, 1995.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo. Cia das Letras, 1993.

- TEMPERLEY, Howard e BRADBURY, Malcolm. “Guerra e Guerra Fria”, in *Introdução aos Estudos Americanos* (org Temperley e Bradbury). Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1981.
- THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural*, São Paulo, Cia das Letras, 1989.
- TOCQUEVILLE, Alexis. *Democracia na América*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1987.
- TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América*, São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- _____. *Nós e os Outros. A Reflexão Francesa sobre a Diversidade Humana*. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.
- TOTA, Antonio Pedro. *O Imperialismo Sedutor. A Americanização do Brasil à Época da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo, tese de livre docência, apresentada à PUC, 1997.
- TURNER, Frederick Jackson. The Significance of The Frontier in American History, in *The Frontier in American History*, New York, Dover, 1996.
- VELHO, Otávio Guilherme. *Capitalismo Autoritário e Campesinato*, São Paulo, Difel, 1976.
- VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil. 1870-1914*. São Paulo, Cia das Letras, 1991.
- VESENTINI, José William. *A Capital da Geopolítica*, São Paulo, Ática, 1986.
- VILLAS BÔAS, Orlando e VILLAS BÔAS Cláudio. *A Marcha para o Oeste*. São Paulo, Globo, 1994.
- VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na História. Fantomas e Certezas nas Mentalidades desde a Idade Média até o Século XX*, São Paulo, Ática, 1997.
- WALTERS, Vernon A. *Missões Silenciosas*, Rio de Janeiro, Record, 1980.

- WARNER, Sam Bass Jr. *The Urban Wilderness. A History of The American City*. Berkeley/ London, University of California Press, 1995.
- WATT, Ian. *Mitos do Individualismo Moderno. Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe*. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.
- WEINBERG, Albert. *Destino Manifiesto. El Expansionismo Nacionalista en La Historia Norteamericana*. Buenos Aires, Paidós, 1968.
- WEINSTEIN, Barbara. *A Borracha na Amazônia: Expansão e Decadência (1850-1920)*, São Paulo, Hucitec, 1993.
- _____, “A Pesquisa sobre Identidade e Cidadania nos EUA: da Nova História Social à Nova História Cultural”, in *Revista Brasileira de História – Dossie Arte e Linguagens*, São Paulo, vol 18, nº 35, 1998.
- WEXLER, Alan. *The Atlas of Westward Expansion*, New York, Facts on File, 1995.
- WILLIAMS, David R. *Wilderness Lost. The Religious Origins of The American Mind*. Cranbury/London/Toronto, Associated University Press, 1989.
- WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade na História e na Literatura*, São Paulo, Cia das Letras, 1989.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso. Ensaio sobre a crítica da Cultura*, São Paulo, Edusp, 1994.
- WORSTER, Donald. “Para Fazer História Ambiental”, in *Estudos Históricos - História e Natureza*, nº 8, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1991.